

B. N. 1-3-190

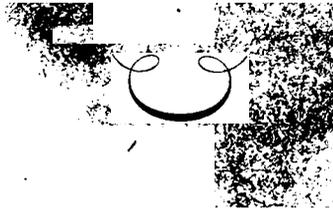
O LIVRO

DO

P.^e Gaspar Roriz

SERMÕES, DISCURSOS, POESIAS

(Na Comemoração do
Milenário do Burgo e na
do Centenário da Cidade)



PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO
BIBLIOTÉCA

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Esc. Tip. das Oficinas de S. José
— GUIMARÃES —

1953



Igreja e Venerável Ordem Terceira de S. Francisco



SERMÕES

E

DISCURSOS

SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO

BIBLIOTECA

O Primeiro Sermão

Ao noticiar, em gazetilha, a festividade que devia realizar-se, no Domingo seguinte, ao Santíssimo Sacramento, na paroquial Igreja de S. Miguel de Creixomil, escrevia a «Religião e Pátria», bi-semanário religioso, político e noticioso, de que era administrador João Pinto de Queiroz : ,

...«É orador da tarde nesta festividade o rev.º Gaspar da Costa Roriz, filho do modesto artista desta cidade José Pedro da Costa Roriz, ao qual, apesar de não ter completado ainda os seus estudos, não falta habilidade para se sair bem da espinhosa missão de que está encarregado, devido à sua continuada aplicação. Por ser nesta ocasião a sua estreia, e ser filho dum artista desta cidade, prepararam-se muitas pessoas para irem ouvir o discurso do jovem orador. Convém saber-se que o sr. Padre Gaspar deve em grande parte a sua já agora excelente carreira à benemérita Sociedade Martins Sarmento, cujas aulas cursou gratuitamente e de quem recebeu valiosa protecção. Foi ela que lhe abriu caminho para mais vastos horizontes na ciência. Isto mesmo já ele confessou num discurso que pronunciou num comício no salão artístico.»

*E o «Comércio de Guimarães», sob a epigrafe —
Novo pagador, dizia também :*

«Deve subir à tribuna sagrada no próximo Domingo, e pela primeira vez, na festividade que

deve ter lugar em S. Miguel de Creixomil, em honra do Santissimo Sacramento, o rev.º Padre Gaspar da Costa Roriz. Ao jovem levita não lhe faltam predicados nem intelligência para bem desempenhar a missão que lhe foi confiada. Sabemos que muita gente tenciona ir a S. Miguel ouvir o novo pregador.»

Esse domingo era o dia 28 de Julho de 1889.

E logo no dia seguinte, dizia o «Comércio de Guimarães» :

«Como noticiaramos, orou ali pela primeira vez o Snr. Padre Roriz. Segundo nos informam a estreia foi mui auspiciosa e prometedora para o novo orador, desempenhando brilhantemente a sua missão. Ao novo orador e a seu pai as nossas felicitações.»

A «Religião e Pátria» confirmava :

«A Igreja achava-se repleta de gente, que foi ali para o ouvir, e toda se retirou muito satisfeita com o seu belo discurso, que mais parecia de um orador já experimentado.»

No rosto do manuscrito lê-se :

«Sermão do Santissimo Sacramento.

O meu primeiro sermão
prègado na paroquial igreja
de S. Miguel de Creixomil
pelas 5 horas da tarde
de domingo 28 de julho
de 1889.

P. Roriz.»

Voltou a pregar, em igual solenidade religiosa, em S. Pedro de Azurém, a 31 de Agosto daquele mesmo ano de 1889. O manuscrito contém duas variantes, tomadas a lápis.



Sermão do Santíssimo Sacramento

1

Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

Havendo Jesus amado aqueles que com eles estavam no mundo, lá no fim da vida ainda os amou mais.

(São palavras do Evangelho de S. João, c. XIII - 1)

Meus Senhores :

Desde o berço à campa, desde o primeiro vagido infantil até ao último sopro de vida, desde o terno seio da mãe até ao leito duro da morte, o homem sente que esta terra não é mais que um desterro semeado de espinhos e orvalhado de lágrimas...

(Meu Deus, a fé gravou na minha alma a convicção da vossa existência real nesse Augustíssimo Sacramento e o peso dessa convicção faz-me curvar perante esse trono excelso, adorando-vos profundamente.)

...desde o berço à campa, desde o primeiro vagido infantil até ao último sopro de vida, desde o terno seio da mãe até ao leito duro da morte, o homem sente que esta terra não é mais que um desterro semeado de espinhos e orvalhado de lágrimas, conhece que não pode encontrar aqui a felicidade a que aspira, sabe que é outra a sua pátria. E isso que ele sente, sabe e conhece, é uma pena proveniente do crime praticado por aquele, em quem estava representada a humanidade inteira.

No principio criou Deus o céu e a terra. A terra, porém, estava vazia e nua, e as trevas cobriam a face

do abismo. A mente divina concebera, o amor impeliu e a onnipotência executou; e a um simples *fiat* appareceu o sol e o oceano, a lua e os lagos, as estrelas e as aves e as flores — e o sol, derramando jorros de luz a todos os seres criados, e o oceano, revolvendo-se em catadupas de espuma, e a lua prateando a superficie das águas, e os lagos espelhando o azul do firmamento, e as letras das estrelas, e o cântico das aves e o aroma das flores, tudo diz: Glória a Deus. Mas esta adoração da natureza inteira ao seu Criador é inconscientê, é cega, é fatal.

Criou o Supremo Artífice um ser que o glorificaria na sua justiça ou na sua misericórdia, dotou esse ser de razão e liberdade, constituiu-o dominador de todos os outros entes e deu-lhe para fruir as delicias do *Eden* — criou o homem. Eis o primeiro acto do amor de Deus para com ele. Agora, o ente racional e livre vai juntar-se às restantes criaturas e entoar glória ao seu Criador?! Engano! O homem, ouvindo os conselhos satânicos, esquece o preceito divino e peca, e peca porque desobedece e desobedece porque transgride o mandato do Legislador supremo; peca porque é ingrato, porque recusa harmonizar a sua vontade com a d'Aquele de quem recebeu tantos e tantos bens, peca porque é avarento, pois tendo muito ainda quer mais; é ambicioso, porque sendo rei, quer mais ainda, quer ser Deus; é incrédulo, porque prestou fé às insinuações insidiosas da serpente, e não acreditou nas ameaças da infinita justiça; é, finalmente, impenitente, porque devendo pedir humildemente perdão, procura desculpar-se com escusas frivolas e vãs!

Ouve, ó homem, a pena merecida do teu crime, ouve a terrível sentença: morrerás... comerás o pão com o suor do teu rosto. O sol, que até agora vinha dar realce ao teu império, morrerá doravante para te

indicar as horas dos teus labores e pôr a descoberto as tuas misérias, as flores, que matizavam o tapete, que se desenrolava a teus pés, transformar-se-ão em espinhos, que tu arrancarás da terra para darem lugar ao pão, que tu comerás trabalhando. Vai... não mais ouvirás o sussurrar brando e doce do Fison e do Geon, do Tigre e do Eufrátes, o seu murmúrio agora só servirá para te avivar a saudade daquelas delícias inefáveis, que perdeste e deixaste às suas margens!... E começa o seu exílio, e começam os seus trabalhos!... Trabalhos e exílio que, provenientes da desobediência e ingratidão, da avareza e ambição, da incredulidade e impenitência, passaram para todos os prósteros dos proto-parentes, em quem estavam representados.

Senhores:

Deus infinitamente justo castiga, mas Deus infinitamente misericordioso perdoa, e impellido, deixai-me exprimir assim, por aquele amor incompreensível que consagra ao homem ainda que lapso, promete-lhe um redentor e esse redentor será seu Filho Unigénito. E, entretanto, enquanto não soa a hora feliz, em que se deve realizar a promessa divina, Deus, vendo que o homem caminha de abismo em abismo na estrada da perdição, conhecendo que ele sem o Seu auxílio irremediavelmente se perderá, fala-lhe das alturas do Sinai, manifesta-lhe daí mais uma vez o seu amor, e o homem (ingrato!) nessa mesma ocasião volta as costas ao seu Senhor e cai na mais torpe idolatria! Deus fala pela voz da razão a toda a humanidade, mas essa voz sufocada pelas paixões e pelos vícios em vez de

guiar o homem para o caminho brilhante da verdade, engolfa-o no antro tenebroso do erro, e assim o sensualismo é virtude, as bacanaes louvores, os mesmos vicios deuses, os gosos materiais o fim último! É chegado o momento de vir o Redentor prometido; a tanta ingratição humana vai corresponder o mais alto favor divino — Desce o Filho de Deus no seio da Virgem; Jesus nasce humilde entre os mais humildes; o seu amor, semelhante a um rio caudaloso e rico arreventa de seu coração divino, derrama-se sobre todos os homens, sacrificando-se, salvando, abençoando e exaltando. Sim, Jesus ama e o homem mais humilde é seu irmão; Jesus ama e procura os pecadores; ama e restitue aos pais a filha querida já morta, e à viúva o seu filho único, o seu amparo; e visita o publicano; e compadece-se da mulher adúltera; e perdoa á pecadora, que derrama lágrimas de arrependimento, e chora sobre a ingrata Jerusalem; e recebe o cálice da amargura; e caminha para o Calvário; dá o seu sangue, a sua vida pelos homens: o seu amor é grande e lega-nos como Mãe a mais terna e incomparável de todas as mães; o seu amor é intensissimo e pede perdão para aqueles que lhe dão a morte!

Ó amor grande, amor incompreensivel, amor inefável; a tanta ingratição — tantos beneficios; a tanta dureza — tanta doçura; a tantos sarcasmos — tanto sofrer! Poderia Jesus amar mais? — Pôde.

Foi sempre grande o seu amor para com os homens, mas lá no fim da vida, quando se deu a si mesmo como alimento, quando instituiu o Augustissimo Sacramento da Eucaristia, ainda deu uma prova mais alevantada do seu altissimo amor: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit.* Será esta a tese que eu procurarei demonstrar neste meu pobre e despretencioso discurso.

*

* *

Senhor, quando aquele que havia de ser a pedra fundamental da vossa Igreja, vacilou; temeu sobre as ondas do Tiberiades, vós fortaleceste-o com a fé e ele confiado em vós, caminhou sem receio; assim eu, Senhor, sobre esta cadeira da verdade, onde tenho a honra de subir hoje pela primeira vez, vacilo e temo; e com certeza não continuaria, se não me alentasse a esperança de que vós derramareis uma centelha de luz nas trevas do meu espirito.

Respetabilissimo Clero, religiosa Corporação, se eu for uma nota discordante no meio de tanta harmonia, mereço o vosso indulto, porque o erro será da inteligência e não da vontade.

Senhores, ligado a vós pelos laços da Religião e da Pátria, espero, que continuareis a ouvir-me com a atenção, que tão generosamente me tendes dispensado; e confiado em que não me derribareis deste lugar com o peso da vossa crítica severa e ilustradíssima, porque não a applicareis a este meu exíguo trabalho — principio.

DISCURSO

Senhores:

Quando considero as acções do amantíssimo Jesus na sua peregrinação pela terra, eu não sei distinguir qual, de dentre elas, seja a mais fina e amorosa para com os homens; porque todas inspiram um amor imenso, um amor infinito! Mas, o que não pode a pobre e mesquinha inteligência humana, pôde-o quem perscrutou todas as pulsações daquele divino Coração, pôde-o quem recebeu inspirações do Céu, pôde-o quem subiu tão alto, como o discípulo amado, a Águia dos Evangelistas.

Sim, ele viu Jesus descer do seio de seu Eterno Pai e desposar-se com a pobre e miserável natureza humana, deixar as grandezas do céu pelas misérias da terra, ele viu Jesus ensinar ao homem, com o seu próprio exemplo, que o trabalho é um dever; viu-o com a sua palavra fundar um império, que havia de abarcar toda a terra desde a aurora ao ocaso, desde o setentrão ao meio-dia; viu que ele, na fundação do seu reino, na conquista dos corações, não queria que os vencidos se tornassem cadáveres, nem que o seu sangue salpicasse as vestes dos vencedores; viu-o, prêgando o amor, despedaçar as gargalheiras que prendiam o escravo a um posto ignominioso e triste; viu-o elevar a mulher aviltada e desonrada à dignidade de donzela, esposa e mãe; viu-o chamar a si e afagar as criancinhas, que a própria mãe assassinava, que o mesmo pai repelia; sim, o discípulo amado viu tudo isto e muito mais ainda! E este amor, que Jesus ma-

nifestou no abatimento da sua dignidade divina e na revolução moral, que operou, para promover a felicidade dos homens, é incontestavelmente um amor intensissimo! E a Águia dos Evangelistas conhecia toda a intensidade desse amor... e abismava-se, maravilhava-se de tantos prodígios, de tantos trabalhos, de tantos bens, que dimanavam daquele Divino Coração; e contudo, quando pelas suas palavras deu a conhecer que o amor de Deus subiu ao mais alto grau, a que podia chegar, foi quando ao principiar a descrição daquele banquete, em que Jesus ia dar-se aos homens, como alimento, disse: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit* — havendo Jesus amado os homens seus, lá no fim da vida os amou mais.

E com efeito, senhores, bastava só atendermos à acção em si para nos convenceremos desta verdade, porque naquela ceia misteriosa, em que Jesus nos deu sacramentados a sua carne e o seu sangue, parece que excedeu a si mesmo o seu amor, foi um amor sem semelhança, um amor sem fim: *in finem dilexit*.

Mas se atendermos às circunstâncias em que se achava Jesus, quando instituiu o Augustissimo Sacramento da Eucaristia, então o nosso espirito sente-se humilhado e abatido perante a grandeza e sublimidade de Deus, que mede o seu amor pelas ingratidões dos homens.

Senhores, os grandes incêndios crescem mais com as continuas chuvas, e o Coração de Jesus era uma fornalha ardente de amor; e, quando uma tempestade horrível se preparava para lhe tirar a vida, quando o vendaval das paixões corria após Ele para o aniquilar, quando no seu mesmo colégio apostólico se condensava terrível uma nuvem negra, como a traição, abominável, como o crime, e de cujo seio havia de sair a maior infâmia que o mundo tem presenciado;

quando um chuveiro de vícios ameaçava eclipsar aquele sol brilhantíssimo de paz e amor, Jesus reúne os seus discípulos e diz-lhes: Eu que sou Deus, e, portanto, independente, sou contudo escravo deste Coração. É chegada a hora do sacrifício: o meu sangue vai ser derramado para resgatar os próprios que me vão dar morte! Dê-se-lhe aqui já princípio: comei... este é o meu corpo; bebei... este é o meu sangue! E ao mesmo discípulo, que daí a alguns momentos o havia de entregar à morte, dá Jesus o pão da vida; a esse mesmo discípulo, que em breve lhe daria o ósculo da traição para o vender, dá Jesus o ósculo do amor, para o comprar! Havendo amado, não obstante as injúrias atrocíssimas, que o esperavam, as execrandas ingratições dos homens, os flagelos horríveis, a cruz ignominiosa, lá no fim da vida ainda amou mais: *cum dilexisset suos, in finem dilexit.*

Ah! O Evangelista soube perfeitamente distinguir e conhecer qual foi a acção mais fina e amorosa de Jesus — a instituição do adorável Sacramento de nossos altares — instituição, que foi em si um poema de amor e nos seus efeitos uma garantia da nossa felicidade na terra e da nossa salvação no Céu!

Comei... este é o meu corpo; bebei... este é o meu sangue; e não seja só para vós este banquete, estenda-se a todas as gerações, a todos os meus filhos que hão-de povoar a terra: fazei, pois, isto em memória de mim — *hoc facite in meam commemorationem...* É que Jesus sabia que era necessário ficar na terra com os homens.

Senhores: Vêdes no cume do Gólgota aquele madeiro seco e estéril, que há pouco serviu de altar à Vitima Redentora da humanidade? Esse madeiro, regado pelo sangue do Justo, criará raízes no seio da terra, e, à semelhança de um roble gigante, subirá até

ao Céu, donde dominará o mundo inteiro; os seus braços, à semelhança de imensos ramos, estender-se-ão até os confins da terra e dum brotará um fruto — a liberdade, e do outro — a salvação. Basta, . . . não é preciso mais nada! Basta a contemplação desse altar, onde se ofereceu por nós em holocausto o Filho de Deus vivo, para que nós lhe tributemos eterna gratidão; basta-nos a recepção desses frutos para que sejamos eternamente felizes. Sim, eu com a liberdade caminho para o bem, cuja posse constitue a verdadeira civilização; a minha vontade já pode abraçar sem receio aquilo que a inteligência lhe mostra, porque esta foi ilustrada suficientemente pelos ensinamentos de Jesus. E cumprindo eu essa moral sublime que Ele ensinou com a palavra e com o exemplo, obro em harmonia com a recta razão, e sendo assim consigo a ordem, e assim a civilização. Basta. Basta? Oh! não. Outrora, quando ainda não tinha havido reconciliação da terra com o Céu, quando as evaporações misteriosas do precioso sangue de Jesus não tinha subido ao seio do Eterno a abrandar a sua infinita Justiça, havia lei e desprezava-se, havia a revelação que ensinava a verdade, e contudo os homens, ainda que se chamassem Platão ou Sócrates, descerraram, sim, uma ponta do véu, que produzia as trevas no mundo antigo, mas esse véu ainda continuava a empanar o sol brilhante da verdade; e daí a permanência do erro, o erro gerou a desordem, sem ordem não há progresso, sem este não há a verdadeira civilização, que é a mesma ordem, que consiste em pensar, sentir e querer em harmonia com a recta razão. — Basta? Oh! não. O mundo antigo, se não tinha uma cruz, que lhe manifestasse o infinito amor dum Deus, morrendo para remir, tinha todo o universo onde podia admirar e conhecer esse amor de Deus, criando; e contudo não o conheceu, e, se o co-

nheceu, foi-lhe ingrato. — Basta? Oh! não. Essa cruz não basta; porque se o mundo antigo não tinha esse lenho sacrossanto, que convida à oração para pedir, ou entoar louvores, tinha os trenos e os cânticos dos profetas orientais, e contudo não os ouvia, e se os ouvia, desprezava-os.

Portanto, a cruz não basta; e Jesus, sabendo isso, deixa-nos a prova mais alevantada do seu infinito amor, deixa-nos a garantia mais segura para a nossa salvação: Jesus fica no Santissimo Sacramento da Eucaristia; fica para dizer continuamente ao homem: por ti morri uma vez no Calvário, por ti me sacrifico todos os dias nos *Calvários* dos meus altares. Conhecês a grandeza deste amor? Pois bem; não sejas ingrato — ama-me também; fica e diz-nos: Este é o meu corpo, este é o meu sangue; comi, bebei e ficai certos, que jamais morrereis, porque eu sou a mesma vida, nunca enfraquecereis, porque eu sou a mesma força; fica para ser a nossa felicidade na terra, fica para nos fortalecer, a fim de conseguirmos a felicidade do Céu.

Senhores, não pode haver felicidade na terra sem que haja um amor mútuo entre os homens, e este amor só pode conseguir-se, havendo igualdade de sentimentos puros, porque essa igualdade gera a simpatia, esta gera o amor, o amor a união, a união a força e a força a resistência a todos os obstáculos, que se possam opor à consecução do nosso fim, isto é, na terra à felicidade relativa e no Céu à felicidade absoluta. A igualdade de sentimentos, pois, é a base da confraternização de todos os homens e esta o fundamento de toda a civilização. *E onde* pode encontrar-se esse mesmo sentir? Amando o mesmo objecto. E para que não haja só o mesmo sentir, mas também para que esse seja puro e santo, onde devemos recorrer?

A Deus, a Jesus, que todos os dias nos chama daquele Augustíssimo Sacramento: -- *venite ad me omnes...* vinde todos a mim e eu vos remirei pelos laços do mesmo amor.

Sim, a Deus, a Jesus naquele adorável sacramento, porque Ele é para a sociedade o mesmo que a nascente para o rio, a raiz para a flor, o oxigénio para a vida. Sim, é a Deus, a Jesus no Santíssimo Sacramento, que nós devemos recorrer, para sermos felizes tanto quanto neste mundo é possível. E se assim não for, veremos que a sociedade é um caos; porque então a moral será invadida pelo naturalismo, a ciência pelo positivismo, e a política pelo socialismo, que arvorando o estandarte negro da revolta, levará o terror, a destruição a toda a parte, como fez na pátria de Pedro o Grande o nihilismo e na pátria de Clovis o colectivismo. Sim, é a Deus, a Jesus no Santíssimo Sacramento, que todos devemos recorrer, porque assim haverá entre os homens o mesmo sentir, o mesmo pensar, o mesmo querer, o amor mútuo, e, portanto, a união, a força, a ordem, o progresso, a civilização enfim, a possível felicidade terrena.

Ah! O Evangelista soube perfeitamente distinguir e conhecer qual foi a acção mais fina e amorosa de Jesus — a instituição do adorável Sacramento de nossos altares, instituição que foi em si um poema de amor e nos seus efeitos uma garantia da nossa felicidade na terra, e da nossa salvação no Céu.

Senhores: Assim como a pedra gravita para o centro da terra donde proveio, a criancinha para o seio da mãe, que a concebeu, o íman para o polo magnético, assim o homem propende intimamente para Deus, centro daquela felicidade única, que pode saciar as aspirações do seu espírito. Pode o homem, levado por uma alucinação, adorar o Deus-Matéria, prostrar-

-se em adoração diante da natureza. Mas a quem busca? A Deus; e se o seu culto era assim dirigido, é porque a sua paixão, o seu desvario em vez de encaminhar o seu coração para o protótipo, apontou-lhe para o espelho, onde se reflecte a sua imagem. Pode o homem, levado por um excesso de amor próprio adorar-se a si mesmo, como a um Deus, ser autóteísta, mas ainda é a Deus que ele procura, e, se se engana, é porque a paixão o alucina. Poderá o homem, levado pelo desânimo, chegar até a negar a existência de Deus, mas só em teoria, porque na prática confessa-o implicitamente e no seu espírito há-de reconhecer a existência duma força que o impele necessariamente a reconhecer a verdade: existe Deus. O homem pode suspender o coração nos seus impulsos para o Deus verdadeiro, pode amarrá-lo com os laços da injustiça, como diz o Apóstolo, pode onerar as suas asas com o pó da matéria, como diz um Santo Padre; mas desde que lhe conceder a liberdade, recorda-se logo da sua vocação e precipita-se para Deus com a angústia de quem anda tresmalhado. E essa liberdade, senhores, que desprende o coração das cadeias formadas pelos desvarios da razão humana, e que o conduz a Deus, mar infinito de venturas, concedeu-a Jesus na instituição do Santissimo Sacramento, concede-a Jesus do alto daquele trono, donde chama a todos, apontando para a pátria da Glória, derramando luz na intelligência, dando força à vontade para prosseguir no caminho que conduz à verdade e à vida. Ah! O Evangelista soube perfeitamente distinguir e conhecer qual foi a acção mais fina e amorosa de Jesus — a instituição do adorável Sacramento de nossos altares — instituição, que foi em si um poema de amor e nos seus efeitos uma garantia da nossa felicidade na terra e da nossa salvação no Céu! Oh! corramos todos a

Jesus, refugiamo-nos sob o manto imenso daquela infinita bondade por Ele, por nós; por Ele porque quer que tantos sacrificios sejam compensados com a homenagem sincera, cordial do nosso amor; por nós, porque sendo a nossa aspiração, a nossa vocação constante e felicidade, n'Ele encontramos a fonte, o manancial de todos os bens. Meu Deus, consenti que do fundo da minha indignidade, eu junte aos hinos que neste templo revoam em vosso louvor, às nuvens de incenso que se elevam até esse trono, onde brilha a vossa Magestade infinita, a expressão sincera dos meus desejos, e deixai, Senhor, que eu diga com todo o entusiasmo da minha alma: Bendito, mil vezes bendito seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia!

Disse.

Sermão do Nascimento de Jesus Cristo

Na capa do original escreveu o Padre Gaspar Roriz:

«O 3.º Sermão que fiz. Prêguei-o pela 1.ª vez em S. Domingos (capela) no dia 25/12/89; 2.ª em Pencelo 1/1/90; 3.ª em S. Sebastião 6/1/90.»

Não encontramos o original do 2.º sermão: e somos levados a crer que ele consideraria 2.º a repetição do 1.º, com variantes. Até por isso que, nos periódicos vimaranenses da época, entre 28 de Julho e 25 de Dezembro de 1889 não encontramos qualquer referência a outro sermão, que não seja o de 31 de Agosto em Azurem, numa possível festividade religiosa, em que fosse prêgado.

...*natus est hodie Salvator* — S. Lucas 2,4

*Armuntio vobis gaudium magnum quia
natus est vobis hodie Salvator mundi.*

Meus Senhores :

Percorrei a história da humanidade, e vereis que há nela dous períodos perfeitamente distintos — um negro como a desdita, outro suave como a ventura ; um principia com a primeira lágrima vertida na terra do destêrro, árida e espinhosa, por Aquele, que livremente, foi buscar as cadeias da escravidão, e termina com o primeiro sorriso dessa Criança Divina, que se acha reclinada no seio duma Mãe e simultaneamente virgem, e que está destinada a quebrar um a um os elos dessa cadeia que agrilhoa o miserável Prometeu do mundo velho ; o outro período principia com o nascimento de Jesus em Belém de Judá, e há-de terminar com o *venite* ou *discedite a me* da justiça de Deus na eternidade. E nessa já longa cadeia de séculos, que a humanidade conta de existência, nesses dous grandes períodos em que se divide a sua história, qual tem sido o seu fim, trabalhando com todas as forças, quer na esfera intelectual, quer na explicação dos ensinamentos da razão aos diversos casos da vida ? — A consecução da felicidade. É isto o que nos diz a nossa aspiração constante para o bem, é isto o que nos diz a história em todos os factos que relata. É que Deus, criando o homem, dotou-o de todos os bens necessários para fazê-lo feliz — razão e justiça, liberdade e amor. E por isso, não obstante o véu negro do pecado encobrir,

empanecer esse estado primitivo de delicias, o homem ficou sempre com a reminiscência da felicidade passada e com a aspiração constante ao bem estar futuro.

Feliz, muito feliz era o homem, quando saiu das mãos omnipotentes do Criador! Ele tinha um deadêma a aureolar-lhe a fronte, formado por lampejos do eterno sol da verdade, e que o distinguia dos restantes seres criados! Ele tinha na inteligência a luz e na vontade o bem! Ele tinha o império e domínio sobre suas acções! Ele elevava de seu coração ternos sentimentos de amor, até ao trono do amor infinito! Abriu os olhos, e extático perante a harmonia da criação, vendo o Céu a fazer baixar ao Eden torrentes de luz, e, vendo o Eden a fazer subir ao Céu os aromas de suas flores, arrebatado em extases de santo amor, entoava *hossanas* Àquele que o fez sair do nada para uma existência toda delicias! Oh! feliz, muito feliz era o homem quando saiu das mãos omnipotentes do Criador!...

Porém, bem depressa, a soberba estabelecendo uma barreira humanamente insuperável entre a terra e o Céu, murchando as flores de Eden e escurecendo a luz do sol, fez com que a razão humana se degradasse, a vontade se deprimisse nas suas inclinações, e daí a liberdade atenuada e o amor mal dirigido. E assim nós vemos pela história, que apesar das labutações continuas dos sábios de maior pulso do mundo velho, o verdadeiro fim do homem era geralmente desconhecido, e, portanto ignorados os meios para o conseguir; as leis, pelas quais se regiam os povos, as leis, que devem ser a expressão do justo e do honesto, recomendavam muitas vezes as mais monstruosas torpesas; o pobre, escravo do seu senhor, o rico agrilhoado às suas paixões, não podiam caminhar livres pela estrada do dever; o amor ia desaparecendo do coração do

homem, do mesmo modo que o homem se ia afastando de Deus. O homem buscava a felicidade, a que constantemente aspirava, mas nunca encontrava a sua realização, porque tinha esquecido o seu princípio e fim — o verdadeiro Deus.

Esse primeiro período da história do mundo, era, como diz Platão — *uma sombria caverna*; era, como ensina o Evangelista — *só trevas*.

Mas, um dia, começa a despontar lá do Oriente esse sol fulgentíssimo, que há-de espargir seus raios até aos confins da terra;... verdadeira luz, vem esclarecer a inteligência humana ensinando-lhe a verdade; verdadeiro bem, vem ensinar ao homem os seus deveres; bondade suma, vem desacorrentar a humanidade escrava; infinito amor, vem oferecer-se ao Eterno Pai, como vítima expiatória da culpa original. Sim, é chegado o dia, em que vão realizar-se os vaticínios dos profetas orientais, o Verbo assume a natureza humana no seio puríssimo da Virgem. Nasce Jesus em Belém, os ídolos vacilam, e o homem ouve falar em Deus, humildade, amor, paz, esperança e salvação. Os filósofos vão ter a solução de problemas, que em quatro mil anos não conseguiram; as nações vão encontrar a realização da felicidade, que só em sombras existia; os indivíduos vão ter a ordem, a tranquilidade no seu espírito; o homem já vê chegado ao seu termo o período calamitoso que se seguiu à sua queda — nasceu em Belém o Redentor da humanidade!

Acontecimento admirável! Facto estupendo! é tal a revolução que opera, são tais os efeitos que se lhe seguem que o homem, repetindo com entusiástico reconhecimento os hossanas angélicos, dirá através de todos os tempos até à consumação dos séculos — *Gloria in excelsis Deo*; — a família, tomando para modelo

aquela que Jesus nascendo lhe apresenta, ligada pelos sagrados laços do divino amor, correrá em transportes de júbilo, a agradecer a sua felicidade Àquele que deu para exemplo aos homens um varão santo, esposo dedicado, na pessoa de seu pai putativo; que apresentou o modelo mais perfeito de filha humilde, esposa dedicada e mãe extremosíssima na pessoa da Santíssima Virgem; a sociedade comemorará sempre o nascimento d'Aquela que, com o seu exemplo, menino ainda, lhe ensinou as virtudes fundamentais da boa ordem — a humildade e o amor, que, oferecendo-se a si mesmo, como vítima expiatória do agravo feito à justiça infinita, aponta a todos para o fim último — o amor de Deus e a posse duma felicidade sem fim. A sociedade, a família e o individuo têm nesse Infante o *alfa* e o *ômega*, o principio e o fim da sua felicidade, da sua salvação. Será este o assunto.

Amantissimo, adorável Jesus, não são as vozes humanas que podem cantar-vos louvores; não são os lábios rudes do homem, que podem exprimir a gratidão, que o grande beneficio de vosso nascimento inspira. Não, esses hinos só anjos os podem entoar; essa gratidão, só corações muito amantes a podem sentir, sem que por palavras a possam manifestar. Por isso, não é, Senhor, a eloquência laudatória, a vós devida, que vos peço; não são palavras, que exprimam os agradecimentos e affectos, de que trasbordam os corações dos que nesta hora vos adoram: Vós bem conheceis esses sentimentos. Mas iluminai, ó sabedoria infinita, a minha pobre intelligência, afim de que não me afaste da verdade, na exposição do meu discurso nem nos ensinamentos que encerra.

Meus Senhores:

Deus, o ser infinito, que tudo pode, diz — *fiat* — e logo aparece o céu e a terra, o sol e o oceano, a lua e os lagos, as estrelas, as aves e as flores! E o homem, vendo o sol a inundar de luz a natureza inteira, o oceano a revolver-se em catadupas de espuma, a lua prateando a superfície das águas, os lagos espelhando o azul, o brilho das estrelas, o cantar das aves e os matizes das flores, exclama — Glória a Deus no seu poder infinito! Deus, o ser Omnisciente estabelece leis pelas quais se regem todos os seres criados e que constituem a ordem admirável que existe no universo, e o homem exclama — Glória a Deus na sua sabedoria infinita! Deus, criando à sua imagem e semelhança um ser, a quem constituiu rei de todos os seres criados, apresenta-o como perfeição do universo, insufla-lhe um espírito, que é a perfeição desse ser, dá-lhe um sentimento: o amor, que é a perfeição do espírito, bafeja-lhe na alma a caridade, que é a perfeição do amor: e esse ser, que é o mesmo homem exclama — Glória a Deus na sua infinita bondade! Àquele que recebe tantos benefícios, impõe Deus um preceito, preceito que não é observado, o prevericador é condenado e o homem ainda exclama — Glória a Deus na sua justiça infinita! Deus, desce à terra, assume a natureza humana, nasce num miserável estábulo em Belém, pobre entre os mais pobres, humilde entre os mais humildes, e o homem e todos os homens exclamam em transportes de júbilo — Glória, mil vezes glória a Deus no seu amor, na sua misericórdia infinita! E' que não há nada mais sublime, mais alevantado, mais digno dos nossos louvores, do que Aquele, cujo poder, cuja sabedoria, cuja bondade, cuja justiça, cuja mise-

ricórdia e amor são, como a sua mesma essência, infinitos, eternos e imutáveis. Todos iguais, há contudo um, que tendo um dúplice fim — a glória de Deus e a salvação da humanidade, fazendo com que Deus mesmo desça à terra para libertar os homens, e elevando os homens até ao trono de Deus, seria, se tal pudesse ser, o que em nossa alma despertaria mais alevantados sentimentos de gratidão — é o amor, é a misericórdia, . . . — o amor, que levou Deus a criar, o amor que levou Deus a assinalar aos seres os seus fins, e os meios para o conseguir; a misericórdia, que levou Deus a operar o facto mais estupendo, mais admirável, que o mundo tem presenciado — o nascimento de seu Filho Unigénito, de Jesus Cristo, do Salvador dos homens: acontecimento que a Igreja comemora hoje e com ela todos os seus filhos, todos os indivíduos, todas as nações cultas. E' que a fundação dessa mesma Igreja, essa alegria de seus filhos, a cultura das nações, a esperança e salvação dos homens principiaram nesse presépio onde nasceu Jesus. Sim, esse presépio onde nasceu Jesus é a primeira academia, onde se ensina a cada homem o seu dever, como cidadão, como esposo e como pai — lá está o casto e virtuoso José; sim, esse presépio, onde nasceu Jesus é o primeiro jardim, onde brotam as odoríferas flores da humildade de filha, da dedicação de esposa, do amor de Mãe — lá está Maria; sim, esse presépio, onde nasceu Jesus é o horizonte donde desponta o sol da redenção, cujos raios são — ciência, moralidade, esperança e salvação.

Vede aquele santo Patriarca, que se acha junto do berço do Salvador, . . . ele representa a obediência às leis, ainda que emanadas do César; ele representa a nobreza de sentimentos altíssimos — humildade e amor, honra e dever; como cidadão diz ao homem: obedece

e trabalha; como esposo diz: sê virtuoso e amante; como pai diz: ama até ao sacrificio; e como homem diz: submete-te aos designios da Providência porque é a ela que tudo deves — a criação, a conservação, a redenção e depois a glória. E ao cidadão rebelde, succedeu o cidadão humilde e obediente; ao esposo tirano e vicioso, o esposo amante e fiel; ao pai indiferente ou desumano, o pai cheio de abnegação e amor; ao homem pagão, ao homem desvairado, succedeu o homem cristão, o homem com compreensão nitida dos seus deveres, o homem conhecedor do seu principio e fim — Deus... E' que aquele presépio, onde nasceu Jesus, é a primeira academia, onde se ensina a cada homem os seus deveres de cidadão, de esposo e pai.

Vede... lá está a Virgem, filha dilecta do Eterno Padre, esposa amantissima do Santo Espírito, que tendo fitos os seus formosos olhos no seu amantissimo Jesus, diz com a voz tremente de tristeza e júbilo: Mulher, ama e sofre que eu também soffro e amo! E acho prazer no sofrimento, porque é ele, que me levará ao céu, e acho delicias inefáveis no meu amor, porque amo o meu Deus, amando meu esposo, porque amo meu Deus, amando meu filho: ama tu também, ó mulher, ama tu também teu pai, teu esposo e teus filhos, por causa de Deus; sofre... e nas agruras do breve caminhar da vida encontrarás a suavidade do caminho que ao Céu conduz!... E a mulher, meus senhores, deixou de ser a miserável escrava do mundo antigo, cujo coração era despido de affectos, para ser filha obediente, esposa dedicada, mãe extremosa, para ser a maior alavanca da civilização do mundo novo, para ser o instrumento mais poderoso nas mãos de Deus para a grande obra da salvação da humanidade.

E' que esse presépio, onde nasceu Jesus, é o primeiro jardim, onde brotam as odoríferas flores da

humildade de filha, da dedicação de esposa, do amor de mãe. Vamos vê-lo.

Ouvis, meus senhores, ouvis o cantar alegre dos pastores, que correm jubilosos a Belém de Judá? Vão adorar Aquele, que era a espectação das gentes, o Messias prometido pelos seus profetas. Acompanhem-os também... Deixemos que Belém durma num sono misterioso e que num sono mais misterioso ainda durma todo o universo!

Vamos! não nos arreecemos de entrar nessa casa, onde tem lugar o acontecimento, que motiva a alegria dessas almas simples e amantes; porque, não obstante nascer ai o supremo Senhor de tudo, essa casa, longe de ser um palácio faustoso, onde não possa subir o pobre, é um pobre e humilde estábulo, onde também pode descer o rico! Entremos, não nos arreecemos de nos aproximar da majestade infinita, porque longe de se apresentar como justiça, que condena a desobediência do primeiro homem, longe de se apresentar, como o Deus vingador do Sinai, rodeado dos esplendores de glória, que fascina, que confunde: apresenta-se, como suprema beleza, que a todos atrai. Vamos! principie ai a nossa regeneração pelo exemplo, vejamos que principia a queda dos males provenientes da culpa do velho Adão e que têm começo os bens, que Jesus nos veio dar com o seu mesmo sacrifício. Ali, naquele pobre albergue, está a luz, que vai dissipar as trevas do erro, porque é a mesma sabedoria absoluta, que encarnada, no berço ainda, faz com que o homem levantando os olhos da terra, toda mentira, toda espionhos, os eleve ao Céu, todo verdade, todo consolação. Sim, deitado nesse pobre berço está Aquele, que tendo por fim a reparação dos efeitos seguidos à desobediência do homem a Deus, e sendo um desses efeitos o obscurecimento da inteligência humana, vem dissi-

pá-lo, ensinando a verdade, ensinando ao homem a verdadeira ciência — o conhecimento de Deus. A esmola da ciência deu-a Jesus nascendo.

Senhores: Quando a sociedade gemia sob o peso de seus crimes, quando a depravação dos costumes chegava ao seu maior auge, quando os homens corriam desvairados e loucos, ávidos de prazeres, que longe de os tornar felizes, os tornavam desditosos, o Verbo de Deus nasce e com Ele essa religião santa que há-de moralizar os povos, porque lhes ensinará a seguir o exemplo de seu Fundador, que desprezou todos os prazeres falazes da terra e abraçou sempre a vida do sacrifício desde o seu aparecimento no mundo cheio de privações, até ao termo da sua vida terrena cheia de martírios. Sim, Jesus nasce, e os *vícios Deuses*, que o homem havia colocado sobre os altares do Egito, de Atenas e de Roma, são derribados e substituídos pelo verdadeiro Deus, que, sendo o mesmo Bem, mostra a todos o caminho que a Ele conduz.

Jesus nasce — e esses cultos, que mais afastavam a criatura do seu Criador, e esses cultos, que abriam um abismo de dissidências e ódios de homem para homem, de família para família, de nação para nação, eliminam-se da face da terra: e é implantada no coração de cada individuo, no seio de cada família, nos templos de cada nação, a santa Religião de Cristo que manda a todos que se amem.

Nasce Jesus — e a terra liga-se ao Céu pelos laços da religião e os membros da sociedade ligam-se entre si pelos laços da moral e do direito. A esmola da moralidade deu-a Jesus nascendo!

Surge esse dia tão ansiosamente esperado pelo povo escolhido, em Belém de Judá nasce o prometido das nações, o grande libertador da humanidade, e o coração de cada um palpita de contentamento, todos

levantam os olhos ao Céu, até então a todos vedado, e todos sentem a esperança a dar-lhes fôrças para suportar os embates da adversidade, e todos conhecem que os espinhos que brotam na vida, produzem flores que se colhem no Céu. A esmola da esperança deu-a Jesus nascendo.

E o ensinar aos homens os seus deveres para com a familia e para com a sociedade, e o dissipar as trevas do seu espirito, derramando nele a luz da verdade, e o indicar-lhe os meios para agradar a Deus, e o despertar em si a esperança duma vida de eterno e inefável gôso: eis o necessário para que o homem seja feliz... Feliz?! oh! não, se o Verbo, descendo à terra só ensinasse ao homem esses deveres, só despertasse no homem esses sentimentos de amor divino e a esperança da salvação eterna, sem desarmar a justiça de Deus ofendida pela culpa do prevericador, e portanto, sem com o seu mesmo sacrificio abrir a todos o Céu, que um havia fechado, viria antes aumentar a desgraça da humanidade, viria antes... mas isto é contraditório... O Verbo, intelligência suprema; Jesus, a suma bondade não podia apresentar-nos os meios concludentes a um fim, sem que este existisse, não podia despertar em nós aspirações que não pudessem realizar-se! Não! Não é só por isso que o Filho de Deus desceu do seio do seu Eterno Pai para vir habitar entre os homens, que abandonou os esplendores da glória que o cerca no Céu, por aquela pobreza que o rodeia no presépio de Belém, não! — Jesus é Salvador! Ali, naquele berço onde repousa o Infante Divino, principia a expiação, e a satisfação da grande divida contraída pela humanidade; o sangue que gira naquelas veias subirá em evaporações misteriosas até ao trono do Altissimo, cujo perdão alcançará, porque é sangue do Homem-Deus, porque é sangue dum

valor infinito; ali principia o sacrificio, ali principia a maior prova da misericórdia divina, ali principia o motivo dessa gratidão imperecível que o homem tributará sempre Àquele de quem recebeu tão grande beneficio. A esmola da salvação deu-a Jesus nascendo. E' que esse presépio onde nasceu Jesus é o horizonte onde desponta o brilhantissimo sol da Redenção, cujos raios são ciência, moralidade, esperança e salvação.

E os séculos passam-se e as gerações sucedem-se, e parece que quanto mais distantes estamos do dia em que na terra surgiu esse foco infinito de luz e amor, maior é a fôrça que a ele nos atrai! Não resistamos a essa fôrça. Não queiramos suster o coração nos seus impulsos para o amantissimo Jesus! Oh! Como a alma se sente atraída para Aquele *pequenino* Ser todo beleza, todo encantos! Como todos somos incitados a correr... a volver os olhos para aquele Albergue, a fim de imitarmos a santidade daquele Varão que teve a dita de ser tratado por Jesus como pai; para imitarmos a humildade, a pureza daquela Virgem que foi verdadeiramente Mãe de Deus! Como todos nos sentimos arrastados para entoarmos hossanas ao Deus Menino, que iluminou a nossa inteligência com a luz da verdade, que guiou a nossa vontade pelo caminho do bem, que nos deu a esperança na vida e aos bons a salvação na eternidade!

Oh! Ensinai, ensinai as criancinhas a amar aquele Infante divino... fazei-lhes ver que o mistério do seu nascimento, que os efeitos que dele se seguem são o motivo dessa santa alegria entre a familia; são a causa desse júbilo da humanidade, são o objecto dessas pompas que a Igreja ostenta! Oh! Ensinai, ensinai as criancinhas! Fazei-lhes ver que Jesus é o principio e fim de toda a felicidade. Ensinai, ensinai as crianci-

nhas e mais tarde, quando elas tiverem já dado alguns passos na breve estrada da vida, se, transviando-se do caminho do bem forem precipitar-se no abismo do mal, terão sempre a levantá-los a pequenina Mão omnipotente, encontrarão sempre a sorrir-lhes os formosos olhos de Jesus, a quem na infância ensinastes a amar e adorar! Oh! Ensinai, ensinai as criancinhas! E bem merecereis da sociedade; e Deus vos coroará de glória lá na Pátria onde todos cantam — Glória a Deus.

Disse.

Do ano de 1890 vamos tomar dois trechos. O primeiro, do Sermão do Sagrado Coração de Maria, prègado no dia 24 de Agosto, na Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. O outro, do prègado na Capelinha de S. Roque, em 19 de Agosto.

Sermão do Sagrado Coração de Maria

Cum vidisset ergo Jesus matrem et discipulum stantem, quem diligebat, dicit matri suae: Mulier, ecce filius tuus.

Deinde dicit discipulo: Ecce mater tua.

(S. João, XIX, v. 26 e 27.)

Mãe!... nome sagrado, que não pode pronunciar-se sem que os lábios tremam de respeito e amor! Mãe!... entidade sublime, que faz trasbordar o coração do homem de affectos os mais puros, os mais suaves! Mãe!... flor mimosa plantada por Deus no árido deserto da vida para alentar a triste humanidade cansada de sofrer, com os perfumes suavísimos dum carinho inefável!... Mãe!... lábios primeiros que conosco sorriem, primeiros olhos que conosco choram!... Mãe!... mestra na puerícia, guia na infância, amparo na puberdade, conforto do homem!... Mãe!... alavanca poderosíssima de verdadeiro progresso, de verdadeira civilização dos povos!... Tu, junto ao berço, és o símbolo do amor; tu, gulando os passos de teu filho, ainda infante, és o anjo custódio da terra criança que guias; tu, aconselhando teu filho a que siga o caminho da virtude, és o apóstolo sublime da moralização dos povos; tu, junto ao leito, onde expira teu filho moribundo, és a estátua do sofrimento!

Mãe!... este nome, senhores, arrebatada, entusiasma, porque é a expressão sintética de tudo quanto é grande, de tudo quanto é sublime — amor sorridente na ventura, amor lacrimoso na desdita. Sorrisos que aumentam a felicidade, lágrimas que atenuam o sofrimento!... Se a este doce nome de mãe, não correspondesse uma entidade tão amável, como poderia o

homem arcar com as contrariedades que o perseguem? Ele, cuja passagem através o campo da vida é assinalada por dores cruciantes que lhe rasgam fibra a fibra o coração ulcerado e por lágrimas ardentes que lhe rolam pelos vincos das faces maceradas? Ele, cujos dias mais ridentes, cujos anos mais viçosos são como as campinas do Egito, em que brincam os sorrisos da verdura, para logo serem envolvidas na densa poeira que para lá arremessa, erguendo-se impetuoso o torvelinho do deserto? Ele, cuja vida algumas vezes desliza em murmurante linfa, por entre ribas disformes e escalvadas, mas que quase sempre corre impetuosa e desordenada, como desordenada e impetuosa corre a incapelada onda que vai despedaçar-se de encontro ao rochedo da praia? O homem sem o ensino e a educação da mãe seria um monstro! Mas souberam, acaso, em todos os tempos, as mães cumprir a sua missão grandiosa? Não, porque a voz da natureza era sufocada pelo ruído infernal das paixões, as mais baixas, as mais ignominiosas. Não, porque, quando filha, não recebeu os carinhos que mais tarde devia dispensar, como esposa e como mãe. Não, porque a mulher, era escrava, e, por isso, não podia dar expansão aos sentimentos de affecto e amor que o mesmo Deus gravou no coração da mãe. Não, porque mergulhada no abismo do pecado, não podia prosseguir pela estrada da virtude, nem que viesse ao mundo Aquele que é o verdadeiro caminho — *Ego sum via*. Não, porque, sendo a sua inteligência só trevas, não conhecia o seu fim, este só se lhe patentearia, quando viesse ao mundo Aquele que é a verdade — *Ego sum veritas*. Não, porque, perdendo com a desobediência do primeiro homem a vida da graça, só poderia recuperá-la, quando nascesse Aquele que é a mesma vida — *Ego sum vita*.

Ego sum via, veritas et vita — disse Jesus... E foi o caminho, guiando para o Céu o homem pela senda misteriosa da vida; e foi a verdade, descerrando o negro véu que empanava a inteligência humana; e foi a vida, derramando seu sangue para salvação da humanidade. E foi o caminho, a verdade e a vida, quando, conhecendo a importância da mãe, na ordem social, moral e religiosa, nos legou para modelo a joia preciosíssima da mais amorosa das mães! E foi o caminho, a verdade e a vida, quando, pendente da Cruz, viu através de todo o espaço e tempo até à consumação dos séculos as misérias humanas, e por isso nos deixou para protectora Aquela que é o amparo, o refúgio dos pecadores — *Cum vidisset ergo Jesus matrem et discipulum stantem, quem diligebat, dicit matri suae: Mulier, ecce filius tuus. Deinde dicit discipulo: Ecce mater tua.*

Tendo de falar-vos, senhores, das grandezas do Coração de Maria, não podia encontrar nas sagradas páginas melhor texto do que o de que me sirvo; porque se aquele Coração foi grande no amor de Filha extremosa, se aquele Coração foi grande no amor de Esposa modelo, aquele Coração é máximo no amor de Mãe de Deus e dos homens. Apresento-vo-la, portanto, no mais alevantado trono da sua grandeza — Mãe de Deus; apresento-vo-la como o iman que atrai o nosso amor — Mãe dos homens.

Senhor Sacramentado, fonte puríssima donde brotam, como de nascente fecunda, para a triste humanidade, cansada de sofrer, as gotas de graça que vivificam os miseros mortais neste árido deserto da vida — fazei que a minha pobre palavra tenha nesta hora o suave influxo de avivar ainda mais no coração dos que me escutam a suave chama de amor que neles crepita por Aquela a quem Vós, Senhor, tanto amais.

Senhora, a vossa protecção valiosissima consigo-a eu com uma só palavra. Vós sois minha Mãe, e uma Mãe carinhosa como Vós, nunca desampara seus filhos.

Respeitabilissimo Clero, religiosa Corporação, meus Senhores — é a primeira vez que da tribuna sagrada falo da grandeza do Coração de Maria. Tremo de confusão ao pronunciar este nome, sinto-me incapaz de tratar tal assunto; confiado, porém, no auxilio de Deus, na protecção da Virgem e na vossa muita benevolência, principio.

Senhores :

Uma mulher cooperou com o inferno para perder o homem; outra Mulher cooperou com o Céu para salvar a humanidade. Aurora precursora do Sol Divino da Redenção, mais pura que o mais fino cristal, mais formosa que a mais bela flor; oculta numa pobre casa de Nazaré, semelhante à humilde violeta que se esconde no fundo dos vales, está uma Virgem, grande na sua inocência, incomparável no seu amor — é Maria. Jamais o mundo viu coração mais bem formado, a sua alma é cândida como a açucena, os seus sentimentos grandiosos, altissimos — é que o coração da Virgem no momento da sua animação fôra logo ferido pelas luzes do Divino Sol, e, à semelhança de fino cristal, ficaram sempre a reverberar nele os reflexos duma inocência summa, inocência que deu àquela alma a candura que a exorna e àqueles sentimentos a grandeza dos seus arroubos. Sentada no trono aureo da humildade, tinha como coroa das suas virtudes a maior delas, a caridade. O seu coração pertencia a Deus — o sumo Bem; e aos homens — por causa de Deus. E

assim os seus anelos eram a glória de Deus, os seus desejos a salvação da humanidade. Por isso amou sempre a pureza e a humildade, para glória do seu Criador e para exemplo dos desgraçados filhos de Adão. O seu muito amor impeliu-a, a Ela toda humilde, a aceitar a altíssima dignidade de corredentora da humanidade.

.

Senhores: Maria é Mãe. Em Belém nasce o Prometido das nações, Jesus. Jesus nasce, Maria é sua Mãe, por causa dos homens. É altíssima a dignidade? Também são incompreensíveis as dores, os sofrimentos que a essa dignidade estão unidos. Quereis conhecer a grandeza do Coração da Santíssima Mãe de Jesus? Calculai-a pelo seu sofrer.

Quem há aí que não tenha visto nas lutas da agonia, um pai, um filho ou um esposo; e que se lhe não tenha partido a alma de dor ao ver a morte entrando a passos agigantados no ente que se amou; ao ver os olhos que se fecham já nas convulsões do martírio; ao ver a mortalha, que lho leva, que lho rouba, que lho arranca dos braços; ao ver as portas dum sepulcro, que se cerram para nunca mais se descerrarem; e o brilho daqueles olhos, em que lemos a nossa alma a extinguir-se para sempre; e aqueles braços, que nos abraçaram, prostrados para nunca mais se levantarem?! É grande essa dor? Pois à Virgem, Rainha do sofrimento, rasgou-se-lhe o peito nessas mágoas! Viu o seu Deus, o seu Filho, o seu Esposo, o seu Pai (pois todos estes amores se lhe concentravam na alma por Jesus Cristo); viu-o atormentado, rasgadas as carnes, exangue e morto enfim. E suportou tudo inundada em lágrimas, em que se lhe arrancara a

alma; e dessas pérolas divinas, prantos de tanta dor, que formam o seu diadema imortal, podemos aferir a intensidade do amor pela grandeza do sofrimento; pela amargura daquelas lágrimas, podemos conhecer a doçura daquele Coração. E desde o presépio ao templo, desde o templo ao horto, desde o horto à cruz e desde a cruz ao sepulcro, aquele sofrer foi acerbo, amaríssimas aquelas lágrimas, portanto, mas imenso de amor aquele Coração Santíssimo.

Aquele Coração amou muito os homens, participando das dores que sofreu Jesus.

Mas as virtudes como que à porfia conquistaram o seu princípio activo na alma da Mãe do Redentor.

Maria, que fôra grande na sua humildade; Maria, que fôra grande no seu sofrer, é sublime na sua misericórdia, no seu Coração amantíssimo como Mãe dos homens.

Senhores: Pode a criatura compreender a justiça; pode descarregar um golpe, pode cumprir a santidade duma promessa; mas mal sabe, mal pode perdoar. E essa dignidade sublime do perdão, a misericórdia, a mais grandiosa e magnânima das faculdades do reino do espirito, como que a abdicou Jesus Cristo: e abraçado à sua justiça, abraçado ao seu santo amor de Filho, ofertou-a, como prova do seu intenso affecto, como a primeira corôa de virtude, à Mulher que Deus fizera sua Mãe, e a quem Ele fizera Mãe dos homens. E as vozes incessantes de Maria Santíssima conseguem o indulto para os pecados seculares das gerações; e escudo e barreira entre nós e o crime aponta-nos a estrada da honra e do dever!... e se a frágil alma baqueia, se as voragens dos abismos se abrem para tragar o misero pecador, Ela não tem justiças, não tem castigos; tem só piedades, mágoas e misericórdias. Levanta o espirito do homem nos seus braços sempre

puros; e purificado ali é que entoa e depõe aos pés de Deus. Grandeza incompreensível! Confunde tal grandeza! O Coração de Maria, como Mãe dos homens, amparo e refúgio dos pecadores, é... é... que o digam os anjos, porque os lábios do homem não o podem dizer.

Não o podem dizer, ó Virgem, porque a aluvião de affectos que a tua grandeza inspira, paraliza os lábios que queiram cantar-te.

Ofuscar-me-ia o esplendor da tua grandeza, se me dirigisse a ti, Rainha dos Anjos, a ti, glória da Jerusalem celeste; a ti, alma feliz, que encerras mais graças que o Céu estrelas, o mar areias e a terra plantas; a ti, ó grandiosa torre de David; não, não me dirijo a ti, como Filha dilecta do Eterno Pai, Esposa amantíssima do Espírito Santo, Mãe amorosíssima de Jesus; não, diante de tal grandeza o homem emudece. Contemplando, porém, a vossa misericórdia, sinto que a confiança anima meus lábios, para vos pedir que continueis, lá no Céu, a interceder pela triste humanidade. E essa intercessão conseguimos-la nós, repetindo-vos as palavras do amantissimo Jesus: Senhora, nós somos teus filhos — *ecce filius tuus*.

Cristãos, amemos muito a Virgem, porque ela é nossa Mãe — *ecce mater tua*.

Disse.

Sermão de S. Roque

In memoria aeterna erit justus.

Senhores :

.
No século 14.º nasceu na província de Mompelher uma formosa criança, a quem deram o nome de Roque. Nascido não em pobres palhas, mas sim em berço dourado, foi crescendo no meio das comodidades da vida, dessas comodidades que têm atractivos, que prendem à terra esta desgraçada natureza humana.

Cresceu... e quando tinha de despedir-se dos tempos felizes da infância para entrar na idade em que a vida é uma luta continua, quando o tempo já tinha rasgado o véu que empanava o seu espirito, quando já havia chegado ao uso da razão e da discrição, olhou para si e olhou para Deus; olhou para os seus bens e olhou para os céus, e conhecendo que o seu sacrificio era para ele o meio de conseguir a glória e para a humanidade um exemplo salubérrimo duma virtude grandiosa, ele que era rico torna-se pobre dando tudo aos pobres, deixa os vestidos do século pelo burel do peregrino e lá vai, caminho da Cidade Eterna, com o coração crepitando de amor por Deus e pelos homens; aquele manifestado pelas preces fervorosas que balbuciam seus lábios, e este pelo bem que fazia, pedindo a Deus alívio para os sofrimentos de seus irmãos. Este despreendimento do que é terreno, este votar-se todo a Deus contrasta perfeitamente com os tristes costumes dalguns séculos que eu não especializo, dalguns séculos, em que a ambição cega o homem a ponto de o fazer esquecer Deus-tudo, pelo mundo-nada.

Chegando a Roma viu que as águas do Tibre iam envoltas com o sangue do homem. Feria-se encarniçada luta. Aquele povo era atormentado pelos horrores duma guerra sanguinolenta. Então Roque, o penitente, Roque, o homem, cujo maior desejo era a paz, a felicidade dos seus irmãos que sofriam, é lançado numa masmorra, onde sofre os rigores duma clausura forçada e ignominiosa durante cinco anos. E nunca de seus lábios saiu um queixume, nunca em seu coração se abrigou o ódio para com aqueles que tanto o faziam sofrer durante esses cinco longos anos, nem um só momento de impaciência — sofria silenciosamente, resignadamente, como costumam sofrer os justos. A resignação no sofrimento, a paciência na desgraça! Que grande escola e que ensino tão necessário nos calamitosos tempos que vão correndo. Se todos tivéssemos sempre diante dos olhos este modelo admirável de virtudes, não veríamos todos os dias corresponder a um desgosto, uma blasfêmia, a uma contrariedade, um suicídio — monstros mil vezes mais perigosos, mais temíveis do que a mais encarniçada guerra, do que a peste a mais mortífera; porque estas tiram ao corpo a vida, mas deixam a vida à alma; a blasfêmia, porém, é tirar à alma a vida da graça e lançá-la na morte do pecado, o suicídio é a morte do corpo e da alma.

A resignação no sofrimento, a paciência na desgraça!

.

Não o esqueceu também a nossa querida Guimarães, que lhe levantou neste formoso outeiro esta Capela, onde se lhe presta culto; esta Capela, onde já há perto de 400 anos, vinham os nossos antepassados implorar auxilio ao Santo que hoje festejamos, pois

que ali, naquele pequenino vale, em que vivemos, tinha assentado os seus arraiais o negro espectro da morte, coberto com o terrível manto duma epidemia destruidora. Quantas lágrimas não regaram este solo, e de quantos fervores não são testemunhas estas paredes.

Senhores: Esta ermida, que se tem conservado fechada por algum tempo, esta ermida, de que se tem descurado algum tanto, é hoje de novo aberta, para que venham os fieis prestar o culto devido ao Santo, em cuja honra foi edificada; e ornada com galas festivas, por homens, a quem, sem favor, podemos chamar beneméritos da Religião e da Pátria. Da Religião, sim, porque promover o culto nesta Capela humilde, é glorificar a Deus nos seus santos; da Pátria, sim, porque curar desta ermida é conservar um padrão que atesta uma época calamitosa dos nossos antepassados.

Oh! Conservai-a, conservai-a, porque se é pequena esta Capela, é grande a sua história, se é pobre e humilde esta página, os seus caracteres são de ouro. E nós, cristãos, que vemos aproximar-se deste formosíssimo jardim que se chama Portugal, a ceifeira foice da morte, que tantas vítimas tem feito nessa infeliz Espanha, peçamos ao Santo, cuja glória cantamos hoje, que interceda por nós junto de Deus, a fim de que, afastando de nós a tormenta, possamos viver, seguindo os seus passos na terra, para depois sermos coroados no Céu, com os louros imarcessíveis duma eternidade feliz.

Disse.

Em 1891 foi nomeado Padre Commissário de S. Francisco, honroso e modesto cargo que desempenhou com carinhosa e devotada solicitude até o fim da sua vida. Por isso mesmo entendemos dever à sua memória a reprodução dos documentos referentes a essa nomeação:

Sessão de 17 de Julho de 1891

(Nomeação do novo Padre Commissário)

..... Seguidamente foi presente um officio do Rev.^o P.^e Commissário desta Venerável Ordem que é do teor seguinte: — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor. — Não me sendo possível continuar a exercer o lugar de Commissário desta Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, por falta de saúde, peço por isso a minha demissão, e rogo muito encarecidamente a V. Ex.^a que sem demora trate da minha substituição. Deus Guarde V. Ex.^a. Guimarães, 9 de Julho de 1891. — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Dr. Caetano Mendes Ribeiro, digníssimo Ministro desta Venerável Ordem Terceira. — O Commissário, P.^e António Joaquim Rodrigues de Carvalho. A Mesa vendo que Sua Rev.^a não podia continuar a exercer o seu cargo pelo motivo no officio alegado, resolveu aceitar a demissão pedida e por proposta do Ex.^{mo} Ministro resolveu por unanimidade consignar nesta acta um voto de sentimento pela retirada de tão digno e illustre Commissário e outro de louvor pela maneira distinta com que sempre desempenhou o seu honroso cargo desde a sua nomeação em 8 de Dezembro de 1887 até hoje. Em seguida foi presente um requerimento do presbítero Gaspar da Costa Roriz, Irmão professo desta Venerável Ordem, pedindo para ser provido no lugar de Commissário desta Venerável Ordem visto ter todas as habilitações, como prova pelos documentos juntos, para desempenhar esse lugar. A Mesa depois da necessária discussão, resolveu por unanimidade dar-lhe o seguinte despacho: — Defe-

rido com a condição de residir na casa da Ordem, abatendo-se ao seu ordenado, o que depois se estipulará.

Caetano Mendes Ribeiro (Dr.) *Ministro*
 José António de Faria
 P.^o Manuel Custódio de Sousa Gonçalves
 Manuel Ribeiro Germano Guimarães
 António Pereira da Silva
 Manuel Luiz Carreira
 Jerónimo António Félix
 Bento José de Araújo
 P.^o Casimiro Machado de Faria Oliveira
 Albano Ribeiro Belino
 António Ribeiro Varandas
 José Teixeira de Carvalho
 Augusto de Sousa Passos
 Luiz Manuel Fernandes
 Manuel José Teixeira - *Secretário*

.

Sessão de 7 de Agosto de 1891

(Posse dada ao novo Padre Comissário)

Aos 7 dias do mês de Agosto de 1891, nesta cidade de Guimarães e casa do despacho da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, reunida a Mesa, legalmente constituída, com a assistência do novo Muito Rev.^o Padre Comissário, Visitador, Gaspar da Costa Roriz, e presidida pelo seu actual Ministro e Pai da Ordem, o II.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Doutor Caetano Mendes Ribeiro, por quem foi aberta a sessão e ordenada a leitura da acta precedente que foi aprovada. Seguidamente o Ex.^{mo} Ministro disse, que reuniu hoje extraordinariamente a Mesa, a fim de dar posse ao novo Padre Comissário eleito por esta Mesa, em sessão de 17 de Julho findo e confirmado pelo Geral dos Franciscanos em Portugal, Frei Domingos dos Corações de Jesus e

Maria, Superior do Seminário de Santo António do Veratojo, de Torres Vedras, em 29 do mesmo mês, cuja confirmação apresentou, dando a Mesa em seguida, posse ao novo Padre Comissário. Este pediu a palavra e, sendo-lhe concedida, agradeceu à Mesa a sua nomeação, louvando o seu zêlo, pela prosperidade desta casa. Fez também o elogio das virtudes do seu antecessor e afirmou que o seu maior desejo, era imitá-lo, em tudo, especialmente no cumprimento dos seus deveres em que foi exímio. Acto contínuo, retiraram-se todos da casa do despacho, e foram de visita ao hospital, asilo de Entrevados e mais dependências da Ordem, sendo o novel Comissário apresentado e reconhecido pela Superiora do hospital, Irmãs hospitaleiras e mais empregados ao serviço da Ordem

P.^e Gaspar da Costa Roriz - *Comissário*
 Caetano Mendes Ribeiro - *Ministro*
 José António de Faria
 P.^e Manuel Custódio de Sousa Gonçalves
 António Pereira da Silva
 Manuel Luiz Carreira
 Jerónimo António Félix
 Bento José de Araújo
 António Ribeiro Varandas
 José Teixeira de Carvalho
 Luiz Manuel Fernandes
 Manuel José Teixeira - *Secretário*

Sermão dos Prazeres de Nossa Senhora

(Prègado em 29 de Março e 6 de Abril de 1893)

Senhores :

De todos os seres criados, de todas essas maravilhas do universo, que patenteiam a onipotência, a grandeza, a sabedoria do Criador, há um ente versátil no seu sentir, inconstante no seu proceder, mas sempre poderoso na influência que exerce sobre os destinos da humanidade — é a mulher. Sim! A mulher ora é a santa companheira, que vem como epílogo desta criação grandiosa, dar mais realce às belezas do Eden; ora é a escrava da tentadora serpe, que leva num pomo o veneno da desobediência e com ele as misérias da humanidade inteira; umas vezes é a Eva radiante de graça e santidade; outras é a pecadora abatida e miserável; a história nos diz, apontando nomes, que ela tem descido até às últimas baixezas, ora no-la aponta grandiosa e bela, quer em heroísmo, como Judite, Joana d'Arc e Carlota Cordaj, quer no martírio, como Felicidade e Perpétua e todas as santas mártires, quer na pureza, como Rosa de Viterbo e Teresa de Jesus e todas as santas Virgens, quer na penitência de Maria Madalena e Margarida de Cortona, quer no fervor de Rita de Cassia, quer na caridade de Isabel de Portugal. A mulher ora é o anjo que com os olhos fixos no Céu passa pela terra fazendo bem, ora é o demónio que semeia o mal neste desterro da vida. Assim no-lo diz a história. E qual será a causa desta versatilidade, destas diversas inclinações, deste caminhar tão contrário?

Senhores: Há duas escolas estabelecidas. Uma em jardim venturoso, matizado de mil flores, onde se sente o frescor de deliciosa brisa e a harmonia do murmúrio do Eufrates; e outra numa montanha de

aspecto triste, onde não há flores, mas só espinhos, onde não há os ósculos do zéfiro, mas as lufadas do setentrião, onde não há o doce murmúrio de límpidas correntes, mas só o piar lúgubre de alados noctívagos. Uma é no Eden, a outra no Gólgota; acolá vemos uma árvore copada e florida — é a árvore da ciência do bem e do mal, aqui uma outra árvore sem ramos e sem flores se eleva, na cumiada do monte — é a Cruz. As flores do Eden estão orvalhadas com as lágrimas da culpa e da ventura perdida; os espinhos do Gólgota são regados com o pranto do amor mais inteiro e do sofrimento maior! Transpõe os umbrais do Paraíso e segue a estrada do exílio a mestra da primeira escola — Eva. Sob as escabrosidades do Calvário e segue o caminho da glória a mestra da segunda escola — Maria. Em todos os séculos ambas têm tido adeptos.

A mulher, porém, que se tem sentado sob a árvore do Eden, colhendo os frutos das venturas terrenas, sente uma doçura passageira e um travor eterno; ao passo que a mulher que ajoelha ao pé da Cruz sente a dor transitória dos espinhos da vida para depois gosar os prazeres duma glória infinda. Deixemos a primeira escola com os seus tristes resultados, e vejamos Maria nos seus ensinamentos, tão úteis para o bem estar social e necessários para a vida eterna.

Senhores: Nós somos levados por uma força misteriosa a imitar aqueles que nos deram o ser e a seguir os modelos que nos são apresentados desde a infância. Felizes aqueles que encontram nos exemplos domésticos uma regra viva dos seus deveres e se habituam a segui-la! Esta vantagem inestimável dá-lhes, para perseverar no bem, maior facilidade e impõe-lhes uma obrigação mais estreita.

É honra, é brio nosso não desmentir os princípios de educação que recebemos quando crianças, nem de-

generar das virtudes dos nossos maiores. Donzelas, eu posso aplicar aqui, o que S. Leão dizia aos Cristãos: Reconhecei a dignidade da vossa condição e a grandeza do vosso destino: *Agnosce dignitatem tuam.*

Filhas das mais santas de todas as mães, membros da sua augusta família, pelo Testamento de Jesus Cristo, donzelas, cultivai sentimentos dignos d'Ela e dignos de vós, aprendei a seguir o vosso modelo: *Agnosce dignitatem tuam.* Entre todas as virtudes de que Maria foi um exemplo vivo, há duas que jamais deveis esquecer: a sua profunda humildade e a sua pureza inviolável. Uma e outra são o mais belo ornamento da donzela cristã, o fundamento da perfeição, o único merecimento capaz de a tornar agradável aos olhos de Deus e estimável perante a sociedade. A humildade da formosa Virgem de Nazaré foi a base sobre que assentou o magestoso edificio das suas grandezas, foi o princípio de seus dulcíssimos prazeres.

Esta rara virtude fez incidir sobre Maria as vistas do Omnipotente e tornou-a merecedora de ser elevada à altíssima dignidade de Mãe de Deus. Maria reconheceu isto mesmo no cântico sublime em que celebra as misericórdias do Altíssimo e os adoráveis designios da sua sabedoria infinita. O Senhor, diz Ela, lançou os seus olhos sobre a baixeza da sua serva e tornou-me objecto de espanto e admiração para todos os séculos; todas as gerações me dirão bem-aventurada: *Respexit humilitatem ancillae suae: ecce hoc beatam me dicent omnes generationes.* Não se pode melhor, nem com mais autoridade exprimir o preço e o merecimento desta virtude sublime.

Que importa possuir as mais belas qualidades do espírito e do coração? Que importa reunir todas as belezas naturais e uma educação esmerada? O orgulho desfigura os mais belos caracteres, empana todos

os dons e torna odiosos todos os talentos. Sem humildade jamais houve um mérito perfeito: A humildade é o único principio de todas as virtudes, o preservativo de todos os males. Dela nasce a docilidade. A primeira disposição para se receber as mais úteis lições é sentir a necessidade delas.

A presunção que crê saber tudo, a ciência enfiada que de tudo é capaz e nada sabe, é, pela falta de temor e previsão, o caminho ordinário das quedas e desgraças da juventude. Maria cheia de luzes do Céu, julgando-se a última das criaturas, não esqueceu nenhuma das instruções de seu Filho, nem deixou de esquecer nenhuma das suas palavras: *Maria conservabat omnia verba haec.*

A humildade é o principio da obediência. Jesus Cristo, o Filho Unigénito de Deus, foi obediente até à morte; Maria, a criatura mais favorecida do Céu, recebeu as mais duras provações, com a submissão mais admirável. A obediência é para a donzela cristã a escola da sabedoria, pois quem não sabe obedecer com submissão, não saberá mandar com prudência.

Humildes no templo de Deus, vós, donzelas, dareis um exemplo de piedade aos que vos rodeiam, sereis formosas e belas, como bela e formosa era a Rainha do Céu, quando se confundia com o povo no templo de Jerusalem, a elevar os puros affectos da sua alma purissima até ao trono d'Aquele que a predestinara para ser a bendita entre todas as mulheres. Dotadas da virtude altissima da humildade, vós tereis a tranquillidade do espirito, a paz da consciência, a felicidade, os prazeres possiveis na terra. É indefectível a palavra divina de Jesus, e Ele disse: *Discite a me quia mitis sum et humilis corde, et invenietis requiem inanimabus vestris.* Aprendei de mim que sou doce e humilde do coração, e encontrareis paz em vossas almas.

É eloquentíssimo o exemplo de Maria, e Ela, não obstante o seu sofrer inaudito, a sua dor tão intensa, sentiu na vida consolações íntimas, tem no Céu a glória, e na terra a apoteose dos seus prazeres de Filha, Esposa e Mãe. É que Ela, a formosa Virgem de Nazaré, recebeu a sua cruz com a humildade de santa e com a resignação de mártir.

Imitai-a, pois, donzelas cristãs, sêde como ela humildes que como ela sereis puras. Contemplai a Rainha das Virgens e vêde que acima das honras, da riqueza, da formosura, de todos os bens, está essa flor mimosa, que a colocou a Ela num trono de glória e vos dá a vós o direito às complacências divinas e jus ao respeito de todos. Humildes e puras, vós tereis a circundar-vos a fronte o diadema mais brilhante, o mais belo ornamento da vossa formosura, da vossa juventude.

Maria Santíssima porém, não era só a donzela, que desprendida de cuidados da vida, entrava no Templo e passava a existência entregue só à oração e à cultura das mais belas virtudes juvenis. Não! A Virgem, destinada por Deus para ser Mãe de Seu Filho Unigénito, foi Esposa e de tal forma, que veio estabelecer e firmar bem os direitos e deveres da mulher que liga a outro o seu destino.

Senhores: Não ignorais que na remota civilização do antigo Oriente, a mulher oferecia os caracteres da mais humilhante dependência; a poligamia dominava em toda a parte. Desde a maldição do Eden até às depravações de Roma, a mulher desceu até ao último grau no termómetro da personalidade. Desce, porém, à terra o Verbo Incarnado, Jesus apresenta uma doutrina nova, divina, e devolve à mulher os seus direitos; faz da escrava, companheira; sanciona a união com o homem por modo solene, e põe o cimento à nova

sociedade, que se levanta robusta sobre as ruínas da sociedade antiga. Não quer que o tipo da esposa leal e virtuosa, cheia de amor e sacrificio, toda abnegação e doçura, seja procurada nas legendas da Grécia ou de Roma. Não! Manda buscá-lo e adorá-lo em Maria, Mãe dos affectos puros e dos amores castos.

Oh! Felizes as que seguem seus ensinamentos, ditosas as que, como Ela, conservam a reciprocidade de amor e sacrificio, jurada em nome de Deus — a sua vida será um sorriso venturoso, o seu lar um jardim de delicias, a sua morte um passo suave para uma eternidade feliz.

Mas a Virgem foi também Mãe! Mãe! Eis o nome mais doce, mais terno que o homem pronuncia! Ele recorda-nos aquelas horas tranquilas, em que livre a alma de pezares e o coração de inquietações, deixavamos repousar a cabeça no regaço duma mulher! Ele representa-nos aquele ser querido, em cujo seio bebemos o nectar da vida, aquela mulher que imprimia seus lábios em nossa fronte infantil, que apertava entre as suas as nossas mãos pequeninas; que sorria, quando sorriamos; que chorava, quando choravamos; que nos embalava, enfim, entre seus braços ao ecoando duma balada de amor!

Mãe!... Felizes, oh! mil vezes felizes os que podemos contemplá-la com os olhos da realidade! Vós, os que a perdestes, podeis chorar amargo pranto porque com ela desapareceu o amor mais puro que tinheis na terra! Quantas vezes a vossa fantasia, voando em sonhos dourados de felicidade, não julga vê-la, sorrindo para vós, ora no astro da noite que envia sobre a terra seu pálido esplendor; ora na nuvensita branca que flutua na orla do horizonte?

Quantas vezes não julgais ouvir, ao abrir duma tarde melancólica, num eco vago que se perde ao

longe e que não é nem o canto das aves, nem o murmúrio da fonte, a oração que por vós eleva vossa Mãe? Quantas vezes em noites de estio não julgais que uma brisa consoladora, que vos acaricia, que nem é a brisa dos campos, nem o hálito embalsamado das flores, é um beijo puro e terno que vossa mãe vos envia do Céu? Tudo isso é filho da imaginação, mas bem mostra quão grande é a saudade por esse ser que tanto amastes! É que vossa mãe era mãe cristã e portanto a síntese de todos os amores castos e puros. É que ela foi dotada dum coração que aprendeu a amar na pobreza do presépio e no sofrimento da Cruz; é que teve por mestra Maria, a mais terna e carinhosa das mães. Não precisais, porém, de recorrer à fantasia para sentirdes a consolação do amor materno. Jesus, o amantíssimo Jesus, que veio ao mundo para promover a felicidade de todos, não quis que houvesse mais órfãos de mãe. Jesus sabia a necessidade que o homem tem, de ser amparado nos seus desconfortos, de ter um bálsamo para as suas dores e uma advogada para as suas culpas; Jesus sabia que a mãe é o dom de maior valia que o Céu nos pode outorgar; por isso deixou-nos sua Mãe, que nunca morre. Sim! Do alto da Cruz, quando ia a soltar o último suspiro por amor da humanidade, o Divino Mártir do Calvário faz o seu Testamento e lega aos homens o seu mais precioso tesouro, o ser que mais amou na terra: *Mulier, ecce filius tuus* — Mulher, sê Mãe dos homens; sê o seu refúgio, sê o seu amparo. E a Virgem Mãe, estendendo ao longe e ao largo os seus olhos de misericórdia, recebe a humanidade inteira sob o seu manto de amor. E a Virgem Mãe, que tem o coração dilacerado pela morte do Filho, que o Espírito Santo lhe dera, sente o prazer dulcíssimo da sua nova missão que Jesus lhe deu, junto à pobre humanidade. Ficou ali, junto à Cruz, a

dizer a todas as mães: sofri, se quereis ser felizes; voou ao Céu e de lá diz aos seus filhos da terra: Coragem, alento, eu estou aqui.

Oh! Como não te partes, coração, de amor por Maria?! Como não vos descerrais, lábios meus, para a saudar com delírio?! Como não vindes todos rojar-vos aos pés da mais formosa das Virgens, da mais carinhosa das esposas, da mais terna e admirável das mães?! E que vejo eu? Dum lado o psalmejar terno das suas filhas dilectas, dali os affectos puros de almas angélicas, do outro a oração fervorosa, o amor santo das filhas desta terra que se estende a teus pés, como formando um trono de glória! Dum lado a penitência, a clausura, o sacrificio a elevar até Vós o incenso do seu amor, o perfume das suas virtudes; do outro a juventude que vive no meio da liberdade, o povo e a nobreza de mãos dadas num fraternal amplexo de cristãos, a agasalharem-se sob o manto das Vossas misericórdias, para que as ampareis virtuosas e puras no meio das lutas da vida. E que vejo eu nessas flores, e que vejo eu nestes perfumes, e que vejo eu nestas galas, e que vejo eu nestes hinos, e que vejo eu nestes sorrisos santos, nestas alegrias puras? O amor a Vós, ó Virgem, o amor a Vós, ó Mãe.

Nunca é malvado quem sua mãe adora, diz um poeta moderno. Benditos, pois, vós, que piedosos e crentes, não cessais se dizer com um entusiasmo santo e com o amor de filhos: Salvè, ó Virgem formosa, salvè, ó Mãe, meu amor.

Finis Laus Deo.

Alguns trechos de Sermões

S. Brás

S. Brás, bispo de Sebasto é natural da mesma cidade da Arménia.

Foi notável pelo dom dos milagres. A pureza dos seus costumes, a doçura do seu natural, a modéstia, a prudência, a santidade, enfim, que nele brilhava, gran-gearam-lhe estimação de todos os bons. Empregou no estudo da filosofia os primeiros anos da sua vida e em pouco fez grandes progressos. Os belos conhecimentos que adquiriu nos estudos da natureza, excitaram-lhe o gosto da medicina, a que se applicou até chegar a ser abalisado nesta ciência. Uma tal profissão deu-lhe ensejo para conhecer mais de perto as enfermidades e misérias desta vida, oferecendo-lhe margem a reflexio-nar mais sèriamente sobre a caducidade desta peregrina-ção terrena, como também sobre os méritos e solidez dos bens eternos.

Compenetrado destes sentimentos, resolveu pre-venir os remorsos que se experimentam à hora da morte, evitando-os com a santidade duma vida verda-deiramente cristã. Pensava em retirar-se para o de-serto, quando, tendo falecido o bispo de Sebasto, foi eleito para lhe suceder, com aplauso geral de toda a cidade. Este cargo deu novo lustre à sua grande virtude, obrigando-o a encetar uma vida mais santa ainda. Quanto mais se desvelava no cuidado da sal-vação das suas ovelhas, mais crescia o que ele tinha da própria. Applicou-se a instruir o povo conjuntamente com os exemplos e as palavras; a sua vida imprimia uma força maravilhosa no ardor do seu zêlo. Todos viam no grande Prelado um pai, um modelo e um guia seguro. Era tão grande a sua inclinação para o retiro, tão veemente o desejo de se aperfeiçoar, que foi es-

conder-se numa gruta que encontrou numa montanha denominada — Argeu — vizinha da cidade. Poucos dias depois de se ter sepultado o mesmo Santo naquele retiro, manifestou Deus o mérito extraordinário e a culminante santidade do seu fiel servo, com toda a sorte de milagres. Não só concorriam ali de toda a parte os homens para que ele os curasse das enfermidades da alma e do corpo, mas até as próprias feras saíam das suas cavernas e vinham em bandos para receberem a bênção do santo Bispo e o alívio dos seus males. Se acontecia encontrarem-o em oração quando chegavam, demoravam-se à porta da gruta mansamente sem o interromper; mas não se retiravam sem que o Santo as abençoasse.

Pelo ano de 315, veio a Sebasto, Agrícola, governador de Capadócia e da Arménia Menor, por mandado do Imperador Lucínio, com ordem de exterminar todos os cristãos. Começou o desempenho desta missão, mandando, logo que entrou na cidade, que todos os fieis reclusos nas prisões fossem expostos às feras. Para se executar esta ordem, foi preciso saírem pelos bosques vizinhos, à caça de leões e tigres. Entraram pelo monte Argeu os ministros do governador e dando com a cova onde S. Brás estava retirado, encontraram à porta uma multidão de feras e viram com assombro que o Santo estava fazendo oração no meio delas com a maior tranquilidade! Admirados, foram dizer ao governador. Este, assombrado, deu ordem aos soldados que lhe levassem o Santo. Este, cheio de alegria, disse: *Vamos, meus filhos, vamos derramar o nosso sangue pelo meu Senhor Jesus Cristo; muito há que suspiro pelo martírio, e esta noite o Senhor deu-me a entender que aceitava o meu sacrificio.* Sabendo-se que o nosso Santo era conduzido para a cidade, veio muito povo, cristãos e até gentios, que

vinham pedir-lhe a sua bênção. Uma mulher pediu-lhe que desse saúde a um seu filho, a quem se tinha atravessado uma espinha na garganta. S. Brás sarou-a, pedindo a Deus que todos os que se lhe dirigissem em moléstias de garganta fossem atendidos por Aquele Senhor que tudo pode.

Chegado à cidade o governador mandou-o que sacrificasse aos deuses.

— «Oh! Deus (exclamou o Santo) para que dais esse nome aos demónios que só têm poder para nos fazerem mal. Não há mais que um só Deus imortal, onnipotente e eterno, e esse é o Deus que eu adoro.»

Irritado o governador com esta resposta mandou logo o açoitassem, ordens que os verdugos executaram com tanta crueldade e por tanto tempo, que se julgou que o nosso herói não poderia sobreviver a este suplício. Bem depressa, porém, se veio a conhecer, pela extraordinária alegria espalhada em seu semblante, que alguma força superior e sobrenatural o sustentava. Conduziram-o depois para uma enxovia e tantos foram os milagres operados ali pelo nosso Santo, que o governador, entrado de fúria e desespero, ordenou que lhe despedaçassem as carnes com unhas aceradas, abrindo chagas sobre chagas. Verteu muito sangue, que mulheres piedosas procuravam recolher. Estas tiveram logo prémio. Conduzidas ao imperador foram obrigadas a sacrificar aos deuses. Elas pediram os ídolos e deitaram-os a um lago. Sofreram o martírio, sendo decapitadas. Não tardara que S. Brás as seguisse.

Agrícola, colérico, mandou afogar o nosso Santo no lago onde deitaram os ídolos. S. Brás fez o *Sinal da Cruz* e começou a caminhar sobre as águas sem se afundar. Chegou ao meio do lago e sentou-se, convidando os infieis a que fizessem outrotanto, se acreditavam no poder dos seus deuses. Houve alguns que

foram para o fundo do mar. Ao mesmo tempo ouviu S. Brás uma voz que o convidava a sair do lago para receber a palma do martirio. Saltando em terra foi logo degolado. Foi em 316.

O Céu tem concedido muitas graças por intercessão de S. Brás.

Em muitas terras é festa de preceito. Em todas as freguesias há igrejas ou altares.

Aétrio, antigo médico da Grécia, entre os remédios que indica para as doenças da garganta, recomenda especialmente a devoção com S. Brás. O que mostra que há muitos séculos se recorre à protecção deste grande Santo.

Santo António

(1897)

Magnus coram Domino.

Foi grande na presença do Senhor.

(S. Lucas, cap. I, vers. 15.)

1

Meus Senhores :

É hoje um dos dias mais solenes da Igreja Católica. Lembra-se o nascimento de João Baptista, destinado por Deus para preparar os caminhos do Senhor. Ele, o filho de Isabel, santificado por Jesus Cristo antes que o mundo o conhecesse, ele, o maior entre os nascidos, ele, que seria a alegria de muitos — *in nativita ejus multi gaudebunt* — ele, que seria a admiração de todos — *mirati sunt universi* —, foi grande na presença de Deus — *magnus coram Domino*. É que o Precursor de Jesus Cristo, procurou para alicerce, onde devia assentar o edificio da sua grandeza — a humildade — pedra basilar de todas as virtudes.

Semelhante ao heroi que a Santa Igreja honra hoje, foi o Santo que a nossa devoção aplaude. Sim, reconhecendo o nada das coisas da terra, sabendo que o oiro é pó que se perde, e as dignidades, fumo que se dissipa, António busca a grandeza do Céu, que é duradoira, eterna, despreza as grandezas da terra, efémeras e illusórias, e assim consegue a admiração de todos os povos — *mirati sunt universi* — e ser grande na presença de Deus — *magnus coram Domino*.

É a ele, meus senhores, que se dirigem hoje estas homenagens, que representam a consagração de puros affectos ao filho illustre de Portugal e a expressão dum profundo reconhecimento ao glorioso heroi do Cristianismo. Invocá-lo é muito, imitá-lo é tudo. No

meio das agruras da vida, perante as misérias da existência humana, ele é a estrela da esperança que a todos sorri, conseguindo os benefícios do Céu. Para o descrente, ele, um lampejo de Fé, para o desalentado um arrimo seguro e para o tíbio um fogo que aquece. Para todos os que têm a nobre aspiração das grandezas do Céu, António é exemplo, é fôrça, é auxilio; para todos os que precisam de alívio aos sofrimentos da terra, António é bálsamo, lenitivo, consolação. *Magnus coram Domino*: é grande na presença de Deus — e por isso a Igreja lhe deu as honras do altar e os homens lhe tributam estas homenagens brilhantes.

Vamos ver, meus Senhores, como António pôde ascender a essa grandeza que o levou à eterna glória do Céu e lhe deu um nome imorredouro na história da humanidade. Será este o assunto do meu discurso.

Meu Deus e Senhor Sacramentado; Vós que destes ao glorioso filho do Patriarca de Assis aquele zelo ardente, aquela ciência profunda para converter ao vosso amor as ovelhas trasalhadas do caminho do Céu, fazei que a minha palavra pobre e mesquinha possa despertar em cada um destes corações o desejo de seguir as pisadas do glorioso apóstolo da verdade e do amor.

Principio.

Meus Senhores :

Na História do Cristianismo, há factos assombrosos e homens como ainda não pôde produzir nenhuma dessas religiões que se acham espalhadas pelo orbe.

Ao contemplar esses factos, nós reconhecemos a origem divina desta Religião santa; ao admirar esses homens, nós confessamos a existência duma luz superior, que os guia, duma fôrça do Céu, que os sustenta,

dum fim sobrenatural, que os impele ou a derramar o seu sangue, tornando-se mártires, ou a empregar seus esforços, tornando-se apóstolos. E assim é que a História do Cristianismo nos assombra em todos os factos da sua já longa existência, desde a sua propagação rápida através de todos os prejuizos do paganismo, até ao seu predomínio incontestável sobre a sociedade actual, a despeito das guerras que lhe movem os inimigos da Cruz. Assim é que nas páginas gloriosas da sua história há nomes que representam heróis incomparáveis, formando essa cadeia brilhante, que vem desde os Apóstolos de Jesus Cristo até ao sapientíssimo Leão XIII, desde os mártires, vítimas dos ódios dos Césares, até aos mártires do século actual, vítimas da ignorância e superstição dos selvagens; desde os confessores que permaneciam firmes e nabaláveis na sua fé, até aos que no meio dos desvairamentos da sociedade moderna se conservam fieis a Jesus Cristo. Sim, nomes gloriosos se apresentam à contemplação da humanidade, que ora se curva implorando o seu patrocínio, ora os fita, seguindo o seu exemplo.

Nessa longa cadeia brilha um elo de finissimo ouro, com incrustações de sublimes virtudes e lampejos duma ciência profunda. É António, o glorioso Taumaturgo Português, é António, o apóstolo que ao lado de Francisco de Assis foi edificando sobre as ruínas que a heresia e a corrupção produziram na velha Europa, o edificio das verdades divinas e da moral cristã.

Ah! meus Senhores, como a linguagem humana se sente impotente ao pretender fazer o elogio dum homem da grandeza descomunal do filho de Martim de Bulhões. Ah! como os nossos corações cristãos e portugueses se sentem pequeninos para serem os cofres onde se deposite o amor que devemos ao herói

do Cristianismo, que foi Martelo da Heresia e Arca do Testamento, ao filho ilustre da Pátria lusitana que veio juntar seus feitos de conquistador da fé, às façanhas das conquistas de Afonso Henriques. Ah! como ficam bem os hinos, as galas, todo este esplendor, neste magestoso templo consagrado a Deus pelos filhos beneméritos do Patriarca de Assis, àquele que é uma das mais belas flores que adornaram o formoso jardim da Ordem Seráfica! Pena é que neste quadro tão belo seja eu a sombra que lhe empane o brilho. Mas, meus Senhores, assim como o raio atravessa as nuvens, inundando tudo de formosa luz, assim a exposição singela da vida santa do nosso herói, suprirá os defeitos da minha incompetência e os desprimores da minha linguagem. Ouvi, pois, a biografia daquele que, nascendo há sete séculos, ainda hoje vive na memória de todo o povo cristão.

Senhores: O século XII foi um dos que mais afligiram a Igreja pelas continuas lutas que teve de sustentar com a heresia e corrupção dos costumes. Foi nesse século que os Novos Maniqueus, os Valdenses e os Albigenses principiaram essas lutas famosas, que promoveram essa santa reacção, de que foi teatro o ocidente da Europa durante o século XIII. A Providência velava pela sua Igreja. Quando os Heresiarcas julgavam avassalar o mundo, destruindo pela base o edificio brilhante e imortal da Religião Cristã, nasciam os futuros patriarcas das ordens religiosas: Domingos de Gusmão, o apóstolo do rosário e o flagelo dos Albigenses, e Francisco de Assis, o apóstolo da humildade e o destruidor da corrupção e do vício. Por essa época, quando faltava apenas um lustro para passar aos domínios da história o século XII, nasce em Lisboa uma criança, filha de pais nobres, a qual recebe o nome de Fernando. Fernando principia desde os mais tenros

anos a receber uma educação em tudo religiosa e cristã. Os pais deste novo Samuel, querendo que a sua casa pareça casa própria de Deus, applicam-o desde o seu nascimento, isto é, ainda antes do uso da razão, aos exercicios de piedade. Foi crescendo neste santo ambiente, onde brilhava a luz da fé, acalentado pelo fogo do amor divino e arroubado pelas harmonias suavissimas do nome de Jesus. Fernando era para seus pais o objecto das suas esperanças, o alvo dos seus affectos, as delicias do seu coração.

Chegara, porém, à idade em que o contágio do século podia ofuscar de algum modo a candura da sua inocência, e por isso privam-se voluntariamente de ver a todos os instantes o filho, que tanto amavam, e mandam-o aprender a prática dos bons costumes entre santos, devotos e humildes sacerdotes na antiga Catedral de Lisboa. Dócil, cuidadoso e atento, ele é um modelo para os seus condiscipulos e a honra de seus professores. Pulindo o seu espirito, ele procura especialmente purificar o seu coração, vivendo entre os modelos da ciência do Céu, que consiste na mansidão e na humildade. Chegando à idade dos 15 anos, a essa quadra da vida, em que parece termos diante de nós um vasto horizonte cheio de esperanças ridentes, Fernando, que pelo seu nascimento e pelos seus bens de fortuna podia aspirar a subir alguns degraus no falso pedestal das grandezas do mundo, resolve deixar tudo, fugir do século como dum monstro fatal à santidade e sepulta-se vivo nos claustros do Mosteiro de S. Vicente de Fora. Ai respira seu coração outro ar mais puro e a sua alma já muito menos assustada volta-se para Deus mais livremente.

A oração e o estudo, a mortificação e a penitência, constituem o supremo gozo da alma juvenil de Fernando. Mas ali, em S. Vicente de Fora, ele ainda ouviu

o brando murmúrio do Tejo, o mundo ainda procura inquietá-lo com as visitas dos que o buscam, e ele que quer consagrar-se completamente a Deus, cortando todos os laços que possam prendê-lo à terra, lá vai viver para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde faz admiráveis progressos nas letras e nas virtudes. A sua humildade, considerando-se o último de seus irmãos na Religião, a sua aplicação ao estudo, procurando instruir-se na ciência sagrada, a sua obediência, cumprindo em tudo a regra augustiniana, o seu amor, carinho e paciência, servindo os enfermos, como se servira anjos, eram os exercícios a que se entregava Fernando, quando em 1210 o Patriarca dos pobres, o glorioso Francisco de Assis, funda a sua Ordem que bem depressa daria copiosos frutos de santidade ainda ao longe do país da sua fundação.

Fernando vê na regra do Seráfico Patriarca o objectivo da sua vocação. À vista das venerandas relíquias dos filhos da Ordem nascente, que haviam dado em Marrocos a sua vida pela causa de Jesus Cristo, sente-se inflamado dum ardente zelo pela propagação do Evangelho, sente um ardentíssimo desejo de dar o seu nome ao martirologio cristão, pede humildemente licença para passar para a Ordem do Pobrezinho de Assis e despe a nobre Murça de Agostinho para vestir o humilde saial Franciscano.

Vai deixar a Pátria, a família, os seus companheiros do claustro, tudo o que lhe é caro na terra, quer ser o homem da abnegação e do sacrificio, entra para a Ordem Seráfica, que por sua pobreza e humildade, fez o horror da própria Roma quando ouviu dizer que o seu Fundador estabelecia sobre o *nada* o património de seus filhos, quer que o mundo o desconheça e por isso renuncia a tudo — aos bens e às comodidades da vida contemplativa, renuncia até o nome que recebeu

no Baptismo, toma o nome de António, e lá vai o filho querido desta nação, jovem ainda, que recebeu em Ourique uma missão divina, desejoso de ser um apóstolo de Cristo nas paragens inóspitas da África. Essa luz, porém, não tinha de espalhar seus raios no país sectário do infame Alcorão. O Céu destina a António outro terreno para teatro do seu apostolado. Não foge de ir a Marrocos, mas a falta de saúde fá-lo retroceder e, quando espera saltar em terras de Espanha, a força dos ventos leva-o arribado às praias da Sicília. António submete-se aos desígnios de Deus e se não pode derramar o seu sangue implantando a Cruz de Jesus Cristo, ele espera que o Senhor receba seus desejos, como dum mártir afectivo.

Doente, alquebrado pela fadiga, António vai como o permitem as suas poucas forças, da Sicília a Assis, assistir ao famoso capítulo geral da Ordem, onde se juntam para cima de 5.000 religiosos. Ai o pobre e humilde frade português aparece como um homem desconhecido, sem carácter, sem voz, sem sinal algum que o distinga do religioso mais insignificante da Ordem.

Sobe ao Monte Paulo e aí vive afastado do mundo, consagrando as preciosidades do seu espirito, os sentimentos da sua alma e os affectos puros de seu coração ao Deus, cuja posse era o seu ideal. Não podia, porém, aquela luz ficar circunscrita no ermitério do Monte Paulo. António foi enviado a Forli para receber ordens. Por obediência, ele teve de subir à cadeira da verdade e dirigir a seus irmãos na Religião a palavra de Deus. Foi tal o talento que patenteou, a eloquência arrebatadora do seu verbo inspirado, que por ordem do Serafim de Assis, ele foi escolhido primeiramente para professor de Teologia em Bolonha, Montpellier, Tolosa e Pádua, e depois para missionário, apóstolo, prègador das verdades eternas.

António arrebatava com a sua eloquência as multidões que de toda a parte corriam a ouvi-lo. Eram aos milhares as conversões promovidas pelo glorioso apóstolo português. Provença e Languedoc, Limousin, e Velay, Berry e Sicília, Roma e Pádua, foram regadas por muitas lágrimas que os míseros pecadores vertiam ao ouvir a palavra inspirada de António de Lisboa. O seu conhecimento das sagradas letras era tal, que Gregório IX não duvidou chamar-lhe a «*Arca do Testamento*»; o seu zelo era tão ardente e a sua prègação tão eficaz, que mereceu o epíteto de «*Martelo da Heresia*». E quando os homens recusavam ouvir a sua palavra, ou acreditar na sua doutrina, permitia Deus que o humilde franciscano os confundisse fazendo-se obedecer dos próprios irracionais, ou operando milagres assombrosos, que a história relata.

A doença, o erro, o ódio, a tirania, tudo obedece por determinação da Omnipotência, à palavra do assombroso apóstolo do século XIII.

Havia cumprido a sua missão, tinha combatido o bom combate. Os homens amaram-o pelo seu zelo, Deus distinguiu-o com os obséquios dos colóquios íntimos com Jesus Menino, pela pureza da sua alma e candura de seu coração. Queria continuar ainda no seu apostolado tão brilhante e tão benemérito; faltaram-lhe porém as fôrças. Com 36 anos de idade apenas, ele estava alquebrado pelas fadigas da sua vida, tão laboriosa como frutífera. Retira-se António no ermitério de Campietre, para se ocupar exclusivamente de Deus; mas vendo aproximar-se o último momento da sua vida, ele pede para voltar para o convento, em Pádua. O povo vai esperá-lo como que para o receber em triunfo. António recebe os Sacramentos da Igreja, edifica a todos pela paciência com

que sofre, tem nos olhos a alegria dos Santos e nos lábios o sorriso dos Justos.

No dia 13 de Junho do ano 1231, recitando o hino da Virgem «*O Gloriosa Domina*» passou a repousar no seio do Eterno. Ao saber-se a notícia da sua morte, Pádua cobre-se de luto, as crianças vão pelas ruas gritando: «Morreu o Santo, morreu o Santo», ao mesmo tempo que os anjos do Céu diziam: Nasceu mais um bem-aventurado para a eterna glória. As exéquias fúnebres que lhe fizeram em Pádua transformaram-se numa apoteose, num triunfo. O primeiro aniversário da sua morte foi a primeira solenidade que lhe fez a Igreja, tal foi a rapidez do processo da canonização, mandado instaurar por Gregório IX.

Eis, meus senhores, em rápidos traços o que foi o Santo, diante de cuja imagem nos curvamos hoje reverentes. António de Lisboa é uma das maiores glórias do Cristianismo e um dos nomes mais ilustres da nação Portuguesa. A eloquência de S. João Crisóstomo, a beleza de pensamentos de S. Agostinho, a doçura da voz de S. Bernado, o ardor de Domingos de Gusmão, a humildade de Francisco de Assis, a pureza de Luís Gonzaga, tudo isso se juntou para fazer de António um dos Santos mais admiráveis da Religião de Jesus. E é por isso que Pádua edificou em sua honra uma das mais admiráveis Basílicas do universo; o mundo cristão, especialmente a França, a Itália e a Espanha lhe consagram um culto affectuoso, que ora se manifesta em pomposas solenidades, ora se revela na compaixão para com os infelizes, dando-lhes o pão dos pobres de Santo António.

É por isso que o primeiro monarca da Europa, apesar de separado do Grémio da Igreja Católica não se dedigna de ostentar em seu peito uma medalha com a efigie do glorioso Taumaturgo Português.

E se Pádua, que recebeu o último sopro da vida de António, conserva intacta a sua língua bendita, lhe tributa um acendrado affecto; se a França, a Itália e a Espanha foram o teatro do seu apostolado, lhe consagram um culto solene; se o orbe católico, que conhece a história de seus feitos, honra e bendiz a sua memória; e que deve fazer esta ditosa Pátria portuguesa, que se honra de o ter como filho e de receber as primícias de luz daquele astro brilhante, que iluminou o mundo com as fulgurâncias do seu talento e da sua sabedoria? O que deve fazer, meus senhores? O que tem feito até hoje. Colocar o seu nome na página de honra da sua História, tributar-lhe o amor que merece pela santidade da sua vida e implorar a sua protecção com a confiança que inspira o seu poder junto do Eterno. Sim, é isso o que se tem feito.

Que a humanidade recorre a ele nos seus transes mais difíceis, podemos asseverá-lo nós, que quotidianamente vemos as ofertas que são colocadas ali, sobre o seu altar, e estas solenidades, que se realizam em cumprimento de votos dirigidos a ele; que o povo português lhe tributa cordeais affectos, mostram-o evidentemente as invocações contínuas do seu patrocínio, e as adjectivações affectuosas do seu nome bendito; que Portugal colocou o seu nome na página de honra da sua História, provou-se há dois anos ainda, quando se fez a comemoração solene do 7.º centenário do seu nascimento.

E, meus Senhores, deve ser-nos grato recordar que nessa comemoração em honra do português illustre, que tanto glorificou a Pátria em nações estranhas, Guimarães, a nossa querida Guimarães, mostrou-se à altura da sua História e dos seus sentimentos católicos. Sim, todos os filhos desta boa terra cooperaram para o esplendor dessa solenidade, que sendo o preito de homenagem ao ínclito frade português, foi também a

afirmação duma ideia grande, generosa, sublime. Dentre os Vimaraneses, porém, um se distinguuiu. A ele se deveu principalmente, o esplendor dessa solenidade, com certeza uma das primeiras que se têm realizado aqui. Pois bem, meus Senhores, é esse o mesmo cavalheiro cristão e piedoso que hoje manda tributar estes cultos ao nosso glorioso Santo. Pergun-tai-lhe a ele, qual o motivo deste amor que se manifesta nestes hinos, nestas galas, nestes cultos, nestas homenagens em honra de Santo António, e ele, o industrial honrado, o artista laborioso, que tem os seus maiores títulos de nobreza na sua crença católica, no seu trabalho assíduo, nas suas generosas benemerências, responder-vos há que durante toda a sua vida tem recorrido à protecção valiosa de Santo António dos Milagres e que dele tem recebido os benefícios duma existência tranquila, cheia dos sorrisos que desperta a confiança no Céu.

Juntemos, pois, meus Senhores, as nossas homenagens às do piedoso devoto que hoje mandou engalanar o templo em honra do glorioso Taumaturgo Português. E diante daquela imagem, que representa uma das maiores glórias da Religião e da Pátria, admiraremos os encantos da virtude e invoquemos o patrocínio da santidade.

Ó Santo Apóstolo da verdade e do amor, nós sabemos que por tua intercessão a morte se retira, o erro se desvanece, os trabalhos cessam, o demónio foge e a lepra se dissipa. Tu és poderoso junto de Deus. Protege-nos, a nós que imploramos o teu patrocínio; faz que sobre a nossa Pátria, que foi também a tua Pátria, desçam as bênçãos do Céu, a fim de que, sendo fiel à sua missão, Portugal caminhe segundo as inspirações da sua História, que foi escrita pelo valor de seus filhos à luz brilhante da Fé.

S. Domingos

(1897)

Domingos de Gusmão nasceu em Cabruega, vila de Castela a Velha, no ano de 1170. Seus pais, D. Félix de Gusmão e D. Joana de Aza constituíam uma das mais ilustres famílias da Espanha, e eram, pela sua piedade, dignos das complacências e favores do Céu. Um desses favores, por ventura o maior, foi o desabrochar dessa flor, cujo nascimento havia sido precedido de misteriosas visões, que enlevavam o terno coração da piedosa esposa de D. Félix de Gusmão. Domingos ia crescendo num ambiente perfumado pelos aromas da virtude, onde brilhava a luz da fé, acalentando-o o fogo do amor divino e arroubando-o as harmonias suavíssimas do nome dulcíssimo de Jesus. Bom e dócil, terno e amoroso, humilde e simultaneamente forte, ele era a admiração de todos os que conheciam o jovem cristão, e para seus pais era o objecto das suas esperanças, o alvo dos seus affectos, as delícias do seu coração. Os seus primeiros estudos em Gusmel de Izen, o seu curso brilhante na Universidade de Palencia, patentearam Domingos de Gusmão um dos mais hábeis teólogos do seu tempo.

O seu verbo eloquente arrebatava por tal forma que não havia quem pudesse resistir ao Espírito Santo, que falava pela sua boca. No púlpito, quando annunciava as verdades eternas, na conversação familiar, dirigindo os fieis, não havia coração, por mais duro, que não se rendesse à luz clara de seus argumentos e ao calor benéfico das suas exortações. Novo, muito novo ainda, ele era consultado, como o director mais experimentado nos caminhos da salvação, e apesar

dos seus poucos anos, era tido como o oráculo da Universidade de Palencia e até de toda a Espanha.

Com a fama da sua sabedoria, corria também a fama das suas virtudes. Ele, o fidalgo que podia brilhar nos salões dos nobres da Espanha, passa no obscuro a vida, despreendendo o espírito da terra e fazendo-o elevar-se até ao Céu nas niveas asas da oração, e escravizando os sentidos, que submetia ao império irresistível da sua vontade. Ele, o rico herdeiro, que podia gosar todas as comodidades, deixando-se adormecer no seio da opulência, buscava os rigores do jejum e as macerações da penitência, a fim de permanecer fiel à Rainha das Virgens, a quem consagrara todos os seus affectos. A sua atenção só convergia para a terra quando se levantavam os clamores das misérias humanas. Quando a terra era um deserto de erros e de desconfortos, Domingos de Gusmão lançava sobre ela a chuva de oiro da sua eloquência, espalhando verdades e consolações a flux. Quando a Espanha era uma vasta necrópole onde se estendiam os cadáveres dos que morriam de fome, Domingos de Gusmão mostrou toda a grandeza da sua alma num rasgo brilhante de caridade, dispendendo com os pobres todo o dinheiro que possuía e vendendo todos os seus móveis, os próprios livros para socorrê-los; e um dia, não tendo mais que dar, quis dar-se a si próprio para resgatar do cativo o filho duma pobre mãe, que chorando, lhe pedia esmola. Eis o que foi a mocidade do grande patriarca: uma aurora inundada de formosa luz, uma nascente copiosa de abundantes bens. A fama do seu saber, a reputação das suas virtudes, moveram D. Diogo de Azevedo, Bispo de Osmar, e um dos mais illustres Prelados do seu tempo, a investi-lo na dignidade de Arcebispo da sua igreja, que acabava de converter em cabido de cônegos regulares.

Domingos foi a alma da nova instituição, cimentando-a maravilhosamente com a sua vida exemplar. Durante o curto espaço de tempo que permanecera na igreja de Osmar, Domingos de Gusmão ora se semelhava ao monge que passa a vida contemplando o Céu, ora se equiparava pelas contínuas vigílias e penitências rigorosas aos antigos padres do ermo. Não o destinara, porém, Deus para asceta, mas sim para apóstolo. A Espanha estava envolvida nas densas trevas do erro, que a heresia espalhava, a depravação dos costumes fazia que os povos se atolassem no lodaçal do crime, afastando-se do caminho do Céu. Domingos, ardendo em zêlo pela causa santa da regeneração social, lá vai profligando a heresia com a sua eloquência arrebatadora e reformando os costumes com o seu exemplo empolgante. A Espanha foi o primeiro campo de batalha, onde se realizaram os feitos do novo herói. Castela e Aragão ouviam atentos a palavra de Deus, que lhe anunciava o grande apóstolo. As suas palavras eram centelhas de divino fogo, que lhe abrasavam o coração; a arma mais poderosa de que se servia para a conversão dos pecadores e dos herejes era uma terna devoção e plena confiança na Santíssima Virgem. Domingos prégava... e os povos seguiam-no, presos do seu verbo inspirado. Domingos prégava... e os reis da terra curvavam-se reverentes ante o mensageiro do Rei do Céu. Domingos prégava... e as folhas do Alcorão que os sectários de Mahomet haviam imposto à Católica Espanha, caíram uma a uma para darem lugar às formosas páginas do Evangelho. O que fôra implantado pela cimitarra mourisca, era agora destruído pela Cruz de Jesus Cristo. Mas a Espanha era campo muito restrito para as façanhas do herói cristão. O Céu chamava-o a mais dilatadas conquistas. Na França é que devia realizar-se a obra verdadeiramente desco-

munal de Domingos de Gusmão. No Languedoc chorou sobre os progressos que fazia naquela provincia a heresia dos Albigenses. Nunca a Igreja da França se vira em mais lamentável estado. Um monstruoso conjunto de erros e abominações devastava cruelmente a vinha do Senhor, fazendo sanguinolenta guerra à sua Igreja. Os esforços desses encarniçados inimigos da Religião Santa de Jesus convergiam todos para estes fins sacrilegos: abolir os sacramentos, desterrar o culto da Virgem, destruir todo o exercício de devoção e aniquilar a hierarquia eclesiástica. Para o conseguir, levavam tudo a ferro e fogo. Os templos ruíam, cobrindo o sangue dos mártires que pretendiam embargar o passo aos ferozes Albigenses. O povo, em geral dissoluto e ignorante, contemplava indiferente essas ruínas sacrilegas. Por toda a parte se iam esquecendo os salutaes princípios do Cristianismo. A França de Clovis parecia querer fazer do montão de ruínas dos templos do Senhor um monstruoso altar, em cujo cimo se lesse em caracteres de sangue a consagração pagã: *Ignoto Deo*.

Oh! era preciso um novo Paulo, que com a sua palavra apagasse aquella legenda. Era preciso um apóstolo que chamasse de novo à fé aquele povo infeliz. Esse Paulo sapientíssimo, esse apóstolo fervoroso, appareceu: foi Domingos de Gusmão. O nobre filho da Espanha ao contemplar as ruínas operadas pela heresia, ao ver os tristes efeitos que no Languedoc produzira a passagem do erro, dobra os joelhos em terra, eleva o seu espirito ao Céu, e dirige à Santíssima Virgem esta oração que a Igreja tem adoptado até hoje: *Dignare me laudare te, Virgo Sacrata; da mihi virtutem contra hostes tuos*: Dignai-vos ó Virgem Santa, obter-me a graça de vos honrar dignamente; dai-me fôrça para vencer os vossos inimigos.

Depois desta oração, que constitue um poema de amor, de crença e de heroísmo, Domingos de Gusmão principia a guerra santa contra o erro e corrupção de costumes. Diante dele, do herói cristão, fugiam os herejes espavoridos. Henriquianos e Petrobusianos, Arnalditas e Cátaros, Tisseranos e Patarinos, Valdenses e Arianos, todos são confundidos pela prègação eloquente e pelo exemplo edificante de Domingos de Gusmão. Muitas ovelhas trasmalhadas do caminho do Céu voltam ao aprisco do Senhor. Os herejes, porém, mais enfurecidos ainda pelas conquistas do herói cristão, nem se deixavam convencer pelos seus argumentos irrespondíveis, nem seguiam aquela doutrina, cuja verdade era confirmada por estupendos prodígios, que Deus operava por intercessão do seu servo. A este apóstolo juntaram-se outros apóstolos. Sim! Os grandes sucessos do seu zêlo infatigável atraíram-lhe um bom número de companheiros, que se julgavam felizes por tomarem parte em seus trabalhos apostólicos. Albi e Pamiers, Narborna, Carcassone e Montplier, ouviram a prègação destes soldados de Cristo e assistiram estupefactos aos milagres com que Domingos de Gusmão confirmava a sua doutrina. A heresia, porém, continuava produzindo os seus desastrosos efeitos. Domingos de Gusmão, vendo que os seus trabalhos produziam pouco fruto quanto à conversão dos herejes Albigenses; reconhecendo que os esforços humanos eram impotentes para debelar esse cancro, que ia destruindo a fé cristã e dissolvendo a ordem social, recorre ao Céu, queixa-se à Santissima Virgem da improficuidade do seu apostolado, implora um auxilio, e Ela, a Mãe de Deus, dá-lhe uma arma, bem frágil na aparência, mas poderosissima para a destruição do mal e propagação do reinado social de Jesus Cristo.

Essa arma, meus Senhores, foi o Rosário. Foi com essa pequenina cadeia que o grande Patriarca prendeu a si, em pouco tempo, cem mil pecadores ou heréticos convertidos; era essa oração sublime o hino de vitória de Domingos de Gusmão, era essa grinalda incomparável, composta das palavras de Jesus, das saudações dos Anjos e das súplicas dos homens, o deadema que dava às virgens o império sôbre as paixões e a coroa brilhante que circundava a fronte do grande apóstolo do Cristianismo. Com essa arma que lhe dera a Virgem, com o branco hábito flutuando ao vento, com o seu verbo, que destruía o mal, Domingos semelhava uma visão paradisiaca — era o Anjo da Paz trazendo a bonança àqueles povos que haviam sido fustigados pelos tormentos do erro, da mentira e da corrupção. Grande, descomunal, incomparável a sua obra, meus Senhores. Domingos, porém, não queria que ela terminasse com a sua vida.

Sabendo que onde existissem homens, existiria o erro, funda um exército de combatentes, conhecido sob a denominação de Ordem dos Frades Prêgadores, cujo fim principal é defender a doutrina santa e verdadeira da Religião de Jesus. Sabendo que onde existem homens, existirá também a corrupção, ele funda em Proville, perto de Faujarex um mosteiro, que é a Matriz dos mosteiros das freiras da sua Ordem, instituição que bem depressa se espalhou por todo o orbe dando à Igreja almas puras e santas de muitas virgens que se consagraram ao Esposo Divino. Sabendo que onde existissem homens, existiria também a doença, a decrepitude, todas as misérias humanas, ele recomenda a caridade para com os doentes, os pobres e os inválidos, dando assim principio a instituições como a desta Venerável Ordem Terceira, que, se são outras tantas glórias do Cristianismo, não deixam tambem de

ser brações nobiliárquicos das terras que as possuem e do apóstolo benemérito que as inspirou. E depois de haver feito estender o benéfico influxo da sua obra ao norte e ao oriente, à Polónia e à França, à Itália e à Espanha, a todas as nações do orbe, depois de haver assombrado o mundo com os prodígios da sua eloquência, depois de o haver regenerado com a eloquência dos seus prodígios, depois de haver sido grande pela sua humildade, assombroso pela sua apostolização, benemérito da Igreja e da Sociedade pela sua obra de gigante, Domingos de Gusmão é avisado do dia em que terminaria a sua luta na terra, para ir colher todos os louros no Céu. Os últimos momentos da sua vida foram doirados, belos, como belos, doirados são os últimos raios do sol poente. Rodeavam-o os seus filhos em Jesus Cristo, que se edificavam com a sua paciência, enlevavam-se com a sua doçura, resignavam-se com o seu júbilo, encantavam-se com a sua devoção, expressa em hinos de celestial poesia.

Domingos de Gusmão, o filho de nobres da Espanha, que por seu nascimento podia habitar palácios, que por seu talento e virtudes podia cingir a mitra episcopal, que sempre recusou, quer que o seu leito mortuário seja formado de cinza.

Atenua as saudades de seus filhos com as consolações que lhes dá, exorta-os a serem rigorosos observantes da regra do seu instituto, dá-lhes com o adeus de amigo a bênção de pai amoroso. E tendo nos olhos a alegria dos justos e nos lábios o sorriso dos santos, adormece suavemente no dia 6 de Agosto de 1221. Os seus funerais converteram-se numa apoteose.

Catorze anos depois, Gregório IX, que conhecera a grandeza daquela alma, que presenciara, quando ainda se chamava Cardial Hugolino, alguns dos milagres que Deus operara por intercessão do seu servo,

proclamou-o herói, santo do Cristianismo, e a História deu-lhe o lugar que lhe pertence na galeria dos grandes beneméritos.

Eis, meus Senhores, um rápido e pálido esbôço da vida do grande apóstolo do século XIII. Domingos de Gusmão foi desses homens que podem assinalar uma época. É por isso que em todo o orbe católico a sua memória é abençoada, é por isso que neste dia a Igreja apresenta à contemplação dos fiéis aquele modelo de humildade e energia, de crença e heroísmo; é por isso que este templo, que o tem por Patrono, se veste de galas, que sob suas abóbadas reboam hinos festivos, que até ao trono do Deus vivo se elevam nuvens de incenso.

Santa Isabel, Rainha de Portugal

(1899)

Viveu numa época em que a grandeza dos reis se aquilatava ainda pelo valor dos seus guerreiros, pela força dos seus exércitos, pelas vitórias das suas armas. As efemérides das nações quase não relatavam outros factos que não fossem as guerras em que se empenhavam os estados de então. Havia as lutas de independência, que nobilitavam os povos; havia ainda as pugnas dos soldados da Cruz contra as investidas dos sectários do Islam, que deram páginas brilhantes à História da Península; havia o esforço das nações pela dilatação do seu império. E tudo isto era grande, generoso, nobilitante. Mas não foi a estas lutas que a Rainha Santa teve de assistir. Eram lutas menos generosas pelos seus fins egoístas, e degradantes pelas relações que havia entre os adversários, aquelas a que assistiu a piedosa Rainha. Fervia a guerra entre D. Deniz e seu filho o Príncipe D. Afonso. Pai e Filho degladiavam-se numa luta feroz que lhes daria um nome execrando na História e que podia trazer funestas consequências para o país. As nações não se reuniam em congressos de paz, a arbitragem era uma palavra quase desconhecida, o transigir considerava-se uma ignomínia, e a solução natural da guerra era a derrota completa duma das partes e a vitória da outra. Mas já nessa época, como sempre, a religião cristã era a grande intermediária, a pacificadora eficaz dos povos em luta. Era ela que inspirava o perdão generoso e uma submissão humilde. Nestas dissensões entre pai e filho, entre D. Deniz e D. Afonso, o mensageiro desta religião bendita foi ela, a Rainha Santa. E não se

limitou a mortificações extraordinárias, a súplicas que dirigia ao Céu, a lágrimas que derramava para aplacar a cólera de Deus e obter de sua misericórdia infinita uma paz sólida e duradoira para o seu Povo. Não. Ela mesma, semelhando o Anjo da Paz, colocou-se entre o pai e o filho e com as suas exortações, e com as suas lágrimas, conseguiu chamar o filho à obediência, à submissão devida a el-Rei, seu pai. A sua diplomacia foi a da piedade e do amor. Deus concedeu-lhe como recompensa dos seus relevantes serviços os dulcíssimos extremecimentos do bem praticado e o honroso elogio do Papa João XXII, que num *Breve* encomiou a conduta benéfica da piedosa Rainha. Mas os homens, lançando mão da intriga e calúnia, envenenando as rectas intenções de Isabel, volveram-na suspeita ao Rei, convencendo-o de que ela se bandeava com o Príncipe revoltado. E em vez dos agradecimentos que os seus serviços mereciam, D. Deniz expulsa-a dos paços reais, priva-a das suas rendas e desterra-a da sua côrte. Não se abrigaram ódios em seu coração, pela ingratidão dos homens, nem arrependimentos em sua alma pelos serviços que causaram tão dura provação. A sua missão pacificadora ainda foi exercida quando soube que seu filho, D. Afonso, já Rei de Portugal, ia entrar em guerra com seu neto, o Rei de Castela.

Anjo tutelar da Nação Portuguesa, a Rainha Santa deve considerar-se o Anjo da Paz a tornar venturosos para o seu Povo os anos do seu reinado. É esta uma das feições simpáticas da piedosa Rainha, pelas quais é digna dos elogios da História, das homenagens da nação e dos louvores da Igreja.

Mas a virtude que mais a caracteriza, a que mais a eleva aos olhos dos homens e na presença de Deus, é a sua caridade para com os infelizes. Não havia lágrimas que não recebessem dela um sorriso, não havia

gemidos que não encontrassem palavras de consolação em seus lábios: o coração da Rainha era o grande asilo dos pobres, a sua alma generosa e boa era a fonte de todas as consolações para os tristes, de todos os confortos para os desalentados, de todos os bálsamos para os que sofriam as dores cruciantes do infortúnio. O seu manto real era mais magestoso ainda quando se arrastava pelo pavimento húmido e frio da mansarda do pobre, do que quando deslizava pelos ricos tapetes dos paços reais. As lágrimas que os infelizes vertiam naquela mão, que lhes dava a esmola, tinham para a Rainha Santa mais valor e mais brilho do que as pedras preciosas, que ornavam as suas joias.

E era sem aparatos a sua caridade, era oculto o seu bem-fazer. Para evitar o louvor dos homens e a retumbância do elogio público, a Rainha Santa, se lhe perguntavam o que era o que conduzia na abada do seu manto, respondia que eram rosas. E o pão, que se destinava aos pobres, convertia-se em flores, odoríferas como a virtude, e belas como a caridade cristã. Não era preciso mais nada para uma justa canonização popular. Isabel, porém, ainda edificou mais os seus súbditos com a sua profunda humildade. Depois de ter assistido aos últimos momentos da vida de D. Deniz, retira-se para o seu oratório, corta os seus cabelos, despoja-se de todas as insígnias da realeza e veste o hábito de Clarissa, simbolo de humildade outorgado aos homens pelo Pobrezinho de Assis. E assim se apresenta a nobre filha dos reis de Aragão, a virtuosa Soberana de Portugal a pedir aos grandes da sua côrte que não mais a considerem sua Rainha. Deixa os paços reais e retira-se para o Mosteiro de Santa Clara, por ela mandado fundar em Coimbra. E, sempre com o hábito da Ordem Terceira de S. Francisco, ela é a penitente austera, entregue de dia e de

noite aos jejuns e às vigílias, a alma extasiada nos arroubamentos da oração, a peregrina piedosa ao túmulo do Santo Apóstolo das Espanhas, a mão benfazeja, distribuindo pão aos pobrezinhos, a língua bendita aconselhando a virtude e o bem, o sustentáculo firme da concórdia e da paz.

Na noite de 4 de Julho do ano de 1336 evola-se o seu espirito até ao seio de Deus. A Igreja coloca, no pontificado de Urbano VIII, o nome da piedosa Rainha no catálogo dos seus Santos, e Portugal dá-lhe um lugar de honra no Album das suas Glórias.

S. Sebastião

(1902)

Sebastião é um dos mais gloriosos mártires do Cristianismo. Nasceu em Narbona, onde viviam seus pais cristãos. Foi educado com todo o esmero no seio do Cristianismo e da piedade. Génio afável, manso, prudente e generoso e outras belas qualidades (diz Santo Ambrósio), bem depressa o fizeram conhecido na Côrte. Era então imperador Diocleciano. Um monstro. Perseguições horrorosas. Diocleciano, sabendo das belas qualidades de Sebastião, fá-lo capitão da primeira companhia das suas guardas. Sebastião desejava ardentemente o martírio, mas entendeu que devia moderar o seu ardor, conservando-o como escondido debaixo da sua farda de soldado, porque o seu cargo dava-lhe ocasião de prestar grandes serviços à Igreja e socorrer os cristãos perseguidos.

Visitava as prisões. Fortificava com exortações e socorria com esmolas os gloriosos confessores de Cristo. Reacendeu a coragem de muitos que vacilavam nos tormentos e fortaleceu os que pareciam titubear em face dos suplicios. Era o apóstolo dos confessores e dos mártires. Procurava poupar a sua vida, não porque desejasse evitar o martírio, mas porque assim promovia a salvação de muitos.

Marco e Marcelino, dois jovens cavaleiros romanos, tinham sido presos e condenados à morte por terem confessado a sua fé. Foram torturados para sacrificarem aos deuses, mas venceram gloriosamente a tortura, conservando-se fiéis a Jesus Cristo!... Iam ser degolados, mas não vacilavam diante duma morte certa. Pois bem, Estes homens, tão fortes na presença de martírios tão crueis, iam vacilar, renunciar quase à

sua fé na presença de seu pai, sua mãe, suas esposas e seus filhos, que na prisão lhes suplicavam que abandonassem essa Religião que lhes ia dar uma morte certa. Tanta impressão causaram estas súplicas, estas lágrimas, estes gemidos dos pais, esposas e filhos que os dois confessores da fé — Marco e Marcelino — começaram a fraquejar visivelmente. Notou isto Sebastião, que os visitava com frequência, e quando os pais, esposas e filhos suplicavam aos dois confessores que sacrificassem aos deuses, Sebastião disse-lhes: Se soubesseis o que pedis, retiraríeis as vossas súplicas. Quereis que eles continuem vivendo na terra, mas essa vida depressa passará, sem que se lhe possa seguir a glória eterna que o nosso Deus — Jesus Cristo — promete aos que se conservam firmes na sua fé... Era tal o seu talento em persuadir e tão inspirada a sua palavra, que não só alevantou os ânimos abatidos dos dois confessores, mas também converteu à fé cristã a Nicóstrato, primeiro escrivão do tribunal, a Cláudio, carcereiro, a 64 presos, e, o que é mais admirável, aos próprios pai, mãe, mulheres e filhos de Marco e Marcelino. Estas conversões eram sempre acompanhadas por prodigiosos milagres que Deus operava por intercessão do nosso Santo. Assim, quando Sebastião estava animando com a sua palavra eloquente os dois santos confessores, em casa de Nicóstrato, uma luz resplandeceu por toda a sala e encheu de admiração e alegria todos os circunstantes. Refere Santo Ambrósio que em meio dessa luz apareceu o Senhor, acompanhado de sete anjos, e dirigindo-se a Sebastião deu-lhe o ósculo da paz, assegurando-lhe que estaria sempre com ele. Zoé, mulher de Nicóstrato, que tinha perdido a fala, havia muito tempo, recobrou imediatamente o uso da língua, só com Sebastião lhe fazer o sinal da Cruz sôbre a bôca. Todos aqueles neófitos, que pa-

deciam alguma enfermidade, receberam a saúde do corpo, ao mesmo tempo que pelo Baptismo recuperaram a da alma.

De todos os prodígios, porém, o maior foi a conversão de Cromácio, vigário do Prefeito, uma das primeiras autoridades do Império. Mandou chamar Tarquilino para saber se os filhos se tinham deixado persuadir das suas lágrimas, mas ficou estupefacto ao saber que o próprio Tarquilino (pai de Marco e Marcelino) se tinha feito cristão. — «Meus filhos, respondeu ele, são ditosos e eu também o sou desde que Deus me abriu os olhos da alma para conhecer a verdade e a santidade da religião cristã, fora da qual não há salvação»... Cromácio interrompeu-o enfurecido e disse-lhe: Também tu endouceceste, agora que estás no fim da tua velhice? — «Não, senhor, respondeu-lhe humilde o ancião; antes nunca tive entendimento nem juízo, enquanto não logrei a ventura de ser cristão. Porque não há maior loucura do que preferir, como eu o tinha feito e tu ainda o estás fazendo agora, o erro à verdade e a morte eterna a uma vida de poucas horas».

Cromácio convidou-o a provar-lhe a verdade da Religião de Jesus; Tarquilino e Sebastião bem depressa lhe fizeram compreender essa verdade e aquele que ainda há pouco era um dos maiores inimigos dos cristãos, tornou-se cristão também. À sua conversão seguiu-se a de toda a sua família. E a estas, a de 1400 escravos que receberam o Baptismo e com ele a liberdade.

Mas se por um lado os apóstolos do bem iam tornando mais numerosa a milícia de Jesus Cristo, por outro os emissários do mal iam-se tornando mais feroces na perseguição aos cristãos. Cromácio tinha

renunciado o seu cargo e retirou-se para o campo, onde a sua casa era o asilo dos perseguidos. Todos os fiéis e nomeadamente Cayo, que era então o pontífice, instavam com Sebastião para que se retirasse também para ali, afim de evitar uma morte certa, mas este grande herói da fé pediu que o deixassem ficar em Roma, para fortificar e socorrer muitos outros cristãos, que estavam encarcerados; e tais razões apresentou ao santo Pontífice Cayo, que este lhe disse: «Fica-te em boa hora, meu filho, no campo da batalha; e debaixo desse uniforme de oficial de César sê o glorioso defensor da Igreja de Jesus Cristo». Sebastião ficou. Socorria os confessores da fé e infundia-lhes alento. Viu cair a seu lado muitos mortos no meio dos maiores sofrimentos. Uns suspensos pelos pés sôbre o fogo, cujo fumo os sufocava; outros apedrejados pela plebe; alguns queimados ou enterrados vivos, muitos lançados ao mar; e ele sempre afanoso em dar fôrça e alento aos que iam sofrer o martirio e suspirando ele mesmo pelo martirio também. Trabalhou muito, mas os seus trabalhos apostólicos haviam de se tornar conhecidos do Imperador. E assim foi.

Um infeliz apóstata denunciou o nosso Santo a Diocleciano, como cristão que conspirava contra a Religião do Império. Atónito, o Imperador manda chamar Sebastião à sua presença e diz-lhe: Então tu, a quem cumulei de bens e honras, a quem dei um lugar distinto na minha côrte, conspiras contra mim e contra o império, irritando a cólera dos deuses e introduzindo até mesmo no meu palácio essa nova Religião, tão nociva ao Estado?

Sebastião respondeu firme e humilde: Não, ó imperador, eu não conspiro contra ti, pois obedeço-te como a meu chefe; eu não conspiro contra o Império, pois quero o seu progredimento; mas pretendo des-

truir esses deuses, que não são mais do que uma mentira, e ao meu Deus e Senhor Jesus Cristo, a quem amo e adoro, peço por ti e pelo Império Romano.

Diocleciano, irritado com estas palavras, manda que Sebastião seja preso a um poste e atravessado com flechas pelos próprios soldados da guarda. As suas ordens foram cumpridas. Sebastião não morreu. Desfaleceu apenas. Na noite seguinte, uma piedosa mulher, Irene, foi buscar o seu corpo para lhe dar sepultura; vendo, porém, que Sebastião não estava morto levou-o para sua casa, onde o tratou.

Quando restabelecido, Sebastião apresentou-se ao Imperador, e disse-lhe: É possível, senhor, que vos deixeis eternamente iludir pelas trapaças e calúnias que se andam sem cessar inventando contra os pobres cristãos? Sabei, Príncipe, que os fiéis estão longe de ser inimigos do Estado, que é somente às suas orações que vós sois devedor de todas as prosperidades.

O Imperador, atónito ao ver e ouvir um homem que considerava morto, perguntou: És tu realmente aquele Sebastião a quem eu mandei tirar a vida? — Sim, sou eu — respondeu Sebastião — e o meu Senhor Jesus Cristo quis conservar-me a existência para que na presença deste povo eu viesse dar um público testemunho da impiedade e da injustiça que cometeis perseguindo cristãos.

Enfurecido por esta audácia Diocleciano fez conduzir Sebastião ao hipódromo contíguo ao palácio, para ali ser morto às varadas. As suas ordens foram cumpridas.

Era no dia 20 de Janeiro de 288. Na terra um cadáver, no Céu uma alma. Temos muito que aprender da vida deste Santo. Humildade — podendo exercer altos cargos, não os procurava. Zêlo pela glória de

Deus. Esperança na vida eterna. Ardente caridade, que se manifestou no amor do próximo e no martírio, prova clara e evidente o seu amor a Jesus Cristo.

Imitemo-lo e diante da sua imagem peçamos-lhe que nos consiga de Deus as graças para perseverarmos na fé e abraçarmo-nos na chama ardente da caridade cristã.

Diliges proximum tuum, sicut te ipsum.

Ama os outros como a ti mesmo.

(Matt. XXII - 39).

S. Luís Gonzaga

Religião e ciência são incontestavelmente as duas alavancas mais poderosas que, levantando a humanidade do abismo entenebrecido pelo crime e pelo erro, a elevam ao Céu sereno e calmo do bem e da verdade...

Crianças — Meus Senhores:

Religião e ciência são incontestavelmente as duas alavancas mais poderosas que, levantando a humanidade do abismo entenebrecido pelo crime e pelo erro, a elevam ao Céu sereno e calmo do bem e da verdade.

Sim, meus Senhores, a Religião abrindo e mostrando ao homem a estrada que conduz à Verdade, ao Belo, ao Bem; a Ciência ratificando o que a Religião ensina e tirando do próprio ente racional o facho que o há-de alumiar no caminho que tem a seguir, fazem com que o rei da criação avance a passos agigantados pela senda do progresso, a cuja meta encontrará o eterno ideal dos povos, a aspiração constante das nações, esse *quid* para que tendem todos os homens: a Civilização.

Diliges proximum tuum sicut te ipsum, amarás os outros como a ti mesmo, disse Cristo. Bem sabia Ele que estas palavras, quase só por si, seriam suficientes

para produzir no destino das nações uma mudança muito sensível, porque o ódio arruína, destrói, esfacela e mata; o amor levanta, enaltece e dá vida; o ódio é o vulcão que abraza o indivíduo, e a lava que sepulta sob si a sociedade; o amor é a flor mimosa e inebriante, plantada por Jesus Cristo no coração do homem, é o aroma que vivifica a humanidade inteira.

A isenção do amor produz as leis bárbaras de Lycurgo, que mandam assassinar as criancinhas; obriga os párias, acossados como as feras a embrenharem-se nas florestas da Ásia, para excitarem as fúrias dos seus perseguidores; como efeito do amor e da compaixão vemos Vicente de Paula, essa figura gigantesca e simpática, aconchegando ao seu peito os filhos de mães indignas de tal nome, de mulheres que os abandonavam nas ruas de Paris; como efeito do amor e da dedicação vemos Francisco Xavier atravessando a Índia, ministrando o pão do espírito àqueles que dele necessitavam; ainda como efeito desse *diliges*, pronunciado pelo Eterno Legislador dos povos, vemos em nossos dias as nações despedaçarem as gargalheiras que prendiam nossos irmãos no poste ignominioso e triste da escravidão.

Outrora, quando ainda não tinha sido prègada a sublime doutrina de Jesus, os pobres moribundos tinham por hospitais as estradas, por medicamentos as frutas das árvores e as águas do Céu, e o viandante passava voltando o rosto, sem se lembrar de seu irmão, que se revolvia nas contursões horriveis da morte!

Outrora, quando o Divino Mestre ainda não tinha mandado os seus Discípulos ensinar o Evangelho a toda a criatura, aparecia um Sócrates moralista, um Platão, o divino, um Demóstenes ou um Cícero eloquentes, porém, exceptuando estes e poucos mais, que errando muito, foram contudo os maiores talentos da

antiguidade, podemos asseverar que a humanidade jazia nas trevas da ignorância, porque nem todos tinham acesso às escolas. Antes que Deus se fizesse homem, antes que o Senhor dos senhores se fizesse escravo, o orgulho tinha um trono e a humildade um patíbulo! Antes, finalmente, de Jesus pregar com a palavra e com o exemplo a pureza e a castidade, a impudicicia tinha assentado os seus arraiais no seio da família, no meio da sociedade! Porém, Jesus veio e disse: *Diliges, amarás...* e a idade velha envolvendo-se com todo o seu sudário de misérias nas brumas do passado, lá foi precipitar-se no pélagos do esquecimento, e a idade nova lá apareceu na orla do horizonte coroada de esperanças, radiante de felicidade!...

E esse Sol, que ficou lá do cume do Gólgota, derramando os seus aurifulgentes raios por sobre a cabeça dos homens, dissipou-lhes as trevas do entendimento, ensinando-lhes verdades que eles jamais ouviram, fez-lhes brotar no coração afectos, dando-lhes um prazer que eles jamais sentiram. E daí, meus Senhores, desse ensinamento de Cristo, o desenvolvimento sempre progressivo das ciências e das artes, porque sem a verdadeira religião não pode existir a verdadeira ciência, sem o desenvolvimento das ciências as artes não progridem, retrocedem. E daí, meus Senhores, dessas máximas infinitamente mais sábias e santas do que as do maior moralista que até então o mundo admirou, o heroísmo no anfiteatro de Roma ou nas praças públicas do Império por amor de Deus e dos homens; de Deus, porque morriam pela sua fé; dos homens, porque selando a sua crença com o seu sangue de mártires, faziam com que eles abraçassem a doutrina que conduz à vida: a doutrina do verdadeiro Deus. E daí, meus Senhores, desse ensino admirável

e dessa moral sublime de Jesus Cristo o recolhimento no claustro por amor de Deus e dos homens: de Deus, desprezando as belezas ilusórias do mundo, para se extasiarem na contemplação das infinitas perfeições divinas; dos homens, legando-lhes o fruto dum labutar constante e dirigindo preces ao Altissimo para que perdoe os lapsos da pobre natureza humana. E dai, meus Senhores, desse ensino e dessa moral incomparáveis de Jesus Cristo, o ser puro e casto, imitando assim o Filho de Maria, o ensinar os ignorantes, o proteger os infelizes, o minorar as dores dos que sofrem, a humildade que exalta, a caridade que enaltece... e tudo isto, tudo por amor de Deus e dos homens!

E dentre esses milhões de heróis que a Religião Cristã tem produzido, dentre essas miríades de estrelas que têm constelado o céu límpido e sereno do Cristianismo destaca-se pelo seu brilho e pela sua tríplice refulgência uma: Luis Gonzaga.

Meus Senhores:

Há criaturas no mundo, que, ofuscadas pelo brilho das grandezas que as rodeiam, vão de abismo em abismo lançar-se no caminho da perdição. Há outras, porém, que, fazendo um tapete dessas falazes grandezas humanas, passam por cima delas, e caminham pela terra toda mentira, toda ilusões com os olhos fitos no Eterno Sol da Verdade. Do número destas é S. Luis Gonzaga.

Nascido em Março de 1568, sendo seu pai D. Fernando Gonzaga, Marquês de Castilhona, na Itália, e sua mãe D. Marta Tana Santena de Chieri, descendente duma nobre família de Piemonte, ele, o

primogénito herdeiro dos Marquesses de Castilhone foi destinado pela Divina Providência a perpetuar o nome ilustre da família dos Gonzagas, não como um príncipe da terra, porque as glórias destes passam com a mesma velocidade que a luz do relâmpago; mas sim como um anjo do Céu, onde a glória é duradoira, perdurável, eterna.

Logo que nasceu Luís, D. Fernando começou a acalentar a esperança de que o seu filho seria um herdeiro digno do nome ilustre dos Marquesses de Castilhone; D. Marta, porém, tinha umas aspirações mais alevantadas: não aspirava só a que o seu filho fosse um príncipe terreno, almejava, esperava até que o seu Luís seria um anjo do Céu e portanto o mais ilustre nome que se escreveria nos pergaminhos da ilustre família dos Gonzagas.

Luís, entretanto, crescia entre as esperanças do pai e entre as aspirações da mãe. O pai queria que ele fosse um guerreiro e um cortesão, para mais tarde saber desempenhar os seus deveres de príncipe; a mãe queria que ele tivesse uma educação em harmonia com o fim para que Deus o destinara. E D. Marta sabia que seu filho não nascera para as grandezas humanas... sabia-o porque o acalentava ao seu seio, porque lhe sentia o palpitar do coração, porque, por assim dizer, lhe penetrava no pensamento: e isto fez-lhe conhecer que Luís havia de preferir ao campo da batalha a casa da oração, ao convívio com os grandes a familiaridade com os pequenos. E a mãe não se enganava: as suas previsões foram confirmadas pelas primeiras palavras que balbuciou o seu inocente filho: Jesus e Maria; e mais tarde pelos primeiros passos, que deu o seu anjo: ia encontrá-lo de joelhos, com as mãos postas, e os olhos baixos, orando! Oh! como não seria edificante ver aquela alma cândida e ino-

cente, envolvida num franzino corpo de quatro anos, alar-se às regiões do Infinito?! Oh! como não seriam agradáveis a Deus as orações balbuciadas pelos lábios da inocência?!

D. Fernando obrigava, constringia seu filho a assistir aos exercícios militares, para mais tarde ser coroado com o diadema do heroísmo guerreiro; D. Marta incitava, ajudava o desejo de seu anjo na prática dos exercícios piedosos, dando-lhe a educação que uma mãe verdadeiramente cristã sabe dar, para ele mais tarde ser coroado com a auréola refulgentíssima da santidade!

Completa a sua educação fundamental, tendo recebido de sua mãe essas instruções primeiras, bases de todas as acções futuras, Luis Gonzaga, por mandado de seu pai teve de partir para Florença, afim de enectar a sua vida estudiosa. Foi... e apesar de haver na corte do Grão-Duque Francisco de Médicis todos os divertimentos, de que ele na qualidade de parente podia gozar, divertimentos que para muitos alucinados causariam a felicidade, ele, Luis Gonzaga, renuncia a tudo isso para se entregar aos seus únicos cuidados, às suas occupações mais dilectas, a oração e o estudo! E haverá coisas que mais elevem o homem do que a oração e o estudo? — A oração que conduz a Deus, e o estudo que nos leva à ciência?

De Florença passou Luis para Mântua, onde continuou o mesmo regimen de vida. Porém ele era débil, a sua saúde começou a definhar-se, e era urgente que voltasse para a terra, que lhe fora berço. Caminhou pois para Castilhona, onde D. Marta o recebeu, a ele, o objecto de todos os seus carinhos, com a alegria que só uma mãe experimenta depois duma longa ausência do seu filho querido; onde todos exprimiam o seu contentamento pelo regresso de Luis, com lágrima

mas cristalinas, como a simplicidade, sinceras, como a afeição.

Agora já não eram só o estudo e a oração as suas ocupações, eram também o ensino e a esmola. Aquela criança rodeava-se doutras crianças, a quem ensinava o catecismo; aquele anjo mitigava a fome a muitos desprotegidos da fortuna!

Luis crescia, e ao passo que ia crescendo, ia progredindo em ciência e santidade; ao passo que a sua inteligência se desenvolvia, ia pensando qual o caminho que devia seguir. Chegou para Luis esse momento que ocupa na nossa vida o lugar mais importante: é aquele, em que, consultando a nossa consciência, a interrogamos e lhe pedimos que nos revele, que nos diga qual o fim para que a Divina Providência nos colocou no mundo, qual o papel que temos a desempenhar no seio da sociedade. É este com certeza o problema mais importante da nossa vida e é também o que em nossos dias mais se descursa, sendo disto uma consequência necessária o haver muitas deslocções e portanto o cáos, a desordem social.

Luis Gonzaga chegou pois à idade, em que devia entregar-se a si mesmo acerca da sua vocação. Suplicou a Deus para que se dignasse mostrar-lhe o caminho, que devia seguir... a sua oração foi ouvida e ele chegou ao conhecimento de que lhe estava destinada na ordem social a vida religiosa. Porém havia obstáculos: seu pai, levado pelo desejo e pela esperança de que ele seria um herdeiro digno do seu nome, opunha-se tenazmente a que ele abandonasse o século para se recolher a um claustro. Mas Deus tudo pode e as orações de Luis tudo vencem... A repugnância do pai é vencida pelas súplicas da mãe e pelas orações do filho.

Luis Gonzaga renuncia em seu irmão Rodolfo todos os direitos ao marquesado de Castilhone; recebe de joe-

lhos as bênçãos de despedida de seus pais; recebe em homenagem de saudade as lágrimas daqueles que esperavam e desejavam ser seus súbditos; troca as grandezas pela pobreza, as orações pela humildade, o poder pela obediência, a glória pelo sacrifício; e caminha, ele, o descendente de príncipes para o exército de Cristo, onde vai alistar-se como soldado da Cruz!

Vêde-o, vai radiante de felicidade; à sua passagem correm todos para admirarem aquele modelo de santidade. Vêde-o... entra na Cidade Eterna, visita as basílicas de Roma, onde agradece a Deus a graça que acaba de receber; prostra-se diante de Xisto V, de quem recebe a bênção apostólica, e começa, por assim dizer, a sua ascensão para o Céu: sobe a encosta dum monte e ei-lo na ante-câmara do Paraíso: no noviciado da Companhia de Jesus, em Santo André.

Aljubarrota

(1895)

*Ego diligentes me diligo; et qui mane
vigilant ad me, invenient me.*

(Provérbios, cap. VIII, vers. 17.)

Cristãos :

As nações, como os indivíduos, têm o seu dia de júbilo. Recorda-se uma data gloriosa; e um povo, quando tenha em seu coração o amor da Pátria e em sua alma uma centelha do brio que fez dos seus maiores soldados e guerreiros, heróis e mártires, não pode, sem cair aos olhos do mundo e tornar-se repelente aos olhos da própria consciência, deixar de rememorá-la, prestando assim um preito de homenagem ao passado e dando uma lição no presente para preparar as gerações do futuro. Todas as nações têm os seus grandes feitos, e os seus dias aniversários, são dias de gala e de festa nacional.

A França, por exemplo, tem Austerlitz e Iena; a Prússia tem a vitória de Sédan; a Inglaterra tem Trafalgar e Waterloo; a Espanha tem o memorável dia 8 de Maio de 1808, em que os madrilenos expulsaram do seu território os invasores franceses, dando lugar à brilhante vitória de Baylen; nós, os portugueses, temos uma epopeia que nos dá jus à consideração de todo o mundo civilizado, que principia com a derrota do Leão de Castela nos campos de Ourique e continua até à expulsão das águias napoleónicas nas alturas do Buçaco. Sim! Que feitos assombrosos, e que homens gigantescos e que páginas gloriosas eu não admiro desde Ourique ao Buçaco!? Em Ourique aquele cristianíssimo rei, D. Afonso Henriques, firmou na Europa

este pequeno Portugal, que mais tarde havia de ser o assombro do mundo pela crença e audácia de seus filhos, que teria guerreiros, como D. João 1.º e Nuno Álvares, pensadores, como Henrique, mártires, como Fernando, nautas, como Gama e Albuquerque, Cabral e Magalhães, valentes, como um Duarte de Almeida, lealdades, como a do vimaranense Salvador Ribeiro de Sousa, honras, como um João de Castro, poetas, como um Camões, oradores, como um António Vieira, Santos, como Teotónio de Coimbra, António de Lisboa e Isabel, a Rainha. Esse património, porém, que nos legara o primeiro Afonso, esse património que defendera com a força do seu braço e com o ardor da sua fé, esse património que ele estendera desde as margens do Minho até às margens do Tejo, esteve por momentos a perder-se.

Leonor Teles, a viúva do último rei da primeira dinastia portuguesa, levada pelo ódio que votava a muitos dos que considerava seus vassallos, concebeu o plano de depositar nas mãos de seu genro, D. João de Castela, casado com D. Beatriz, filha de D. Fernando, o ceptro de Portugal. E D. João de Castela ambicionava esta preciosíssima jóia, para encrustar na sua coroa de rei. Ah! é que Portugal já não era apenas a pequena província de Entre-Douro-e-Minho. As suas conquistas tinham dilatado o seu império, os seus guerreiros tinham aumentado as suas riquezas. Aos vergeis do Minho tinham-se juntado os cristais do Tejo; às vinhas do Douro as herdades do Alentejo; a Beira Alta e a Beira Baixa eram pomares deste jardim e o Algarve o seu figueiral mimoso.

A cimitarra mourisca tinha sido partida pela espada dos lusos, as meias luas maometanas tinham-se eclipsado perante a Cruz dos cristãos.

Não admira, pois, que Leonor Teles desejasse

que João 1.^o de Castela juntasse à sua a coroa de Portugal, e que este ambicionasse este torrão tão querido. Este povo, porém, ao ver que corria grave risco a sua independência, este povo, em cujas veias corria o sangue fidalgo de Afonso Henriques, não podia consentir que no trono dos seus reis se assentasse um estrangeiro.

Lançou as suas vistas em busca dum português que fosse digno de cingir a coroa real e viu levantar-se magestática, imponente, a figura simpática do Mestre de Aviz. Guerreiro destemido e valente, ele poderia reprimir a ambição do estrangeiro e conservar a independência da Pátria. Os seus compatriotas assim o compreenderam, por isso, entregam-lhe primeiro a defesa da terra que os viu nascer e depois aclamam-no rei de Portugal no dia 6 de Abril de 1385. D. João de Castela, porém, não desiste da sua empresa. Ele mesmo vem à frente dum exército formidável. Mas Portugal não podia consentir que o invasor levasse a cabo o seu intento. Assim como nas pessoas o perdão é a mais nobre das vinganças (diz um notável orador contemporâneo), nas nações a desafrota é a mais impetuosa das virtudes. Houve diversos recontros entre portugueses e castelhanos, estes, porém, foram repellidos e Portugal juntou à história dos seus feitos as vitórias de Atoleiros e Trancoso. Foi depois disto, que pode escrever-se a página mais brilhante da História dos Lusos; foi depois disto, que os descendentes dos vencedores de Ourique, se mostraram dignos sucessores de seus maiores, nos campos de Aljubarrota. Era a 14 de Agosto de 1385. Os primeiros arriais da aurora rasgavam as trevas da noite. O céu era límpido e sereno. Na terra, no campo, onde ia ferir-se essa luta de gigantes, viam-se dum lado 31000 homens, preparando-se para a luta, cuja vitória julgavam certa

pela sua superioridade numérica, e do outro 6500 homens, quase esquecidos de si mesmos, lembrando-se apenas da Pátria, cuja independência perigava e da Virgem, cuja protecção pediam. À frente desse punhado de futuros heróis estava um Rei piedoso e um Guerreiro valente. João 1.º e Nuno Álvares. E João 1.º implora a protecção de Santa Maria de Guimarães e Nuno Álvares junta à valentia do seu braço, a confiança n'Aquela que é Mãe do Senhor, Deus dos exércitos. Cheios de fé e de amor pátrio, os soldados do Mestre de Avis esperavam ansiosos o momento em que de simples soldados se haviam de elevar às alturas dos heróis.

Nos campos de Aljubarrota descem os primeiros fios de ouro do sol nascente; dum lado está a ambição, negra como as noites borrascosas, e do outro o amor da independência da Pátria, sereno e belo, como as manhãs de Abril. Ouve-se o sinal de combate.

Horrendo, fero, ingente e temeroso, nos raios do sol brilha o polido das lanças; um jóvem de 25 anos apenas, vai à frente da nossa vanguarda que caminha a passo e ordenadamente — é Nuno Álvares, o Condestável. A vanguarda castelhana, que é numerosíssima, cai ameaçadora sobre a estreita linha portuguesa. Ao primeiro choque, segue-se encarniçada luta. O combate é profuso e sanguinolento, de parte a parte, e para os nossos é tão desigual pela pequenez do seu número, quão glorioso pela grandeza das suas façanhas. Tremula ao vento a bandeira das Quinas, a estrela de Portugal brilha ali pelos reflexos dos seus feitos gloriosos, estua o entusiasmo nos peitos daqueles bravos: oh! mas por um momento esse entusiasmo esfria, essa estrela empana-se, essa bandeira abate-se. A nossa estreita linha é dilacerada pelas tropas inimigas, que irrompem contra ela numa torrente irresistível. As

duas alas portuguesas, que estavam de reserva, convergem sobre o centro das tropas invasoras. O sangue português mistura-se com o sangue castelhano.

A flor dos nossos guerreiros vai a submergir-se no seio daquelas ondas tumultuosas dos soldados de Castela. Ouve-se uma voz de combate: é João 1.^o, é o brioso monarca que havia esperado este momento, em que o furor guerreiro chegara ao seu auge, para patentear a sua valentia, o seu amor pela terra que o aclamara seu rei. Ei-lo à frente de 700 lanças que constituíam a retaguarda do exército dos Lusos. À sua voz, todos aqueles valentes se precipitam como um furacão sobre o exército inimigo. Ergue-se de novo o pendão das Quinas, que por um momento fora abatido, sorri de novo a esperança da vitória ao pequeno exército português, referve mais vivido o entusiasmo no coração dos descendentes de Viriato, tornam-se titans os filhos dos vencedores de Ourique. Castela sofre a primeira derrota e os seus soldados recuam, Portugal obtém a primeira vitória e os seus guerreiros avançam, dissimando vidas, num extermínio que parecendo feroz, é todavia, heróico — é heróico pela desigualdade de forças, é heróico pela eminência do perigo, é heróico pela sublimidade do fim dessa luta formidável — a conservação do que o homem mais deve prezar na terra — a liberdade, a independência da Pátria. Ao extermínio, segue-se a desordem, a confusão nos arraiais inimigos. A bandeira real de Castela, tinta do sangue de seus soldados, cai nas mãos dos heróis portugueses.

D. João de Castela, perdida por completo a esperança da vitória, abandona os seus soldados; as suas tropas vendo-se sem chefe recuam, batem em retirada. Aljubarrota é um campo de sangue e de destroços, de moribundos e de cadáveres. Dissipam-se as

nuvens de pó que a refrega levantara. O sol brilha radiante. Ao primeiro momento de silêncio, seguem-se as expressões de júbilo; aos hinos de glória sucedem os hinos da gratidão — glória à Pátria livre e gratidão à Virgem que deu a 6500 homens a força, a valentia, para vencer 31000 soldados. Depois marcham esses valentes guerreiros, com a fronte circundada de louros e o coração estoando de júbilo, à frente João 1.º, o herói de Aljubarrota, e Nuno Álvares, o vencedor de castelhanos, marcham e a Pátria agradecida recebe-os com adornações festivas e a História escreve os seus nomes numa página brilhante que apresenta ao mundo, para lhe mostrar que o brio de Sparta e a valentia de Rossia, juntos ao espirito cristão, fizeram estes heróis tão grandes, como nunca os houve a terra, quer os procure na pátria de Alexandre, quer os busque no império Romano, que outrora dominou o mundo.

Assombroso feito! Incomparável façanha!

Ah! Senhores, quando contemplamos a nossa História, onde há factos que, por grandes e únicos, parecem fábulas, e homens que, por sua valentia inegalável, parecem semi-deuses; quando vemos em Ourique firmar-se a nossa nacionalidade e em Aljubarrota a nossa independência; quando vemos o solitário de Sagres estender as suas vistas pelo oceano imenso a buscar além mais terra onde possa ser implantada a Cruz ao lado do pendão das Quinas; quando contemplamos a derrota desses capitães, que à custa de mil trabalhos e de locubrações mil, levam o nome português e o nome de Cristo a Ceuta, Alcácer e Tanger, a Azamor, Çafim e Maragão, a Mina, Ormuz e Diu, a Damão e Goa, a Cochim e Malaca, a Borenéo e Timor; e depois chegar ao Japão e penetrar na América; quando contemplamos esses nautas, que tornaram a África e desvelaram a Índia; quando

para reparar a imprudência de Alcácer-Quibir, vemos o glorioso feito de 1640; quando contemplamos reis, como Afonso Henriques e vassallos como Egas Moniz, heróis como João 1.^o e guerreiros como Nuno Álvares; dedicações, como a de Henrique, e abnegação como a de Fernando; patriotas, como o Duque de Bragança e conspiradores, como Pinto Ribeiro; nautas, como o Gama e poetas, como Camões; oradores, como Vieira e místicos, como Tomé de Jesus; virgens, como Joana, e santas, como Isabel; apóstolos, como António, e beneméritos, como João de Deus; e quando depois disto, de tudo isto, contemplamos o Atlântico, que nos abraça, e um firmamento azul, que nos sorri; quando subimos os nossos montes, cheios de luz, e estendemos a vista pelos nossos vergeis tapisados de flores; quando aspiramos o aroma à rosa e sentimos o frescor da brisa; quando contemplamos o amigo que nos ama e a família que nos estremece; quando vemos, saudosos, o lugar em que nascemos e contemplamos esse outro em que havemos de dormir o último sono; e quando depois disto, de tudo isto, vemos a missão que Portugal recebeu de Jesus em Ourique, e a protecção que recebeu de Maria nos campos de Aljubarrota, há uma força superior que nos obriga a dobrar os joelhos em terra e a bradar: Sêde bendito, ó Deus, que permitiste que eu nascesse em tão ditosa Pátria!

Assim, de joelhos, estive aqui, diante da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, D. João 1.^o, o Mestre de Aviz. E não se contentou com dirigir-lhe as suas preces e os seus louvores: foi mais além — erigiu a Batalha e esta igreja, para que as gerações futuras soubessem quão grande foi a sua devoção à Virgem, quão ardente o seu reconhecimento para com esta poderosa Rainha.

E, meus Senhores, o exemplo de João 1.º ainda hoje nos inspira devoção à Virgem; a religiosidade de nossos maiores ainda hoje existe em todos os que amam de veras a sua Pátria. Não é uma demagogia infrene que há-de destruir a obra de 7 séculos, não. E se assim fora, nunca esta nação briosa consentiria que sobre as cinzas dos seus heróis tripudiasse uma geração degenerada, que calcasse aos pés a sua bandeira, onde se ostentam as chagas de Cristo, que escarnecesse dos feitos dos seus guerreiros, que insultasse os ministros dessa religião santa, que foi a força impulsora dos seus feitos gloriosos. Não, esta nação preferiria a morte, a que a riscassem do número das nações da terra, antes, do que trair a sua missão tão nobre. Se assim fora, ainda este velho Portugal havia de ser glorioso, porque, à sombra da Cruz, ele teria por epitáfio os *Lusíadas*. Mas, não. Se filhos bastardos desta Pátria querida, pretendessem envolvê-la nos horrores duma revolução, que tivesse por epílogo a perda da sua independência, ainda veríamos novos heróis que haviam de semelhar-se aos bravos de Aljubarrota. Porquê? Porque há ainda muitos portugueses que amam a sua Pátria e confiam na protecção de Maria Santíssima e no auxílio do Deus de Ourique. *E si Deus pro nobis, quis contra nos?*

Lembremos, pois, a vitória de Aljubarrota, despertemos em nós o amor por esta terra onde vimos os primeiros raios do sol, prostremo-nos diante da imagem de Nossa Senhora das Vitórias e digamos-lhe cheios de amor e gratidão: Senhora, hoje, como nos tempos passados, precisamos da Vossa protecção. Se não são as lutas das espadas, são as lutas das ideias que exigem de nós firmeza, para não traírmos a nossa fé. Mostrai que sois nossa Mãe — *Monstra te esse Mater* — que nós olhando para o passado, em que nos

fizestes grande, para o presente em que nos amparais,
e para o futuro, em que nos conseguireis a glória
imortal, diremos a todos que Tu és a honra deste
povo — *Tu honorificencia populi nostri.*

Fieis Defuntos

(1896)

Senhores :

A maior pena que as almas fiéis sofrem no Purgatório é serem privadas da presença de Deus e permanecer numa longa e penosa espectação de subir até à pátria celestial; esta pena é aquela a que os teólogos chamam pena de dano. Com efeito, pode existir um suplicio mais amargo, mais pungente, mais doloroso para essas almas do que não poderem atingir o Céu e gozar da presença de Deus, o que, todavia, esperam como recompensa das suas virtudes? Não! Enquanto o homem vive sobre a terra, o seu espirito é escravo da carne, as paixões cegam a sua inteligência, o amor dos bens terrenos ocupa o seu coração. As suas aspirações reduzem-se em geral aos bens efémeros do mundo; é tibio o seu desejo à posse de Deus, porque é imperfeito o conhecimento que tem da sua beleza absoluta, dos seus encantos sublimes. Mas quando a alma se desprende dos liames da carne, das cadeias da terra, das prisões do tempo, e pode ver o grande bem que é possuir Deus e a desgraça de estar privada da sua presença, ainda que por um momento, então torna-se irresistível a sua tendência para o Ser de infinitas perfeições; sente-se forçada a elevar-se até ao Céu, é aí que existe o polo magnético que irresistivelmente a atrai. Esse conhecimento, essa tendência irresistível têm-na as benditas almas que partem desta vida e se apresentam limpas de toda a mancha de pecado na presença de Deus. Muitas, porém, têm dívidas ainda a satisfazer para com a Jus-

tiça Divina, o Purgatório é o lugar da expiação da pena temporal, que não satisfizeram suficientemente nesta vida.

E assim essas almas, que constante e ardentemente aspiram à posse de Deus, cujas perfeições conhecem, sofrem o suplício mais amargo, mais pungente, mais doloroso que possa imaginar-se, ao sentir que uma mão implacável as impede de imediatamente possuir o objecto dos seus ardentíssimos desejos e ao ver que não podem livrar-se da prisão em que sofrem, sem haverem satisfeito a sua dívida até ao último óbulo. *Non exies inde, donec reddas novissimum quadrantem.*

Semelhante ao seu suplício era o dos Israelitas durante o cativo. Mergulhados em luto e em dor, conservavam silenciosas as suas harpas junto do Eufrates; chorando a sua falta, batiam no peito de arrependidos, e assentados, tristes e inconsoláveis, nas margens dos rios da Babilónia, curtiavam saudades da sua cara Sião, da cidade santa de Jerusalem: *Super flumina Babylonis, illic redimus et flevimus cum recordaremur Sion!*

Quando lhes pediam alguns daqueles cânticos com que costumavam acordar os ecos de Sião, respondiam, gemendo: Ai! Como poderemos entoar os cânticos do Senhor numa terra estranha? *Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?*

Sim, a dor do povo judeu no cativo da Babilónia era amarga, pungente, lancinante; era semelhante à das almas que estão temporariamente privadas da vista do Senhor. Mas a diferença de intensidade dessa dor era igual à diferença que há entre a Jerusalem terrestre e a Jerusalem celestial, entre os bens da terra e os bens do Céu, entre o homem e Deus, e essa diferença, cristãos, é infinita.

Calculai, pois, se podeis, o luto dessas almas desterradas da verdadeira pátria, quanta amargura não devem verter nelas as palavras do Supremo Juiz: *non exies inde, donec reddas novissimum quadrantem!*... Elas, as almas benditas amantes de Deus, sentem-se impelidas para o objecto do seu amor, suspiram constantemente pela pátria das eternas e inefáveis delícias; têm, porém, de solver essa dívida para com a Justiça Divina e, por isso, sofrem o desterro mais doloroso, a dor mais pungente, a pena mais torturante: o desterro do Céu, a dor da privação da visão beatífica, a pena de dano. Mas o que aumenta ainda os tormentos dessas almas é o conhecimento que têm de que a pena que sofrem é proveniente das suas faltas. Eis aí o que constitui a sua suprema desolação.

Com efeito, nós podemos ser infelizes, sem ser culpados, e na tranquilidade duma consciência pura encontramos uma salutar compensação que adoça muito a amargura dos nossos sofrimentos. Quando, porém, as nossas desventuras têm por causa as nossas faltas, ao mal que nos oprime, junta-se o remorso que nos atormenta. Tal é a situação deplorável das almas do Purgatório. Não podem atribuir senão a si mesmas o misero estado em que se encontram; aumenta a sua dor no ouvir o grito da consciência, que constantemente lhes brada: Fostes vós, infelizes, fostes vós os instrumentos da vossa condenação a essas penas que vos torturam; acusai-vos a vós mesmas da privação da presença de Deus. Dependia de vós satisfazer no tempo, à sua infinita Justiça; não o fizestes, porém.

Pensamento doloroso, pungentissimo, que lhes arranca este grito de dor: *Ego sum qui peccavi, ego inique egi*. Sim! Fui eu que pequei, fui eu que andei mal. Pequei contra o meu Deus, que me criou; pequei contra Jesus, meu Salvador, que me remiu com

o preço infinito de seu sangue adorável; pequei contra o Espírito Santo, que me encheu de graças superabundantes; pequei contra o supremo Senhor do Céu e da terra, que eu devìa amar sobre todas as coisas: *Ego sum qui peccavi, ego inique egi.* Ah! porque não lavei eu as minhas faltas nas cristalinas águas da penitência? Porque não recorri eu ao tesouro da Igreja, cujas indulgências me livrariam destas penas que me torturam? Não o fiz e eis aí a causa das minhas dores; eis aí o motivo que me mergulhou nestas trevas, privando-me da luz dos Céus!

Cristãos, poderá imaginar-se nada mais amargo, mais doloroso, mais pungente do que este suplicio? Não. A privação da vista de Deus, a pena de dano que as almas sofrem no Purgatório, por não haverem satisfeito na vida à pena temporal devida à Divina Justiça, é o infinito no sofrimento, porque é a privação do bem infinito que é Deus.

ALGUNS SERMÕES

E

CONFERÊNCIAS QUARESMAIS

R e d e n ç ã o

(1.ª Sexta-feira da Quaresma)

5 de Março de 1894

*Dedit remetipsum pro nobis ut nos
redimeret ab omni iniquitate.*

(Epis. de S. Paulo ad Titum, 2-14.)

Meus Senhores:

A destruir o passado e a edificar o futuro; a aniquilar a treva e a difundir a luz; a pulverizar o erro e a robustecer a verdade; a verberar o vício e a pregar a virtude; a atirar para o sepulcro da história com os desvairamentos da razão, e a colocar na cúspide da perfectibilidade os ensinamentos da Fé, apareceu um Homem belo, como a suma beleza, bom, como a suma bondade, sábio, como a suma sabedoria, poderoso como a onnipotência — Deus.

Sim! É a individualidade inconfundível de Jesus Cristo, que ao mundo velho, a esse pobre paralítico que se achava algemado pelas cadeias da ignorância, torturado pelas brumas do desespero e martirizado pelos espinhos do ódio, disse — *surge et ambula* — levanta-te e caminha. E o pobre paralítico, que durante 40 séculos permaneceu numa apatia degradante, ergueu-se e sentiu-se vigoroso e forte para ascender a todas as grandezas da terra e a todas as glórias do Céu. É que a guiá-lo, a robustecê-lo e a dulcificar-lhe as agruras da vida, estava a triplíce luz que Jesus Cristo espalhou por sobre a face da terra — a luz da verdade, a luz da esperança e a luz do amor — a verdade que eleva, a esperança que alenta e o amor que vivifica; a verdade, base da sabedoria; a esperança, alicerce da virtude e o amor, fundamento de todas as grandezas.

Ao contemplar os raios brilhantes, consoladores e benéficos dessa luz divina, o velho paralítico ergue a sua voz e pergunta: Quem és tu? E esse Homem extraordinário, objecto das aclamações da turba e dos receios da Sinagoga, que foge quando o aclamam rei, e se apresenta quando o coroam mártir, responde simplesmente: *Ego sum qui sum* — eu sou quem sou.

Ouviu e calou-se. Viu-o em toda a magestade da sua grandeza, contemplou-o em toda a grandeza do seu martírio. E aquele *ego sum* pronunciado tão singelamente pelos lábios divinos de Jesus, foi mais tarde desenvolvido por um dos maiores génios do Cristianismo, que procurando definir o Salvador do mundo, disse: *Christus est Deus et aliquid ultra* — Cristo é Deus e alguma coisa mais. Quê! O homem pode possuir alguma perfeição que Deus não tenha?... Não, com certeza, porque Deus contém eminentemente todas as perfeições das criaturas: Mas em Jesus Cristo juntou-se a natureza divina à natureza humana. Desta união resultou esse composto admirável dum Homem-Deus, que excede infinitamente em mérito, dignidade, santidade, em todas as perfeições concebíveis tudo o que existe ou pode existir: *in quo sunt omnes thesauri sapientiæ et scientiæ reconditi*.

É isto o que nós entendemos por esse dulcíssimo nome de Jesus, que em si encerra tudo o que é próprio da natureza divina e da natureza humana, todas as perfeições que resultam desta gloriosa união: *Christus est Deus et aliquid ultra*. Pois bem, esse Homem-Deus, o Ser mais extraordinário que se encontra na história da humanidade, Jesus Cristo, não veio ao mundo só para dissipar as trevas da ignorância com as suas lições, e a corrupção dos costumes com os seus exemplos. Não foi só para levantar o homem ao nível moral que lhe compete, pela revelação de verdades

que ele ignora, pelo incentivo da esperança que ele desconhece, pelos impulsos do amor que ele não sente que o Verbo de Deus incarnou, submetendo-se aos sofrimentos morais e físicos da Paixão e à morte ignominiosa na Cruz. A sua obra visou mais alto ainda. Fazer-se novo Adão para remediar a sua desgraça e de toda a sua posteridade; reparar, pela humilhação e pela dor, o orgulho e o prazer que foram a causa da primitiva queda e que se encontram mais ou menos nos nossos pecados pessoais; criar novo gênero humano — novo nas ideias, nos costumes, nas aspirações, no poder de louvar, amar e glorificar a Deus; libertá-lo do império do tentador, prodigalizando-lhe meios sobrenaturais de vencê-lo e de merecer e ocupar um dia no Céu os lugares vários pela sua queda e pela dos outros anjos rebeldes: eis a obra verdadeiramente grande, generosa, estupenda do Divino Verbo: *dedid remetipsum pro nobis ut nos redimeret ab omni iniquitate.*

É a grande obra da Redenção, meus Senhores, é o benefício incalculável que Jesus nos fez, aceitando resignado o cálice da amargura.

A Igreja, mãe carinhosa, sempre solicita em promover o bem espiritual de seus filhos, chama-nos nestes 40 dias à contemplação dos altíssimos mistérios da Paixão de Jesus, afim de que procuremos colher os frutos da sua grande obra.

Vamos, pois, ver como Jesus se deu por nós em holocausto ao Eterno Pai, com o fim de nos remir, e como apesar dos escárneos que sofreu, das torturas que lhe inflingiram, e da ignominiosa morte que lhe deram, Ele se manifesta verdadeiro Deus pela magestade e sabedoria infinitas que se revelam, em todo o percurso da via dolorosa, e nas consequências brilhantes e altamente benéficas da grande obra da Redenção.

Meus Senhores :

Não há ai quem ignore a história da queda deplorável que transformou em espinhos as rosas que tapejavam o berço da humanidade, e em lágrimas os sorrisos que indicavam a ventura dos felizes habitantes do Eden. A desobediência ao mandato divino, a não observância do preceito imposto pelo supremo Legislador ao homem a quem acumulara de dons inestimáveis, destronou este do alto do pedestal em que o colocara a munificência do Criador, e deu principio a essa existência tenebrosa pela ausência da fé, triste pela perda da esperança, árida e pungente pela falta do puro amor. O homem queria voltar ao estado primitivo da graça; chamavam-no as saudades dos bens que perdera; as vagas reminiscências que conservava ainda das venturas do Eden... Não podia, porém, realizar o seu desideratum, por maior que fosse o arrependimento da sua culpa, por mais austera que fosse a penitência que se impusesse a si mesmo, por mais edificante que fosse a santidade da sua vida. É que, como muito bem diz um sábio escritor católico, todo o insulto é tanto mais grave quanto maior é a dignidade da pessoa que do mesmo é objecto. Em razão, pois, da Magestade infinita que o homem insultara por sua revolta, seus pecados tinham alguma cousa de infinito em sua malícia, que só podia ser perdoada em vista duma satisfação infinita. Ora como poderia o homem elevar-se ao infinito em merecimento e santidade para poder apresentar a Deus a satisfação que lhe era devida, não sòmente pelo pecado de sua origem, senão também pelos seus pecados actuais?

A reconciliação, pois, do homem com Deus, pelas forças próprias era duma impossibilidade absoluta; não havia remédio para a sua queda — havia de viver

sem esperança e morrer sem consolação. Mas o que era impossível à miséria do homem foi possível à caridade infinita de Deus, pelo mistério da encarnação do Verbo. O Verbo Divino assumiu a humanidade: não uma humanidade toda sã, impassível, imortal; não a humanidade tal como ela era no estado da inocência do homem; mas a humanidade fraca, enferma, sujeita aos sofrimentos e à morte: tal como se tornara depois da perda da justiça original. Mas debaixo dessa humanidade enferma, o Verbo Eterno conservou a sua voz divina, a santidade, os merecimentos, os direitos e a dignidade de Filho de Deus. Pela unidade da pessoa, na qual em Jesus Cristo estão substancial e hipostaticamente unidas as duas naturezas, o Deus é verdadeiramente homem e o homem verdadeiramente Deus. Verdadeiramente homem ele pode ser humilhado, sofrer, morrer como qualquer homem; mas verdadeiramente Deus pode dar a estas humilhações, a estes sofrimentos, a esta morte, o valor, o merecimento infinito das acções divinas e oferecer, portanto, ao Eterno Pai uma satisfação infinita. Foi essa satisfação infinita devida à infinita Justiça pelo pecado dos proto-parentes da humanidade, o fim principal da grande obra da Redenção. Mas como realizou o Homem-Deus essa obra de paz e reconciliação entre a criatura e o Criador?

Pela humildade e pelo sofrimento. Humildade patenteada na pobreza do seu nascimento e na obscuridade da sua vida, sofrimento que principia com a angústia de Getsémani e vai sempre em crescendo até à tragédia do Gólgota. Acolá é tão pobre, que nasce num estábulo, onde faltam os confortos que os próprios indigentes possuem; cresce e o trabalho manual, ajudando seu pai putativo, é o único meio que tem para prover à sua subsistência. Aqui, é tão escarnecido, tão vilipendiado, que mais parece um malfeitor a so-

frer as penas com que a justiça dos homens costuma castigar os seus crimes, do que o Santo dos Santos que vem remir a humanidade. Ora, é um discípulo que o traiçoa; ora, é outro discípulo que o nega. Aqui, prende-o a soldadesca; acolá, apupa-o a turba desvairada; Jesus é esbofeteado pela plebe e julgado iniquamente pela Sinagoga. Colocam-lhe aos ombros uma cruz, fazem-o subir a ladeira do Calvário e aí dão-lhe a morte dos grandes celerados!... Que!... O Deus de infinita magestade não se sente aviltado por essas ignominias de que é objecto o seu Filho Unigénito? Acaso a sua sabedoria não poderia poupar ao Verbo incarnado esses sofrimentos e essa morte?

Senhores: Os sofrimentos de Jesus e a sua morte não são de forma alguma inconciliáveis com a magestade divina, porque há neles um carácter sublime, verdadeiramente digno de Deus pela grandeza moral, sobre-humana que resplandecem na Vitima. No horto de Getsémani admiramos a força de alma com que Jesus Cristo, no meio das angústias duma agonia incomparável, se votou tão generosamente a beber o cálice da sua Paixão, e essa força é verdadeiramente digna de Deus — que sublime, que divina não é aquela magnanimidade com que vê vir tão cheia de ignomínia e horrorosas dores essa Paixão tormentosa?! Poderia evitá-la pela fuga; mas, não... espera-a. Jesus vai mesmo ao encontro do discípulo traidor e dos seus satélites, e presta-se sem indignação, com doçura e benignidade sobre-humanas ao ósculo repugnante do discípulo infame.

A magestade de Deus não é aviltada pela crueldade com que Jesus é tratado em casa de Caifás, porque a suplantar a injustiça, os apupos e a covardia dos algozes, estão a tranquilidade, o silêncio e a coragem da Vitima — essa tranquilidade da inocência que

não se abala sob os golpes da iniquidade, esse silêncio duma grande alma, que assaltada por acusações mentirosas e tratamentos indignos, insultantes e atrozes, paira nas eminências da sua virtude, acima de toda essa tempestade infernal, como um céu sereno acima duma furiosa tempestade que envolve as regiões baixas da terra; essa coragem verdadeiramente heróica duma consciência que não hesita a prestar testemunho à verdade, sabendo, todavia, que esse testemunho lhe causará a sentença de morte.

Dignos de Deus são a tranquilidade, o silêncio e a coragem de Jesus Cristo quando em casa de Pilatos é objecto de acusações furibundas, ante as quais permanece quieto e mudo a ponto de este Governador não poder deixar de prestar-lhe a homenagem da sua admiração; — quando em casa de Herodes, que o interroga insistentemente e que o houvera salvado das mãos dos seus inimigos se Jesus tivesse respondido às suas perguntas, não se digna responder-lhe uma só palavra, porque vê nele o esposo incestuoso de Herodiade e assassino de João Baptista; — quando, finalmente, vestido com o hábito de insensato, se mostra impassível no meio dos sarcasmos da côrte. Verdadeiramente digna de Deus é a grandeza de alma com que Jesus, voltando à presença de Pilatos, suporta em silêncio, a comparação da sua Pessoa à de Barrabás e a horrível preferência dada por aclamação a este insigne salteador; verdadeiramente digna de Deus é a paciência espantosa com que Jesus sofre sem um lamento o tremendo suplicio da flagelação e o seu revestimento de rei teatral coroado e saudado pelas mais pungentes irrisões e pelos mais indignos insultos. São verdadeiramente dignos de Deus a resignação com que Jesus ouve os *Cruxifiges* da turba, o amor com que se abraça à Cruz redentora; o esquecimento

prodigioso de si mesmo, quando, dirigindo-se às piedosas mulheres que o seguiam, chorando, lhes diz: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai por vós e pelos pecados de vossos filhos»; e finalmente, aquela oração pelos seus algozes: «Pai, perdoai-lhes, que não sabem o que fazem», súplica sublime e incomparável, que nunca houve boca humana que pronunciasse, porque nunca houve coração humano que a sentisse.

Não, meus Senhores, em toda a obra da Redenção, em todos os sofrimentos de Jesus, desde o Horto ao Calvário, não houve nada que não se harmonize com a magestade infinita, porque em todos os actos do Divino Mártir se encontra um carácter sublime, uma grandeza de alma só dignos de Deus.

E não poderia a Sabedoria de Deus poupar ao Verbo incarnado esses sofrimentos e essa morte? Podia e devia, ao que parece, já porque por a sua misericórdia podia perdoar-nos gratuitamente, já porque a sua justiça podia satisfazer-se suficientemente pelo acto mais insignificante dum tão grande reparador. Mas não é a obra da Redenção de forma alguma inconciliável com a Sabedoria de Deus. Aqui o mistério em vez de oferecer contradições, contém admiráveis harmonias, que até justificam mais e mais a concordância das humilhações e sofrimentos do Homem-Deus com a sua infinita magestade.

Com efeito, meus Senhores, que vemos nós neste mistério? Uma satisfação rigorosa e superabundante paga à eterna justiça para salvação da humanidade criminosa, afim de que não só a misericórdia, mas até a justiça de Deus, tivessem empenho na nossa redenção e que a nossa confiança fosse alentada pelos direitos fundados na promessa de Jesus Cristo, o qual, pelos seus padecimentos pagou por nós satisfação

plena e rigorosa, porque ofereceu honra equivalente à ofensa, reparação igual à injúria; e pagou com excesso, porque bastaria um só dos seus sofrimentos, quando aliás eles foram inumeráveis e toda a sua Vida foi infinitamente meritória. Por esta superabundância Ele mereceu, como Homem, glória e exaltação sem par, culto e adoração perpétua, e nós obtivemos a justificação dos dons da graça e a vida eterna. E assim, por admirável economia da Providência, no mistério da Redenção, nós, de devedores que éramos, tornamo-nos credores, porque Deus nos deve em seu Filho e por causa d'Ele tudo o que Jesus mereceu para nós.

A Divina Sabedoria manifesta-se claramente na luz que vemos surgir das sombras desse mistério — luz brilhante e fecunda que esclarece a inteligência e anima o coração. Essa luz mostra-nos, em toda a evidência, a profundidade da queda primitiva e suas horrosas consequências, cujo resgate custou a imolação, o sofrimento e a morte do Homem-Deus. Mostra-nos quão grande mal é o pecado e os castigos incompreensíveis que nos poupou a obra estupenda de Jesus Cristo. Mostra-nos as maiores misérias da humanidade decaída, o orgulho e a sensualidade e ensina-nos como devemos combater essas misérias, apresentando-nos como armas de que nos devemos servir nessa luta — a humildade e o sacrifício — a humildade que reconhece os direitos infinitos e absolutos do Criador, que os respeita em todos os tempos, submetendo-se sem reserva às suas leis; e o sacrifício que reprime as paixões e as ilusões sedutoras e falazes da vida e que aceita generosamente a dor e a provação, seguindo os passos de Jesus Cristo, que se oferece a nós como modelo, incitamento e consolação plena de lisongeiças esperanças. É a Sabedoria de Deus a patentear-se

brilantemente na grande obra da Redenção! Mais: O Verbo assume a natureza humana, realiza a Redenção pelo sofrimento e pela morte e assim dá a Deus glória suprema e aos homens benefícios inumeráveis.

Compulsai, meus Senhores, a história brilhante do Cristianismo, e ai vereis como nos vinte séculos da sua existência têm sido prestadas a Deus homenagens sem número, homenagens sublimes, em todos os povos e climas, por todos os homens, sem distinção de idade, de sexo e de condição, que se inspiraram e inspiram ainda na Cruz, símbolo das humilhações e sofrimentos de Jesus Cristo, manancial inexaurível de benéficos incitamentos à virtude. Lêde essa história e ai vereis como Deus é glorificado pela evangelização dos Apóstolos, pela constância dos mártires, pela firmeza dos confessores, pela pureza das virgens, pela penitência dos ascetas e cenobitas, pelos ensinamentos dos padres e doutores da Igreja. E todos esses receberam força, inspiração e luz na Paixão e Morte de Jesus Cristo.

Que cousa mais gloriosa para Deus, do que fazer-se adorar deste modo, louvar e amar na última humilhação e dor, na morte afrontosa da Cruz infamante, na pessoa do seu Cristo? E isto não só pela massa comum dos povos, convertidos ao Evangelho, mas pelos homens mais esclarecidos de todos os séculos, por génios de primeira ordem, cheios de fé e piedade, onde há sábios como Agostinho, filósofos como Aquino e moralistas como Afonso? Onde há reis como Luis IX, rainhas como Isabel, e fidalgos como Francisco de Borja? Onde há políticos como Windthorst, jornalistas como Veuillot e pontifices como Leão XIII?

Ah! Meus Senhores, quem pudera descrever as sublimes virtudes que floresceram em germen na árvore

da Cruz e se desenvolveram mais tarde em todas as partes do Universo, embalsamando a terra com o bálsamo do Céu!... Quem pudera inumerar as dedicações de toda a espécie, as vidas e mortes sublimes, que a vida e morte de Jesus tiveram a força de produzir!... Impossível, porque nenhum dos factos da vida do Homem-Deus, desde o Getsémani ao Gólgota foi infrutifero no vastissimo campo das virtudes cristãs. Há, porém, uma que emergiu desse percurso glorioso e que é um dos frutos mais prodigiosos do mistério da Redenção: é o amor divino elevado ao seu mais alto grau. Antes desse mistério era desconhecido semelhante amor no paganismo; tinha-se medo da divindade e não se amava. É certo que o povo judaico, depositário da revelação primitiva, confirmada e desenvolvida pela revelação de Moisés, não só era conhecido, mas até preceituado. Quanto, porém, não deixava a desejar a observância deste preceito! Quantas vezes a quase totalidade desse povo mereceu as censuras e ameaças dos Profetas, não voltando ao caminho do dever senão fulminado pelos golpes terríveis da Justiça infinita de Deus!?

Esse povo, porém, encerrado nos limites da Palestina, era, comparado com a multidão dos gentios, um insignificante oásis perdido na imensidade da terra.

Mas depois que Jesus realizou a grande obra da Redenção, o amor de Deus espalhou-se por toda a parte onde chegava a luz do Evangelho, produzindo aí fenómenos humanamente inexplicáveis. Esse mistério tão comovente, esse drama tão sentido da Paixão do Redentor, provocou lágrimas sublimes, produziu heroísmos admiráveis, promoveu conversões maravilhosas para com Aquele que tão assombrosamente se dedicou à salvação da humanidade; apelou para tudo quanto é nobre, delicado e generoso na sensibilidade

humana e foi compreendido; e em todos os pontos do globo foi implantado o seu simbolo — a Cruz —, a inspiradora constante do amor divino, que com seus braços ligou os homens num amplexo de amor e fraternidade.

E eis, meus Senhores, como a obra da Redenção, cujo fim foi solver a enorme dívida que o homem havia contraído para com o seu Criador, se harmoniza admiravelmente, em si e nas suas consequências, com os divinos atributos da magestade e sabedoria de Deus.

É à contemplação dessa obra que a Igreja destina os quarenta dias que vão seguir-se. Chama-nos a todos, reúne-nos como boa Mãe à volta de si, e diz-nos: Filho, não esqueças os altíssimos benefícios que deves ao teu Redentor. Vê-o na sua Paixão, contempla-o na sua morte, admira-o na sua misericórdia, e se o mundo iniquo te quiser arrancar a Imagem Divina, que deve ser o objecto da tua contemplação e dos teus affectos, diz-lhe: não. Não, porque Ele é a Verdade; não, porque Ele é a Esperança; não, porque Ele é o Amor. Quando te sorrirem os prazeres criminosos, afasta-os, recordando a agonia de Jesus no Horto de Getsémani; quando te assediar o orgulho, lembra-te da humildade de Jesus na presença dos seus algozes; quando sofferes injustiças, recorda a sentença proferida contra o Divino Mártir; quando pretender vencer-te o desalento, contempla a morte do maior dos justos, que te deixou uma arma para vencer em todas as lutas, para subjugar todas as contrariedades. Essa arma é a Cruz — o lábaro santo — que será até à consumação dos séculos a pregoeira do Amor Divino e da Redenção da humanidade. E se o mundo te empolgou por momentos, se a tua alma perdeu o cândido véu da inocência, se te inodoaste no lodaçal do crime,

vai purificar-te nas cristalinas águas da penitência, onde há bálsamos para todas as feridas, conforto para todos os desalentos, perdão para todas as culpas, misericórdia para todos os prevericadores: *Penitentiam agite*.

Eis, meus Senhores, o que nos diz esta Religião santa, esta Mãe carinhosa que se veste de luto para comemorar a Paixão e Morte do seu Esposo Divino, e que se desabrocha em flores de misericórdia e amor para chamar ao caminho da honra, do dever, da santificação e da glória, a nós, miseros pecadores, pobres ovelhas tresmalhadas do caminho 'do Céu. Ouçamos a sua voz, acedamos ao seu convite, corramos ao seu apelo. E para nos animarmos a prosseguir no caminho da virtude, ou a fugir da senda espinhosa do pecado, retrocedamos vinte séculos, vamos em espírito assistir a esse martírio ingente que principiou no Jardim das Oliveiras, com a aceitação do cálice da amargura, e terminou nas cumidades do Gólgota, com o último sopro da vida gloriosíssima de Jesus.

Vêde: Ele, o Filho de Deus, treme e vacila ao contemplar a enormidade dos tormentos que o esperam, e dirigindo-se ao Eterno Pai, exclama, numa súplica que parece um desalento: *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste*, Ó Pai, se é possível, passa de mim este cálice. Ele, o Redentor dos homens, lança uma vista através de todos os tempos e de todos os lugares, vê passar ante si os ingratos que o esquecem, os maus que o insultam e os tíbios que dormem o sono da indiferença, e de sua alma atormentada, sai de novo essa súplica que parece um grito de desalento — *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste*; Pai, se é possível, passa de mim este cálice. Inunda-lhe a fronte copioso suor de sangue; o Homem-Deus vê elevar-se a cruz nas cumiadas do Gólgota, ouve as

blasfêmias horríveis do povo deicida, as gargalhadas sinistras do povo de Israel, os insultos infernais da turba desvairada e louca e de novo eleva ao Eterno Pai essa súplica dum coração amargurado: *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste*: Pai, se é possível, passa de mim este cálice.

Getsémani é iluminado pelos brilhantes raios dum fulgor celeste, Jesus vê a par do seu martírio a glória de Deus e a salvação dos homens; vê a cruz transformar-se de patíbulo de celerados em pendão de glória; ouve os hinos do mundo cristão a sobrepujarem as blasfêmias dos seus inimigos; vê toda essa epopeia de grandezas morais e heroísmos brilhantes, de virtudes austeras que hão-de brotar à sombra da Cruz e diz, recebendo o cálice do seu martírio: *Non mea votuntas sed tua fiat*: Não se faça porém a minha, mas sim a tua vontade.

Recebe, ó Cristo, o cálice da amargura; se delessem todos os sofrimentos da tua Paixão, e a agonia espantosa da tua morte, ele é também o cofre preciosíssimo onde se contém todas as grinaldas de amor, de dedicação e de sacrificio que o mundo cristão ha-de depositar a teus pés. Recebe, Senhor, esse cálice, abre-nos com o teu sangue as portas da eterna ventura, que nós, reconhecidos pelo vosso amor, animados pelas vossas promessas e crentes na vossa doutrina, venceremos os gritos da impiedade com hosanas contínuos à vossa infinita misericórdia.

(1.^a Sexta-feira da Quaresma)

1894

*Estote ergo perfecti sicut et Pater verter
cælestialis perfectus est.*

(Math. V, 48.)

*Euntes in mundum universum prædicate
Evangelium omni creaturæ.*

(Joan. 16 - 15)

Senhores :

Um dos mais notáveis oradores dos tempos modernos, que a par dum talento profundo e duma erudição vastíssima, era dotado dum zelo verdadeiramente apostólico e duma eloquência arrebatadora, o Padre Félix, esse apóstolo do século XIX, que fez correr os habitantes de Paris ao templo de Notre Dame, em cujas abóbadas tinham ecoado as palavras de Frayninous, de Ravnigan e Lacordaire, citou numa das suas admiráveis conferências as palavras dum publicista que em 1851, no meio das agitações produzidas por um recente movimento político, escrevia estas que são profundamente judiciosas: «Se um homem com a sua palavra chegasse a convencer-nos de que a virtude é tão necessária para nós como o pão de que nos alimentamos, esse homem bem mereceria da sociedade, que deve ser reformada, não politicamente, mas moralmente».

Isto que se applicava em 1851 à nação francesa, pode hoje applicar-se à sociedade em geral, quiçá, com mais propriedade. A falta de fé, a indiferença para com o mais importante problema da vida, o quase esquecimento da morte, a ignorância das sublimes verdades do Cristianismo, e consequentemente, o

afastamento de Jesus Cristo, são a causa da desorganização social dessa onda formidável, que ao passo que caminha, se avoluma horrivelmente, medonhamente, ameaçando subverter toda a ordem nas famílias, nas nações, na sociedade. E não se julgue que eu declamo, meus Senhores. As nações mais importantes, os estadistas mais famosos, vêm-se a braços com a questão social, que os apavora. Levantam a guilhotina, fazem tombar a cabeça dum criminoso, mas surgem outros criminosos mais ousados, que levam o terror àqueles que seguiram as inspirações da justiça humana e prometem vingar o último sentenciado. Decretam-se leis, mas não satisfazem. Apresentam-se alvitres, mas não são aceites. Pretende-se levar o proletariado à convicção de que o seu fim é um mito, de que os meios de que se serve são monstruosos, de que é errado o caminho que trilha... mas ele caminha na sua marcha destruidora, matando e morrendo. É o inferno a trabalhar na desorganização social, é o génio do mal a colher o fruto da sua obra!

Sim... porque estes efeitos têm a sua causa remota! O orgulho reuniu-se com a ciência num homem e inspirou-lhe a revolução religiosa — esse homem foi Lutero! A impiedade reuniu-se com um génio — e formou Voltaire e mandou-o rir do Divino Jesus, e mandou-o escarnecer o mesmo Deus que adoramos. Reuniu-se depois ao talento, mandou-o emancipar da fé — e surgiu Renan, pretendendo roubar do Filho de Maria Santíssima a sua natureza divina, destruindo pela base esta religião santa. A pena tem cooperado nesta obra infernal, e lá surge o romance imoral, a opereta impudica, o jornal impio, todas essas publicações que vão inoculando o veneno da descrença na alma popular. E o proletário, ao ver-se andrajoso, faminto, miserável, ele que não crê na vida eterna,

porque assim lho ensinaram, ele, que com a crença perdeu todos os sentimentos nobres, levanta o primeiro grito e diz: «Não há Deus»!... Estabelecido este principio nefasto, horrendo, ele, o incipiente, conclui lógicamente que a propriedade é um roubo e a autoridade um despotismo. Pratica o primeiro acto para conseguir o seu fim, e esse acto é um crime monstruoso, cuja responsabilidade cabe não tanto ao que o pratica, como aos que apresentaram a matéria como soberana, a matéria como fim, a matéria como aspiração suprema da vida! É que, meus Senhores, a causa dum incêndio pavoroso deve atribuir-se menos ao combustível do que ao comburente: e na presente questão o combustível é o povo descristianizado, ignorante, digno de compaixão, e o comburente é essa falsa ciência, que pretende fazer subsistir a sociedade sem Deus! O verdadeiro anarquista é, pois, não o que com o explosivo pretende destruir os bens materiais, a vida temporal, mas o que com uma falsa ciência, com uma doutrinação de má fé, procura destruir os bens espirituais, o mais precioso tesouro a que o homem pode e deve aspirar — a vida eterna!

É a esses, que nos devemos dirigir, convidando-os a converterem-se ao verdadeiro Deus, é por esses que devem ser dirigidas ao Céu as nossas súplicas, afim de que uma centelha da fulgentíssima luz da fé venha dissipar as trevas do seu espírito, é a esses, a quem deve ser dirigida a nossa palavra, para os convencer da grandeza, sublimidade e veracidade dos dogmas católicos, e da necessidade social e sobrenatural do reinado de Jesus Cristo, da virtude como meio eficaz para o homem conseguir o fim que lhe foi imposto pelo Criador! Ah! meus Senhores, seria, com efeito, um benemérito o homem que destruindo esses erros que têm invadido a sociedade moderna, implantasse

no coração de todos o amor de Jesus Cristo e despertasse em todas as almas um desejo veemente de seguir a linha recta do dever praticando as virtudes cristãs.

E esta obra há-de conseguir-se, não pelo esforço dum só homem, mas pelo concurso de todos aqueles que, inflamados em verdadeira caridade, desejarem elevar o homem ao nível moral em que o quer o Divino Jesus. Principio.

Senhores :

Depois do nosso Divino Redentor haver confirmado a Pedro na sua dignidade de Apóstolo, e depois de o ter investido na dignidade sem par de Pastor dos Pastores, dando assim a última de mão à grande obra que não cessou de edificar — a Igreja, aproximou-se dos onze Apóstolos e disse-lhes: «Todo o poder me foi dado no Céu e não na terra; ide, pois, instruí todas as nações. Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a todas as criaturas. *Euntes in mundum universum! Prædicate Evangelium omni creaturæ.*» Aos Apóstolos, pois, ao sacerdócio católico é que foi confiada e continúa a ser cometida a alta missão do levantamento moral da sociedade. E este fim há-de conseguir-se, principalmente pelo ensino, pela catequese exercida na tribuna sacra.

E isto, não porque o discurso seja mais ou menos ataviado com as flores da retórica, não porque o orador seja mais ou menos humanamente autorizado; não porque a sua eloquência seja mais ou menos arbatadora, mas única, exclusivamente, porque essa palavra que tem sido dirigida a todo o povo cristão, desde o estabelecimento do Cristianismo, e que continua a retumbar até ao fim dos séculos, do alto desta tribuna, é a palavra de Deus, principio e fim de todo

o bem, princípio e fim de toda a ordem social, moral e sobrenatural. Mas, meus Senhores, se os templos se enchem de pessoas de todas as classes e condições, se é tão grande o número daqueles que correm ao templo para ouvir essa palavra que é fonte de tantos bens, qual o motivo dessa desorganização social que nos apavora, dessa desmoralização que se alastra?

É, meus Senhores, a falta das disposições convenientes para ouvir essa palavra santa, tão necessária ao homem para conseguir o seu fim, tão útil a nós, pobres viageiros, cheios de dores e misérias, palavra que exprime a moral mais sublime, os ensinamentos mais sábios, a poesia mais elevada que o mundo há presenciado.

Eis traçado o plano do meu discurso, em que procurarei: 1.º, indicar as disposições dos fiéis para ouvir a palavra de Deus; 2.º, mostrar a grandeza e sublimidade da doutrina de que essa palavra é a expressão. Justifica-se a escolha deste assunto por ser esta a 1.ª conferência da presente Quaresma, em que esta católica Guimarães poderá colher copiosos frutos das palavras eloquentes dos oradores que se seguirem neste e em outros templos desta cidade.

Senhores :

Deus, cujas misericórdias parece tornarem-se mais abundantes, à medida que os nossos crimes aumentam, torna-se, neste tempo santo para assim dizer, mais solícito, redobra os seus cuidados, apresenta-nos meios eficazes para a nossa santificação. Dentre esses destaca-se a pregação, o ensinamento das eternas verdades.

Senhores: Outrora, quando o povo escolhido se afastava do caminho traçado pela lei, enviava-lhe a

Infinita Justiça os seus profetas, para anunciarem a esse povo todas as calamidades que haviam de seguir às suas faltas, e para pelo terror desses males, pôr um dique às suas iniquidades. Então Jerusalém cobria-se de cinza e cingia o cilício da penitência, os seus sacerdotes choravam entre o vestibulo e o altar, os seus anciãos reuniam-se no templo e elevavam a sua voz para invocar as misericórdias do Deus de Abraão; as mulheres desprezavam os seus adornos; aos dias de alegria seguiam-se dias de tristeza e as virgens desoladas faziam ecoar os seus gemidos pelas praças públicas da cidade infiel; e o Senhor movido pelas suas lágrimas e pelo seu arrependimento depunha de suas mãos omnipotentes o raio destinado a punir a infeliz Jerusalém.

Senhores: Terminaram os profetas, mas ficaram os sacerdotes, cujo mistério, nestes dias de santificação, é o mesmo.

Sim! Eles apresentam à vossa fé as eternas verdades que a Sabedoria Infinita se dignou revelar aos homens e, se em vós essa luz, essa virtude está enfraquecida pelas trevas duma ciência falsa, eles dirigem-se à vossa razão e mostram-vos quão aceitáveis são os mistérios do Cristianismo. Ah! mas é esta a maior dificuldade que se nos apresenta, porque temos contra nós todas as paixões, toda a resistência do amor próprio, do orgulho, triste herança duma natureza decaída; e os princípios falsos do século XVIII que se aniquilou na história pela sublevação da razão contra a fé, feita em nome da ciência e da filosofia. Felizmente, meus Senhores, não sou escutado por um auditório eivado desses erros, não; é a um auditório crente que eu dirijo a palavra, e, por isso, não me parece necessário combater essa falsa ciência, que desde o século passado pretende demonstrar certo antagonismo entre

a teologia e a filosofia, entre o dogma e a ideia, entre a fé e a razão. Basta, pois, que aquele que se dirigir a vós, no santo ministério da pregação, no cumprimento daquele preceito divino, tão alto, tão benéfico — *prædicate Evangelium anui creaturæ* — vos lembre as eternas verdades e vos guie pelo caminho do bem, apontando-vos os meios para o conseguirdes. Mas, meus Senhores, a primeira e principal disposição que em nós exige a santidade desta palavra, quando corremos ao templo para a ouvirmos, é um desejo ardente de que nos seja útil. Precisamos, pois, de avivar a nossa crença, de nos dirigirmos a Deus, Luz eterna, infinita, pedindo-Lhe que a Sua Santa Palavra caia em nossa alma como bálsamo para as nossas dores, como luz que torne mais intensa a nossa fé, como chama que torne mais ardente a nossa caridade. Ela tem atractivos poderosos para a nossa conversão, inspira-nos a virtude e o zelo, a sabedoria e a dignidade, desperta em nós todos esses sentimentos que nos fazem subir no termómetro da personalidade até ao grau da dignidade humana, e nos eleva até ao trono de Deus nas asas do puro amor. Mas para isso, meus Senhores, para que a Palavra de Deus produza em nós tão benéficos efeitos é necessário que a ouçamos mais como vinda dum Mestre, que nos guia, do que como uma harmonia, que nos arrebatá; devemos guardá-la mais como um meio de salvação do que como uma audição de leitura.

A segunda disposição deve ser o espirito de piedade. Quando os Israelitas se aproximaram do Sinai para ouvirem a lei que um anjo ia anunciar-lhes, ordenou-lhes o Senhor que se purificassem de todas as suas manchas, que se santificassem pela penitência, a fim de que não levassem junto à Montanha nada que não fosse digno da palavra que iam ouvir. E se

isto se dava naquele tempo, hoje, que nós escutamos os ensinamentos divinos duma lei mais perfeita, não deveremos dispor-nos piedosamente para ouvirmos as palavras da vida eterna, os preceitos incomparáveis da moral de Jesus Cristo? Não é um anjo que nos anuncia essa moral, essas palavras, mas são os ministros de Deus, é o mesmo Deus, pois Ele diz: *Qui vos audit me audit, qui vos spiernit me spernit.*

Fazei, Senhores, a abstracção do que nós somos, do ministério que cumprimos, atentai nas tremendas verdades que anunciam o castigo aos transgressores da lei, vede bem a origem, a fonte donde dimana a palavra que vos é dirigida e considerai qual será mais respeitável, mais digno duma santa disposição, se a lei que vos anunciou o anjo, se as exortações que vos dirigem os sacerdotes católicos. Oh! seria inqualificável o procedimento daquele que viesse ao templo de Deus ouvir Sua Palavra santissima por uma vã curiosidade, considerando-a mais como um passatempo agradável, do que como um manancial, donde podemos colher o fruto da conversão e a graça da perseverança.

A terceira disposição que deve conduzir os fiéis a ouvir a Palavra de Deus é um verdadeiro arrependimento das culpas cometidas e a confusão por tantas vezes terem resistido à graça que lhes vem do Céu, ao ouvirem a pregação das eternas verdades. Sim! não sejam os nossos corações tão insensíveis, que não se movam a essa Palavra que pode vencer os preconceitos dos filósofos pagãos e o orgulho dos Césares; abram-se os nossos corações e recebam essas verdades que descem do Céu, com os caracteres divinos de elevação e sabedoria, tão consoladoras para o coração, pois só elas podem produzir a paz e tranquilidade do espirito, tão dignas da nossa adesão que não sei como

possa justificar-se o homem que recuse abraçá-las, tal é a autoridade da origem e as consolações que encerram as verdades tão sábias, tão sublimes da moral de Jesus Cristo. De todas as disposições, porém, que são necessárias para se colherem os frutos da Palavra de Deus, há uma que é a mais importante, que é o alicerce sobre o qual assenta o magnifico edificio da perfeição moral do homem: é a humildade.

Sim, aquele que quiser prosseguir pelo caminho do bem e conquistar essa grandeza que o eleva aos olhos de Deus e da sociedade mesma; aquele que for ao templo ouvir a Palavra Divina, não por uma vã curiosidade, mas com um desejo veemente de praticar as virtudes cristãs, que ela lhe ensina, há-de ser humilde. E' Santo Agostinho que nos ensina esta doutrina. Quereis ser grandes? — diz-nos este inclito doutor — principiai pelo que há de mais pequeno. *Magnus esse vis, a minimo incipe.* Quereis elevar a grande altura o edificio da vossa perfeição moral? — principiai pelo alicerce, que deve ser a humildade — *Cogitas magnam fabricam construere celutudinis? de fundamento prius cogita humilitatis.* Estes pensamentos de Santo Agostinho encerram toda a filosofia da perfeição moral do homem. Sim, quanto mais o homem se humilha, mais se exalta. E quando não chegue a compreender alguma cousa deste mistério, e quando não pratique esta virtude, escapa-se-lhe o segredo da sua perfeição moral e nem ao menos chega a compreender a essência da santidade. Falta-lhe o primeiro elemento: desconhece a ciência moral, julga impossível a prática da virtude, e consequentemente podem descer os anjos do Céu a pregar-lha que ele não a pratica — o homem orgulhoso julga-se impotente para cumprir os preceitos de Jesus Cristo.

Senhores, o orgulho tem feito dos anjos mons-

tros; a humildade tem feito dos homens anjos. O orgulho foi a causa de todas as calamidades que se têm seguido à prevaricação do primeiro homem, a quem ele serviu de óbice a abraçar o preceito de Deus Criador; a humildade nasceu há 19 séculos junto à Cruz, e desde então, ou envolvida na túnica do apóstolo, ou no manto da virgem, nas vestes do mártir ou na armadura do guerreiro, nos mantos reais, ou no hábito do frade, ela tem sido a causa das virtudes mais austeras, das abnegações mais generosas, dos progressos mais legítimos. E' que, meus Senhores, o orgulho — diz um notável orador moderno — é o principio de toda a decadência moral, porque é o homem afastando-se de Deus e voltando-se para si mesmo; e a humildade é o principio de todo o progresso moral, porque é o homem desprezando-se a si para voltar para Deus.

Como poderá o homem abraçar as verdades que lhe são comunicadas pelos pregadores da doutrina de Jesus Cristo, sem que tenha essa virtude que o leva a sujeitar a sua razão aos ensinamentos da fé?! Como poderá o pecador dar o primeiro passo para a sua santificação, isto é, sujeitar-se à confissão sacramental, prostrando-se reverente aos pés dum sacerdote, que embora investido duma autoridade divina, não deixa por isso de ser um homem também, e abrindo-lhe a sua alma, dizer-lhe os mais recônditos pensamentos, todas as suas misérias e prevaricações, sem que seja dotado da altíssima virtude da humildade? Ah! meus Senhores, assim como a flor não brota sem que sobre ela incidam os raios solares, assim a Palavra de Deus não frutifica sem que a alma seja dotada da humilhação evangélica. E não consideremos esta virtude vexatória para a natureza racional do homem, não! Lede a História e vê-la-eis elevar-se majestosa a do-

minar as mais desastradas paixões, e a impulsionar os mais admiráveis heroismos! Olhai para os nossos altares e vede os seus prodígios: pecadores transfigurados pelo arrependimento em Santos do Senhor; pusilânimes tornados herois pela força desta virtude; o vitupério transformado em glória, o escândalo em edificação, o pecado em virtude, o homem em anjo!!! E' a Palavra de Deus a realizar-se — *qui se humiliat exaltabitur*.

Quando, pois, meus Senhores, nos dirigirmos ao templo de Deus para ouvirmos a Sua Santa Palavra, não formos munidos destas disposições que acabo de vos apontar, quando o motivo que nos arrasta é puramente mundano, retrocedamos, assim o exige este lugar santo e a sublimidade da doutrina de Jesus Cristo que vou procurar mostrar-vos, traduzindo-vos o admirável e nunca assaz ouvido sermão que o Divino Mestre dirigiu à humanidade do alto da Montanha. E' esta a segunda parte do meu discurso, em que procurarei ser breve.

Senhores: A sublimidade da doutrina de Jesus é tal que só a sua simples enunciação pode chamar e prender todos os homens que tenham um entendimento despido de preconceitos para pensar, e um coração generoso para sentir. A moral do Divino Mestre daria margem a escreverem-se muitos volumes! Eu limitar-me-ei a apresentar-vos o sermão da Montanha na sua singeleza evangélica, pois este discurso encerra toda a moral do Cristianismo. Ouvi e admirai! E' Jesus quem fala. Não sei qual deva admirar-se mais nas suas palavras: se a sabedoria que elas manifestam, se o suavíssimo perfume de amor que elas exalam. Um dia Jesus subiu com seus discípulos a encosta dum monte

da Judeia. Bem depressa o rodeou uma multidão de homens sem nome, sem riquezas, sem instrução. Jesus descerra seus lábios divinos; profetiza o destino da Igreja, e, por meio de palavras cheias de majestade e império, extermina as ideias dissolventes do mundo velho e toma posse do mundo futuro, deixando para cada desconforto uma esperança, para cada dor um refrigério, para cada lágrima um sorriso. Proclama a beatitude dos pobres, dos pacíficos, dos aflitos, dos oprimidos e dos misericordiosos. Lança um véu sobre as trevas do passado, e faz radiar a luz da esperança a todos os que para o futuro tiverem de verter uma lágrima neste desterro da vida. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus! Sofrei resignados as contrariedades da vida, não procureis tirar vingança das ofensas recebidas: bem-aventurados os pacíficos, porque eles possuirão a terra! E' pesada a vossa cruz? quereis um alivio para as vossas dores? quereis um refrigério para os vossos males? Chorai, chorai — felizes os que choram, porque eles serão consolados! O mundo chama hipocrisia à vossa piedade? o mundo chama crime às vossas virtudes? o mundo procura morder-vos com a venenosa serpe da calúnia? Não importa! Prossegui sempre pelo caminho do bem — bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque dela serão fartos! Afastai de vós todo o mau sentimento, arrancai do coração todos os affectos impuros, não gozareis os prazeres efémeros e illusórios da terra, mas tereis os prazeres verdadeiros e eternos do Céu — felizes os limpos do coração, porque esses verão a Deus.

Cumpri a lei, ainda que tenhais de lutar com o respeito humano, ou de sofrer as mais crueis perseguições — bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos Céus.

E depois Jesus, voltando-se para os seus discípulos e animando-os a sofrer todas as contradições, prometeu-lhes que os vitupérios, que lhes dirigissem os homens, se converteriam em glória que haviam de colher no Céu. Depois, disse-lhes: Vós sois a luz do mundo. E essa luz será a verdade, que é revelada por Deus, e que estará superior a toda a compreensão humana. Vós sois o sal da terra. E essa será a moral que eu vos ensino, e que há-de fazer a felicidade de todos os homens, ligando-os entre si e aproximando-os de Mim pelos laços do amor mais puro, pelas cadeias dos affectos mais suaves, pelos atractivos das aspirações mais nobres e mais legítimas. Vós aprendestes o que foi dito aos vossos antepassados: Não matareis... Mas eu digo-vos: todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, merecerá ser condenado... Aprendestes que foi dito aos vossos antepassados: Não serás adúltero... Mas eu digo-vos: *qui desiderat mæchare gam mæchatus est*. Aprendestes que foi dito aos vossos antepassados: Amai os vossos amigos e odiai os vossos inimigos... *Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros...* Mas eu digo-vos: Amai também os vossos inimigos; fazei bem aos que vos fizeram mal, orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais dignos filhos do vosso Pai que está no Céu, o qual faz nascer o sol para os bons e para os maus, e cair as chuvas para os justos e pecadores. Sêde, enfim, perfeitos, assim como vosso Pai Celestial o é — *Estote ergo perfecti, sicut et Pater vester cælestis perfectus est*.

Ah! meus Senhores: se um incêndio pudesse destruir todos os livros da Escritura Santa, e dele só pudesse ser salva esta página, ela bastaria para provarmos a missão divina de Jesus Cristo e a sublimidade da Sua doutrina! E é esta palavra — tão santa e tão

sábua, é esta doutrina tão consoladora — porque é cheia de esperança, tão clara — porque é cheia de luz, tão atraente — porque é repleta de amor, que o homem deve desprezar?

Oh! não! não! Nós temos uma inteligência, que aspira à luz; nós temos um coração, que aspira ao belo; nós temos uma vontade, que aspira ao bem! E a Palavra Divina que nos é dirigida do alto da tribuna sagrada, guia-nos para Deus, que é o protótipo da Beleza, da Verdade e do Bem!

Oh! não! não desprezemos os frutos que podemos colher dessa palavra; não queiramos que se torne improficua para nós a paixão do Redentor! E que paixão, que sofrer acerbo não foi o do amantíssimo Jesus! Transportemo-nos em espirito às margens do Sédron, entremos no Horto de Getsémani, ouçamos o Divino Jesus: a minha alma está triste até à morte — *tristis est anima mea usque ad mortem!* Vejamos o Seu rosto — verte copioso suor de sangue. É tão grande a amargura que O espera, que Ele, verdadeiro Deus, quase desfalece. Ele prevê a vida dolorosa que há-de seguir e ora, dizendo — Pai meu, se é possível, passe de mim este cálice — *Pater, si vis, transfer calicem istum a me;* Ele pressente a ferocidade dos Seus verdugos e ora, dizendo — Pai meu, se é possível passe de mim este cálice. *Pater, si vis, transfer calicem istum a me;* Ele preconcebe o seu sofrimento na Cruz e ora, dizendo — Pai meu, se é possível, passe de mim este cálice — *Pater, si vis, transfer calicem istum a me...*

Oh! mas Jesus ama muito a humanidade, quer ser a Vitima propiciatória pelos pecados do mundo; aceita o cálix do sofrimento e dirigindo-se ao Eterno Pai, diz: *Veruntamen mom mea voluntas, sed tua fiat.* sujeite-se a minha natureza humana ao sacrificio,

assim o exige o amor infinito da minha natureza divina!

Oh! não permitais, bom Jesus, que se percam para nós os frutos da Redenção! Fazei que cale bem fundo em nossa alma a Vossa Palavra Divina! Despertai em nós um vivo desejo de seguirmos os Vossos ensinamentos, a fim de que alcancemos aquela eterna glória que Vós nos preparastes; pelos Vossos merecimentos infinitos, pela Vossa paixão, pela Vossa morte, pelo Vosso amor, pela Vossa infinita misericórdia.

C r i s t i a n i s m o

... *judicate.*

Julgai.

(Actos dos Ap. C. IV, V. 19.)

Meus Senhores :

Na primeira conferência da presente Quaresma, em que tive a honra de dirigir-vos a palavra do alto desta tribuna sagrada, apresentei-vos a Pessoa Divina de Jesus, na tragédia sangrenta do seu martírio, e procurei demonstrar-vos que, apesar dos escárnios e vilipêndios da sua paixão, da baixeza e ignominia da sua morte, Ele, o Divino Mártir, se mostrou verdadeiro Deus, pela majestade divina que manifestou, em todo o percurso da via dolorosa, pela grandeza de alma com que sempre suportou os sofrimentos do seu martírio e pela sabedoria que se patenteou evidentemente em toda a obra da Redenção. Vimo-Lo majestoso, sublime, divino, em presença dos seus algozes. Vimo-Lo expirar na Cruz, no cimo do Gólgota; precisamos saber agora se a sua obra ficou, ou se com o último sopro da sua vida, morreu também o benéfico influxo do seu infinito amor. Meus Senhores, a obra de Jesus Cristo ficou. Existe ainda hoje e existirá até ao fim dos tempos, porque só ela, a Religião santa de Jesus, pode encher o vácuo que existe no coração do homem, ajudá-lo na consecução do seu fim, realizar as aspirações do seu espírito, promovendo todo o bem temporal e eterno, para que o ente racional e livre foi destinado no acto da criação.

A sua obra ficou, bela, imponente, única. Mas

nem a sua beleza, nem a sua imponência, nem a sua singularidade na promoção do progresso moral do homem, têm obstado que, ao lado dessa árvore benéfica do Cristianismo, tenha crescido uma outra árvore que tem espinhos que torturam e um veneno que mata.

Sim, meus Senhores, em todos os tempos e hoje talvez mais que nunca, se tem visto ao lado da fé a descrença, ao lado da verdade a mentira, contra a religião a impiedade.

E' pois preciso apresentar à vossa contemplação esses dois quadros: um resplandecente de luz, outro carregado de trevas. Precisamos saber o que tem sido o Cristianismo, amparando o homem e quais os motivos que levam muitos homens a guerrear o Cristianismo.

Ouvi e julgai — *judicate* — julgai vós, especialmente, os que estais na idade risonha da juventude. Vede se o Cristianismo é digno da vossa adesão, da vossa simpatia, do vosso amor, e, com a generosidade própria dos vossos corações juvenis, com a energia própria da vossa mocidade, cortai por todos os obstáculos e segui o que mais se harmonizar com as nobres aspirações do espirito humano. *Judicate*: ouvi e julgai.

Senhor: Floje mais do que nunca preciso da vossa graça. Tenho de apresentar-me, diante dos que me escutam, como soldado da Vossa milícia sagrada, que pretende combater os inimigos da justiça e do bem; tenho de defender a cidadela que vós nos deixastes, como abrigo seguro contra as hostes inimigas. Ajudai-me, Senhor.

Meus Senhores :

A justificação da Fé, a apologia mais brilhante que pode fazer-se do Cristianismo, consiste na simples enunciação do seu benéfico influxo sobre a humani-

dade, quer o consideremos nos maravilhosos efeitos morais que promanam da sua doutrina, quer o vejamos nas instituições beneméritas que têm por alicerces os seus preceitos. Sim! grande, incomparavelmente grande na promoção do progresso moral do homem, é a Religião santa de Jesus. Ela é, no dizer dum insuspeito publicista, o centro comum, onde se reúnem, independentemente da acção do tempo e dos vícios, todas as ideias de justiça, de amor, de liberdade, de piedade, as quais, neste mundo dum dia, constituem a dignidade da espécie humana; ela é a tradição permanente de tudo quanto é belo grande e bom; por entre as vilezas e impiedades do século, a voz eterna, que responde à virtude na língua dela, apela do presente para o futuro, da terra para o Céu, recurso e regresso solene de todos os oprimidos, em todas as situações, última esperança da inocência, que se imola, e da fraqueza, que se calca aos pés. A sua origem, os seus meios e o seu fim, são o que há de mais nobre, de mais benéfico e de mais sublime. A religião em geral é filha do amor infinito de Deus, que a gravou no coração de todos os povos, os quais pela fraqueza da sua razão e pelo impulso das suas tendências a adulteraram, mas não tanto que não deixassem ver os vestígios duma revelação primitiva, que concordam admiravelmente com algumas das verdades do Cristianismo. As extravagâncias porém e monstruosidades das diversas superstições haviam maculado a Religião comum da humanidade; a promessa da Redenção havia de realizar-se e por isso veio, com o mistério da encarnação do Verbo, Jesus Cristo, o Filho Unigénito de Deus, Deus, Ele mesmo, solver a enorme dívida que o homem havia contraído para com o seu Criador, destruir os idolos do Egito com o seu braço potentíssimo, e os prejuízos, preconceitos, superstições e costumes do

mundo velho, com as luzes da sua doutrina e com as regras da sua moral, e cimentar com o seu sangue, selar com a sua morte e fundar com a sua autoridade divina o edificio brilhante e imortal da Religião Cristã. E assim essa mensageira do bem, essa Apostolisa da verdade, essa árvore frondosa do Cristianismo, que tem enchido a terra de frutos preciosísimos, os homens de consolações inefáveis, e os povos de venturas sem número, é o que há de mais nobre na sua origem, porque tem as suas raizes no coração amante de Jesus, e recebe, como seiva que a avigora e robustece, o sangue dum valor infinito, porque é sangue do Homem Deus.

Os meios que o Divino Fundador do Cristianismo deixou ao homem para conseguir os altíssimos fins a que foi destinado no acto da Criação, acham-se expressos num simbolo e num código — o simbolo é a Cruz; o código é o Evangelho. A Cruz tem escrita com caracteres de sangue uma palavra — *Sacrificio*; o Evangelho tem escrito com caracteres de ouro um preceito — o *amor*. A cruz, a eterna pregoeira do supplicio do Gólgota, aponta, como caminho que conduz ao Céu, a vereda cheia de espinhos dos sofrimentos da vida, e aqueles que a seguem, aos que passam a existência nas sombras da obscuridade, rodeados de luto e dor, diz no seu mutismo eloquente: *Beati, qui lugent*: felizes os que choram; e aos que correm loucamente atrás dos prazeres e gosos do mundo, aos que vivem descuidadosos no meio da prosperidade, aos que repousam languidamente no seio da opulência, sem quererem sofrer o jugo das contrariedades e calcar os abrolhos do caminho do Céu, diz, recordando a sentença divina: *vae vobis, qui ridetis*. Quereis ser glorificados com Jesus Cristo? Sofrei com Jesus Cristo.

Sim, meus Senhores, sofri com Jesus Cristo, que principiou os dias da sua vida mortal num antro escuro e abandonado; que os passou no meio da indigência e dos perigos; que os terminou nas cumeadas do Gólgota; que ainda hoje sobre o altar renova a sua imolação sangrenta na sua imolação mística e que nos oferece para subirmos ao Céu, como meio eficaz, o apoio da Cruz. O Evangelho, meus Senhores, é o outro meio que a Religião Santa de Jesus Cristo apresenta ao homem para conseguir o seu fim. O Evangelho!!! Ele é o poema brilhante da misericórdia de Deus. Ele é a mais eloquente apologia do Cristianismo. E depois de tudo isto, e mais do que tudo isto, ele é a regra segura da perfectibilidade humana. Ele apresenta à nossa contemplação o amor infinito de Deus, e dirigindo-se à nossa vontade, impõe um preceito que é o resumo de toda a lei, a síntese de todos os preceitos desta Religião Divina, a origem de toda essa epopeia de grandezas, de que se acha repleta a história do Cristianismo. Esse preceito, meus Senhores, é o amor: Amarás ao Senhor teu Deus — *diliges Dominum Deum tuum* — Amarás ao próximo, como a ti mesmo — *diliges proximum tuum sicut te ipsum*. E' pela observância deste preceito que a alma se eleva até Deus, e que os homens se unem entre si para marcharem na conquista dos altos e nobilísimos ideais do Cristianismo. E' ele — o amor —, o sentimento que se acha disseminado nas páginas do Evangelho, que ao homem dá força para esmagar as paixões que o aviltam, e para seguir as inspirações que o elevam.

São esses dois meios — o sacrifício e o amor — os que a Religião de Jesus apresenta ao homem para prosseguir no caminho do bem e alcançar a eterna ventura. O seu fim é o que há de mais admiravelmente grande na ordem moral, como na ordem física.

Ela principia por nos elevar, guiando-nos nas justissimas aspirações do nosso espirito. Verdade, Bem, Felicidade: eis os três alvos que constantemente se antolham ao homem, eis o tríplice iman que constantemente o atrai e o domina. Corre atrás desses três luminares. Mas se dispõe só das forças próprias, quando julga conquistá-los, depara com a antítese do que procurava: erro, mal e desventura. Vem, porém, a Religião em seu auxilio, e para satisfazer aos voos da intelligência, dá-lhe a conhecer toda a verdade, o próprio Deus, tanto quanto humanamente é possível; propõe-lhe dogmas admiráveis, que encantam pela sublimidade e que induzem à admiração da grandeza divina, obrigando a intelligência ao emprego de esforço, não para a penetrar (o que é impossível), mas para admirar o seu modo de ser em plenitude de luzes e harmonia de relações; com a ideia de Deus dá-lhe a ideia da sua pequenez, inspirando-lhe portanto a humildade, como virtude condizente com a sua limitação. A vontade propõe o bem, mas o bem *real, absoluto*, que só se encontra em Deus, o que não dura por momentos, mas subsiste independentemente das disposições do agente e das circunstâncias eventuais; dá regras para alcançá-lo, oferece-lhe, infalivelmente, segundo elas, a posse desse bem e portanto a felicidade.

À sensibilidade propõe o culto católico, belo, comovedor. Na presença desse culto o homem sente alguma coisa de inefável e consolador nas edificantes cerimónias de que a Igreja o reveste. Parece-lhe que Deus lhe fala ao coração, que a voz deste se faz ouvir ao entendimento e que a vontade se inclina naturalmente a seguir o que lhe dita o timbre dessa voz. E assim o espirito humano todo participa das belezas do culto externo, o homem todo se sente elevado acima de si mesmo, porque na contemplação desse

culto, afigura-se-lhe ver o próprio Deus. E eis, meus Senhores, como a Religião Santa de Jesus é admirável no seu fim, na ordem moral. Conhecendo as aspirações da alma humana para a verdade, para o bem, para a felicidade, aponta-lhe Deus, como a sua aspiração suprema, apresentando-lho tal como no-lo revela a fé e dita a razão — a Verdade absoluta, o Bem absoluto, a Felicidade absoluta.

Eis o que é o Cristianismo na sua essência — na sua origem, nos seus meios e no seu fim sobrenatural. O que ele tem sido na promoção dos progressos legítimos da humanidade, mostra-o exuberantemente a sua história, onde há homens gigantes e instituições beneméritas.

*Fructus lucis est in omni bonitate, et
justitia, et veritate.*

(Efesios - 5).

Meus Senhores :

Milhares de gerações se têm prostado, em volta da Cruz, à sombra benéfica dessa árvore santa têm germinado as dedicações mais generosas, os affectos mais puros, os actos mais heroicos, a civilização cristã — o que há de mais surpreendentemente belo em si, e de mais admiravelmente benéfico nas suas consequências.

A ciência procura os seus maiores vultos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A arte procura os seus maiores génios? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A politica procura os seus melhores homens? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A Pátria procura os seus melhores filhos? Encontra-os aí, à sombra da

Cruz. Os povos procuram os seus melhores reis? Encontram-os aí, à sombra da Cruz. A humanidade procura os seus beneméritos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Viu-os elevarem-se à sombra dessa árvore santa e tornarem-se gigantes; viu-os combater na grande luta pelos nobres ideais do Cristianismo e tornarem-se uns heróis. Viu-os primeiro em abstracto na elevação da ideia, na santidade da causa, na bondade do fim, na armadura sobrenatural da graça e força, de inspiração e luz, com que haviam de entrar nessa luta; e depois viu-os em concreto e chamou-lhes Agostinho e Tomaz, Bernardo e Crisóstomo, Rafael e Miguel Ângelo, Uindtorst e Veuillot, Fernando, o santo, e S. Luís, todos os que pela santidade da sua vida, rectidão de suas intenções, sublimidade de seus feitos e luzes de seu espirito mereceram que seus nomes fossem insculpidos com letras de ouro no pedestal brilhante e imortal que a Igreja erige em honra dos seus heróis. A ignorância procura instrução? Encontra-a aí, à sombra da Cruz. A doença procura cuidados? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Os órfãos procuram carinhos? Encontram-os aí, à sombra da Cruz. Os velhos procuram amparo? Encontram-o aí, à sombra da Cruz. Os tristes, alívio às suas tristezas, os desalentados conforto aos seus desalentos, os infelizes lenitivos às suas desventuras? Encontram-os aí, à sombra da Cruz.

Sim, foi à sombra dessa árvore santa que a humanidade viu surgir o amor, flor mimosa, cujo perfume sobrenatural, divino, fundou escolas, erigiu hospitais, edificou asilos, inspirou cuidados e carinhos, promoveu desprendimentos heroicos, para produzir consolações dulcíssimas.

Tudo isto se vê, meus Senhores, tudo isto se apalpa, tudo isto se encontra dessiminado por todo o

orbe, e os homens admiram esse benéfico influxo do Cristianismo, os frutos preciosísimos da árvore da Cruz, curvam-se reverentes perante os maiores vultos da História nos domínios da ciência e do amor e hão-de levantar a frente contra a causa primária de todas essas grandezas, de toda essa epopeia brilhante de abnegação e sacrifício, de todos esses monumentos, que atestam o poder e o espírito da caridade, e dizer, num impulso de orgulho e insanía: *Non serviam?* Ah! meus Senhores, muitos levantam esse grito de rebelião. E ao procurar a causa de tal insanía, o homem de razão esclarecida e espírito recto encontra-lógicamente na exageração do amor próprio ou no desejo de satisfação de paixões aviltantes. Na ignorância, jãmais, porque é tal a evidência do benéfico influxo do Cristianismo nos progressos legítimos da humanidade, que nem o cego mais cego pode deixar de ver, admirar e prestar homenagem às áureas vergôntes da árvore da Cruz.

Qual a razão por que muitos, que se dizem aliás ilustrados e que chegam até a ter um nome no mundo literário, não prestam a homenagem devida ao Divino instituidor do Cristianismo? Qual o motivo por que muitas vezes têm nos lábios sorrisos de desprezo e na língua palavras de motejo ao falar-se na Pessoa Divina de Jesus? Qual a causa por que se mostram indiferentes ou desdenhosos ao contemplarem a história brilhante do Cristianismo?

Será porque na sua alma não esteja impressa a ideia dum ser supremo, que existe por necessidade de sua natureza, que é o princípio e fim de todas as cousas? Será porque a Pessoa Divina de Jesus não mereça todo o respeito, toda a veneração, todo o amor que se Lhe deve pela Sua grandeza moral, ainda que se considerasse como simples homem? Será

porque essa chuva de ouro que o Cristianismo tem feito cair por sobre as misérias de que se acha repleto o deserto da vida, não mereça a homenagem desses homens e a sua gratidão mais intensa? Não, meus Senhores. A ideia de Deus lá existe, a grandeza moral de Jesus impõe-se por si mesma, a sua obra é tão surpreendente bela que ninguém pode empanar-lhe o brilho. A razão desse grito de rebelião, que muitos levantam contra o que há de mais nobre, de mais salutar e de mais sagrado, está no desejo exagerado de se ser grande perante o século; está nessa ilusão que enreda a muitos, de que são inexcedíveis os próprios merecimentos; está nesse engano de se julgar que superior ao homem nada existe; está nesse monstro que se opõe à conquista do bem real e absoluto, que é o princípio de todas as quedas, origem de todas as misérias da humanidade: está no orgulho. O orgulho faz que o homem se admire, se ame, se adore. E essa admiração vaidosa, esse amor exagerado, essa adoração estulta de si mesmo, levam-no a desprezar os ensinamentos da fé, os ditames da razão e as lições da História. E quando diante desses três sois, que devem iluminar a sua inteligência, o homem consegue colocar as nuvens da descrença, que apenas têm aqui e além o falso brilho duma ciência falsa, ele ergue, numa altivez degradante a sua frente, e pronuncia ou o *non serviam* dos rebeldes ou o *non est Deus* do insipiente. O orgulho é, pois, a causa da decadência moral do homem, da sua separação de Deus, e portanto o motivo porque muitos recusam prestar as suas homenagens a Jesus Cristo e aderir à Religião santa, que Ele estabeleceu sobre a terra.

Os que assim obram chamam-se obsecados; há, porém, outros a quem podemos chamar comodistas. São os que, querendo sufocar os gritos de remorso

com que os flagela a consciência, seguem um ateísmo injustificável, ou permanecem num indiferentismo criminoso. É que ante si, meus Senhores, apresentam-se dois caminhos: um engalanado com os trofeus de todas as virtudes cristãs, outro iluminado com o brilho falso e deletério dos prazeres e gozos da vida. Aquele apresenta aos que querem segui-lo o jugo leve e suave da lei do Senhor; este apresenta à pobre humanidade o gozo falaz dum veneno que mata. Aquele diz: *Serva mandato*. Este ensina: diverte-te e goza. E o homem, que tem uma forte tendência para seguir o caminho dos gozos da vida, despreza aquele que o leva à felicidade eterna da vida futura e segue este que apenas lhe dá os gozos mentidos da vida presente. Ao seguir, porém, esse caminho errado, ele sente aqui e além o desalento proveniente da falsidade desses gozos e dos erros que lhe são patenteados pelas luzes da razão, e pelos revérberos da fé e pelos gritos da consciência. Mas quer caminhar; sim, o homem quer prosseguir pela senda tortuosa dos gozos da vida. Busca um amparo para o seu desalento, procura a justificação dos seus desvarios, e dá ouvidos às falsas divindades que presidem aos desvairamentos da razão e à satisfação das paixões que o atraem e aviltam — o absurdo, a mentira e a blasfêmia. E o absurdo diz-lhe pela boca dos falsos filósofos: Entre o bem e o mal há apenas a diferença de nomes. O imutável é um contrasenso, o absoluto não existe. O que hoje é verdadeiro, será falso amanhã. A mentira diz-lhe pela boca dos falsos moralistas: Todas as paixões são santas; todos os instintos são legítimos. A repressão é um crime, o antagonismo um erro, a luta uma loucura. No homem não há senão harmonia. A lei suprema da humanidade é a livre expansão dos seus instintos. A blasfêmia diz-lhe pela boca dos seus

falsos metafísicos: O paraíso é um mito; o inferno uma mentira. Não há inferno nem Céu. O inferno é a miséria do povo sobre a terra, o paraíso é o seu bem estar nesta vida.

E o homem continua então no caminho encetado. Pôde iludir-se pela falsa liberdade, chegando à conclusão errônea de que nada lhe é superior, e bradou, sacudindo todo o jugo moral: *non serviam*.

Disseram-lhe que não havia Céu nem inferno, prêmio nem castigo, negaram-lhe a existência da justiça absoluta e ele concluiu logicamente, que Deus não existe, — *non est Deus*. São estes, meus Senhores, os pseudo-filósofos comodistas. Viram em Deus a repressão dos desvarios da humanidade, e por isso procuraram delir com o sofisma a ideia de Deus; viram em Jesus Cristo uma censura viva a todos os vícios e por isso procuraram atenuar pela blasfêmia a autoridade moral da Pessoa Divina de Jesus; viram no Cristianismo uma ameaça constante aos seus desregramentos, e por isso procuraram pela mentira abalá-lo em seus alicerces. E assim têm conseguido levar uns ao ateísmo injustificável; e outros a um indiferentismo que assassina as mais nobres aspirações, os mais sublimes ideais. E é este, meus Senhores, o indiferentismo religioso, o maior mal dos nossos tempos. Sim, se perguntardes a muitos qual o motivo em que baseam o seu modo de pensar e de sentir em matéria religiosa, não vos respondem, porque nunca se deram ao trabalho de estudar despreocupadamente a racionalidade do Cristianismo. Se chegardes a convencê-los das verdades eternas, do prêmio e do castigo que existem além da campa, é tal o seu apêgo aos gozos da terra, que não os largam e para justificação do seu procedimento têm apenas um sorriso de desdém, um estulto movimento de ombros e um não

me importa triste e degradante. Perguntai-lhe, porém, ao homem que segue esse caminho errado, se é feliz, que ele, querendo dizer-vos a verdade, responder-vos-á: não, não sou feliz!

É que, iludido, ele abandonou o caminho que a Religião Divina de Jesus lhe indicara como único que podia levá-lo à realização completa da aspiração suprema da sua alma; e seguiu a estrada dos gozos da vida, em cujo termo só encontra amarguras e dores, desesperos e muitas vezes o suicídio.

Meus Senhores: Contemplai os dois quadros que acabo de apresentar à vossa consideração. Eles não são mais do que a reprodução fiel do que tendes visto e observado. Dum lado o mundo crente, nobre, generoso; do outro o mundo impio, baixo e egoísta. Acolá as flores mimosas da virtude, que brotam, crescem e frutificam à sombra da Cruz; aqui os agudos espinhos do vício, de que se acha juncado o caminho do erro, do mal e da desventura. Acolá os altos e nobilíssimos cometimentos, que tiveram a guiá-los o sol da Fé; aqui as baixas e ruins paixões, que foram geradas no seio das trevas; acolá um amplo horizonte aberto às justas aspirações da humanidade, aqui um abismo insondável, onde se sepultam todos os nobres sentimentos; acolá Jesus — a esperança; aqui o mundo — o desespero; acolá o sol brilhante da liberdade e do amor, aqui as densas trevas da escravidão e do ódio. Acolá o Cristianismo com toda a sua epopeia de grandezas, aqui o mundo iníquo com todo o seu cortejo de misérias. Acolá a humildade, que tanto nos nobilita; aqui o orgulho, que tanto nos rebaixa. Acolá o sacrifício, que leva à eterna ventura; aqui o prazer que produz a eterna desgraça.

Onde escolher, meus Senhores? Acolá ou aqui? Deixo a resposta ao vosso juízo recto e esclarecido. Lavrai vós a sentença enquanto eu apresento à vossa contemplação o exemplar mais perfeito da grandeza, do amor e do sacrificio — Jesus de Nazaré. Ei-lo na continuação da sua obra divina. Vem a salvar os homens e os homens prendem-no, insultam-no, vendam-lhe os olhos, ferem-no com bofetadas e dizem-lhe com palavras de escárneo: se és Deus, adivinha quem te bateu. E Ele via, via, através desse lenço que tapava seus olhos divinos, os algozes, que o feriam; assim como ainda hoje vê através do véu de descrença e indiferentismo, com que pretendemos furtar-nos à sua vista divina, as nossas quedas, os nossos desregramentos, os nossos insultos, os nossos pecados. Mas naquele coração há muito amor, naqueles olhos muita doçura, e naqueles lábios muitas palavras de perdão. Homem, retira esse braço sacrílego, com que vais ferir a Jesus: homem, sacode esse jugo pesado das paixões que te aviltam; homem, deixa que sobre ti se projectem os raios brilhantes do sol da fé; deixa que o coração se abraze no fogo bendito da chama do amor; deixa que o espírito se eleve nas niveas asas da doce esperança.

Fé, amor e esperança — sejam os sóis, que durante a vida, te guiem à Pátria da eterna ventura. Trabalha, luta e vencerás. Tens a teu favor os merecimentos da Paixão de Jesus, e a alentar-te a bondade de Deus e a Sua infinita misericórdia.

(1897)

Prisão de Jesus

Vis sanus fieri?

Queres ser curado?

(S. João, cap. V, vers. 6.)

Meus Senhores:

Ao ouvir esse hino torturante de gemidos que tem enchido todos os séculos e se há repercutido em todos os cantos do mundo, constituindo a triste elegia de todos os tempos e de todas as gerações; ao ver os rostos macerados dos que sofrem a tortura moral, duma existência sem fé, duma vida sem as dulcificações da divina graça, dum futuro triste e tenebroso, onde não há sorrisos de felicidade, nem cintilações de esperança; ao contemplar as pústulas cancerosas do pecado que gangrenam o corpo social desde o desprezo da moral católica até às deturpações dos principios da rectidão e da justiça, ante este espectáculo que é de hoje, que foi de ontem e que há-de ser de amanhã e de todos os tempos, o mundo dá-nos a ideia de um grande hospital, onde os doentes se contam pelo número de criaturas racionais e as moléstias são tantas quantas as transgressões com que o homem pode afrontar a lei eterna do amor, da verdade e da justiça.

No meio deste hospital imenso, por entre as alas dos pobres enfermos, passeiam, à semelhança de charlatães imperitos, as paixões humanas, pretendendo aliviar-lhes os sofrimentos com a perspectiva dos prazeres do mundo. Ora é a soberba a levantar um falso trono duma realza efémera; ora é a avareza a apresentar tesouros que o vento da morte arrebatada. A con-

cupiscência a dar sorrisos fugazes; a ira a fornecer gozos que bem depressa se transformam em espinhos; a inveja a dar o falso prazer da vingança; a descrença a negar as verdades da fé; o desespero a eclipsar os esplendores da esperança; o ódio a destruir a chama ardente e benéfica da caridade. E' a medicina do mundo, é a terapêutica da razão, guiada só por si, desprezada dos ensinamentos da fé. Mas os pobres enfermos continuam gemendo, porque não é aí — na satisfação das paixões, nos remédios aplicados pela filosofia sem Deus — que podem encontrar alívio aos seus males. Não.

Levanta-se neste hospital imenso uma voz que a todos pergunta — Quereis ser curados! — *Vis sanus fieri?* — E aqueles que a ouvem e seguem as suas prescrições, lavantam-se e caminham.

A figura majestosa que nos dirige esta pergunta e que fornece remédio a nós que nos achamos prostrados pela enfermidade do pecado neste grande hospital do mundo, essa figura que, semelhante ao anjo da caridade, vai enxugando lágrimas, abafando gemidos, balsamizando dores, atenuando sofrimentos, destruindo desesperos, afugentando tristezas e espalhando sorrisos de benção, de esperança, de perdão e de amor, é, meus Senhores, a Igreja Santa de Jesus Cristo, esta instituição divina que conhecendo os nossos males nos receita em todo tempo, e muito especialmente nestes dias destinados a comemorar a Sagrada Paixão e Morte do Redentor, os remédios efficacissimos da penitência e da oração, como meios que podem levar-nos à própria santificação, condição indispensável para conseguirmos o fim sobrenatural para que fomos criados. Eis o assunto. Principio.

Meus Senhores: No Evangelho que a Igreja apresenta hoje à nossa contemplação, ao mesmo tempo que nos é dado recordar um dos mais belos quadros da vida de Jesus, em que se patenteiam a bondade, a misericórdia e a onnipotência do Filho de Deus, encontramos um altíssimo ensinamento — a confirmação plena de que é pela penitência e pela oração que o pecador — o pobre paralítico que se acha acorrentado à terra pelas cadeias das paixões desordenadas — pode levantar-se e prosseguir pelo caminho da justiça e da santificação.

Era no tempo em que os judeus celebravam a festa chamada das Sortes. Jesus Cristo, depois de ter pregado e feito muitos milagres nas cidades e nas aldeias, dirigiu-se a Jerusalem. Nos cinco pórticos ou galerias que rodeavam a piscina probática, havia grande número de enfermos, muitos cegos, coxos e paralíticos estendidos nas suas camas ou carretões, os quais anciosamente aguardavam que a água fosse movida por um anjo, o qual vinha de quando em quando agitá-la. O enfermo que se lançava primeiro a essa água depois de agitada pelo anjo era infalivelmente curado. O Salvador foi visitar este hospital; entre grande número de enfermos, notou um paralítico que havia trinta e oito anos estava no leito sem se poder mover. Jesus aproximou-se e perguntou-lhe se queria ser curado — *Vis sanus fieri?* — O enfermo, que conhecia a onnipotência d'Aquêle que lhe falava, respondeu que anciosamente desejava havia muito tempo a sua saúde, mas que não tinha um homem — *hominem non habero* — que o lançasse à água quando o anjo a movia, e por mais esforços pessoais que fizesse, sempre outro se lhe adiantava. Então, Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma teu leito e caminha — *Surge, tolle grabatum tuum et ambula*. E o paralítico, vendo-se curado, le-

vantou-se, pegou em sua cama aos ombros, e foi-se embora com grande pasmo de todos os circunstantes.

Nesta tão formosa, quão simples narração evangélica dum dos actos em que o bendito Nazareno patenteia a sua bondade infinita e o seu poder imenso, encontramos nós, os pecadores, perfeitamente retratada a vida dos que procuram anciosamente curar as enfermidades da alma e a atrofia do coração.

Senhores: O espectáculo presenciado por Jesus em Jerusalem junto da piscina probática, tem-se repetido até hoje e há-de continuar até ao fim dos séculos.

Cegos e paralíticos — cegos que não vêem as verdades eternas e paralíticos que não prosseguem pelo caminho do bem; cegos que recusaram a luz brilhante e benéfica dos esplendores da fé; e paralíticos que permanecem no leito da indiferença, sem caminharem pela estrada recta e plana da moral cristã; cegos a quem não se patenteia a vida sobrenatural de além túmulo e paralíticos que não vão colhendo na vida merecimentos que devem ser depostos ante o trono da Divina Justiça no *dies ille* tremendo do julgamento universal — cegos e paralíticos que repudiam o *credo* que a Igreja impõe, ou desprezam os mandamentos que a moral cristã prescreve e preceitua, eis o que se encontra por toda a parte, como uma afirmação tristíssima e um pregão eterno da fraqueza da razão humana e das tendências do coração para as frivolidades da vida.

E onde o remédio para essas enfermidades? Onde a piscina probática, onde possam mergulhar esses enfermos para saírem curados — com a vista clara das verdades eternas e com os movimentos ordenados ao bem, ao amor e à justiça? Esse remédio está na moral cristã, essa piscina é a Igreja, onde as

enfermidades da alma se curam com a cristalina água da penitência e o suave influxo da oração.

Podemos organizar três grupos ou espécies deste género de enfermos. Há os cegos e paralíticos que por ignorarem a existência desta piscina santa não se dirigem a esta nova Jerusalém fundada por Jesus Cristo. Há os cegos e paralíticos que foram educados nos salutareos princípios do Cristianismo, mas que não procuram mergulhar na água cristalina e pura da penitência. Há, finalmente, os cegos e paralíticos que se acercam desta piscina espiritual procurando a cura para as suas enfermidades.

O primeiro grupo é constituído pelos povos selvagens e por todos os que se acham mergulhados ainda nas trevas do paganismo; o segundo é composto dos que recusam submeter a sua razão aos ensinamentos da fé e a sua vontade aos preceitos cristãos; o terceiro por todos os pecadores que, contritos e arrependidos, procuram no seio da Igreja remédio para as enfermidades da sua alma. Somos nós os que constituímos este terceiro grupo e que reproduzimos em toda a verdade o espectáculo que Jesus presenciou em Jerusalém junto da piscina probática. Sim! à semelhança do paralítico que permaneceu pelo espaço de trinta e oito anos, esperando um homem que o mergulhasse na água miraculosa, nós que permanecemos junto desta piscina que se chama a Igreja, devemos procurar o auxílio da divina graça para conseguirmos força e alento que nos permita progredir no caminho do bem. Como ele, como o paralítico do Evangelho, devemos ser pacientes e resignados; como ele, devemos confiar na misericórdia do Senhor. Mas o nosso arrependimento não deve ser demorado, como o foi a enfermidade que o prendeu por tão largo espaço de tempo ao seu leito de dor e de sofrimento.

Não poderemos, como ele, exclamar: *Hominem non habeo* — porque temos o auxílio da graça e os meios de santificação, que Jesus deixou à sua Igreja e que ela nos fornece todos os dias para nos libertar das cadeias da iniquidade. Aproveitando, pois, esses meios de santificação, purificando a nossa alma na piscina santa da penitência, nós ouviremos a palavra indefectível da Igreja que à semelhança do *surge et ambula* de Jesus Cristo, nos manda caminhar para a vida eterna, empunhando o facho da fé e suportando o jugo suave da lei — *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata*. E então, como o paralisico que viu desaparecer a enfermidade que lhe tolhia os movimentos, a nossa alma sentir-se-á isenta da culpa que lhe limitava o voo das suas aspirações à eterna ventura.

Mas para que se produza em nós este saneamento moral, para que possamos sair desta paralisia que nos inibe de prosseguir pelo caminho da santificação, não basta esperar com paciência; é preciso também pedir com confiança. Somos cegos? Não vemos com toda a clareza as verdades eternas? Há sombras a empanar o sol da nossa fé? A soberba da nossa razão é um obstáculo a que ela aceite em toda a sua plenitude os mistérios da religião que professamos?

Vis sanus fieri? Queremos ser curados? Oremos.

À semelhança do cego do Evangelho que insistentemente implorava a compaixão do divino Nazareno dizendo uma e muitas vezes — *Jesu, fili David, miserere mei* — Jesus, filho de David, tende compaixão de mim — peçamos à Sabedoria increada, à fonte de toda a graça e origem de todas as luzes, uma vista clara de todas as verdades eternas, uma crença firme e uma fé viva em todos os princípios da religião que professamos.

Somos paralíticos? Custa-nos prosseguir pela senda espinhosa da virtude e do bem? Prendem-nos os movimentos as paixões, acorrentando-nos ao mundo, fracos para a luta, enfermos para o trabalho da nossa santificação?

Vis sanus fieri? Queremos ser curados? Oremos.

À semelhança do paralítico do Evangelho digamos a Jesus que com ânsia desejamos a saúde da nossa alma, que ardentemente aspiramos a sair deste estado de torpor em que nos achamos; peçamos com fé viva e confiança firme, que Ele repetirá aquelas palavras significativas da sua bondade, do seu amor e do seu poder: *Surge et ambula* — levanta-te e caminha.

Senhores: Esteve o pobre paralítico junto da piscina probática durante o longo espaço de trinta e oito anos; e neste largo periodo de tempo quantos desalentos, quantas torturas, quantas horas de sacrificio não atormentariam a alma do pobre enfermo! Assistiu à cura miraculosa de muitos companheiros seus. Viu-os sairem curados da água, que o anjo agitara, e partirem contentes, entoando louvores ao Deus de Israel. Todos tinham força própria para mergulhar na piscina, ou um homem que os ajudasse a dirigirem-se a ela. Ele, porém, não podia fazê-lo pelo esforço próprio, nem tão pouco tinha quem o auxiliasse — *hominem non habeo*. E, todavia, não desesperou. É-nos licito supor que o seu espirito se elevaria inumeráveis vezes, numa oração fervorosa, numa súplica humilde, até ao seio de Deus, implorando o milagre da cura que tão ardentemente desejava. E o sacrificio da sua expectativa, e a firmeza da sua confiança na Misericórdia divina, e a constância da sua fé, e o fervor e humildade da sua oração tiveram o prémio da sua cura operada miraculosamente por Jesus Cristo.

Que grande lição nos fornece este paralítico do

Evangelho. Ele, que pedia apenas a saúde física, esteve durante trinta e oito anos junto do lugar onde poderia consegui-la; nós, que precisamos de curar a nossa alma da enfermidade do pecado, consideramos como um sacrificio enorme o passar alguns momentos junto desta piscina espiritual, que se chama a Igreja, considerando às vezes, como um jugo insuportável, o jugo suave da sua lei. O paralitico, para conseguir um bem temporal, orava e pedia oportuna e importunamente. O pecador, que deve trabalhar por conseguir o bem eterno da sua salvação, despreza muitas vezes o meio santificante da penitência, e recusa elevar uma oração humilde e fervorosa até ao seio do Deus de todas as misericórdias. Insensatos que somos!

Numa questão que interessa a minha honra, a minha fortuna ou a minha vida, eu ponho toda a solidão, não me poupo a trabalhos, nem a sacrificios! Na grande questão que interessa a minha felicidade neste mundo e no outro, e donde pode depender para mim uma eternidade de felicidade ou de desgraça, abstenho-me de tomar qualquer precaução e deixo-me adormecer tranquilamente no travesseiro da indiferença!

Ai! eu quisera ter a autoridade do talento dum Santo Agostinho, a autoridade da virtude dum S. Francisco de Sales, o zelo dos Apóstolos e a eloquência inflamada dos que arrastavam após de si as multidões ávidas de verdade, de amor e de justiça, para repetir as palavras do Baptista: *Penitentiam agite*; para repetir o preceito de Jesus: *Orate*. E todos os que seguissem esses preceitos divinos da penitência e da oração veriam como a sua alma se sentiria banhada numa luz sobrenatural, que lhes patentearia os esplendores do Céu e o seu coração num mar de delicias, em que se antegozam as venturas eternas.

Mas se não me é dado falar com a autoridade dos sábios e dos santos, eu posso e devo, com a autoridade de ministro, embora indigno, de Jesus Cristo, apontar-vos os meios para a vossa santificação. E assim como Jesus outrora ao paralítico, pergunto a cada um de vós: *Vis sanus fieri?* Queres ser curado? Queres que sobre ti desçam as bençãos do Céu? Queres que a tua alma envergue as cândidas vestes da graça com que se adornou no acto do teu baptismo? Queres voltar ao grémio dos escolhidos, a quem está reservada a glória eterna? *Vis sanus fieri?*

Segue o exemplo do paralítico. Acerca-te da piscina santa da penitência, dize a Jesus que ardentemente desejas a cura da tua alma e a tua voz será ouvida. E para que não haja enfraquecimento na tua fé, desalentos na tua esperança, tibiezas na tua caridade, lembra-te de que não és sòmente tu que desejas ardentemente essa cura: Jesus também a deseja, porque foi para isso que Ele sofreu e morreu. E para que possas fazer uma pálida ideia do que foi esse sofrimento, vem em espirito ao Calvário contemplar um dos quadros dessa paixão ignominiosa.

Vê, ó alma cristã, o ingente sacrificio do Filho de Deus. Jesus que fora o enlevo das crianças, o assombro dos doutores, o médico divino dos enfermos, o pai amantissimo dos miseros pecadores, é preso como se fora um celerado.

Preso, Ele, o autor da liberdade; vilipendiado, Ele, que no seio do Eterno Pai tem a plenitude da glória; acusado, Ele, o Santo dos santos.

Senhor! eu sei que Vós Vos deixais prender, que Vos submeteis ao martirio maior, à morte mais ignominiosa, para nos remirdes da culpa. Sede bendito, Senhor. Mas para que os beneficios da Vossa Paixão,

os méritos da Vossa Morte e os direitos do Vosso Sangue, não sejam perdidos para mim, dai-me, Senhor, uma vista clara das verdades eternas, fazei que à semelhança do paralítico do Evangelho eu me levante da baixaza das minhas misérias e progrida pelo caminho do bem e da santidade que Vós traçastes aos que se abrigam sob a Vossa bandeira.

Isto Vos peço, Senhor, pela Vossa Paixão, pela Vossa Morte, pela Vossa infinita Misericórdia.

P r e t ó r i o

Si hunc dimittis non es amicus Cæsaris.

Se levas a Jesus não és amigo de César.

(S. João, 19-12).

Senhores :

Temos diante de nós um grande conflito, uma luta terrível empenhada entre duas forças irreconciliáveis: A consciência e o interesse egoísta. É Pôncio Pilatos, Governador da Judeia que nos deixa presenciar esta luta na perturbação do seu espirito. Ele é instado a escolher entre Jesus Cristo e César e tem de decidir-se inevitavelmente. Preferir o primeiro e salvá-lo é dar a vitória à consciência, mas é talvez arriscar as próprias conveniências; preferir o segundo, ou mais claro, procurar lisongeá-lo à custa da vida de Jesus é dar uma vitória definitiva ao interesse egoísta sobre a consciência e postergar os deveres imprescritíveis do Magistrado.

Como se haverá neste lance o Governador?

Triunfará a causa da Justiça, ou teremos de vê-la espesinhada por considerações de interesse pessoal ou por vergonhosas fraquezas, que numa linguagem menos desabrida e menos franca se chamam respeitos humanos?

É grave a conjuntura, tão grave que por si só é bastante para dar ao Governador da Judeia a triste celebridade, que o género humano guardará em todos os séculos da sua duração e que a minha palavra tímida mas convencida deseja oferecer neste momento à contemplação das vossas almas. O assunto é dos

mais sublimes que a Igreja pode expôr às atenções religiosas e à meditação dos fiéis.

Nós vamos, pois, comemorar numa exposição sucinta a grande iniquidade do Pretório e quanto nos for possível excitar-nos a vingar por nossas adorações a sagrada Vitima desta iniquidade.

Deus Pai, se vos apraz, permiti que a humilde palavra do Vosso servo indignissimo possa, ainda assim, glorificar o Vosso Nome três vezes santo.

Ilustres Arcoenses, Ex.^{mo} Provedor e Mesários, vós todos meus irmãos muito amados, desculpai as minhas imperfeições com aquela generosa benevolência e esclarecida piedade, que já uma vez fortaleceu o meu espirito desalentado.

Tinha soado a hora da Redenção. O Filho de Deus traído por um discípulo pérfido e avaro, preso e maltratado de mil maneiras, é conduzido aos tribunais, é interrogado por juizes hipócritas e por celerados, é oprimido de ultrajes inauditos — o Seu crime é ser inocente e dizer muito alto a verdade! No entretanto, é Pôncio Pilatos que vai julgá-l'O em última análise — não sei se poderia dizer na linguagem do povo, em última instância.

Este magistrado, a quem Jesus é apresentado pela segunda vez e que já da primeira o despedira sem lhe ter achado crime algum, pesando, agora, o conselho de sua mulher que o advertira do perigo, que corria embaraçando-se na causa d'Aquele Justo, e além disso, conhecendo intimamente a inocência d'Ele e a malignidade de seus acusadores, empenha-se de veras em salvá-l'O e em salvar a justiça das violências que os maus não cessam de fazer-lhe. Ele diz aos judeus: Pela minha parte não descubro neste ho-

mem culpa alguma daquelas de que o acusais; mas eles bradaram com furor: que seja crucificado! Pilatos lembrando-se que pela festa da Páscoa tinha por costume soltar aquele preso que os do povo quisessem, e como, entre os presos, houvesse um criminoso acusado de roubos e homicídio, falou ainda ao povo e disse-lhe: Quereis que eu solte Jesus ou o malfeitor? — O malfeitor! — vociferou a turba sanguinária, e o malfeitor foi solto, e o Justo ficou em ferros sem refúgio. Pilatos, maculado já com esta infâmia, quer ainda mover o povo em favor do acusado; o expediente é uma segunda infâmia que nenhuma razão de ordem e de prudência poderia aconselhar e que a razão indignada de toda a humanidade condenará para sempre. Pilatos manda que Jesus seja açoutado. Imediatamente se apoderam d'Ele algozes ferozes que lhe dilaceram os membros inocentes, cobrem-O depois com uma púrpura irrisória, coroam-O de espinhos e dão-Lhe uma cana por ceptro, e dest'arte, tendo acrescentado à dor a zombaria, por um requinte inexplicável de ferocidade, O apresentam aos judeus.

Pilatos pensava que com este espectáculo de escárneo e de sangue poderia aplacar a sanha daqueles furiosos; fala-lhes da inocência de Jesus, diz-lhes que nada se lhe tinha provado que merecesse morte; mas eles não são homens, são danadas feras que querem cevar-se no sangue da sua Vitima. Eles pedem com temerosos gritos que Jesus seja crucificado, rugem, blasfemam, ameaçam e colocam Pilatos entre Jesus Cristo e César, tendo-o por inimigo deste se não condenar Aquelle — *si hunc dimittis non es amicus Cæsaris* — e o juiz cobarde que tinha da sua parte a força da justiça e das armas para reprimir o furor daqueles celerados, o juiz cobarde, depois de breves hesitações entrega o Justo à brutalidade feroz de seus algozes.

Assim se consumou esta espantosa iniquidade! E porque? Que ponderosos motivos poderá alegar em favor da sua resolução o Governador da Judeia? Interroguem-o, penetremos um pouco nas inquietações da sua consciência, que chegou a sua vez de ser réu diante do tribunal incorruptível da opinião universal. Eu entreguei o Inocente, dirá ele, entreguei-o às iras da inveja e à insania dos perversos. Eles vão sem dúvida despedaçar Sua carne e devorar Sua vida, e eu podia salvá-LO; mas não tenho eu inimigos que conspiram contra a minha fortuna e que se aproveitam de qualquer ensejo para me perderem e roubarem o favor de César?

Ah! decerto são bem maus esses homens para arrastarem assim ao patíbulo Aquele, a quem chamavam seu mestre e que passava por meio deles dizendo palavras amáveis e fazendo bem. Eles arrancavam gritos tumultuosos: é um sedicioso, um perturbador da ordem pública; se sois amigo de César condenai-O. Eles queriam, talvez de combinação com o seu Príncipe, amotinar minha provincia para me combaterem em Roma, e eu teria de recorrer a medidas severas e de vingar-me cruamente. Mais vale que um só pereça.

Jesus morrendo salva Seus algozes, Sua morte é o Seu último beneficio. Dir-se-ia que Ele a desejava e que Sua alma pura, movida por um santo amor procurava o suplicio. A cruz, a horrivel cruz para salvar ingratos! Ah! este homem, dizia a consciência de Pilatos, este homem é maior que o justo de Platão. Açoutaram-O, carregaram-O de cruéis iusultos, fizeram-O sofrer a sorte dos celerados e a doçura inalterável de Sua vista perdoava. Traído por aqueles a quem amava, não proferiu uma queixa; quando O ameacei, nem me afrontou nem me temeu; Sua vista suprema, triste mas sem inquietação, inquietou-me a mim próprio — doce

e profunda vista de amigo compadecido que parecia lastimar-me, por ter a fraqueza de ser injusto, e por aviltar minha alma nesta cena infame. Eu devia salvá-l'O. Mas o povo amotinado? mas a minha provincia sublevada? mas a intriga provável dos meus inimigos? e a minha queda? e o desfavor de César?

Não, eu não podia subtrair Jesus Cristo à morte; condenando-O, restabeleci o meu poder e assegurei a estabilidade do meu elevado ministério. Para longe, para longe, vãs apreensões; que o pensamento importuno de um misero conduzido ao suplicio não venha perturbar a serenidade de meus dias nem ofuscar o esplendor de minha felicidade.

Assim teria falado o Governador da Judeia se nos tivesse manifestado as inquietações que se travaram em seu espirito. A condenação do Justo foi para ele uma questão de interesse pessoal, de puro egoísmo; ele pesou na sua balança a vida de um Inocente e o perigo de desagradar ao César, pesou mais neste perigo: o Inocente foi condenado à morte.

E quem diria, Senhores, quem diria que esse homem sobre cuja memória pesarão as maldições da posteridade, quem diria que esse homem havia de ter rivais no século XIX? Quem diria que haviam de aparecer Pretórios na Europa moderna e juizes mais cobardes do que aquele e mais perversos, que ousassem sentença de morte contra o Divino Salvador do género humano! E todavia é certo que depois de 18 séculos de graça, de misericórdia, de salvação, de civilização e de beneficios de toda a espécie, colhidos no coração repassado de dores e no sangue adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de tanta luz e de tão solenes testemunhos, dados pela História e pela consciência universal à Divindade gloriosa da Sagrada Vitima do Pretório, é certo que aparecem homens que

cedendo como Pilatos à tentação de uma conveniência qualquer, de uma paixão, e às exigências da impiedade, cobrem de novo os ombros do Salvador com um farrapo de púrpura, tecem-Lhe uma coroa de espinhos, cospem-O, deturpam-O, despojam-O do esplendor de Sua Divindade e depois trazem-O à praça e dizem à turba insensata: *Ecce Homo!* Eis aqui o Homem, e depois entregam-Lho para que seja conduzido à morte por um caminho de afrontas e de blasfêmias.

Isto é, eles querem eliminar o sobrenatural, o Eterno, Deus, da consciência da humanidade, e, para o conseguirem, procuram por todos os meios e formas aniquilar na terra o Verbo que o afirma, não sendo o menos frequente desses meios o julgarem de novo em seu tribunal de iniquidade e de mentira Aquele mesmo que os há-de julgar a eles na sua soberana Justiça.

Na verdade, meus irmãos, é bem sombrio este quadro, e tão repugnante, que me não admiro se a candura e simplicidade de muitos o tiverem por uma ficção; mas ainda mal, que o não é, ainda mal que estes novos julgamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo são uma realidade pavorosa e mais carregada de negro que os ligeiros traços com que vo-lo quis significar; são trevas saídas do abismo para se condensarem em torno da verdade e para a sepultarem numa profunda noite.

Porém, que inesperados prodígios se desencerraram dos inexgotáveis tesouros da Divina Sabedoria para confundirem a loucura e a perversidade do espírito humano!

Quando Pilatos decretava a morte de Jesus, deste Jesus que ele tinha em tão pouco que não duvidou entregá-l'O à morte por miseráveis complacências e por um baixo receio de desagradar ao Imperador, mal sabia o cobarde que apressava a glorificação da sua

Vitima e que a alguns passos de distância do seu palácio, o açoutado do Pretório ia manifestar sua origem celeste nas convulsões da terra e dos astros e ser proclamado Deus pelos soldados — *Vere Filius Dei* —; mal sabia o perverso que as gerações vindouras haviam de vir curvar-se até ao chão diante de Jesus vilipendiado, e beijar a terra calcada por Seus pés, e que o instrumento do suplicio que ele lhe preparava, a cruz, o infame patibulo dos escravos, havia de ser o trono sobre o qual Jesus Cristo ia reinar sobre os impérios e transformar a face do mundo!

Assim hoje, os que com livros e discursos intentam renovar o processo de Jesus e condená-l'O à morte, não fazem mais que confirmar Sua divindade e escrever, como o magistrado romano, a inscrição do Seu triunfo: *Jesus Rex Judeorum*. Jesus, Rei dos Judeus, rei das nações, rei dos séculos, Senhor soberano de todos os destinos da humanidade, eles vêem reinar o Salvador do mundo na própria cruz que Lhe prepararam, fazendo sobressair Sua realeza divina no ódio e no espirito insidioso que os atraiçoa em suas obras e na impotência desesperada dos esforços que debalde empregam para destruí-la; e à vista deste prodígio tão constante, à vista desta lei irrevogável da história, que tem feito de todas as preversidades e descaminhos do pensamento irreligioso testemunhas forçadas da Divindade de Jesus, os povos exclamam convencidos. Por certo, Aquele que confunde para sempre o poder da indústria e da malícia de Seus inimigos, sem lhes deixar outro refúgio além da contradição e do absurdo, e que, rompendo a cerração espessa da mentira, a desvanece com a luz inextinguível de Seu rosto, e que aparece sempre radioso e triunfante na atmosfera límpida da verdade, por certo não pode ser outro senão o Filho de Deus — *Vere Filius Dei*.

E eu também neste momento, ó Senhor mostrai-nos a Vossa Face divina, eu também neste momento venho dizer em nome de todos vós: Eis ali verdadeiramente o Filho de Deus — *Vere Filius Dei*; eis ali o Filho de Deus diante do qual todos os joelhos se dobram e todas as frentes se inclinam; eis ali o Inocente do Pretório condenado ao suplicio, curvado à cruz, resignado à morte... à morte... Mas que facto é este! Que prodigio que resume todos os prodigios, que me desconcerta a palavra, que me arrebatava, que me suspende em assombros!

Ah! eu vou dizer-vo-lo assim mesmo, e apesar da perturbação da minha alma neste supremo instante.

Quando Pilatos consumava o maior acto de iniquidade que podia sair da fraqueza do homem, consumava Jesus o maior acto de misericórdia que podia sair da força de Deus; o homem condenava a Inocência — e Deus perdoava a culpa; o homem algemava e ultrajava a Divindade — e Deus libertava e glorificava a humanidade; o homem lavrava sentença de morte contra Deus — e Deus abria ao homem as portas da vida eterna. Segredo inefável do Divino Amor, que me faz crer e esperar que do próprio seio das iniquidades e rebeliões do mau espirito do nosso tempo hão-de sair manifestações brilhantes da bondade infinita do nosso Divino Salvador e dias felizes para a sociedade humana.

Ó Senhor, fazei que seja assim; nós vo-l'O pedimos aqui prostrados com a face contra a terra; nós vo-l'O exoramos, pela Vossa cruz, pelos Vossos espinhos, pelas Vossas angústias e pela Vossa infinita misericórdia.

(Abril de 1890)

Encontro

*Venerunt in locum qui recatur
Calvariæ.*

(Lucas, XIII-33.)

Superior à agonia do Horto, mais torturante do que foram os escárneos em casa de Caifaz, do que os *crucifige* do Pretório e do que as ignominias da Cruz, foi certamente a amargura do Filho de Deus, quando, na via dolorosa, viu a Mãe contristada e aflita, a Mãe que não podia com os seus gemidos afrontar as imprecações da plebe deícida, nem arrancar dos ombros do Filho aquele madeiro que ela queria superar e conduzir à montanha do sacrificio, para que fosse Ela a sofrer a crucifixão e a morte e não Ele, o Filho adorado que Ela gerou em seu ventre, alimentou com o seu sangue, amparou com os seus cuidados, afagou com os seus carinhos e amou com o amor maior que na terra jãmais existiu.

Em toda aquela tragédia, que se desenvolve entre um ósculo traidor e um *consumatum est* duma vida toda de amor e de misericórdia, não há certamente cena mais comovente e dolorosa do que o encontro daquele Filho condenado pela iniquidade dos homens com aquela Mãe torturada pelos designios de Deus.

O grande Mártir cerrava os ouvidos às vociferações das turbas, quase não sentia o peso da cruz, afastava de sobre si as lágrimas das filhas de Jerusalém para que caissem sobre os pecados delas e de seus filhos. Parecia insensível ao espectáculo de ódio e de rancor que o rodeava; mas ao ver a Mãe apavorada, a Mãe aflita, a Mãe lacrimosa, Ele que se comovera ante a dor da viúva de Naim, a quem enxugou as lágrimas — *noli flere* — restituindo-lhe o filho à vida, sentiria, certamente, a maior dor da sua existência

porque nem podia enxugar o pranto amargo de sua Mãe, nem evitar-lhe a amargura de o ver arrastado até aos últimos limites do opróbrio.

Olharam-se o Filho e a Mãe. Não articularam um palavra; mas os olhos falavam a linguagem do amor, do sofrimento e da resignação.

O olhar sereno e calmo de Jesus dir-lhe-ia: «Porque viestes aqui? A vossa dor, ó Mãe querida, aumenta a minha dor; as vossas torturas multiplicam as minhas torturas. Voltai para vossa casa, ó Mãe. Não convém à vossa pureza virginal a companhia dos verdugos que me arrastam à morte. Deixai que eu só realize a salvação do mundo. É a minha missão e não a vossa. A vossa inocência não merece um tal suplício. Reentrai na arca, ó minha pomba, até que desapareçam as águas deste dilúvio de iniquidade. Voltai para as vossas preces e para a vossa contemplação, em que encontrareis a coragem precisa para suportar a dor imensa que vos tortura a alma ao ver-me subir ao monte do sacrificio».

O olhar lacrimoso da Virgem Mãe, responder-lhe-ia: «Porque me falas assim, Filho da minha alma? Porque me exortas a sair deste lugar? Tu sabes, ó meu Senhor, que contigo tudo me é fácil; o oratório das minhas orações é o lugar onde tu estiveres. Como poderia eu retirar-me daqui, se os teus sofrimentos são a minha preocupação constante? Onde irei eu sem ti? A quem pedirei alguma consolação senão a ti, ó meu Filho bem amado? No teu coração está o meu; é nele que eu estabeleci a minha morada; da tua vida depende a minha vida. Eu quero ser contigo crucificada e sepultada; contigo quero beber o fel da amargura e da ingratidão dos homens; contigo sofrerei as ignomínias da Cruz, contigo quero morrer!»

Assim falaria a Virgem-Mãe desolada.

Ah! Senhora! como é grande o exemplo da tua abnegação e do teu heroísmo! Tu que não apareceste nos dias de glória de teu Filho; tu que não ouviste as aclamações das turbas ante a sublimidade da sua doutrina e o assombro dos seus prodígios; tu que não estiveste em Jerusalém para presenciares a apoteose que os filhos de Israel fizeram ao teu Jesus: apareces agora, quando o insultam e o escarnecem, quando o arrastam pelos caminhos do opróbrio até ao Monte da Cruz!

Não vês, Senhora, que vais aumentar a sua dor? Não receias partir-se o teu coração de Mãe ao veres o martírio do teu Filho?

Ah! é que o vaticínio de Semião tem de realizar-se! A tua alma será traspassada por uma espada de dor. E tu, Senhora, não queres evitar esse golpe, não queres fugir ao teu sofrimento, não!

Vais ao encontro do teu martírio, sofres todas as dores da paixão de teu Filho, misturas as tuas lágrimas benditas com o seu sangue preciosíssimo, colaboras na grande obra da Redenção, porque tu, ó Mãe de Deus, vais ser também a Mãe dos homens!

Caminha, Senhora! Sobe também ao Calvário! E, se a voz da razão há-de proclamar a divindade de teu Filho, o coração da humanidade realizará a tua profecia, proclamando-te através dos séculos a bém-aventurada. E aquele mesmo hino que te saiu da alma ao sentires vivo em teu seio o teu Filho bendito, sair-te-á do coração nas eminências do Gólgota ao veres expirar o teu Jesus.

Magnificat anima mea Dominum. Sim, a tua alma engrandece e glorifica ao Senhor, nos esplendores da tua glória, como nas trevas do teu martírio. Nós nos prostramos, Senhora, na tua presença ante a dor imensa do encontro com teu Filho na via dolorosa.

**Necessidade do espírito
religioso na sociedade**

(CONFERÊNCIA)

*Surge et ambula.
Regnavit Deus super gentes.*

(Cap. 5.º, Ev. S. João. Psal. - 46)

Na passada conferência falei da necessidade do espirito religioso na família.

Deus, criando a sociedade doméstica, havia de dar-lhe um alicerce.

Qual seria?

Vimos que não podia ser nem os sentidos, nem a inteligência, nem o interesse, nem o coração. Sòmente podia ser a religião, o sentimento religioso.

Demonstrada a necessidade do espirito religioso no individuo e na família, demonstrada ficaria a necessidade do espirito religioso na sociedade.

Havendo, porém, prometido tratar deste assunto em especial e sendo ele duma altissima importância no actual momento histórico, vou tratá-lo, procurando demonstrar-vos que, como no individuo, como à família, só a religião pode dizer à alma colectiva dos povos, às nações, quaisquer que sejam os regimens porque se governem.

Surge et ambula: levanta-te à altura dos legitimos progressos da humanidade, e segue pela estrada luminosa da fé que leva à liberdade, à independência e à integridade da Pátria, os mais nobres ideais dos povos briosos e dignos.

Vou, pois, tratar da necessidade do espirito religioso na sociedade, e especialmente no nosso querido Portugal.

Dizia Tertuliano que era mais fácil construir uma cidade no ar do que constituir uma nacionalidade —

império, reino ou república — sem religião. É que dificilmente se podem conseguir a ordem, a paz, a liberdade, o progresso social e a observância das leis, sem o espirito religioso.

Isto é uma verdade; todavia nós vemos que nos tempos modernos, em algumas nacionalidades, tem-se pretendido destruir esse sentimento, guerreando-se o catolicismo, como fez a Roma dos Césares, onde os cristãos eram perseguidos, escorraçados, mortos, como se fossem feras. Lá era o fanatismo, a paixão, a pretender destruir os adeptos do Cristianismo, que se recusavam a queimar incenso aos deuses do império, sendo apontados como maus cidadãos, apesar da sua fidelidade às leis e da sua vida irrepreensível.

É ainda execranda a memória de Nero, de Diocleciano, de todos os perseguidores do Cristianismo; devemos, porém, confessar que naqueles espiritos obcecados, ainda não se tinha feito luz. Eles viam em cada Cristão um conspirador contra o poder dos Césares e as leis do império romano.

Mas hoje não se compreende fãcilmente a má vontade que existe entre alguns povos contra o Catholicismo. Passaram-se já dezanove séculos de prova. Levanta-se ante nossos olhos a civilização cristã e, apesar disso, ergue-se de novo a velha poeira dos prejuizos e dos preconceitos a renovarem as antigas hostilidades contra a religião.

Pois bem, é preciso provar que as máximas do Evangelho são as mais próprias e as mais eficazes para formar os bons cidadãos; é preciso mostrar como se tornaram grandes as nações que se abrigaram à sombra benéfica da árvore da Cruz.

Qual é o primeiro dever dum cidadão?

A submissão às leis que mantêm na Pátria a ordem e a harmonia, que garantem o gozo do direito e o

cumprimento do dever, que promovem a grandeza, o progresso e a glória da terra em que nascemos.

Ora, como pode a religião pôr obstáculos ao cumprimento deste primeiro dever ?

O Catholicismo dá força à autoridade, tornando-a sagrada, mostrando-a como um reflexo do poder de Deus ; nobilita a obediência, que para nós os católicos não é o vil dever dos escravos, mas homenagem A'quele que é o principio de toda a ordem, a origem de todo o poder, de toda a autoridade — Deus.

Quem violasse este dever, isto é, quem recusasse obediência às leis sábias e justas do seu país, não poderia dizer-se católico, pois estaria em contradição com o exemplo e doutrina de Jesus Cristo, com o ensino dos Apóstolos, com tudo o que ensinou e ensina constantemente a Igreja Católica Apostólica Romana.

Nosso Senhor Jesus Cristo logo desde o seu nascimento, deu-nos o exemplo de submissão às leis e à autoridade. Para obedecer ao edito do recenseamento foi nascer em Belém e o seu nascimento foi registado nos arquivos de César, quis ter um estado civil e obedecer sempre às leis do seu país.

Quando um dia os farizeus para O tentarem Lhe perguntaram se era licito pagar o tributo a César, Jesus toma uma moeda, pergunta de quem é a effigie que na mesma se encontra, respondem-Lhe—É de César — «Pois dá a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». Nestas simples palavras encerra-se todo um tratado perfeito e completo da mais sábia sociologia.

A César — aos homens que vos governam, àqueles a quem incumbe a alta missão de administrarem os negócios públicos do nosso país, submissão e respeito, pagai os tributos, obedecei às leis, cumpri os deveres civis de cidadãos honestos, briosos e honrados.

E' esta a doutrina do Divino Fundador do Cristianismo. Os Apóstolos proclamaram a mesma doutrina. «*Omnis potestas a Deo* — diz S. Paulo. Todo o poder vem de Deus. Quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus, e os que Lhe resistem a si mesmos trazem a condenação; o príncipe (e S. Paulo quando fala em *príncipe* refere-se a todo o homem que está constituído em autoridade), o príncipe é ministro de Deus, logo é necessário que lhe estejais sujeitos, não sòmente pelo temor do castigo, mas também por obrigação de consciência; pois que por isto mesmo lhe pagais os tributos; pois são ministros de Deus, servindo-o nisto mesmo. Pagai pois a todos o que lhes é devido: a quem tributo, o tributo; a quem imposto, o imposto; a quem temor, o temor; a quem honra, a honra».

E como S. Paulo, com cujas epístolas admiráveis se poderia constituir um tratado perfeito e completo de direito civil, ensinou S. Pedro e todos os Apóstolos. A sua doutrina era a de Jesus Cristo — dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

A Igreja ensinou também sempre esta doutrina da obediência e submissão às leis civis. Teve até de sustentar lutas contra os que impugnavam esta doutrina. Quando Calvino pretende sustentar que os discípulos do Evangelho não são obrigados a observar a lei civil, toda a escola católica se levanta contra ele, e Bellarmino escreve: «E' sòmente quando a lei humana está em conflito com a lei de Deus, que devemos repetir com os Apóstolos aquelas palavras com que apelavam para a consciência dos mesmos adversários: Se é a Deus ou a vós que devemos obedecer, julgai-o vós mesmos».

Quando me querem impôr alguma coisa contra Deus, é só então que eu não obedeço. De resto, vêde

o que vos ensina a experiência de todos os dias. Onde estiver um bom cristão, um católico prático, está um cidadão modelo, respeitador do princípio de autoridade, submisso e obediente às leis do seu país.

Portanto, devemos concluir que para haver a submissão às leis civis — que são a garantia da ordem e do progresso social — é necessário que haja o espírito religioso, o espírito cristão e católico, pois essa submissão é aconselhada e preceituada pelos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelos Apóstolos e pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

O segundo dever do cidadão é amar a sua Pátria.

A Pátria! A terra bendita em que nascemos! Quem há que não a ame?

Mas a Pátria não é somente a terra em que nascemos, os jardins onde brincamos, o céu azul que nos cobre. A Pátria é a grande família que fala a mesma língua, que tem a mesma fé, que sente os mesmos estremecimentos pelas glórias do passado e que emprega os mesmos esforços para a conquista dos progressos do futuro. O amor da Pátria não pode separar-se do amor da religião, porque esta constitue o vínculo mais forte que nos prende à terra bendita em que nascemos.

Se compulsarmos a história antiga nós veremos que a lendária Ásia, a velha Grécia e a poderosa Roma, colocavam acima do amor do território, do sangue, do génio nacional, o espírito religioso, o seu culto aos deuses. Antes de entrar em combate, quando ditavam leis e concluíam pactos invocavam sempre os seus nomes.

Pro aris et facis! Pelos altares e pelos lares! Era o grito patriótico desses povos que representam as mais adiantadas civilizações do mundo antigo.

Diz um notável orador: «Não há povo sem Deus,

não há sociedade sem religião, não há estirpe sem culto. Deus é a alma da pátria e não pode haver verdadeiro amor da pátria sem o amor de Deus.

Pretender, pois, arrancar Deus do coração dos povos, querer exterminar o sentimento religioso, que constitui a base, o alicerce, o fundamento do verdadeiro amor da pátria, é pretender a desorganização social, é querer quebrar o vínculo mais forte que nos prende à terra em que nascemos.

E' tudo isso e é mais uma utopia irrealizável.

Temos os exemplos em nossos dias.

Vede a Polónia e a Irlanda. O que aqueles povos sofreram! Foram tiranizados pelo hereje e pelo cismático, mas triunfaram sempre. Nunca foi possível arrancar-lhes a sua crença, a sua fé religiosa.

E para quê arrancar aos povos a fé católica?

Será a nossa fé contrária ao amor da Pátria?

Pois o que é o amor da Pátria? Não é o desejo vivo de a honrar com as virtudes, de a ilustrar com as ciências, com as letras, com as artes, de a enriquecer com o comércio e com a indústria, de sustentar a sua independência, de defender a sua integridade, de sacrificar até a vida, se necessário fôr, pelo seu bem, pela sua grandeza, pela sua glória? E onde se encontra uma só palavra, um só facto que mostra que a nossa fé condena tudo isso?

Vêde o exemplo do divino fundador da nossa religião, vêde como Jesus Cristo amou a sua pátria.

Veio para remir a todos, mas é à sua pátria que reserva os seus prodígios; Ele é o doutor universal, mas nas suas pregações recusa passar as fronteiras do seu país. Jesus amou a sua pátria de tal maneira que, no Caminho do Calvário, esquece as afrontas dos seus compatriotas, esquece as próprias dores e chora as desventuras da infeliz Jerusalém.

E, através dos séculos cristãos, nós vemos que foi a fé, o espírito religioso, que produziu as grandes acções, os grandes heróis, as grandes nacionalidades.

Vede a Espanha. Vencida pela cimitarra mourisca, refugiou-se num canto das Astúrias, e, devido à religiosidade dos seus filhos, ela arvorou o estandarte da fé e reconquistou pouco a pouco o solo bendito da pátria, expulsando heróicamente as hostes sarracenas.

Vede a Hungria e a Polónia. A sua fé deu-lhes força contra as invasões dos inimigos da civilização.

A Inglaterra, que mereceu o título de *Ilha dos Santos*, a França, chamada a primogénita do Cristianismo; a Itália, a terra clássica da arte e da poesia; a Suíça, a república modelo, que é a mais heróica defensora da liberdade, devem as páginas mais belas da sua história, o seu progresso e a sua civilização admirável, ao espírito religioso de seus filhos.

E Portugal? Onde poderá encontrar-se uma prova mais frisante de quanto pode o sentimento religioso na constituição e no engrandecimento duma nacionalidade?

Afonso Henriques, D. João I, D. Manuel...

É pois incontestável que o sentimento religioso é uma necessidade social dos povos.

Não pode haver amor da Pátria, sem haver o amor de irmãos, e este foi sempre pregado por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Diliges proximum tuum sicut te ipsum.

Diligite inimicos vestros.

Mandatum novum dó vobis ut diligatis invicem sicut dilixi vos.

Ai dos povos a quem se pretenda arrancar o sentimento religioso. Dizia o fundador da independência dos Estados Unidos—Uma nação para ser livre é necessário que seja virtuosa.

Benjamim Constant: «Quando se avizinha a época em que as crenças e as ideias religiosas diminuem em um povo, avizinha-se para este povo a época em que perderá a liberdade».

Dizia Vitor Hugo: «E' preciso ensinarmos a todos que existe Deus e a vida futura».

Gustave le Bon, o insuspeito publicista, censurando os livres pensadores franceses, diz-lhes, referindo-se às religiões em geral: «A ciência que as conhecia melhor do que vós, renuncia a combatê-las e proclama a sua grandeza. Elas foram no passado os elementos mais seguros da estabilidade dos povos. O futuro talvez as transforme, mas enquanto a alma humana tiver necessidade de esperança, elas, as religiões, não poderão perecer».

O Cristianismo jãmais perecerá. Tem por si a palavra indefectível de Jesus — *et ecce egaeta* — e a longa experiência de 19 séculos.

(1912)

Sermão das Dores

Spes mea tu in die afflictionis.

Tu és a minha esperança nos negrumes
da minha dor.

(Jeremias, XVII-17.)

Senhores:

Quando o coração humano se sente invadido pelo frio glacial do desalento, quando o estendal das misérias do mundo dá a vertigem do enfado, do aborrecimento e da desolação; quando se sente na alma o torturar do espinho, que brota simultâneo com as flores da vida cheia de sonhos de ventura e de ilusões, que se desfazem como miragem que foge e se dilue no crepúsculo do horizonte longínquo, o homem precisa de um ninho onde haja o calor suavíssimo do affecto puro, de um olhar que irradie resignação e esperança, de um exemplo que ensine a amar e a sofrer! E esse ninho bendito que nos acalenta a nós, aves implumes neste deserto, onde sopram os ventos gelados da indiferença, os furacões tempestuosos do ódio e a nortada cortante da hipocrisia social, ninho feito de amor argamassado de lágrimas — é o coração da mãe.

E esse olhar, que ora tem a luz suave dum sorriso, ora o esmalte cristalino duma lágrima, que umas vezes é sol de primavera a dardejar lampejos de alegria, outras vezes é noite tenebrosa a velar um sudário de tristezas; esse olhar é o olhar da mãe, que, sorrindo ou chorando, espelhando júbilos, ou cristalizando dores, tem sempre a cercá-lo um disco luminoso de resignação e de esperança.

E esse exemplo eloquente, que atravessa as gera-

ções, respeitado e querido de todos os homens, que tem a majestade avassalante dum trovão e a meiga suavidade das brisas perfumadas; que inspira o amor, que produz o heroísmo e prega a resignação, que atenua o sofrimento; esse exemplo é a mãe que ensina a amar e a sofrer.

A Mãe!

Parece que tudo o que há de grande na sentimentalidade humana — as glórias e os júbilos do presente; as aspirações e os anelos do porvir, as recordações e as saudades do passado — glórias que engrandecem, aspirações que estimulam, saudades que deliciam num pugir doce e suave; o amor e o heroísmo, a resignação e o sofrimento, a abnegação e a amargura, os sorrisos que brilham na limpidez duma lágrima e as lágrimas que explendem na floração dum sorriso, parece que tudo isso se juntou, se consubstanciou e se comprimiu para formar esta pequena palavra — Mãe!

Mãe! Procurai a força de todos os heroísmos, o segredo de todas as grandezas, o talismã de todas as virtudes, a inspiração de todos os poemas, o ideal de todas as artes, e encontrareis tudo isso na mãe que é heroica no seu sofrer, grande no seu affecto, santa nas suas virtudes, genial no seu carinho, única na sua obra, fortalecendo vontades, guiando corações e formando caracteres.

A Mãe é isto! E quando isto não seja, a mulher não pode adornar-se com esse título, o mais belo e mais nobre que lhe pode ser conferido.

Modelo sublime e incomparável de mães é Maria Virgem. O seu coração foi instituído pelo próprio Deus abrigo e amparo de todos os homens: *Ecce Mater tua*; o seu olhar ergue-se ao Céu numa súplica fervorosa, e divaga pela terra numa compaixão infini-

ta. — *Mater pulchrae dilectionis et sanctae spei*; o seu amor dá-lhe o heroísmo do Gólgota — *Stabat juxta crucem* e o seu sofrimento dá-lhe a primazia entre todos os mártires — *o vos omnes qui transitus per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus*. E ao vê-la, tão grande na sua dor, ao vê-la incomparável na sua resignação; ao contemplar junto da Cruz a Mãe de Deus, fazendo do Calvário o caminho do seu Tabor; ao conhecer que a coroa de mártir que lhe cinge a fronte se há-de converter no diadema augusto da sua glória, nós, os desterrados filhos de Eva, podemos dirigir-lhe, a Ela, as palavras que dirigia ao Senhor o atribulado profeta de Anató — *Spes mea tu in die afflictionis*.

Tu és a minha esperança nos negrumes da minha dor. Quero aprender contigo, Senhora, a amar e a sofrer. A amar os nobres ideais da justiça e da bondade e a sofrer os espinhos que abundam neste vale de lágrimas.

Spes mea tu in die afflictionis.

Senhores: — Eu não sei que haja assunto tão belo e tão grandioso como o das dores de Maria Santíssima.

Ninguém, nem o talento dum Bossuet, trovejando do alto da tribuna sagrada, nem o génio de Rossini, gemendo e chorando numa partitura imortal, conseguiram celebrar plenamente as dores de Maria. Só o Evangelista em três palavras disse mais do que tudo o que possa dizer a linguagem humana e o que pretenda celebrar a arte em qualquer das suas manifestações — *Stabat juxta crucem*.

Ouvir estas palavras, cerrar os olhos, concentrar o espirito — eis o mais belo sermão que se poderia produzir sobre este assunto tão santo, tão grande e tão comovente.

Mas... é preciso falar, é preciso que a palavra, ajudando a nossa meditação, diminua a grandeza daquela dor, incomportável para qualquer criatura humana que não fosse aquele cedro gigantesco do Líbano que pode resistir ao vendaval de crueldade e de ignomínias que soprou violento na noite tenebrosa do Calvário. E' preciso falar para que todos aprendamos em Maria a amar e a sofrer.

Será este o assunto.

Meu Deus e Senhor Sacramentado, o meu coração prosta-se reverente em adoração na Vossa Divina presença. Deus Eterno e Infinito, Hóstia Sacrosanta que eu adoro e bendigo, alentai com a Vossa Divina Graça a minha alma e o meu coração para que trasmitam à minha palavra o zelo que espalha a fé e inspira a caridade cristã.

Senhora, Mãe de Deus e minha Mãe, dá à minha voz a comoção dos teus gemidos para que todos possamos chorar as tuas dores! Faz que eu possa interpretar o teu affecto e o teu martirio para que todos aprendamos em ti a amar e a sofrer.

Senhores: Quando cometi a imprudência de aceitar o convite que me foi dirigido para pregar nesta solenidade eu não medi em toda a sua extensão a responsabilidade que assumia. A este púlpito, e neste dia têm subido mestres eximios na oratória sagrada, e eu sou o último dos discipulos. Mas, alguma coisa me alenta. Eu falo a conterrâneos meus que conhecem o nadá que eu valho, o nada que eu posso. Por isso, sereis benévolos, escutando atentamente como é próprio da vossa educação primorosa, e com a indulgência que deriva da vossa piedade cristã, o meu pobre discurso. Confiado nisto, principio.

Senhores:

Imaginai uma mulher que em si reúne os encantos da beleza e o adorno da graça, que Eva possuía nos dias venturosos do Eden; a virtude de Sara concebendo Isaac e a caridade de Rebeca distribuindo a água simbólica da divina graça; as lágrimas de Raquel, chorando seus filhos e a força de Jabel, pondo um termo ao triunfo dos inimigos da sua Pátria; a humildade de Ruth e o heroísmo de Judite; os privilégios de Ester e o estoicismo épico da Mãe dos Macabeus; vesti-a de sol, dai-lhe por trono a lua, aureolai-lhe a fronte com um diadema de doze estrelas e tereis a figura extraordinária, única, da Virgem de Nazaré.

O seu nome estava gravado *ab aeterno* na mente do Altíssimo; o espírito de Deus fazia da sua alma o tabernáculo do seu amor; o Verbo Eterno esperava dela o sangue que formaria a sua carne, o sopro que lhe daria a vida humana, a humanidade que ele oferecia em holocausto na ara santa da Cruz.

O anjo do Senhor desce à terra. Não se dirige à Roma triunfante, à Atenas dos sábios, à Babilónia soberba, à Jerusalém dos sacerdotes e dos profetas, não. É a Nazaré, à obscura povoação perdida entre as campinas da Judeia, desconhecida e ignorada do mundo, que Gabriel se dirige para anunciar o mistério que devia renovar a face da terra.

Entra na pobre casa onde mora a Virgem, não com o facho de luz com que esclareceu Daniel, não com a autoridade com que se dirigiu a Zacarias, mas com as saudações e homenagens de um súbdito à sua excelsa Rainha — «Eu vos saúdo, ó cheia de graça, o Senhor é convosco, vós sois bendita entre as mulheres».

A que havia de ser Mãe do maior Profeta, deveria ter o dom da profecia. Sim! Maria Virgem deveria compreender em toda a sua sublime grandeza a missão que o anjo vinha desempenhar junto dela. Mas a sua sua humildade profunda é um espesso véu que lhe encobre o significado daquela saudação a Maria: sente-se perturbada e confundida — *quae cum audinet turbata est in sermone ejus.*

Pois quê! pensaria ela — não sou eu a mais pobre e obscura das filhas da Judeia?! Desconhecem o meu nome os filhos de Israel, jãmais ele repercutiu nos caminhos de Sião! Oh! Como é possível que desça até mim um mensageiro do Céu? Que significam estas palavras que me enchem de confusão e de temor? — *et cogitabat qualis esset ista salutatio.*

«Não temais, Maria! Vós encontrastes graça junto de Deus. Concebereis e dareis à luz um Filho, que se chamará Jesus. Ele será grande e chamar-se-á o Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacob. O seu reino não terá fim.»

Às palavras do embaixador celeste segue-se um profundo silêncio. Que irá responder a Virgem?

Na confusão dum tão alto destino, que, de donzela ignorada e desconhecida, a eleva à majestade de mãe do Filho do Omnipotente, Maria, certamente descerra seus lábios para pronunciar o *ecce fiat* da sua submissão.

Mas... não! Ela quer desvendar o mistério, ela quer afirmar a todos os séculos a pureza inefável da sua alma, a virtude que constitui o diadema augusto e incomparável da sua grandeza.

Na interrogação calma e serena que dirige ao anjo — *quomodo fiet istud?* — Maria faz brilhar em

toda a sua sublimidade as virtudes que atrairiam ao seu seio puro e imaculado o Filho de Deus.

E o anjo conclue a sua embaixada com estas palavras solenes, as últimas da sua missão augusta: O Espírito Santo descera sobre vós e a sombra do Altíssimo vos cobrirá — *Spiritus Sanctus superveniet in te et virtus Altissimi obumbravit tibi.*

Maria curva a fronte numa meditação profunda. Durante alguns momentos, parece que esperavam a sua resposta a Misericórdia Divina e a misericórdia humana — a Misericórdia Divina para remir, a misericórdia humana para receber os benefícios da redenção.

Maria pensa e medita. O mistério da Incarnação do Verbo é o prólogo de todo aquele espectáculo que lhe havia de amargar o coração. A anunciação da sua maternidade divina supõe a anunciação da maternidade que se estenderia à humanidade inteira. Maria vê-se entre dois amores — o amor de Deus e o amor da humanidade. Deus humanado, morrendo na Cruz; a humanidade resgatada ascendendo ao Céu.

Um Filho que havia de se oferecer em holocausto pelos pecados do mundo; as gerações libertadas pelo sangue de Justo.

Apresentavam-se-lhe duas coroas para cingir a fronte — uma gloriosa e brilhante, outra dolorosa e triste; naquela, o sol da glória e as estrelas simbólicas da sua grandeza; nesta, a noite da amargura e as lágrimas amargas do seu martírio. Maria ou havia de sacrificar o Filho das suas entranhas à salvação dos homens, ou sacrificar a humanidade ao eterno exílio, não cooperando na incarnação do Verbo. Maria pensa e medita. Aguardam a sua resposta as promessas de Deus; os votos dos Patriarcas, os vaticínios dos Profetas, os suspiros dos justos, os gemidos do género humano. O amor que consagraria ao Filho formado

pelo seu sangue puro e imaculado, dir-lhe-ia: «Não! não aceites a missão que te vem do Céu. O teu Filho bem-amado vai sofrer privações e vilipêndios, vai ser cuspidor, flagelado e morto no alto dum patíbulo». O amor que consagrava à Humanidade dir-lhe-ia, suplicante: «Senhora, a vós bradamos, os degradados filhos de Eva! A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa; esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. Pronunciai, Senhora, o *fiat* da redenção. Concebei Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Concebei a Vítima de infinito valor que nos resgate no tribunal de Deus».

Qual destes dois amores triunfaria? Triunfou o amor da humanidade — *Ecce ancilla Domino fiat mihi secundum verbum tuum*.

Pronunciaste, Senhora, a sentença que te condena ao sofrimento maior. Mãe do Filho de Deus, serás grande e incomparável, serás bendita entre as mulheres, serás proclamada a bem-aventurada por todas as gerações! Mas como vai ser coberto de espinhos o caminho da tua glória. Ah! como há-de amargurar-te a alma a pobreza de Belém, e torturar-te o coração amantíssimo o vaticínio de Semeão! Ah! como fugirás aflita ante a iniquidade que pretende assassinar-te o Filho, e como estarás desolada nas horas tristes de exílio! Ah! como ouvireis apavorada os crucifixos dos filhos de Jerusalém, e como estareis sucumbida ao ver expirar na Cruz o teu filho bem-amado!

Sucumbida?! Mas... que digo eu? Sucumbida, oh! não! Heróica, firme, de pé, — *Stabat juxta crucem*.

Senhores: A visão da Virgem na anunciação, realizou-se plenamente junto da Cruz. Ao aquiescer para cooperar no mistério da Incarnação do Verbo teve a

visão do seu martírio. Essa visão realizou-se plenamente, mas não sucumbiu.

Senhores: Que a Mãe de Jesus Cristo não apreece nos dias de glória de seu Filho; que não percorresse as campinas da Judeia a vê-lo espalhar os benefícios do seu amor, da sua misericórdia e da sua compaixão; que não ouvisse os louvores das turbas ante os prodígios dos seus milagres e a sublimidade da sua doutrina; que não estivesse em Jerusalém quando se realizou a entrada triunfante de Jesus, a ouvir os hossanas dos filhos de Israel, que juncavam, de flores as ruas da cidade santa em homenagem ao maior dos seu Profetas, compreende-se. Eram glórias que a Mãe queria intactas para seu Filho. Acompanhavam-no os discípulos, ovacionavam-no as multidões. Ela estaria na casa de Nazaré, enlevada em êxtase, entoando o hino do seu amor, da sua gratidão — *Magnificat anima mea Dominum!*

Mas não a vemos na agonia de Getsemani, nem nos tribunais aonde arrastam o Filho, nem nas ironias do Pretório, nem nas torturas da flagelação, nem nas amarguras da via dolorosa, nem na hora tremenda da crucifixão!...

Porque não subiste, Senhora, ao Horto, onde teu Filho orava, como que pedindo ao Eterno Pai que afastasse dele o cálix da amargura, para lhe dizeres: «Filho, dá-me esse cálix com todo o fel do martírio que te espera, porque eu quero sofrer por ti!? Porque não correste aos tribunais, onde a injustiça dos homens pronunciava uma sentença iníqua, para gritares, com a energia que te daria a verdade e com toda a força que te daria o teu amor de Mãe: Não! não O condeneis, porque Ele é mais puro do que os anjos, é tão santo como Deus?! Porque não foste ao Pretório abafar com os teus gemidos os gritos e blasfêmias

da turba ignara?! Porque não foste à via dolorosa misturar as tuas lágrimas às lágrimas das filhas de Jerusalém? Porque não subiste ao Calvário, quando despojaram de seus vestidos o teu Jesus para o cobrires com o manto imenso do teu imenso amor?! Porque não apareceste no momento solene em que O pregaram na Cruz e O ergueram ao alto para lhe supplicares que te cravasse a ti no patibulo infamante?

Ah! Senhora! é que tu sabias que só com o sacrificio do teu Filho, que tinha um valor infinito, se poderia remir a humanidade ante a Justiça de Deus. Enquanto Ele estava nos supplicios da sua paixão, já tu estavas no Calvário da tua dor. Aos teus ouvidos sibilaram como um tufão de amarguras as palavras proféticas de Semeão. E a espada de dor que te traspassava o coração tinha dois gumes a ferirem-te, a torturarem-te. Um ia ferir a fibra, onde vibrava o teu amor a Deus; o outro ia rasgar a fonte onde brotava o amor à humanidade, por quem o Eterno Pai enviara ao mundo seu Filho Unigénito, e por cuja salvação pronunciaste o *ecce fiat* da tua submissão. Escondeste, Senhora, as tuas lágrimas e os teus gemidos, na intimidade da tua dor: mas quando as ovelhas foram dispersas, quando todos fugiram daquele monte onde não ficou uma lágrima de dor, um gemido de compaixão, mas somente as gargalhadas de escárneo, as blasfémias dos homens e a convulsão da natureza, appareceste tu Senhora, imagem bendita do amor e do sofrimento, e heróica, firme, de pé! »

Stabat juxta crucem!

Senhores: Pode a imaginação piedosa conceber, ou a tradição afirmar que Maria Santíssima assistiu em todos os seus detalhes ao martirio de Jesus desde a agonia de Getsemani até ao supplicio do Gólgó-

ta. O Evangelho, porém, diz apenas isto — *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus, et soror matris ejus Maria Cleophae et Maria Magdalena*. Testemunha e historiador deste facto, estava também o Evangelista.

O discípulo amado teria em seus olhos as lágrimas puras dum amor sincero; as piedosas mulheres abraçar-se-iam à Cruz, chorando lágrimas dum puro affecto, exalando gemidos de comovida compaixão. Maria, na impassibilidade magnifica dum sacerdócio que sacrifica, conservava-se silenciosa, firme, de pé — *Stabat Mater*.

Ia realizar-se a segunda annunção. Para annunciar-lhe a sua maternidade divina, procurara-a o anjo na casa de Nazaré, para ouvir dos lábios do próprio Deus a annunção da sua maternidade humana, Maria subiu às eminências do Gólgota. *Mulier ecce filius tuos*: Mulher, eis aí o teu filho! A mim, deste-me esta humanidade que ora se oferece em holocausto ao Eterno Pai pelos pecados do mundo, a Ele, ao Filho que ora concebes nas misteriosas entranhas do teu coração — à humanidade inteira, dá-lhe a vida da graça, prepara a sua ressurreição para a vida da glória, pelo amor de que tu és o mais bello modelo, pelo heroísmo, de que és o exemplar mais perfeito.

E a Virgem, firme, de pé, junto à Cruz, responderia, sem as vacilações que tivera na annunção da sua maternidade divina — *Fiat mihi secundo verbum tuum!*

E ficou, através dos séculos, como a concretização mais bella do amor, como exemplo eloquente e incomparável de sofrimento heróico e resignado.

Desde então, a mulher, a escrava que se arrastava na noite tenebrosa do mundo pagão, aos pés do homem, dominador e despótico, ergueu-se soberana no mundo dos affectos puros, alevantados e nobres, que

irradiaram do coração da Mulher bendita, que Jesus nos deixou por Mãe. Desde então, o sofrimento que gerava maldições, que gritava blasfêmias, que produzia desesperos, tornou-se o caminho onde se purificam as almas. A cruz da existência tornou-se menos pesada, menos penosa a ascensão do calvário da vida; a dor que outrora esmagava o coração humano com o peso das grandes catástrofes irremediáveis, converteu-se em asa bendita que eleva a alma até ao seio de Deus, que proclamou sua Mãe Rainha do Amor e do Sofrimento.

Senhores: Amar e sofrer, eis a vida do coração humano. Amar os grandes ideais de bondade e de justiça, amar em Deus a beleza, a verdade e o bem absolutos, amar nos homens o que neles haja de pura emanção divina é guiar o coração pela estrada luminosa onde brilham os esplendores da fé, onde cintila a luz da razão pura e esclarecida.

Sofrer as inclemências da natureza e as penalidades do trabalho, as condenações das sentenças indefectíveis da Justiça de Deus, as perseguições, o ódio e a vingança, da maldade humana; chorar as ruínas do passado, sentir as amarguras do presente, ver através da treva do futuro o negro espectro da miséria que se debruçou sobre o berço e se há-de reclinar sobre a campa, no cumprimento da sua missão de lágrimas e de dor — *repletur anuttis miseriis*, eis o que será sempre a vida do homem sobre a terra, sejam quais forem os progressos da ciência, sejam quais forem os sonhos e devaneios das utopias sociais.

É preciso saber amar, é preciso saber sofrer!

Quem poderá ensinar-nos?

Maria Virgem junto à Cruz. É diante dela que deve prostrar-se a humanidade inteira. É diante dela que deve prostrar-se, especialmente, a mulher, para bem cumprir a sua missão de mãe, missão de amor

que lhe circunda a fronte com o diadema augusto duma realeza indestrutível, missão de sofrimento heróico que lhe dá a coroa do martirio onde brilham, como gêmeas preciosas, as benditas lágrimas da resignação.

Senhora: O Profeta, procurando na natureza alguma cousa que pudesse simbolizar a tua dor, comparou-a à imensidade do mar — *Magna est sicut mare contritio tua* — não porque o oceano dê a justa medida do teu sofrimento enorme, mas porque assim como o mar excede em profundidade e em extensão todas as águas assim a tua dor excede todas as dores. A que poderá Senhora, comparar-se o teu amor. Ao céu imenso, infinito?...

Oh! sim! talvez o espaço sem limites possa simbolizar o teu affecto, as estrelas as tuas lágrimas e a harmonia dos mundos a triste melopeia dos teus gemidos.

Senhora! oh! amor pulcro e immaculado, espalha pelo mundo os benefícios do teu amor!

Senhora! ó Mãe triste e desolada, inspira à humanidade aflita a sofrer heróica, como tu sofreste, a procurar no meio das suas amarguras as consolações que irradiam da fé, e o alívio que sai do coração em lágrimas de resignação e esperança:

*Eia, Mater, fons auroris,
Me sentire vim doloris,
Fac ut tecum lugeam!*

(Igreja de S. Francisco em Guimarães — 1921).

R e s s u r r e i ç ã o

*Suscitavit eum a mortuis et dedit ei
gloriam ut fides vestre et spes
esset in Deo . . .*

Fê-l'O ressurgir dos mortos e deu-Lhe
a glória para que vós tivésseis fé e
esperança em Deus . . .

(1.º de S. Pedro, 1, 21.)

Aos crepes lutuosos sucedem-se as galas festivas. Ouve-se um hino a acordar no espaço ecos de alegria — *surrexit, alleluia!* Aleluia! Adorna-se o templo em sinal de júbilo — *surrexit, alleluia!* Aleluia! Dilatam-se os corações em extremos de amor — *surrexit, alleluia!* Aleluia! Expande-se a alma aos alvares da esperança — *surrexit, alleluia!* Aleluia! Inunda-se a razão num oceano de luz — *surrexit, alleluia!* Aleluia!

Assombroso acontecimento que, volvidos quase 2.000 anos, pode ainda alvoroçar um mundo, pondo uma nota festiva em cada hino da natureza, e um carme de amor em cada movimento físico!

Senhores: Já não temos que verter lágrimas sobre um túmulo, temos que dirigir sorrisos a uma aurora que desponta festiva pela ressurreição de Jesus. Naquela pedra que caíra simples, fria e silenciosa a ocultar ao mundo o cadáver do Divino Mártir, já não se acham escritas aquelas palavras, consagradas pela piedade dos homens aos que dormem o sono da morte — *hic jacet* — aqui jaz: não. Ali, escrito pela mão onnipotente de Deus, está o pregão eterno dum mistério, que revela um poder infinito e duma verdade consoladora, que abre de par em par as portas do além aos que se deixam guiar pelo farol da Fé — *surrexit non est hic*.

Sim, é esse o epitáfio que se encontra no sepul-

cro de Jesus. De lá, em vez das pútridas exalações da matéria, saiem as mais altas aspirações do espirito e as mais consoladoras promessas de felicidade futura. A Fé que nos guia e a Esperança que nos alenta, a luz que nos desvela o infinito e a força que nos leva ao Céu, o sol que rasga mais amplos horizontes à razão e a seiva misteriosa que nos robustece a vontade, a fé em Deus e a esperança nas suas promessas indefectíveis, tiveram neste facto da ressurreição de Jesus um agente poderosíssimo, que as radicou bem fundo na alma humana — *Suscitavit eum a mortuis et dedit ei gloriam ut fides vestra et spes esset in Deo.*

A ressurreição de Jesus é o facto sobre o qual assentam a verdade do Cristianismo, as suas maiores glórias, a epopeia brilhante dos seus dezanove séculos de existência.

*S'inspiração houvera, ó Deus Omnipotente,
Que em estos de poesia esta minha alma crente
Hoje banhar pudesse . . . um hino bem sentido
A Vós, ó Deus d'Amor, a Vós, Jesus Querido
Haviam d'entoar nest'hora os lábios meus !
Querera as harmonias celestiais, ó Deus,
Que tem o hino eterno da glória è do amor
A vós, Senhor e Rei, a Vós, Deus e Senhor.
Mas se os louvor's não hei das grandes ovações,
Há os affectos puros, que os nossos corações
Elevam até Vós, que sois penhor seguro
Das bençãos do porvir, das glórias do futuro.*

Demonstrar a realidade desse acontecimento e apontar alguns dos seus efeitos, eis o fim do meu discurso.

Senhores:

A verdade do Cristianismo assenta toda sobre o facto da ressurreição de Jesus. É tal a importância deste acontecimento, que, negada a sua verdade histórica, a sua existência real, está negada a divindade de Jesus, e consequentemente por terra toda a economia do Cristianismo.

Em toda a História, porém, não há um facto mais evidentemente provado, mais claramente demonstrado do que a ressurreição do Salvador.

O divino Mártir, cuja morte fora constatada por centenas de testemunhas, a ponto de ser dispensada a crueldade legal de se Lhe fracturarem os ossos como costumava fazer-se a todos os justicados, desapareceu do sepulcro em que jazia, ao terceiro dia depois da Sua morte. Esse cadáver podia ser roubado? Esta hipótese pulveriza-se ante a proibição dos amigos de Jesus e a vigilância dos seus algozes. Àqueles repugnaria o embuste, estes reprimiriam todos os esforços tendentes a fazer crer na realidade da ressurreição miraculosa, que havia sido profetizada, e que, realizando-se, constituiria o triunfo de Jesus de Nazaré sobre as perseguições e calúnias da Sinagoga.

Pois bem! Se Jesus morreu, se Jesus foi colocado no sepulcro, se Jesus desapareceu dali sem que mãos estranhas arrebatassem o Seu sacrossanto cadáver, Jesus, o Filho Unigénito de Deus, Deus Ele mesmo, levantou-se pela força própria, Jesus ressuscitou. Mas não basta a lógica dos factos, precisamos de testemunhos fidedignos, que nos garantam a verdade deste acontecimento, por motivos seguros de credibilidade histórica.

Temos, meus Senhores, o testemunho dos Apóstolos, que O viram, que Lhe falaram, que comeram

com Ele, que O viram separada e colectivamente; e isto não uma vez, mas muitas vezes; não num só dia, mas durante quarenta dias. E do próprio seio do colégio apostólico saiu a objecção precisa, a dúvida necessária para que não se dissesse que um facto tão extraordinário era recebido com uma crença tão cega, que pudesse parecer uma sugestão doentia. Tomé, um daqueles que se haviam recusado a acreditar no testemunho dos outros, havia dito: «Se eu não vir com os meus olhos, se não meter os meus dedos nas chagas que lhe foram abertas nas mãos, nos pés e no peito, não acreditarei na ressurreição de Jesus», Tomé viu-O, tocou os sinais indeléveis e sacratíssimos da Redenção, produziu-se em seu espírito a certeza real desta verdade inconcussa e por isso exclamou: «Sim, eu creio, Vós sois verdadeiramente o meu Salvador, o meu Deus».

Que Jesus ressuscitou dizem-no os quinhentos discípulos que viram a Sua glória, que assistiram à Sua ascensão triunfante. Até aí eram uns descrentes, mas perante esta prova irrefutável da divindade de Jesus, tornaram-se mensageiros da verdade da Sua ressurreição; e esta crença ganhou raízes tão fundas em seu espírito, que mais fácil foi arrancar-lhes a vida do que a fé em Jesus ressuscitado.

Que Jesus ressuscitou, di-lo o próprio povo judeu, que tinha todo o interesse, todo o empenho em contestar esse facto.

Sim! Oito mil dos filhos de Israel convertem-se no dia do Pentecostes à doutrina de Jesus, cuja morte pediram em altos brados. Quem os obrigava a crer na ressurreição de Jesus? Oh! esses homens que resistiram aos milagres operados pelo Filho de Maria, não acreditariam na palavra dos Apóstolos — os rudes pescadores da Galileia — sem provas que pudessem

dar toda a evidência à doutrina que eles anunciavam. Quem os convenceu? Viram com os seus próprios olhos Jesus ressuscitado ou souberam da ressurreição por testemunhos fidedignos?

Duma forma ou doutra, o simples bom senso devia imprimir em sua alma uma fé inabalável. Comprovava-se a ressurreição triunfante com milagres autênticos, logo esse facto era incontestavelmente certo, pois Deus não podia permitir que fossem alteradas as leis da natureza para se dar à mentira foros de verdade, para se dar ao embuste a aquiescência da razão.

Que Jesus ressuscitou, dizem-no mais de onze milhões de mártires que por essa verdade se têm deixado matar no anfiteatro de Roma, nas praças públicas do império, entre os selvagens doutrora, como entre os selvagens modernos.

Que Jesus ressuscitou di-lo o mundo cristão, que há dezanove séculos se prostra reverente, em adoração, ante Cristo, vencedor da morte.

Di-lo, finalmente, meus Senhores, o próprio Deus. Jesus profetizou por várias vezes que se entregaria à morte e que ao terceiro dia havia de ressuscitar. A ressurreição era apresentada pelo ungido do Senhor como a prova autêntica, irrefragável, da Sua Divindade. E com efeito, voltar à vida, ressuscitar, é a acção da Divindade, manifestada no seu poder mais alto. Um homem que ousasse tomar um tal compromisso, dirigir ao Céu um tal desafio, seria evidentemente um impio ou um dementado.

Se Jesus não era verdadeiramente o Filho de Deus, ao mesmo Deus competia desmascarar a impostura.

Onde o sacrossanto Cadáver que há três dias foi tirado da Cruz e colocado no sepulcro? Não é aos

discipulos, aos soldados, nem ao povo judaico que devemos perguntá-lo; é a Vós, ó Deus! Sim, sois Vós que deveis apresentá-lo públicamente para destruir o mais fatal dos erros. Nada. Tudo concorre para estabelecer e firmar a crença na verdade da ressurreição. O Corpo de Jesus estava guardado pelos seus inimigos e apesar de toda a vigilância, e todas as precauções, esse Corpo desaparece! Testemunhos inúmeros e fidedigníssimos afirmam que O viram vivo em Jerusalém e Emaús e nas margens do Tiberiades: logo, ou Deus escarnece da fraqueza humana e nesse caso não é justo, nem santo, nem bom, nem providente; ou então é necessário confessar que Jesus Cristo ressuscitou.

Sim! Jesus ressuscitou. Não há na História facto mais evidentemente provado, como a ressurreição do Salvador.

E este facto, meus Senhores, é o escudo da nossa fé. Sim, se houvera quem nos dissesse que descíamos da nossa dignidade prestando as nossas homenagens a um homem que nasceu num estábulo e que viveu sujeito às enfermidades e misérias humanas, nós poderíamos responder-lhe: Sim, mas esse homem ressuscitou! Se nos dissessem que não merece o nosso respeito um homem que foi preso como um celerado, condenado como um malfeitor, apupado como um louco, entregue aos soldados, coberto de opróbrios e ignominias, nós responderíamos: Sim, mas ressuscitou. Se nos dissessem que é indigno das nossas adorações aquele que foi arrastado à morte afrontosa da Cruz, nós responderíamos: Sim, mas ressuscitou.

A sua vida, a sua morte foi a de um homem, mas a sua ressurreição gloriosa e triunfante foi a de um Deus.

E ao mesmo passo que este facto comprovou

com toda a evidência a divindade de Jesus, firmou também em bases sólidas e indestrutíveis o Cristianismo, o edifício brilhante e imortal onde se guardam, como em museu riquíssimo, as provas maiores da misericórdia divina, e os mais belos braços da grandeza humana.

Sim! Instituição sublime a atravessar os séculos, a engrandecer a História, a conduzir os homens e a glorificar a Deus — a Igreja Santa de Jesus — é a depositária dos óptimos frutos da Redenção, que, numa intenção de perene apoteose ao Deus que a realizou, ergue a Cruz como bandeira santa e imaculada, que se negreja de morte por haver sido o patíbulo do maior dos santos, resplende de vida por haver sido o altar do maior dos mártires. Depositária fiel, incorrupta e incorruptível da revelação divina, que conduz à razão humana através os caminhos do além, que por si só não poderia percorrer, ela conserva íntegra e pura a doutrina reveladora duma sabedoria infinita, duma bondade suma. Cimentada com o poder e autoridade que lhe deu o seu divino instituidor, ela resiste a todos os embates, sai vitoriosa de todas as lutas, caminha avante na conquista do bem, atravessa firme todos os séculos e aí está de pé a atestar a bondade infinita de Deus e a continuar a obra redentora do seu Cristo.

No desempenho da sua missão augusta de paz, de amor e de salvação, ela recebe em seu seio todos os homens, dealba-os nas águas do baptismo, dá-lhes força e coragem na confirmação, nobilita-os no banquete eucarístico, purifica-os na penitência, eleva-os ao sacerdócio, santifica-os na constituição da família; e, quando se aproxima o termo da existência de cada um, é ainda a Igreja que unge com óleo santo o moribundo, e, companheira zelosa, suavisa as amarguras

do triste momento da morte com as harmonias dulcíssimas de fervorosas preces.

Se atentarmos na obra social da instituição divina de Jesus, hemos, rendidos e gratos, de dar-lhe o primeiro lugar entre as instituições beneméritas.

Sim, milhares de gerações se têm prostrado à sombra da Cruz, e à sombra benéfica dessa árvore santa têm germinado as dedicações mais generosas, os affectos mais puros, os actos mais heróicos, a civilização cristã — o que há de mais surpreendentemente belo em si e de mais admiravelmente benéfico nas suas consequências.

A ciência procura os seus maiores vultos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A arte procura os seus maiores génios? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A politica procura os seus melhores homens? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A pátria procura os seus melhores filhos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Os povos procuram os seus melhores reis? Encontram-os aí, à sombra da Cruz. A humanidade procura os seus beneméritos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Viu-os elevarem-se à sombra dessa árvore santa e tornarem-se gigantes; viu-os combater na grande luta pelos nobres ideais do Cristianismo e tornarem-se uns heróis, Viu-os primeiro em abstracto na elevação da ideia, na santidade da causa, na bondade do fim, na armadura sobrenatural de graça e força, de inspiração e luz, com que haviam de entrar nessa luta; e depois viu-os em concreto, e chamou-lhes Agostinho e Tomaz, Bernardo e Crisóstomo, Rafael e Miguel Ângelo, Windetorst e Veuillot, Fernando, o santo, e S. Luis, Javouhey e Leão XIII, todos os que pela santidade da sua vida, rectidão de suas intenções, sublimidade de seus feitos, grandeza de seu génio e luzes de seu espirito, mereceram que seus

nomes fossem insculpidos com letras de ouro no pedestal brilhante e imortal que a Igreja erige em honra dos seus heróis.

A ignorância procura instrução? Encontra-a aí, à sombra da Cruz. A doença procura cuidados? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Os órfãos procuram carinhos? Encontram-os aí, à sombra da Cruz. Os velhos procuram amparo? Encontram-o aí, à sombra da Cruz. Os tristes alívio às suas tristezas, os desalentados conforto aos seus desalentos, os infelizes lenitivo às suas desventuras? Encontram-os aí, à sombra da Cruz.

Sim, foi à sombra dessa árvore santa que a humanidade viu surgir o amor, flor mimosa, cujo perfume sobrenatural, divino, fundou escolas, erigiu hospitais, edificou asilos, inspirou cuidados e carinhos, promoveu desprendimentos heróicos para produzir consolações dulcíssimas. Frutos tão belos e tão salutares não podiam sair dum patíbulo; era preciso que a cruz fosse mais alguma coisa do que o instrumento de torturas para celerados, para se produzir tudo isso que constitui a epopeia brilhante e incomparável da história do Cristianismo. Era preciso que a cruz fosse o altar dum Deus, e não o seria se Jesus não realizasse as suas profecias, se Jesus não saísse triunfante da morte, se Jesus não ressuscitasse.

E assim é que este facto que a Igreja comemora numa aleluia jubilosa, e num hosana festivo, constitui o fundamento seguro sobre o qual assenta a sua verdade inconcussa e a sua indefectibilidade histórica.

É por isso, meus Senhores, que aos crepes lutosos sucedem-se as galas festivas. Ouve-se um hino a acordar ecos no espaço — *surrexit, alleluia, alleluia!* Adorna-se o templo em sinal de júbilo — *surrexit, alleluia, alleluia!* Dilatam-se os corações em extremos

de amor — *surrexit, alleluia, alleluia!* Expande-se a alma aos alvares da esperança — *surrexit, alleluia, alleluia!* Inunda-se a razão num oceano de luz — *surrexit, alleluia, alleluia!* Há uma nota festiva em cada hino da natureza e um carme de amor em cada movimento físico.

Basta! Retiro-me deste púlpito confundido pela minha nulidade, rendido ante a fidalguia da vossa atenção generosa e edificado pela crença piedosa e sincera dos filhos deste formoso canteiro do jardim do Minho.

Antes, porém, de retirar-me, vou dirigir-vos o mesmo pedido que o grande Thiers fez um dia aos seus compatriotas franceses: «Vós que conservais a fé, espalhai-a por toda a parte, porque uma nação crente será melhor inspirada, será mais forte e mais heróica, quando tiver de defender a sua independência, quando tiver de pugnar pela sua liberdade».

(*Nos Arcos de Valdevez — 1901*).

**Na Inauguração da Nova Igreja
nas Caldas das Taipas**

Domus mea, Domus orationis

(Math. 21 - 13)

Senhores: Uma estranha comoção se apodera do meu espírito, ao iniciar o primeiro sermão que se pronuncia sob as abóbadas desta igreja paroquial de S. Tomé de Caldelas. É o padre católico, que exulta por ver mais um monumento de fé e de piedade, numa terra que à fé e à piedade cristã de seus filhos deve as páginas mais brilhantes da sua epopeia histórica. É a alma cristã que se comove ao ver erigir-se em honra de Deus um novo templo, em que sua Divina Majestade se digna habitar no Sacramento Augusto do seu amor, e onde receberá as homenagens, as súplicas e os louvores de seus filhos, que, de harmonia com a vontade do Senhor, chamam à casa de Deus a casa da oração — *Domus mea, domus orationis*.

É ainda a alma portuguesa que rejubila ao assistir à inauguração duma igreja que tem por orago aquele Didimo que tanto amou a Jesus Cristo e que foi o precursor dos missionários portugueses na pregação do Evangelho nas plagas longínquas das Indias Orientais.

Depois a coincidência da inauguração deste templo no dia em que se apresenta à nossa contemplação aquela parte do Evangelho de S. João em que se fala das dúvidas de S. Tomé acerca da ressurreição do Salvador, dúvida providencial, que constitue um dos mais irrefragáveis argumentos do triunfo de N. S. Jesus Cristo, a prova terminante da sua divindade, e onde se patenteia a fé e o amor do pobre pescador galileu, tornado apóstolo, que ao tocar as benditas chagas do Redentor, se prostrou a seus pés, bradando, num rasgo

de fé viva e de comoção bem sentida — *Dominus meus et Deus meus* — Meu Senhor e meu Deus!

Quinze séculos depois apareceram-lhe ainda essas chagas. Não iam no corpo sacrossanto do Divino Redentor dos homens, mas achavam-se estampadas no pendão glorioso dos heróicos navegadores lusitanos, naquela bandeira que flutuou no Campo de Ourique, e nos plainos de Aljubarrota, e trapejou nas caravelas que, partindo da praia do Restelo, foram através do mar tenebroso até essa Índia misteriosa, onde ele, o discípulo de Jesus, levou a primeira palavra do Evangelho, e onde nós, os portugueses, levamos a civilização cristã, fazendo erguer-se naquelas paragens longinquoas, o lábaro augusto da Redenção, símbolo da nossa fé, e flutuar às brisas do Oriente o pendão das Quinas, a gloriosa bandeira da nossa nacionalidade. E porque ele, o Apóstolo S. Tomé, foi o primeiro missionário da Índia, e erigiu um templo cristão na cidade de Meliapôr, que foi o primeiro templo cristão das Índias Orientais, El-Rei de Portugal, D. João III, ordenou em 1523 que se desse a essa cidade, que foi o principal teatro da apostolização do discípulo de Jesus, o nome de cidade de S. Tomé de Meliapôr e que se erigisse uma igreja católica que seria também um monumento em honra do santo apóstolo, e, sendo encontrado, quando se abriam os alicerces, o corpo do Apóstolo-mártir, mandou que fosse trasladado para Goa, onde as suas reliquias se conservam ainda hoje com grande devoção.

Vedes, pois, meus senhores que se a nossa alma religiosa exulta por vermos erigir-se mais uma igreja nesta nação que conserva como uma das suas mais belas tradições o sentimento religioso cristão; o nosso coração de patriotas rejubila também, porque esta igreja parece evocar em nosso espirito o período áureo da

nossa epopeia histórica, e é um documento a atestar que em pleno século XX, quando na pátria fundada por Afonso Henriques, defendida por João I, o fundador da Batalha, engrandecida por D. Manuel I, o fundador de Santa Maria de Belém, quando nesta pátria que, desde as margens do Minho até às praias do Algarve é um poema de pedra a atestar a religiosidade de seus filhos, passava um vento de insânia a pretender destruir tantos monumentos de fé e de piedade, um novo templo se ergue, que será a casa de Deus e a casa da oração deste bom povo, que, em sua alma reconhecida, guardará sempre a lembrança de benemérito dador desta igreja paroquial de S. Tomé de Caldelas.

Senhores, bem merece o Cristianismo, pelos seus fins sobrenaturais e pelas suas benemerências sociais, que se levantem monumentos desta natureza, onde Deus é adorado e onde a alma cristã se eleva até ao Céu no gemido duma prece ou com harmonias suavísimas dum hino de louvor — *Domus mea, Domus orationis*. Será este o assunto.

Meu Deus e meu Senhor!

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz, não é bem para exorar a benevolência de V. Ex.^a Rev.^{ma} que eu me dirijo a vós do alto desta tribuna sagrada, no momento em que pela primeira vez falo na vossa presença. Os filhos, ainda os mais indignos e os mais incompetentes, têm sempre a certeza de poder contar com a benevolência dum pai, cuja alma está saturada do espírito cristão, que é o espírito da caridade.

Não! Não é para exorar a vossa benevolência que a vós me dirijo, Senhor. É antes para, nesta ocasião em que vindes pela primeira vez ao concelho da velha Guimarães, vos prestar a homenagem que vos é devida como supremo guarda da Igreja Bracarense, e

dirigir-vos os louvores que merecem os que se afirmam grandes pelo seu talento, respeitáveis pela sua virtude, nobilísimos no seu carácter, firmes na sua fé, em cuja propagação há o zelo dos apóstolos, e em cuja defesa há a constância e o heroísmo dos mártires. E ficai certo, Senhor Arcebispo Primaz, de que nesta homenagem que vos presto do alto desta tribuna da verdade donde a adulação é banida e onde somente podem estadear-se as afirmações inspiradas pela justiça, eu interpreto o sentir deste povo que, ao ver assentado na gloriosâ cadeira dos Arcebispos de Braga o que foi inclito Arcebispo-bispo da Guarda—o estrênuo defensor dos direitos da Igreja, o autor de notabilísimos documentos que hão-de ocupar lugar distinto na história deste periodo que a Pátria atravessa, na sua linguagem simples repetiu o hossana dos filhos de Israel na entrada triunfante de Jesus em Jerusalém — *benedictus qui venit in nomine Domini*.

Meus senhores, a missão de que me encarregaram é grande de mais para as minhas débeis forças; espero, porém, da vossa caridade que sereis atentos e benévolos. Confiado nisto,

Principio.

Senhores :

• • • • •
 Sim: era o Filho de Deus que vinha à terra para solver com o preço infinito do seu sangue adorável a enorme divida que o homem contraira para com o Criador. Mas, além de resgatar o mundo com a sua Paixão e a sua Morte, Jesus queria regenerar o homem pela moral e fortalecê-lo com a sansão eterna dum prémio e dum castigo. Era preciso que a sua obra

ficasse, permanecesse até à consumação dos séculos, incorrupta através de todos os erros, infalível em seus ensinamentos e altamente benéfica para com a humanidade. Instituiu, pois, a Igreja, deu-lhe sacerdote e sacrificio. Fundou o Cristianismo e deu-lhe, para a sua indefectibilidade, a sua assistência; para os seus ensinamentos, as suas luzes; para a sua moral, os seus preceitos e as suas inspirações.

E, instituição sublime a atravessar os séculos, a engrandecer a história, a conduzir os homens e a glorificar a Deus, a Igreja Santa de Jesus Cristo é o mais belo padrão da munificência divina e o mais seguro esteio da fraqueza humana. Depositária dos opimos frutos da Redenção, ela, numa intenção de perene apoteose ao Deus que a realizou, ergue a Cruz, como bandeira santa e imaculada que, se negreja de morte por haver sido o patíbulo do maior dos justos, resplende de vida por haver sido o altar do maior dos mártires.

Depositária fiel, incorrupta e incorruptível da revelação divina, que conduz à razão humana através dos caminhos do Além que por si só não poderia percorrer, ela conserva, íntegra e pura, a doutrina reveladora duma sabedoria infinita, duma bondade suma.

Cimentada com o poder e autoridade que lhe deu o seu divino Instituidor, ela resiste a todos os embates, sai vitoriosa de todas as lutas, caminha àvante na conquista do bem, atravessa firme todos os séculos e aí está, de pé, a atestar a bondade infinita de Deus e a continuar a obra redentora do seu Cristo.

Oh! sim! pregão perene das misericórdias do Senhor, a Igreja Católica é o mais belo padrão da munificência divina. No desempenho da sua missão augusta de paz, de amor e de salvação, ela recebe em seu seio todos os homens; dealba-os nas águas do

baptismo, dá-lhes força e coragem na confirmação ; nobilita-os no banquete eucarístico, purifica-os na penitência, eleva-os ao sacerdócio, santifica-os na constituição da família, e, quando se aproxima o termo da existência de cada um, é ainda a Igreja que unge com óleo santo o moribundo, e, companheira zelosa, suavisa as amarguras do triste momento da morte com as harmonias suavíssimas de fervorosas preces.

Oh ! sim ! a Igreja Católica é o mais seguro esteio da fraqueza humana.

Ela aí está, majestosa, vendo as sociedades batidas pelos ventos do infortúnio, mas conservando-se plácida e serena no meio deste mar revólto de paixões, de erros, e de egoísmo. Levantam-se contra ela as ondas da impiedade, pretendendo submergi-la nos abismos da história; ela, porém, continua singrando no mar da vida, tendo ao leme um timoneiro sábio e experimentado — o Homem Branco do Vaticano — que leva na sua derrota a barca de Pedro, cheia de luz e de bens, indo direita ao seu fim sem sossobrar, enquanto essas ondas se desfazem em pó nas negras praias da morte. Tem a guiá-la um farol — a Fé; a impeli-la um sentimento — o Amor. Jesus, ao instituir esta obra tão grande e tão benéfica, impôs-lhe como fins principais a destruição da iniquidade e do erro e a pregação da virtude e da verdade. *Docete* — ensinai : eis o meio para conseguir esse fim.

Docete — e os rudes pescadores da Galileia tornam-se sábios mestres da humanidade. *Docete* — e a palavra de Pedro ilustra inteligências e arrasta corações aos milhares. *Docete* — e o verbo de Paulo ecoa com estrondo no Areopago de Atenas. *Docete* — e os discípulos de Jesus levam o Evangelho ao Oriente e ao Ocidente, fazendo tombar os ídolos do paganismo e ensinando os povos a adorar em espírito e verdade o

Deus verdadeiro. *Docete* — e surgem os espíritos brilhantes, o saber descomunal de homens extraordinários que formam a áurea cadeia que vai desde S. Justino a S.¹⁰ Afonso, onde há sábios como Agostinho, eruditos como Jerónimo, oradores como Bernardo, filósofos como Aquino, moralistas como Ligório. *Docete* — e a penitência é pregada por Francisco d'Assis, o grande Apóstolo do século XIII, e Domingos de Gusmão restabelece a verdade combatendo a heresia, e Leão X protege as artes, as letras e as ciências; e o ferido de Pamplona leva aos bárbaros a civilização cristã, mandando para a Índia Francisco Xavier, Anchieta para o Brasil, Roberto Nobili para a Indochina, para os Parias João de Brito, Nunes para Cantão, para a Ásia, África, América e Oceânia, esses missionários do bem, esses apóstolos da luz, esses obreiros beneméritos da verdadeira civilização. *Docete* — e Vicente de Paulo, ensina a compaixão tomando em seus braços as crianças que mães desventuradas abandonam nas ruas de Paris, e S. João de Deus funda a sua ordem, onde a doença e as misérias humanas encontram remédio e consolações cristãs. E D. Bosco abre os seus institutos de regeneração social pelo trabalho, pela educação, pelo ensinamento cristão. *Docete* — foi o *fiat* de Jesus Cristo para do caos do mundo antigo sair o mundo cristão com o heroísmo consignado nas páginas incomparáveis do martirólogo, com as virtudes mencionadas nas páginas brilhantes do agiólogo, com todos os bens espirituais que se encontram no tesouro precioso da Igreja, a depositária fiel dos opimos frutos da Redenção. Bem merece, pois, o Cristianismo, pelos seus fins sobrenaturais, que se levantem monumentos desta natureza, onde Deus é adorado e a alma cristã se eleva ao Céu no gemido dum prece ou harmonias suavíssimas dum hino de louvor.

Mas, meus senhores, o Cristianismo merece ainda estes monumentos pelas suas benemerências sociais.

Sim! Milhares de gerações se têm postado em volta da Cruz, e à sombra benéfica dessa árvore santa têm germinado as dedicações mais generosas, os affectos mais puros, os actos mais heróicos, a civilização cristã, enfim, o que há de mais surpreendentemente belo em si e de mais admiravelmente benéfico em suas consequências. A ciência procura os seus maiores vultos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A arte procura os seus maiores génios? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A politica procura os seus melhores homens? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. A pátria procura os seus melhores filhos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Os povos procuram os seus melhores reis? Encontram-nos aí, à sombra da Cruz. A sociedade procura os seus beneméritos? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Viu-os elevarem-se à sombra dessa árvore santa e tornarem-se gigantes; viu-os combater na grande luta pelos nobres ideais do Cristianismo e tornarem-se uns heróis. Viu-os primeiro em abstracto, na elevação da ideia, na santidade da causa, na bondade do fim, na armadura sobrenatural de graça e força, de inspiração e luz, com que haviam de entrar nessa luta, e depois viu-os em concreto e chamou-lhes Agostinho e Tomás, Bernardo e Crisóstomo, Rafael e Miguel Ângelo, Nindtont e Veuillot, Fernando o santo e S. Luís, todos os que pela santidade da sua vida, rectidão de suas intenções, sublimidade de seus feitos e luzes de seu espirito, mereceram que seus nomes fossem esculpidos com letras de ouro no pedestal brilhante e imortal que a Igreja erige em honra dos seus heróis.

A ignorância procura instrução? Encontra-a aí, à sombra da Cruz. A doença procura cuidados? Encontra-os aí, à sombra da Cruz. Os órfãos procuram

carinhos? Encontram-nos aí, à sombra da Cruz. Os velhos procuram amparo? Encontram-no aí, à sombra da Cruz. Os tristes alívio às suas tristezas, os desalentados conforto aos seus desalentos, os infelizes lenitivo às suas desventuras? Encontram-nos aí, à sombra da Cruz. Sim, foi aquele *docete* de Jesus Cristo que, à semelhança dum *fiat* criador, fez surgir à sombra benéfica da árvore da Cruz a caridade, flor mimosa, cujo perfume sobrenatural, divino, fundou escolas, erigiu hospitais, edificou asilos, inspirou cuidados e carinhos, promoveu desprendimentos heróicos para produzir consolações dulcíssimas.

E mais, meus senhores, do seio da Cruz saíram todos os esplendores da civilização cristã. Do seio da Cruz saiu aquela força hercúlea que combateu as paixões degradantes do mundo velho, que destruiu os cultos aviltantes do paganismo e que levantou o nível moral do homem. Do seio da Cruz saiu aquela luz potentíssima que libertou as consciências do poder dos cézares, que baniu os horrores duma legislação iníqua, que partiu as algemas duma escravidão infame, e a todos — senhores e servos, patricios e plebeus, sábios e ignorantes, ricos e pobres, disse: sois livres, podeis prosseguir pelo caminho do bem; sois iguais na origem, no fim e nas aspirações da vossa alma: sois irmãos — amai-vos uns aos outros. Do seio da Cruz saíram os esplendores da esperança a dissipar os negrumes do desespero: os clarões da fé a destruir os erros da razão, e as chamas do amor a encinerar os espinhos do ódio. Do seio da Cruz saíram todas essas riquezas de ciência e de virtude, de que se acha repleta a história do Cristianismo. Do seio da Cruz saiu o zelo dos apóstolos, a constância dos mártires, a firmeza dos confesores e a pureza das virgens. Do seio da Cruz saíram as grandes nacionalidades — a Roma de Constantino, a

França de Clovis, a Espanha de Fernando e Isabel, o Portugal de Afonso Henriques, de D. João I e do rei Venturoso, toda a velha Europa com a sua história brilhante, com a sua epopeia inegalável. Do seio da Cruz saíram os valentes heróis da meia idade — os Gamas que atravessaram os mares e os Colombos que desvelaram os mundos. Do seio da Cruz têm saído todas essas belezas que nos arrebatam, quer venham revestidas de harmonias suavíssimas, quer venham manifestas nas inspirações do poeta, nas concepções do estatuário, em telas formosas ou em rendilhados finísimos duma arquitectura genial.

É por isso, meus senhores, que podem passar anos sobre anos, podem rolar séculos sobre séculos, podem emergir dos cérebros as ideias mais extravagantes, dos corações os ódios mais intransigentes, do seio das sociedades as revoluções mais cruéis, a Cruz jàmais será destruída, o Cristianismo viverá sempre porque os seus alicerces foram argamaçados com o sangue dos mártires e por cúpula indestrutível tem a protecção de Deus Omnipotente. Oh! sim! uma religião que tem por si uma protecção tão grande e uma história tão brilhante; uma religião que está à prova das crueldades de Nero e das ferocidades de Diocleciano; que teve contra si as astúcias e perfidias de Juliano, o apóstata; que lutou com o poder de Henrique IV da Alemanha, e de Henrique VIII e Isabel de Inglaterra; que sofreu as prepotências de Cromwel e as exigências do chanceler de ferro; que ouviu impassível as gargalhadas dos enciclopedistas e saiu incólume das chamadas da revolução; uma religião que não estremece ante o estilo perigoso de Renan e a obra destruidora de Zola; uma religião que fica de pé ante os erros da heresia, as defecções do cisma e as destruições dos iconoclastas de todos os tempos, é uma religião que não morre —

nas escuridões das catacumbas ou à luz do sol bendito da liberdade, há-de permanecer sempre, firme e de pé, no cumprimento da sua missão divina e altamente civilizadora.

Recordando-se, pois, o benéfico influxo do Cristianismo através dos séculos, o seu fim sobrenatural de glória a Deus e salvação das almas, a sua influência no estabelecimento do reinado de paz, de ordem, de amor e de liberdade, que constituem a base do engrandecimento dos povos, a promoção dos mais legítimos progressos da humanidade, os benefícios sociais que tem espalhado por toda a parte, ninguém dirá que esta religião santa não merece que se levantem monumentos que afirmem a sua existência no seio dos povos. E, quer esses monumentos se ergam no espaço com a majestade da cúpula de S. Pedro e das torres de Notre Dame; quer se estadeiem numa tosca gruta aberta nas rochas Massabielle, ou naqueles rendilhados finíssimos de Santa Maria da Batalha; quer sejam constituídos pelas pequeninas capelas que alvejam no cimo dos montes, ou pelas modestas igrejas que se levantam no meio dos prados, são sempre os palácios onde Deus habita, são sempre o refúgio onde os homens se acolhem, são sempre padrões a atestar a piedade dum povo e documentos a comprovar a benevolência do homem ou da colectividade que os erigiu.

Senhores! Estou chegado à parte mais difícil do meu pobre discurso.

Não é que eu tenha medo de lisongear vaidades: tenho receio de ofender modéstias. Mas eu, subindo hoje a esta cadeira da verdade, tenho de cumprir duas missões — uma, que escolhi e que já procurei cumprir, mostrando-vos como o Cristianismo merece que se levantem monumentos desta natureza. Outra, que me foi imposta, e de que vou desempenhar-me. É paten-

tear daqui, neste momento solene, a gratidão deste povo ao ilustre e benemérito Snr. Conde d'Agrolongo. Sacrifique-se, pois, a modéstia de Sua Ex.^a a este acto de justiça, à manifestação do reconhecimento que lhe é devido por dotar esta freguesia com a sua nova e linda igreja paroquial.

Senhores: Há uma classe de portugueses que são bem dignos da nossa estima, da nossa consideração e do nosso respeito pela forma como honram, em terra estranha, a terra bendita da Pátria. Refiro-me à numerosa e benemérita colónia portuguesa no Brasil. Em geral, o rapazinho marchava, com uma instrução rudimentar, chorando saudades da família, da casa onde nasceu, dos campos onde brincava, da pequenina igreja onde recitava as orações que lhe ensinava sua piedosa mãe. Lá teve de entrar na luta do trabalho. Teve de conseguir a instrução que não levou daqui. E, depois de muitos anos de ausência, depois de muitas canseiras e fadigas, volta à terra da pátria, quase sempre para verter uma lágrima sobre a campa onde repousam os restos mortais dos que lhe deram o ser, e contemplar a paisagem da terra amiga que nunca se lhe varreu da memória. E, enquanto essa colónia levanta na terra irmã monumentos que atestam a sua benemerência, e que se acham espalhados por toda a parte naquela nação, grandes como o *Gabinete Português de Leitura*, importantes como a *Beneficência Portuguesa*, aqui, especialmente no nosso Minho, o homem que regressa da grande nação sul-americana levanta palacetes sobre a pobre casa em que nasceu, protege hospitais, auxilia os asilos, dota as escolas, edifica igrejas, socorre os miseráveis, inspirado sempre por um puro sentimento patriótico e pela compaixão para com os desprotegidos da sorte.

Dentre esses portugueses destaca-se, meus senho-

res, o nome do Snr. Conde d'Agrolongo. Os seus actos de liberalidade, os que são públicos, pois muitos há que têm apenas a homenageá-los as lágrimas de gratidão dos pobres que ele socorre, devem comemorar-se para exemplo e edificação de todos nós. Braga, a linda e progressiva capital do Minho, tem dentro de seus muros o primeiro estabelecimento, no género, do país. É o seu Asilo de Mendicidade, instituição grandiosa que há-de perpetuar o nome do seu ilustre fundador, que nas lágrimas e orações dos pobres velhos terá a mais bela recompensa que na terra se pode ter pelas boas acções que se praticam.

Mas aqui, na sua terra, junto da sua freguesia natal, era preciso ficar também alguma coisa que satisfizesse o seu coração de patriota, a sua alma compassiva. A igreja paroquial de Caldelas era pobre e modestissima. Sua Ex.^a manda erigir no centro desta linda povoação das Caldas das Taipas esta formosa igreja paroquial. E, assim, ao mesmo tempo que ergue um monumento cristão de fé e de piedade, o Conde d'Agrolongo dota esta terra com uma escola, com um asilo e com um hospital.

Escola, sim — a igreja, onde as crianças virão aprender a catequese e onde os fiéis virão ouvir a palavra do Evangelho, que é a ciência da salvação. Asilo, sim — a igreja, onde os que sofrem tribulações e trabalhos virão procurar alentos ao Coração Amante de Jesus que os chama — *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et egodore ficiam vos*. Hospital, sim — a igreja, onde os doentes das enfermidades da alma virão buscar os remédios que a religião nos faculta.

E nas orações das crianças, e no conforto dos desalentados, e na paz da consciência dos que recorrem aos remédios da igreja, e, especialmente, nas bênçãos

de Deus, terá o Conde d'Agrolongo a recompensa que merecem os que sabem distribuir em obras de beneficência e de piedade os tesouros que Deus confia à sua guarda.

Por isso, neste dia festivo e solene para esta povoação, todos vos saudam e bendizem Snr. Conde d'Agrolongo. Desde o nobre Primaz das Espanhas até ao mais humilde dos fiéis, todos louvam a vossa generosidade, todos patenteiam o seu reconhecimento a vós e àqueles que foram vossos colaboradores nesta obra em que se dá glória a Deus e em que se levanta mais um monumento a honrar a religião que professamos e a pátria querida em que nascemos. E a Ele, ao Deus Eterno e Infinito, dirigimos as nossas súplicas para que vos conceda os bens espirituais e temporais de que são dignos os que sabem cumprir aquela virtude a que o Apóstolo chamou a maior de todas as virtudes — a caridade, pregada e preceituada pelo Divino Fundador do Cristianismo.

E com as nossas súplicas sobem até vós, ó Deus Eterno e Infinito, que ficastes nessa Hóstia sacrosanta numa manifestação perene dum amor sem igual, a vós que inspirais os mais belos sentimentos de fé, de piedade e de liberalidade cristã, o hino da nossa gratidão e da nossa Fé — *Te Deum Laudamos, te Dominum confitemur.*

P a z

(Sermão pregado no templo da V. O. T. de S. Francisco no dia 1.º de Dezembro de 1918, em acção de graças pelo estabelecimento do armistício e da vitória das Nações Aliadas na Grande Guerra da Europa.)

Justitia et pax osculatae sunt.

Estreitaram-se num ósculo de puro
amor a justiça e a paz.

(Psalmo, 48-22.)

Senhor! eu viria profanar esta tribuna, se na solenidade patriótica que hoje realizamos, não principiásse por um acto de fé ante essa Hóstia Sacrossanta, em que vos creio substancial e realmente presente, e por um acto de amor e de adoração a Vós que sois o dominador eterno dos mundos, que espancais as trevas com os esplendores da luz, que pela vossa justiça permitis as lágrimas das calamidades públicas, como remédios para o saneamento moral dos homens, e pela vossa misericórdia enviais os sorrisos da paz, o anjo bendito da vossa Religião augusta, filha dilecta da justiça, mãe carinhosa da disciplina, da ordem e do progresso das nações! Senhor! dignai-Vos aceitar a confissão da minha fé, os protestos do meu amor e as homenagens da minha adoração!

Eu Vos adoro!

Meus senhores: Se o imortal cantor das nossas glórias não caísse fulminado pela morte, quando na sua imaginação de poeta julgou ouvir um dobre fúnebre a anunciar plangentemente a agonia da Pátria que ele tanto amou; se por um milagre da Providência, o mestre sublime de Camões pudesse atravessar os séculos, isento da lei geral de aniquilamento a que estão sujeitos todos os homens, e lhe fosse dado recordar neste dia uma das mais belas páginas da nossa história, e celebrar neste momento os valerosos feitos dos descendentes daqueles

*... Barões assinalados
 Que da ocidental praia lusitana,
 Por mares nunca dantes navegados
 Passaram ainda além da Taprobana,
 Que em perigos e guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana,
 Entre gente remota edificaram
 Novo reino que tanto sublimaram,*

como da sua pena brilhante e da sua inspiração sublime saíam estrofes, que seriam, na nossa epopeia histórica, a única consagração condigna dos heróis que em 1640 restauraram a nossa independência e do glorioso exército português que em nossos dias, nas inóspitas paragens de África e nos devastados campos da Flandres, conservaram íntegra e intemerata a honra desta ditosa Pátria nossa amada; e que no meio das responsabilidades melindrosas da hora presente é a garantia segura da ordem e da disciplina social, sem as quais o progresso, a liberdade e a autonomia das nações entram no estertor da anarquia, para tombarem irremediavelmente nos sarcófagos inglórios da história.

Sim, meus senhores! Só uma página dos *Lusíadas*, recitada pelo verbo arrebatador de Vieira, estaria à altura dos júbilos enternecidos da Pátria, que ao mesmo tempo que coroa de louros as frentes dos seus heróis, envia ao Céu os hinos da sua Fé e as expressões da sua comovida gratidão.

Mas, se nos faltam a sublime poesia de Camões e as harmonias da voz do maior orador que a Pátria portuguesa produziu, temos a poesia adorável do nosso amor patriótico e os hinos suavíssimos da nossa fé religiosa.

Amar a terra em que nascemos, amar o Ser Infinito e Eterno, moderador dos mundos!... Não há, certamente, meus senhores, coisa mais capaz e mais

digna de comover peitos sensíveis, excitar palpitações doces, produzir lágrimas ternas e conduzir-nos a maior fastigio de elevação e de grandeza. E' por isso que todo o homem, que tem em seu coração lugar para um affecto puro e em seu espirito uma centelha de fé, recorda sempre com gloriosa ufania as venturas da sua Pátria e, exultando ao lisongeiro aspecto das prosperidades dela, manda ao céu agradecidos louvores.

E' isto o que vimos fazer diante do altar da Pátria, onde se conservam luzentes as espadas dos nossos heróis, e diante do altar da religião, onde se ergue majestosa, a inspirar sacrificios e a incutir alentos, a cruz sacrossanta e bendita.

Após quatro longos anos de formidável guerra, única nos domínios da História, pois que o campo da batalha se ergueu até às nuvens donde descia a metralha destruidora e se estendeu até às profundezas do mar, de cujo seio saíam os obuses devastadores e mortíferos, depois desse flagelo horrível que passou pelo mundo,

*Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas;*

depois de quatro anos de torturas, de sacrificios, de ansiedades, durante os quais todo o mundo sofreu ou os efeitos directos da guerra no aniquilamento de vidas, na destruição de cidades, na ruina de monumentos, ou os seus efeitos mediatos na miséria e na fome, monstros sinistros que em perspectiva vinham aterroizando os povos, do meio daquelas ruínas, há muito tempo chamadas pela voz suave e meiga do homem branco do Vaticano e erguidas nos braços poderosos de Wilson, levantam-se as figuras brancas e luminosas da justiça e da paz, estreitando-se num ósculo de puro amor — *justitia et pax osculatae sunt.*

O mundo inteiro estremeceu de júbilo e só os vencidos, num último arranco de desespero, se lançaram nos horrores da anarquia que é o abismo fatal onde caem as nações perdidas.

As nações aliadas entoaram os hinos da vitória. Wilson e Jorge V agradecem publicamente ao Todo Poderoso o auxilio dado aos seus exércitos. O insuspeito Clemenceau ajoelha diante dos altares do catolicismo; a Bélgica entoa hinos de acção de graças sob as abóbadas dos seus templos; a Itália afirma a sua fé nos auxilios do céu; Portugal não podia deixar de entoar um *Te-Deum Laudamus* ao Deus que abençoou os heróis de Ourique e protegeu os batalhadores de Aljubarrota, de Valverde, de Montes Claros e de tantos feitos gloriosos, que se dignou inclinar o seu ouvido às nossas preces, dando-nos a almejada paz, com os louros que a justiça não nos poderá negar. E se há terra onde esta solenidade tenha razão de ser, é Guimarães, o berço modesto mas glorioso onde nasceu esta nação de heróis.

Senhores: Recordemos a luta passada, exultemos ante as glórias do presente e preparemos os progressos do futuro.

Será este o assunto.

Senhor: Esta festa é de cristãos e de portugueses. Como cristãos aqui estamos para atestar a nossa crença, como portugueses aqui vimos para afirmar o nosso amor à Pátria querida em que nascemos. Vós sois a fonte de todo o amor puro e imaculado. Vós sois o principio de toda a vida e de toda a verdadeira grandeza. Vós sois o inspirador eterno do heroismo, da ordem, da paz e da liberdade.

Senhor! Ponde em meus lábios palavras dignas de Vós e dignas da ditosa Pátria minha amada.

Inspirai os que me escutam a abrir a sua inteligência aos esplendores da fé e o seu coração às adoráveis radiações da caridade — do amor a Vós que sois infinitamente amável, do amor à Pátria que constitui nos domínios do tempo o mais santo e puro amor dos nossos corações.

Senhores : é supérfluo dizer-vos que nem pela inteligência, nem pelo saber, nem pelo dom da eloquência, eu merecia ocupar hoje este lugar. O mais experimentado e distinto orador haveria de tremer ao dirigir-se a uma assembleia tão numerosa e tão illustre como esta a que tenho a honra de falar.

Há, porém, em mim alguma coisa que poderá impor-se à vossa atenção benévola e indulgente — é o coração que vibra sempre de entusiasmo, quando vê a Pátria engrandecida e glorificada.

Dignai-vos, pois, escutar o que ele me inspira, atentos e benévolos.

Princípio.

Senhores :

E' bem próprio este dia e bem asada esta ocasião para estendermos a vista por essas páginas de ouro em que a mão incorruptível da História gravou em caracteres indeléveis as virtudes dos santos e os feitos dos heróis, que constituem a maior glória da Pátria portuguesa.

Portugal, que nas suas condições geográficas fora sempre a inveja das nações ; Portugal, que na fertilidade do seu solo, na verdura dos seus prados, no pitoresco recorte dos seus montes, no brando murmúrio dos seus rios, no límpido azul do seu céu, no espelho imenso dos seus mares, fora sempre um jardim belo entre os mais belos jardins da Europa, foi

também no seu período aureo, uma das mais poderosas nações do mundo.

Sim, meus senhores, fomos grandes; grandes como ninguém mais o fora nestas terras do Ocidente. Os nossos maiores, tendo por berço um só palmo de terreno, chegaram a medir a esfera do mundo e a achá-la pequena para os prodígios das suas façanhas. Conquistaram a supremacia dos mares, fazendo que a Pátria Lusitana alçasse nas águas do Ganges o seu altivo pavilhão e elevasse sobre dois oceanos a sua frente majestosa e augusta.

Embalados ao ruído das ondas neste jardim à beira-mar plantado, eles, os argonautas destemidos e valentes, em frágeis caravelas, lá iam através de temporais desfeitos por mares nunca dantes navegados, descobrir terras nunca dantes descobertas, abrir os portais da Índia misteriosa e implantar as Quinas nas formosas terras do sol nascente.

Que coração há aí de português que não sinta os mais ardentes arroubos de entusiasmo, o mais justificado orgulho, ao recordar todo esse passado que é não só um pergaminho a atestar a nossa nobreza, mas também e principalmente um estímulo a conservarmos altiva a figura da Pátria, puro e imaculado o símbolo que a representa, nobre, valorosa e heróica a colectividade que a concretiza, que somos todos, nós os que aqui nascemos, e que seríamos criminosos da pior espécie se pretendêssemos rasgar o manto majestoso das suas glórias, apagar o facho luminoso da sua fé e calcar aos pés o diadema augusto da sua autonomia, da sua independência ?

Que coração há aí de português que não lembre com orgulhosa saudade os combates e conquistas que o Portugal de outrora realizou por terra e por mar, e não contemple com santo desvanecimento os brilhan-

tes feitos de armas que ainda hoje nos impõem à consideração e ao respeito das nações estrangeiras?

Ah! senhores, é justo que nos gloriemos desse passado e o recordemos com santo desvanecimento, como lição na hora presente. Vede, senhores, passar como em fita cinematográfica todas essas figuras, que por grandes parecem lendárias. Vede o primeiro Afonso que com o seu montante traça os domínios duma nova nacionalidade, cujo império dilata no arrojo da conquista, no entusiasmo juvenil de seu valor guerreiro. Vede ao seu lado o venerando velho Egas Moniz, simbolo augusto da honra nacional que

*«Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.»*

(Cam., C.º III-33)

Contemplai Ourique na sua grandeza épica e piedosa: épica na bravura daquele punhado de heróis; piedosa na sua crença e nas suas orações que atraem sobre os primeiros portugueses e sobre a nacionalidade por eles fundada as bênçãos e o auxilio do céu bem patentes

*Quando na cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Afonso o animava*

num sonho, numa visão, que pode ser realidade ou lenda, mas que mostra à evidência que nos batalhadores de Ourique havia o talisman de todos os heroísmos — o sentimento religioso e que sobre o Portugal nascente pairava o espirito de Deus.

Vede os Afonsos e os Sanchos expelindo os mauritanos, conquistando o Algarve e enchendo de fortalezas e de glória o reino todo.

Vede a figura imponente do Mestre de Aviz, a extraordinária figura de Nun'Alvares, o maior soldado

que a Pátria portuguesa viu nascer, que sendo um humilde monge em sua morte, foi na vida o mais valente defensor da independência da sua Pátria, o mais desassombrado combatente de compatriotas tímidos ou talvez cobardes que o viram

*A mão na espada, irado e não facundo
Ameaçando a terra, o mar e o mundo.*

Vede aquela luta titânica nos plainos de Aljubarrota. Procurai na história do mundo, na velha Grécia ou da antiga Roma: não os encontrareis maiores no seu valor, mais valorosos no seu heroísmo, mais heróicos na sua abnegação, mais sublimes no seu ideal, mais sinceros na sua fé.

Vede aquela

Íncлита geração, altos infantes

dentre os quais se salienta, como figura primacial, o solitário de Sagres, que pode considerar-se o iniciador da nossa odisseia marítima, o precursor glorioso de Bartolomeu Dias, que alargou a navegação ainda além do Cabo das Tormentas, do grande Vasco da Gama que rompeu os velados mares do Oriente, descobrindo novos céus e novos climas, reunindo ao mundo antigo um novo mundo; de Diogo d'Azambuja e Diogo Cão que senhorearam as costas e as minas de África; de Pedro Álvares Cabral que levantou em terras do Brasil a Cruz de Cristo ao lado do pendão das Quinas; de Afonso d'Albuquerque que tomou os empórios de Ormuz, Goa e Malaca; de D. João de Menezes, que conquistou as terras de Azamor e Maragão; de Fernão de Magalhães, que descobriu o estreito que no sul da América perpetua o seu nome e a nossa glória.

Vede essas caravelas que fazendo vergar ao seu peso as ondas do mar tenebroso, ostentavam, desfral-

dada aos ventos de todo o hemisfério, a bandeira da Pátria, onde se ostentava a Cruz de Jesus Cristo.

Vede esse período áureo da nossa História, os nautas e os missionários que da ocidental praia lusitana levaram com a nossa civilização a luz do Evangelho às mais remotas paragens do mundo. Não vos entristeçais por verdes o desastre de Alcácer Quibir, não vos horrorizeis por verdes realizado nos 60 anos de escravidão que a Pátria sofreu, o vaticínio do grande épico

*... que também dos portugueses
Almas traidoras houve algumas vezes.*

Essa nuvem encobriu por 60 anos o sol da nossa independência para o vermos raiar mais belo, mais esplendoroso no dia 1.º de Dezembro de 1640.

Vede como a Pátria se ergue gloriosa, pelo esforço de seus filhos, nesse dia memorável. Vede como ela, num impulso de amor, de piedade e de reconhecimento, proclama sua Rainha, Protectora e Mãe, a Virgem que protegeu os heróis de Ourique e os batalhadores de Aljubarrota.

Vede o esforço titânico com que os descendentes de Viriato, zelozos da sua independência, expulsaram das alturas do Buçaco as águias napoleónicas, na memorável guerra peninsular.

Vede ainda, já não nesse *film* que a História nos fornece, mas em pura realidade o heroísmo dos nossos soldados, o valor dos nossos mais heróicos Capitães em Chaimite e Coolela, Marracuene e Manjacare, nas lutas contra os Dembos e os Cuamatatas.

Vede ...

Senhores: E' a figura da Pátria que nos aparece. Vejo-a entristecida. Parece quererem arrancar-lhe das mãos aquela cruz que ela empunhava como o mais

belo ceptro da sua realeza. Parece quererem rasgar-lhe aquele pergaminho, onde está escrita com o sangue dos seus santos e dos seus heróis, a sua profissão de fé. Parece tentarem arrastá-la a uma apostasia que será a sua eterna vergonha, a sua eterna ignomínia, a ruína de todas as suas grandezas!...

*Pátria! filha do sol das primaveras,
Rica dona de messes e pomares,
Recorda ao mundo ingrato as priscas eras
Em que tu lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhe os esqueletos das galeras
Que foram descobrir mundos e mares.
Se alguém menos prezar teu manto pobre,
Ri-te do fátuo que se julga nobre.*

* * *

*Porque te miras triste sobre as águas
Pobre... d'aquém e d'além-mar, Senhora?
E te consomes nas candentes fráguas
Das saudades crueis que tens d'outrora?
Por tantos louros que te deram? máguas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Hás-de cingir o teu diadema augusto;
São teus filhos leais, e Deus é justo!*

Senhores: Há qualquer coisa de profético na inspirada poesia do ilustre poeta que tão sentidamente cantou as belezas deste

Jardim da Europa à beira-mar plantado.

Durante largos anos a Pátria ficou-se a contemplar as grandezas do seu passado, caindo num sono capuano de que apenas despertava de quando em quando para as lutas políticas que seus filhos travavam entre si.

Dir-se-ia que o heroísmo atávico dos descendentes dos heróis que assombraram o mundo, havia desaparecido, e uma nova raça surgia, nesta terra, céptica

e oportunista, incapaz de se levantar à altura dos nobres ideais da Fé, tendo por lema o egoísmo, e por escopo a hegemonia do poderio e do mando.

Parecia que tudo ia a subverter-se: a batina e a toga, a farda do soldado e a blusa do operário, as glórias do passado e as esperanças do futuro. A própria ideia de Deus que as nações mais adiantadas em civilização aceitam e proclamam como uma garantia de ordem, de paz e de liberdade, na vida presente; de consolações infáveis e de doces esperanças na vida futura; a própria ideia de Deus, que existe entre os selvagens como prova irrefutável de que ela foi gravada na natureza humana como verdade necessária que a razão descobriria se a fé não a revelasse, a própria ideia de Deus era combatida como um preconceito que se devia banir, proclamando-se o ateísmo como uma das mais belas conquistas da civilização.

Tremia-se desta afirmação, que pelo erro que representa e pela contumácia com que era feita, tomava as proporções da maior heresia dos tempos modernos. Oh! mas a alma nacional não se deixou ilaquear pelas ideias subversivas e iconoclastas que não podiam criar raizes no peito ilustre lusitano; a Pátria parecia dormir um sono profundo, enleada com os sonhos das glórias passadas; mas, sacudida num pesadelo, em que se apresentavam em cortejo sinistro os erros que de longe vinham e os preconceitos que se lavantavam como monstros ferozes a pretender esmagar-lhe o brio, a honra, o pundonor, que foram sempre o seu timbre, ela pode cingir o seu diadema augusto, pois que se realizou o vaticínio do poeta:

São seus filhos leais e Deus é justo.

A batina mostrou-se como sempre o simbolo da abnegação e do martirio; a toga o distintivo nobilis-

simo da justiça integérrima; a blusa do operário — do operário que trabalha e que tem a consciéncia dos seus direitos e a compreensão dos seus deveres — a bandeira pura e imaculada do trabalho e da honra; a farda do soldado mostrou-se ainda uma vez, a farda nobilíssima dos heróicos defensores da honra, da glória e da integridade da Pátria; o passado revive nas glórias do presente, e o futuro ilumina-se nos dourados arrebois da aurora da paz, a que há-de seguir-se a irradiação brilhante do sol do progresso, abençoado por Deus e aclamado pelos homens, como inspirador sublime do trabalho que produz a riqueza das nações e da ordem, da justiça, do direito e da liberdade que constituem o fundamento indestrutível da civilização dos povos. Livre-me Deus, meus senhores, de que às considerações que venho fazendo, possam levar ao espirito de quem-quer-que-seja a desconfiança de que pretendo transformar esta tribuna santa em tablado político; livre-me Deus de que alguém julgue que daqui, donde se deve pregar o amor, a misericórdia, o perdão aos homens, eu venha despertar ódios, instigar vinganças, inspirar rancores. Não! Aos homens, sejam quais forem as suas convicções, as suas ideias religiosas, manda a religião, de que sou ministro, amar, porque são filhos do mesmo Deus, e amá-los ainda mais quando são filhos da mesma Pátria; mas os erros, as aberrações da inteligência, as deformidades do coração, as ideias iconoclastas que pretendem destruir os mais nobres ideais, isso sim, devemos combatê-lo, como nocivo à ordem e à disciplina social. E ai está o resultado das nossas lutas.

Senhores: Eu não quero recordar o motivo por que no memorável dia 28 de Julho de 1914 a Austria declarou guerra à Sérvia. Se a luta continuasse apenas entre estas duas nacionalidades, ficaria reduzida às

proporções dum simples duelo entre dois povos, duelo que nós presenciariamos com a curiosidade de meros espectadores. Mas a guerra tomou proporções nunca atingidas na História do mundo. Deixou de ser a luta entre dois povos para se converter em guerra de extermínio entre duas raças, a raça teutónica e a raça latina.

As águias germánicas, não se satisfazendo com a vitória de 1870, pretendiam devorar a nobilíssima França que, a despeito de tudo, é e será sempre a filha primogénita do Cristianismo, a pátria de Clovis e de S. Luís, que personifica a caridade em Vicente de Paulo, o heroísmo em Joana d'Arc, que apregoa ao mundo a sua fé nas cúpulas de Montmartre, a sua piedade nas torres de Notre-Dame, a sua devoção fervorosa nos cânticos que entoia junto da Gruta Massabielle, cujos ecos parecem subir aos céus pelas quebradas dos Pirineus.

Ergue-se, pois, o colosso teutónico que durante quarenta anos se havia preparado para aniquilar a gloriosa pátria de S. Luis.

A emprêsa seria fácil. Bastaria atravessar uma pequena nação, que separava o exército invasor da nacionalidade que se pretendia riscar do mapa do mundo.

Essa nação, porém, tinha pela letra dos tratados de manter a sua neutralidade, que os povos inimigos deviam respeitar. Não importa!

Rasgam-se os tratados, calcam-se aos pés todos os direitos, não se atendem as inspirações da justiça, não há o natural respeito por um povo que apresenta como escudo a força do direito; contra os seus protestos levanta-se o direito da força, e a Bélgica, a grande Bélgica, a nobilíssima Bélgica, vê o seu território invadido, as suas cidades incendiadas, os seus

monumentos destruídos, os seus filhos mortos ou dispersos, o seu valoroso rei desterrado, a sua independência perdida. Mas todas essas ruínas constituem o pedestal da sua glória, o seu valor está personificado no seu rei, a sua fé e o seu amor patriótico na resistência dos seus soldados e nas exortações que por entre o troar dos canhões e o ruir das torres das suas Catedrais lhes dirigia essa figura eminentemente grande de sacerdote e de patriota que se chama o Cardeal Mercier.

A 3 de Setembro, estava o exército invasor a vinte quilómetros de Paris.

Ante a ausência de respeito pela letra dos tratados, e ainda pelas obrigações impostas pela *Entente*, a Rússia, a Inglaterra e a Itália entram na grande guerra. É uma luta de extermínio. Em vão o augusto representante do Príncipe da Paz ergue a sua voz do alto do Vaticano, exortando os homens ao respeito pelos princípios do direito, da justiça e da humanidade. Das trincheiras saem balas fratricidas, os mares são povoados de minas explosivas e de submarinos destruidores, os zeplins e aviões pairam nos ares, como monstros sinistros, que levam o terror e a morte a Londres e a Paris. Era preciso que as nações, cujos filhos obedecessem aos ensinamentos da História, aos impulsos da justiça e aos deveres impostos pelos tratados e pelas alianças internacionais, levassem o seu concurso aos beneméritos defensores da civilização latina.

No dia 9 de Março de 1916, o ministro alemão em Lisboa declara, em nome da sua nação, guerra a Portugal. Tivemos de defender o nosso património colonial na África contra as arremetidas do inimigo; e num impulso patriótico o brioso exército português lá foi enfileirar ao lado dos Aliados contra os formidáveis exércitos dos centrais.

Diga-se, meus senhores, porque é de justiça que se diga: foi bem feliz e bem patriótica a lembrança da nossa participação na guerra.

A guerra foi, talvez, escola para alguns que lá ao longe foram aprender como os soldados das grandes nações buscam alentos no sentimento religioso, e foi certamente um feliz ensejo de patentearmos o nosso heroísmo, e de engrandecermos a nossa Pátria bem amada, que na conferência da paz há-de apresentar, ao lado dos braços da sua passada grandeza, as credenciais do valor, do brio e do heroísmo dos seus soldados e a folha de serviços prestados na grande conflagração.

Em Janeiro de 1917, partiram para França os primeiros contingentes do nosso glorioso exército. Em Maio desse mesmo ano saiam daqui os soldados do 20.

Com lágrimas na alma pelas mães, pelas esposas, pelas noivas que aqui deixavam, com a saudade desta linda terra, donde se apartavam e onde muitos não mais voltariam, levavam sorrisos nos lábios e no rosto a serenidade dos heróis que marcham a cumprir o seu dever.

A alma nacional vitoriava-os.

Os crentes desta nação crente, querendo evitar à Pátria a vergonha de enviar para junto dos exércitos de nações civilizadas os seus soldados sem a assistência religiosa, promovem o alistamento voluntário de beneméritos capelães militares, que alentavam os vivos no ardor das batalhas e levavam aos feridos as consolações da religião nas agonias da morte.

Da morte! Perdoai, senhores, se sobre as sedas de variegadas cores que adornam o templo, eu vou colocar um pouco de crepe que é o simbolo da morte e da saudade.

Uma das primeiras figuras que caíram naquela

terra estranha que vai de Richebourg a Armentiers, figura de militar brioso, carácter diamantino, inteligência superior, que se não caíra morto por um desastre, regressaria, eu o creio, à Pátria que tanto amou, à terra que lhe era tão cara, ao seio da família que o estremecia, ao convívio dos seus amigos e dos seus camaradas que o adoravam, com a fronte circundada pelos louros da vitória, foi o Capitão José Vieira de Faria.

Depois, quantos prisioneiros, quantos feridos, quantos mutilados, quantos com a razão perdida, quantos prostrados pela morte no campo da honra e do dever.

Aquele dia 9 de Abril deve ficar gravado na nossa História como um dia de luto nacional pelas vidas que perdemos, sim: mas será também um dia de glória pelo esforço titânico que o pequeno exército português empregou até ao aniquilamento da morte ou ao aprisionamento feito por um exército inimigo muito superior em número e extremamente desleal nos meios de combate, em que havia o fogo de barragem que impedia uma retirada honrosa, e os gases asfixiantes que vinham tornar mortífero e mais intenso o nevoeiro que facilitou a sua arremetida.

Sim! Lá ficaram, em humildes sepulturas, muitos dos cadáveres dos nossos heroicos soldados: mas, como os heróis das Termópilas, os caudilhos da liberdade da Grécia, que sobre os rochedos gravaram, para serem lidos pelos viandantes, estas palavras que constituem um poema de heroísmo: «Passageiro, vai dizer a Sparta que nós morremos aqui em obediência às suas leis», também eles, ao morrer, pediriam às brisas da Flandres que lhes aflagavam a fronte no momento da morte: «Ide dizer à nossa cara Pátria Portuguesa que demos a vida pela sua honra e pela sua glória!»

Senhores: Não ficam mal estes goivos da saudade, junto das flores na nossa alegria, não quebram as harmonias dum *Te-Deum* de júbilo, os gemidos dum *Requiem* de reconhecimento e de piedade pelos heróis que morreram no cumprimento do seu dever patriótico.

Senhores: Perdoai-me a digressão a que me obrigou o meu coração de português e a piedade que deve existir em todas as almas dotadas do sentimentalismo religioso.

Continuava a guerra de tricheiras. As mais notáveis batalhas foram as de Marne, Verdun e Somme.

Os exércitos aliados, sob o comando de Joffre, faziam prodígios de valor; na defeza de Verdun notabilizou-se o general Pétain. Foi depois desta batalha, em que o exército inimigo abriu brecha em direcção a Paris, que a Inglaterra mandou à França o seu primeiro exército sob o comando de Hitechaer, estabelecendo-o, dando a esquerda ao mar, em ligação com o exército francês. Na batalha do Somme, a mais importante de então, os exércitos aliados obrigam o inimigo a retirar umas dezenas de quilómetros. Entretanto a Itália junta-se aos aliados e resiste aos austriacos. Lançam-se na contenda os povos Balcânicos, intervindo por esse motivo a Turquia e a Bulgária, a favor dos centrais. Portugal tem o seu sector junto da sua velha e gloriosa aliada. Nunca na terra se viram, frente a frente, exércitos tão numerosos, que se estendiam em linha de batalha desde o Atlântico ao Mar Negro, na Europa, e mais além até à Mesopotâmia. Parecia que toda a terra ia envolver-se nessa luta formidável.

Os ingleses pensam bater os turcos.

Pouco felizes nos Dardanellos, vencem-nos, porém, na Arábia e tomam-lhes Bagdad, Damasco e Jerusalém. A Alemanha perde as suas possessões na China, tomadas pelos japoneses; as da Oceânia pelos

ingleses e japoneses, e as da África pelos ingleses e franceses. No mar fazem-se os maiores destroços materiais. Calcula-se em 16 milhões a tonelagem afundada. A guerra marítima provocou a intervenção dos Estados Unidos da América do Norte, a nação poderosíssima e modelar, que não podia esquecer o torpedeamento do «Lusitânia», que sepultou nos abismos do oceano 1198 cadáveres.

Surge então a figura extraordinária de Wilson, o homem providencial que trouxe ao mundo a esperança da paz.

Ante o esforço heroico das nações aliadas, a cuja frente estava a figura prestigiosíssima de Foch, o marechal da França, que em tempo fora perseguido pelo sectarismo que não permitia que sob a farda dum militar, por mais digno e brioso que fosse, pulsasse um coração de cristão; ante o concurso poderosíssimo da grande república Norte Americana, que veio não só vingar a afronta que recebera no torpedeamento dos seus navios, mas também colaborar, por um impulso de humanidade e de justiça no extermínio dessa guerra que parecia não terminar nunca, os exércitos inimigos vão perdendo o terreno conquistado, vão recuando em sucessivas derrotas, e, quando estavam convencidos de que o resultado da guerra seria o seu completo aniquilamento, aceitam as propostas de Wilson para se estabelecer o armistício, durante o qual se entraria nas negociações da paz.

A mensagem histórica do ilustre Presidente da grande República ficará como um documento a atestar a alta competência diplomática, o fino tacto político, os princípios de justiça e de humanidade que caracterizam a sua individualidade.

Comparai, porém, essa mensagem com o apelo que o Pontífice Romano, Sua Santidade Bento XV,

dirigiu às nações em luta durante a formidável guerra, e vereis, meus senhores, que nos seus pontos essenciais há uma perfeita harmonia, há a concordância que existe sempre nas inteligências lúcidas, nas consciências rectas, nos corações bem formados.

Os impérios centrais tiveram de aceitar as condições que lhes eram impostas. No dia histórico de 14 de Novembro de 1918, assinam-se as condições do armistício.

Perdem-se, no espaço, os últimos ecos dos canhões. Os vencidos lançam-se nos abismos da anarquia e os vencedores entoam hinos de glória por toda a parte. A humanidade inteira rejubila, não só por ver terminada essa tragédia em que 20 milhões de homens ficaram mortos ou inutilizados, mas também por ver abrir-se uma nova era de paz, de ordem e de equilíbrio social, pelos progressos do trabalho, pelo império da justiça, pelo predomínio da lei, pelo respeito de todos os direitos e pelo cumprimento de todos os deveres, que darão ao mundo a harmonia e à civilização o trono de realeza a que tem jus.

Mas para que essa harmonia seja perfeita e essa civilização seja brilhante, é necessário que o mundo se prostre diante do Deus Eterno, regulador dos mundos, e lhe peça os auxílios da sua graça, sem a qual o homem nada pode.

E agora, ó Pátria, recorda as grandezas do passado, fita as glórias do presente e extasia-te ante os esplendores do porvir. Coroa com os louros imarcescíveis do triunfo a fronte augusta dos teus heróis, dos teus soldados, que lá fora batalharam pela tua honra e em teu seio são a garantia segura da paz, da ordem e da liberdade.

Vem, ó Pátria, ao templo de Deus vivo, ajoelha diante do altar; e da tua alma grande e piedosa, do

teu coração que sempre vibrou de amor pelos mais nobres e augustos ideais, uma harmonia onde haja o brando murmúrio das tuas fontes, o suave murmurar dos teus rios, o majestoso marulhar dos teus mares, ali, diante do altar brilhante como os clarões do teu sol, perfumado como as flores dos teus jardins, ó Pátria eleva até ao seio de Deus o hino dos teus louvores, as estrofes da tua fé, as harmonias da tua gratidão.

Te-Deum laudamus, Te Dominun confitemur.

Em 1 de Setembro de 1915, o curso do 3.º ano de Teologia do Seminário de Braga, celebrou as suas BODAS DE PRATA.

«Principiou por um *memento* piedoso na Igreja de Maximinos.» A *Oração fúnebre* nessas exéquias foi proferida pelo P.º Gaspar Roriz — e está publicada.

Recolhemos aqui as últimas palavras :

«Eis o significado da nossa festa : uma visita em espirito aos cemitérios, onde jazem os restos mortais dos nossos mortos queridos ; uma lágrima de saudade e o gemido duma prece — saudade que é o tributo do nosso amor, prece que é o óbulo da nossa piedade — ; e a afirmação solene de que consideramos como o momento mais feliz da nossa vida aquele em que, há 25 anos, fomos elevados ao sacerdócio. E assim entrelaçamos a dor e a alegria, que, na união misteriosa de sentimentos que não se repudiam, elevam até ao trono de Deus o *requiem* da nossa piedade e o *Te-Deum laudamus* da nossa gratidão.»

QUERIDOS CONDÍSCÍPULOS E
AMADOS IRMÃOS NO SACERDÓCIO :

Quando o sol deste dia desaparecer na orla do horizonte, terá terminado a última reunião do nosso curso. Cada um de nós voltará ao seu posto. Muitos não mais se verão neste mundo. Pois bem ! Enquanto estamos aqui diante do altar, peçamos ao Deus de todas as misericórdias e de todas as consolações uma bênção especial para esta Pátria que tanto amamos, a graça da perseverança aos nossos irmãos na fé e a graça da conversão para as ovelhas trasmalhadas do aprisco do Senhor.

Peçamos-lhe que nos conceda força para combatermos pelo progresso do amor, da verdade e da justiça; coragem para prosseguirmos no cumprimento da nossa missão augusta, alentos divinos à nossa fé e à nossa piedade, afim de que cada um de nós possa, na derradeira hora, dizer confiadamente com o Apóstolo:

«Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavii, in reliquo reposita est mihi corona justitiae.» (2.^a AD THIM. IV — 7.)

DISCURSOS

**Na Sociedade Martins Sarmiento
em 1905**

Senhor Presidente, meus Senhores:

E' com uma grande comoção de espirito, suave como a saudade dum passado que não volta mais, consoladora como a esperança num futuro mais próspero pela ilustração de inteligências, educação de vontades e formação de carácteres honrados e dignos, que eu assisto sempre a esta festa.

E não sei porquê: não sei se pelo deslumbramento desta festa, que me fascina, se por essa comoção, de que sou prêsa, se pelos discursos sempre primorosos, reveladores do grande talento e da grande dedicação a esta casa, que estamos habituados a ouvir de V. Ex.^a, a quem eu respeito como sábio mestre, e do ilustre Abade de Tagilde, a quem vénero como honra da minha classe pelas suas virtudes, pela sua ilustração e pelo seu patriotismo; não sei porquê, repito, eu limito-me quase sempre a escutar, como uma harmonia gratissima ao meu espirito, esses discursos primorosos, e a contemplar, contente e satisfeito, os sorrisos que brincam nos lábios rosados destas crianças.

Mas hoje houve alguma coisa que me fez sair do meu silêncio. Foi a voz da amizade que me obrigou a pedir a palavra nesta sessão solene? Foi, sim. E essa voz já era de si suficientemente forte para transformar num dever o que parecia ser a simples aquiescência a um pedido.

Mas, Senhor Presidente, há motivos mais fortes ainda que me obrigam a levantar aqui a minha voz. O primeiro é a gratidão que devo à benemérita

Sociedade Martins Sarmiento. Tenho-o dito muitas vezes, mas nunca é demais repeti-lo: V. Ex.^a sabe-o, porque foi um dos fundadores e ilustres professores do Instituto Escolar que, se à iniciativa do Dr. Francisco Pedro Felgueiras se deve a criação do primeiro colégio de Guimarães, aos esforços desta benemérita Sociedade deve-se a continuação dessa iniciativa e a propaganda constante e eficaz de que Guimarães merecia um estabelecimento da instrução secundária, que finalmente se conseguiu.

1 E porque foi no Instituto Escolar que eu encetei, gratuitamente, os estudos secundários, e porque foi ao *surge et ambula* da Sociedade Martins Sarmiento que eu prossegui no caminho encetado, é por isso, Senhor Presidente, que eu devo prestar-lhe todos os serviços que ela exija da minha inteligência, do meu coração e da minha vontade. Este o primeiro motivo que me obriga a levantar aqui a minha voz. Mas há mais.

Parece que ainda oiço aqui o eco dos discursos quentes e vibrantes dos grandes amigos desta Instituição, que partiram caminho da Eternidade. Eram, principalmente, Avelino Guimarães e José Sampaio. Nunca faltaram à sua festa querida!

O primeiro, quando as suas doenças e a debilidade da sua voz, já não lhe permitiram vir aqui, mandou, se bem me recordo, o seu discurso escrito, que parecia uma despedida afectuosa à Sociedade que tanto amou. Ao segundo ouvi eu declarar que lhe parecia que ainda depois de morto havia de vir assistir à sessão solene do dia 9 de Março. Não vem, porque os mortos não voltam. Mas o seu espírito paira sobre nós e o seu procedimento é um incentivo a todos, e especialmente aos novos, para virem contribuir com a sua presença e principalmente com a sua palavra, para o maior esplendor desta festa.

E' este dever, Senhor Presidente, que eu venho cumprir.

E se no meio desta harmonia eu não apresento, porque não posso, os efeitos que derivam das cintilações do talento e dos primores da linguagem, trago, ao menos, as notas afinadas dum profundo reconhecimento e incendiado affecto que voto à benemérita Sociedade Martins Sarmiento, honra e glória da nossa terra. E dito isto, que até certo ponto justifica a minha crueldade em ocupar por alguns minutos a atenção desta assembleia, por tantos títulos distinta e illustre, e que significa, também a minha saudação a esta benemérita Sociedade, permita-me V. Ex.^a, Senhor Presidente, que eu me refira, embora muito suscintamente, ao fim principal desta festa.

É ela destinada a comemorar uma data e a praticar um acto de justiça.

9 de Março é, para todos os vimaranenses, uma data duplamente gloriosa. Foi em 9 de Março que nasceu em Guimarães Francisco Martins Sarmiento, que com um talento peregrino e um estudo aturado e contínuo, pôde produzir uma obra que lhe perpetuou o nome na galeria dos sábios, e acrescentou mais um título de glória ao brazão nobiliárquico da terra que lhe foi berço.

Foi em 9 de Março que surgiu esta Sociedade, monumento que se levanta para honrar a memória do filho illustre de Guimarães, sol bendito da instrução que espalha seus raios benéficos por sobre as camadas populares.

Comemorar esta data duplamente gloriosa, pelo natalicio dum homem illustre e duma instituição benemérita, eis um dos fins desta sessão solene. O outro é praticar um acto de justiça: premiar o talento, o estudo e a dedicação. O talento e o estudo destas

crianças, que são os homens de amanhã e a dedicação desses modestos funcionários, que são os sacerdotes da instrução, os chefes dessas tribus que eles procuram conduzir à terra da promessa onde reina a verdade e o amor; a verdade, filha da ilustração do espírito, o amor, fruto da educação, segundo as normas do bem e da justiça, que dimanam das páginas do Evangelho e dos ensinamentos de Jesus.

São estes, meus Senhores, os grandes beneméritos da sociedade moderna. Nas suas mãos estão os destinos do futuro. Das crianças eles podem fazer anjos ou demónios. Disse-o na sessão de 9 de Março de 1903 o Senhor Dr. Meira e encontro no ilustre Massillon este pensamento: que o talento e a instrução, postos ao serviço de corações prevertidos, constituem um grande mal social. Vêde, pois, que grande serviço não pode prestar à sociedade portuguesa esse exército de trabalhadores que se acham espalhados pelas cidades, vilas e aldeias do nosso país — os professores de instrução primária.

Se ao mesmo tempo que eles dissipam as trevas dos espiritos com a luz da instrução, inocularem nos corações das crianças os grandes principios do amor, da verdade e da justiça, formando assim consciências rectas, corações puros e caracteres bons, eles terão contribuido para o ressurgimento da sociedade portuguesa, que definha à mingua daquela energia heróica que deriva da prática das virtudes religiosas e sociais.

Senhor Presidente e meus Senhores:

Os ilustres Professores e Professoras do conselho de Guimarães cumprem escrupulosamente o seu dever, por isso têm jus, também, a um prémio nesta

sessão destinada a galardoar o talento, o estudo e a dedicação.

Nesta sessão há três entidades a premiar: as crianças, a Sociedade Martins Sarmento e a classe benemérita do professorado de instrução primária. As crianças têm o prémio no diploma, onde se assiná-la a sua aplicação. A Sociedade Martins Sarmento tem o prémio na adesão incondicional de todos os vimaranenses às suas iniciativas e empreendimentos.

O vosso prémio, Senhores professores e professoras, e nisto parece-me interpretar o sentir de todos os que me escutam, está em nossos corações: é um profundo reconhecimento pelos vossos trabalhos, tão mal remunerados, e tão altamente benéficos para o progresso moral da Pátria portuguesa.

Distribuir estes prémios, eis o outro fim desta sessão solene.

O prémio das crianças é entregue pelas mãos do ilustre representante do nosso município: o prémio à Sociedade Martins Sarmento dirige-lho, num hino de saudação, toda a cidade de Guimarães; o prémio a vós Senhores professores e professoras, está nas lágrimas de reconhecimento dos pais que entregam à vossa solicitude a educação de seus filhos, na gratidão que todos nós vos tributamos, e mais tarde, no futuro, estará nas bênçãos da História.

A vós, crianças, um parabém affectuoso; à Sociedade Martins Sarmento um salvè entusiástico, a eles, aos grandes beneméritos da instrução, eu peço a V. Ex.^a, Senhor presidente e a todos os cavalheiros presentes, que de pé os saudemos com uma salva de palmas que signifique o nosso aplauso à sua obra, o nosso reconhecimento pelos seus serviços de tão grande alcance social.

Apresentação do Orfeão Vimaranense

(8-6-917)

Minhas Senhoras, meus Senhores :

É duplex de 1.^a classe, no calendário civil da nossa querida Guimarães, este dia 8 de Junho de 1917.

Pela primeira vez se apresenta em público este grupo numeroso de belos rapazes, que são os criadores do Orfeão de Guimarães. Uma vez mais se comemora festivamente o nome imortal de Gil Vicente que foi o criador do teatro português.

Não merece censura o facto de vestirmos galas nesta hora de luto, de ostentarmos sorrisos neste momento de lágrimas.

Não vimos realizar uma festa banal, um fútil divertimento. Queremos contribuir para o levantamento da alma nacional e por isso inauguramos este grupo de instrumentos educativos, moralizadores e artisticos e apontamos para o passado, fazendo sobressair uma das mais belas figuras da literatura nacional.

É, pois, duplamente de gala, para a velha e gloriosa Guimarães, este dia 8 de Junho de 1917.

Como vêdes, minhas Senhoras e meus Senhores, é duma altíssima responsabilidade a missão de que espontaneamente me encarreguei por dever do meu cargo.

Se tivesse de me limitar à apresentação do Orfeão de Guimarães, a minha tarefa seria facilima. Bastar-me-ia apontá-los e dizer-vos: Ai os tendes, guiados pelo mesmo ideal, sujeitos à mesma disciplina, os filhos de Guimarães cujas mãos podemos e devemos apertar num gesto de estima e de reconhecimento, quer essas mãos sejam as mãos patricias de descen-

dentes das mais nobres famílias desta terra, quer sejam as mãos calejadas de honrados operários que aqui estão também como nossos companheiros, como nossos irmãos.

Mas a minha tarefa não se limita a esta simples apresentação. Tenho de falar também desse Vimaranense ilustre entre os mais ilustres e sinto-me vergar ao peso deste trabalho

Mas é tanta a confiança que tenho na vossa bondade, que, apesar da minha incompetência em assuntos desta natureza, eu vou, embora ligeiramente, fazer algumas referências ao glorioso criador do teatro português.

Minhas Senhoras — meus Senhores :

Quando na noite de 8 de Dezembro do ano que passou dirigi, deste mesmo lugar, um apêlo aos rapazes de Guimarães a fim de que seguissem o exemplo dos orfeonistas de Famalicão, que nesse momento eu tinha a honra de vos apresentar, e dos orfeonistas doutras terras do país, bem sabia que a pobre semente da minha pobríssima palavra não caia em terreno árido, improdutivo. Conheço um pouco a alma vimaranense, sei o que ela vale e do que é capaz, conheço-lhe o entusiasmo pelos nobres ideais e a tenacidade em movimentos patrióticos, tendentes à honra, à glória e ao progresso da nossa terra.

Devo, porém, declarar que fiquei surpreendido, grata e jubilosamente surpreendido, ao ter conhecimento do resultado da primeira reunião preparatória para a fundação do Orfeão de Guimarães, realizada em casa dum dos maiores entusiastas desta obra, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Adelino Ribeiro Jorge.

Os rapazes concorreram às dezenas. Padres e sacristães, bachareis e operários, patrões e caixeiros, os descendentes de nobres e os humildes filhos do povo, em número de 120 figuras, reuniram-se como irmãos nesta colectividade, principiaram os seus ensaios no dia 8 de Janeiro, e hoje, 5 meses apenas decorridos, eles aqui estão, podendo cada dizer, como outrorá se costumava fazer ao iniciarem-se os actos nos cursos superiores:

(Minhas senhoras, desculpem-me V. Ex.^{as} o latim)

Post tot tantosque labores venit tandem dies in quo studiorum meorum rationem redere cogor.

Depois de tantos e tão grandes trabalhos, depois de tantas canseiras, de algumas contrariedades, e até de alguns sacrificios, aqui estamos perante os nossos ilustres conterrâneos a dizer-lhes do nosso aproveitamento nesta escola de educação moral e artística, presos pela alma às prescrições da disciplina, presos pelo coração às inspirações da Divina Arte!

Minhas Senhoras, meus Senhores, aqui os tendes.

Não ireis, certamente ouvir artistas consumados; mas não deixareis de reconhecer no desempenho dos diferentes números do programa as inegáveis aptidões destes rapazes para o canto coral e o grande talento artístico do seu digno regente, meu ilustre colega Snr. Padre Maia dos Santos.

Não deixarão de vos comover as harmonias suavíssimas deste instrumento tão belo que é a voz humana, nos acórdãos marciais do «Rataplan», na poesia tão bela e tão portuguesa do «Pescador», «Alvas e morenas» e «Devaneio musical», nos trechos majestosos da música sacra do «Livramento», «Le baptême de la cloche» e «In Parasocere»; e nas lindas canções portuguesas da «Rapsódia» final.

Ah! eu estou certo, meus senhores, de que, ou-

vindo-os, não lhes recusareis os vossos aplausos, que serão uma justa homenagem ao seu esforço. Estou certo, minhas senhoras, de que'ouvindo-os lhes enviareis na doçura dos vossos sorrisos e no perfume das vossas flores, alento para continuarem nesta obra, que horando-os a eles, honra também a nossa querida Guimarães. Não podia este espectáculo de inauguração limitar-se ao programa orfeónico. Precisavamos de realizar um sarau digno de vós e digno de nós.

Aproveitamos alguns elementos de valor, pertencentes ao Orfeão, e assim recitarão poesias os orfeonistas, Snrs. Bernardo Azenha e José Roriz, e tomará parte no desempenho da formosíssima comédia de Pinheiro Chagas, a «Roca d'Hércules» outro orfeonista o Snr. Adriano Trêpa. Embora mereçam louvores por colaborarem com o seu talento artístico de distintos *diseurs* neste sarau, não exigem, certamente, os nossos agradecimentos, porque são da *família*.

Há, porém, elementos estranhos que vêm prestar-nos a sua colaboração preciosa; e a esses quero eu neste momento, significar em nome do Orfeão de Guimarães, a cuja Direcção tenho a honra de presidir, todo o nosso reconhecimento, toda a nossa gratidão. São o Snr. Francisco Guimarães, um quase velho que não se dedigna de vir aqui, no meio de rapazes, prestar a esta festa o seu concurso de artista, cujo valor me abstenho de apreciar, porque sou... suspeito; e a Ex.^{ma} Senhora D. Júlia de Viamonte da Silveira que à fidalguia do seu nome e à nobreza das suas virtudes, junta a fidalguia do seu talento, a nobreza das suas brilhantes aptidões artísticas, a sua dedicação carinhosa por tudo o que represente um pouco de progresso para a sua terra, para a sua querida Guimarães.

Sim! é essa dedicação que faz com que Sua Ex.^a

desça até este tablado; mas se este palco é pobre e é humilde, quando Sua Ex.^a o pisar tornar-se á num trono, onde se ostenta a realza do talento e da arte.

Feita a apresentação do Orfeão de Guimarães e tributadas as homenagens do nosso reconhecimento às individualidades que se dignam tomar parte neste sarau, cumpre-me fazer algumas referências ao Vimaranense ilustre que foi o criador do teatro português.

Minhas Senhoras -- meus Senhores :

Confeccionado o programa desta festa, com que havíamos de inaugurar o Orfeão de Guimarães, tratamos de escolher um dia apropriado para esta inauguração, e escolhemos de preferência este dia 8 de Junho, dia de gala para esta cidade pelo facto histórico que recorda e em que foi protagonista o *Plauto português*, o ilustre filho de Guimarães, Gil Vicente.

Há factos, meus Senhores, que nunca se nos varrem da memória pela intenção que os produz, pelo significado que contêm, pelo brilho que revestem.

No dia 8 de Junho de 1902 a benemérita Sociedade Martins Sarmiento, a cuja Direcção presidia um dos mais ilustres filhos de Guimarães — o Abade de Tagilde —, comemorou o 4.º centenário da fundação do teatro português.

A Câmara Municipal da digna presidência do ilustre vimaranense e meu sábio mestre, Senhor Dr. Joaquim José de Meira, prestou todo o auxilio a essa comemoração e aquele acto promovido por uma colectividade particular tomou assim um carácter official.

Lembro-me bem !

Houve sessão solene no salão do velho palacete das Lamelas; houve manifestações públicas de rego-sijo; e à noite espectáculo de gala neste Teatro de D. Afonso Henriques.

Foi, especialmente, o que se passou neste palco, nessa noite memorável, o que mais me impressionou e que jamais se me varrerá da memória. Guimarães, no que tinha de mais ilustre na nobreza, na ciência, nas letras, no comércio e na indústria, estava aqui.

De fora, entre outras personalidades, estava Carlos Malheiro Dias, deputado da nação que havia lembrado no parlamento a necessidade de se comemorar o 4.º centenário da primeira representação duma peça portuguesa, cujo autor e actor fôra um Vimaranense.

O Senhor Dr. Gaspar d'Abreu Lima, acompanhado dos restantes membros da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento e dos artistas que tomaram parte no sarau, entrou neste palco e pronunciou um discurso alusivo ao acto e de apresentação do ilustre conferente, Senhor Dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro. Seguiu-se a execução dos diferentes números do programa e, à meia noite, envergando a sua farda da Academia Real das Ciências, entrou neste palco o Dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro que a assistência recebeu com calorosas palmas e frenéticas saudações. Depois estabeleceu-se um silêncio profundo.

O poeta ilustre do *Caminho do Céu*, começou por devolver essas palmas e essas saudações às formosíssimas damas vimaranenses e aos cavalheiros que abrilhantaram aquela festa com a sua presença. Depois, com as tintas finíssimas de que só os eleitos da poesia podem dispor, com a palavra sugestiva, cujo segredo só possuem os príncipes da eloquência, Queiroz Ribeiro apresenta-nos um quadro formosíssimo da velha Lisboa dos princípios do século XVI, transporta-nos em espírito aos antigos paços da Alcaçova, onde se acolhera em luto Leonor Teles depois da morte do Conde Andeiro.

A descrição dos velhos paços é tão artisticamen-

te feita que nós, os que religiosamente escutavamos o illustre académico, tínhamos a impressão de termos diante dos nossos olhos aquelas torres circulares, aquelas janelas em ogiva, aquelas portas à mourisca, aqueles terraços floridos, aquelas esplanadas externas.

Vivia agora ali a côrte faustosa de D. Manuel, o Rei Venturoso. Naquele dia longinquo, que se comemorava, 8 de Junho de 1502, numa das salas desse palácio, coberta de tapeçarias de Flandres, mobilada com estranha munificência, a côrte agrupava-se em torno dum leito onde uma jovem sorria muito branca e muito linda. Era a Princesa de Espanha, D. Maria, neta de Carlos V, agora Rainha de Portugal, que na madrugada de 6 de Junho havia dado à luz uma criança, que foi mais tarde o Rei de Portugal, D. João III.

Num dado momento, na sala onde se encontrava a côrte e onde estavam também El-Rei D. Manuel, a Rainha velha D. Beatriz, a Senhora Duqueza de Bragança, entra, com espanto de todos, um homem vestido de vaqueiro, fingindo que havia lutado com os criados do palácio que pretendiam estorvar-lhe a passagem. Em castelhano, que era a lingua da Rainha, começa a recitar um monólogo tão belo, tão repassado de poesia genêricamente portuguesa que todos os que o ouviam estavam enlevados no sentimentalismo daqueles pensamentos, na doçura daquela palavra do homem rude que vinha lá de longe, das montanhas e que estava pasmado de tudo o que via e daquela cabana tão rica e tão luxuosa que parecia um cantinho do céu. Disseram-lhe que havia nascido um príncipe. Seria verdade? À fé que sim! Bastava olhar a Rainha, que bem mostrava no semblante a alegria de ser mãe.

Ele vinha ali, de muito longe, trazer-lhe os parabéns do povo da sua aldeia; onde a alegria era tamanha que os cabritos deixavam de pastar com gosto e

os prados floresciam de prazer. Saúda os parentes do recém-nascido a quem profetiza um futuro venturoso e terminou dizendo que ia chamar os companheiros para oferecerem ao príncipe os seus presentes.

Com este monólogo chamado da Visitação ou do Vaqueiro estava inaugurado o teatro português. Quem era esse homem que causou assombro da côrte pela inspiração da sua poesia e pela originalidade da sua produção literária?

Era Gil Vicente.

Donde viera essa estranha individualidade que, sob as vestes humildes de pobre Vaqueiro, abrigava a alma grande de inspirado poeta, o espírito cintilante de profundo pensador?

Daquella terra pequena e linda que se levanta no meio de prados floridos do mais belo canteiro de Portugal que se chama o Minho; daquela terra que tem como moldura os recortes caprichosos das suas montanhas e os campos verdejantes das suas veigas; daquela terra que, havendo sido o berço da nacionalidade portuguesa, se tornava, por este facto, o berço glorioso do teatro português. O Vaqueiro tinha ido de Guimarães.

Bem mereceu, pois, este dia aquella comemoração festiva de 1902; bem merece este dia ser considerado oficialmente dia de gala em Guimarães; bem merece este dia ser o escolhido para a inauguração do Orfeão que representa, incontestavelmente, um progresso nos dominios da arte e da educação moral da mocidade da nossa terra.

Senhores, Senhoras:

Para que o nome de Gil Vicente se tornasse notável na época brilhante em que viveu, preciso era que a sua obra tivesse um altissimo valor.

O ilustre filho de Guimarães viveu no período áureo da nossa história e num dos períodos mais brilhantes da história da velha Europa, para não dizer de todo o mundo. Iniciava-se então o grande movimento da Renascença. Gutemberg descobria a imprensa, o maravilhoso invento que tão poderosamente vinha contribuir para o desenvolvimento das ciências e das letras; descobria-se a bússola que vinha nortear as caravelas na vastidão dos mares; a terra como que se tornava maior: Colombo descobria a América, Pedro Álvares Cabral o Brasil e Vasco da Gama um novo caminho para a Índia. Para que ao Rei, chamado o Venturoso, e a corte mergulhadas em tantas grandezas prestassem atenção à obra literária do ilustre vimeirense preciso era que a sua obra tivesse um grande valor real.

E tinha-o. A obra Vicentina é vastíssima. Desde o *Monólogo do Vaqueiro* até à *Floresta de Enganos*, o génio de Gil Vicente afirma-se duma grandeza descomunal, duma fecundidade assombrosa. Na sua trilogia das barcas: a *Barca do Inferno*, a *Barca do Purgatório* e a *Barca da Glória* — há inspiração comparável à Divina Comédia de Dante. As figuras, que a sua imaginação produz, são dum tal relevo dramático que nos assombra. O diabo que surge no *Auto da Feira* faz lembrar o Mefistofles de Goethe. A sua Mofina Mendes parece ter servido de modelo ao génio de Lafontaine, na sua fábula *La Laitiere et le pot au lait*, mais popularizada, mas não mais formosa. Mofina Mendes é uma moça a quem tudo corre mal; o patrão pergunta-lhe pelo gado e ela responde de modo que se julga tudo perdido. O patrão despede-a e paga-lhe com uma bilha ou pote de azeite para ir vender à feira. Muito contente, põe o pote à cabeça e lá vai sonhando riquezas e venturas.

Vejam V. Ex.^{as} como isto é belo :

*Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é coisa mais barata
Que de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão ;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará dum milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Per estes ovos de pata,
E o dia que for casada
Sairei ataviada
Com um brial descarlata,
E diante o desposado
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando,
Assi dest'arte bailando
Esta cantiga cantando.*

E dizendo isto e bailando, cai-lhe o pote ao chão
e quebra-se... Paio Vaz, o seu amo, exclama :

*Agora posso eu dizer
E jurar, e apostar
Que és Mofina Mendes toda.*

Ao que acrescenta Pessival, outro pastor, com-
panheiro de Paio Vaz :

*E se ela baila na roda
Que está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E a azeite por vender,
E o noivo por achar,
E Mofina a bailar
Que menos poderá ser ?*

Mofina em presença do desastre, não se desconserta e ao retirar-se vai cantando:

*Por mais que a dita me engeite,
Pastores, não me deis guerra:
Que todo o humano deleite
Como o meu pote d'azeite
Há-de dar consigo em terra.*

Que simplicidade tão bela, que poesia tão inspirada, que conceito tão profundo, o conceito final, em que se mostra o quanto são efêmeros os sonhos, as ilusões desta vida!

E seria um nunca acabar de belezas poéticas e pensamentos profundos, se eu quisesse ou pudesse percorrer toda a obra do genial poeta, do filho ilustre de Guimarães; se eu quisesse ou pudesse apresentar todas essas figuras criadas pelo imortal cantor das nossas glórias.

É que a sua grandeza é tal que podemos colocá-lo ao lado Camões. A obra de Camões, diz um ilustre pensador, é uma catedral onde reboia um órgão de mil tubos sonoros. A obra de Gil Vicente é um arraial pitoresco e colorido. Camões dá-nos os heróis e os semi-deuses, e o seu poema é sempre a mais bela razão da nossa existência de povo independente.

Gil Vicente dá-nos criaturas humanas e tão nossas, que as reconhecemos ainda como irmãs.

Guimarães deve, pois, ufanar-se de haver sido o berço dum homem tão extraordinário!

As Câmaras desta terra têm-lhe prestado as suas homenagens, no nome duma rua e na consagração dum dia. Nós prestamos-lhe esta homenagem de escolher o dia que lhe é consagrado para a inauguração do Orfeão de Guimarães — mas tudo isto é pouco, é quase nada. Há uma dívida a solver.

É preciso que perto da estátua do Rei Conquistador, que foi o fundador da nossa nacionalidade, se erga, pelo menos, um busto de bronze do fundador do teatro português.

E como ficará bem num dos canteiros, do nosso jardim, rodeado das flores que ele tanto amou, tendo por fundo aquela Penha formosa, onde passeiam os pastores que inspiraram a sua primeira criação teatral, o busto de Gil Vicente. Que esse busto se levante por honra de Guimarães! Que ele na sua mudêz, repita aos que o contemplarem a afirmação patriótica de Camões:

Esta é a ditosa pátria minha amada!

Minhas Senhoras — meus Senhores:

Eu quisera, à semelhança do que fez o ilustre poeta, Snr. Lopes Vieira, num dos teatros de Lisboa no dia 15 de Janeiro de 1912, fazer acompanhar estas simples referências que estou fazendo com a reprodução teatral de algumas das criações de Gil Vicente. Não me foi possível conseguir tanto quanto desejava, mas alguma coisa consegui. Um distinto estudante do nosso liceu vai representar perante V. Ex.^{as} o monólogo do Vaqueiro.

E dá-se a coincidência desse estudante ter a girar nas suas veias o sangue do mais inspirado poeta que Guimarães teve nos últimos tempos.

É o Snr. Américo Caldas, sobrinho de Bráulio Caldas, que ainda em 1902 ilustrava com as suas quadras inspiradas — Gilvicentinas — as páginas da Revista de Guimarães.

Ides, pois, ouvir a recitação do monólogo do Vaqueiro, tradução do Snr. Afonso Lopes Vieira.

**Na Associação Comercial de Guimarães
Sessão pública de homenagem
a dois comerciantes honrados e dignos**

(1921)

— EXCERTO —

Eu não posso, nem quero, fazer a história da Associação Comercial de Guimarães desde a sua instalação; mas seja-me licito em rápido esboço dizer algo do que esta respeitável colectividade fez em benefício da nossa terra, especialmente desde 1906.

Guimarães entrou numa nova vida industrial e comercial em 1884. A benemérita Sociedade Martins Sarmiento, congregando o talento duns, a actividade de outros e a boa vontade de todos os vimaranenses, pôde realizar a exposição industrial, a primeira exposição concelhia que se realizou no país, com tal sucesso que desde então Guimarães tornou-se conhecida pela importância da sua indústria manufactureira e iniciou-se esse desenvolvimento da indústria de fiação e tecidos, que constitui hoje um dos nossos maiores títulos de nobreza e, certamente, a mais copiosa fonte de receita na vida económica da nossa terra.

Passaram os anos. Ao lado dos monumentos gloriosos das nossas tradições religiosas e cívicas, iam-se levantando os monumentos do progresso — as chaminés das nossas fábricas — a atestarem as nossas qualidades de trabalho. Mas era preciso que o país nos visitasse. Era preciso que lá fora se soubesse que neste belo e glorioso rincão do Minho, a par da paisagem que parece um jardim e das tradições que constituem um poema, há uma população trabalhadora e honrada que parece uma *colmeia* a lançar no mercado produtos que rivalizam com o que de melhor se produz em outros países.

Como poderia isto realizar-se? Como poderia

chamar-se a Guimarães o povo português, a Guimarães, a terra que procurava ridicularisar-se porque o que de mais notável tinha era a ponte sem rio, o palácio sem rei e a sé sem bispo?

Surgiu uma grande ideia numa grande alma, contida num corpo pequenino.

Era fazer de Guimarães um jardim de flores, um grande foco de luz, uma harmonia vibrante de entusiasmo e alegria. Era fazer da nossa terra uma linda sala de visitas, onde os nossos visitantes se sentissem bem.

João de Melo, o Presidente da Associação Comercial, concebe a ideia, chama a si o talento dos nossos artistas, a cooperação de todos os vimaranenses e surgiram as «Gualterianas». Era Guimarães ostentando as flores, numa policromia estonteante, rasgando a treva da noite numa orgia de luz, enviando às encostas dos nossos montes os ecos dos hinos e das canções populares, que de quebrada em quebrada iam anunciar ao mundo que aqui havia alma, sentimento, patriotismo, um povo que queria viver e lutar para sair vitorioso no grande prélio em que se empenham os povos modernos — as lutas do trabalho. A concorrência de forasteiros foi além de toda a expectativa. O sonho de João de Melo realizou-se plenamente. Desde então o país ficou sabendo que aqui há mais alguma coisa do que a ponte sem rio, a sé sem bispo e o palácio sem rei — há as belezas naturais da nossa terra que serão o nosso enlevo, as tradições do passado que serão a nossa glória e os progressos do nosso comércio e da nossa indústria que são a nossa honra e o nosso legítimo orgulho. A alma vimaranense rejubilou com o resultado brilhante da benemérita iniciativa da Associação Comercial. Era preciso que as «Gualterianas» continuassem, era preciso que João de Melo e os seus colegas na direcção desta casa encontrassem quem

lhes sucedesse. Impôs-se logo o nome do Snr. João Rodrigues Loureiro.

V. Ex.^{as} sabem que eu sou o que há de mais plebeu pela pobre família de que descendo. Na posição que ocupo sou o que há de mais apagado, de mais humilde, de mais obscuro.

Seria estulticia imperdoável desdenhar da origem humilde de quem quer que seja, como infatramento ridículo querer colocar-me a par dos que herdaram um nome ilustre dos seus antepassados. Respeito a nobreza de sangue, venero os que conservam limpos e gloriosos os brazões que herdaram. Mas, senhores, deixai-me que vos diga: a nobreza que eu mais aprecio, a fidalguia que mais se impõe ao meu respeito e à minha veneração é a nobreza do trabalho, é a fidalguia da honra.

E essa nobreza, essa fidalguia existe no pequenino marçano que, criança ainda, veio das margens do seu Minho, para a nossa terra, aqui principiou a sua carreira comercial; foi crescendo, foi revelando a sua inteligência, as suas qualidades de trabalho, a sua probidade de homem de bem, e de tal forma que a criança é hoje um dos mais respeitáveis membros da classe comercial de Guimarães, respeitado e estimado por todos nós — o Snr. João Rodrigues Loureiro. Foi ele o sucessor imediato de João de Melo na presidência da Associação Comercial. As «Gualterianas» chegaram ao seu máximo esplendor. Esta Câmara número 2 continuava a promover o engrandecimento da nossa terra. Rodrigues Loureiro impôs-se pela sua actividade à gratidão de todos nós. Ainda hoje, como sempre, ele está ao lado dos seus colegas para defender a sua honra e os seus interesses. Negociante e industrial por temperamento, ele fez da casa a que tem prestado as luzes do seu talento e o esforço da

sua actividade, uma das primeiras casas comerciais, não só de Guimarães como da provincia, para não dizer de todo o país.

Patriota apaixonado pelos progressos da nossa terra, ele fez construir aquella linda vivenda no alto da Penha que nos dá a impressão de contemplar os parques que rodeiam a serra de Sintra.

Por tudo isto e pelo muito que eu poderia dizer, o seu retrato fica bem aqui. Fica bem como um testemunho de gratidão ao consócio ilustre e prestante, fica bem principalmente como um pregão a anunciar o quanto valem e o quanto podem a intelligência, a actividade e a honra postas ao serviço duma grande alma.

Senhor Presidente, minhas Senhoras
e meus Senhores :

Falar de João Gualdino é revolver numa ferida que se abriu na minha alma com o espinho da saudade; mas, como esse espinho, no dizer do poeta, tem o raro condão de deliciar e pungir: pungir, porque recorda um bem que morreu, e deliciar porque aviva um affecto que perdura, eu vou pedir à comoção que o meu sentimentalismo possa produzir que se transforme na serenidade que a justiça deve inspirar.

Foi uma das mais belas figuras da nossa terra.

A sua feição moral pode definir-se por este plebeísmo: «em tudo que se metia dava-lhe saída».

Foi estudante distinto e, se não seguiu uma carreira literária ou scientifica, foi porque não quis, pois talento não lhe faltava. Foi politico. Eu não sei nem quero saber o que é isto de politica actualmente. Há muitos anos que estou fora disso e espero em

Deus que hei-de morrer neste comodismo de cidadão que confia na competência intelectual e moral de quem governa para levar a nau do estado a porto de salvação. Mas sei o que era a política daquele tempo — a alegria dos que davam vivas e o inocente amúo dos que ouviam estoirar os foguetes quando caía o Governo do seu partido. Umas eleições um pouco agitadas, um pessoalismo que, só por excepção, arregaçava as mangas em gestos de regateira, um opposicionismo muitas vezes intransigente, mas sempre uma amizade inalterável e uma fina educação no convívio social.

Eu não sei se ainda hoje é assim. Naquele tempo era assim. João Gualdido foi politico, sempre correcto com os seus adversários e sempre amigo pessoal do seu amigo, fosse qual fosse a parcialidade politica em que estivesse filiado.

Em 1912 dizia eu num necrológio que escrevi num jornal intitulado «O Lusitano»: «Nas corporações de piedade, de beneficência ou de progresso social, em que serviu manifestava-se sempre a sua inteligência e rasgada iniciativa... Quando Guimarães tinha de afirmar o seu patriotismo, o nome de João Gualdino aparecia sempre como o duma individualidade imprescindível». E assim era.

Quando em 1900, a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, presidida pelo nosso ilustre conterrâneo Snr. Dr. Joaquim José de Meira, resolveu prestar-lhe aquela inolvidável homenagem pública e solene, à memória querida do ilustre arqueólogo que foi glória da ciência e honra da nossa terra, João Gualdino foi um dos mais inteligentes e activos colaboradores do seu ilustre presidente, podendo asseverar-se que a ele se deve uma grande parte do inextinguível brilho que teve aquele cortejo que constituiu uma das mais belas

manifestações públicas que se têm realizado em Guimarães.

E por todas as corporações por onde passava a sua personalidade ficava vincada em iniciativas arrojadas, em empreendimentos beneméritos, em zêlo e dedicação verdadeiramente notáveis.

Seria fatigante para V. Ex.^{as} ouvirem a enumeração de todas essas iniciativas, de todos esses empreendimentos.

Eu quero e devo restringir-me aos serviços de que tenho conhecimento, prestados a esta Associação Comercial; e de todos eles, certamente, o maior e o mais palpável, porque todos tiveram dele conhecimento, foi a forma bizarra, brilhante e prática, como João Gualdino e a Direcção por ele presidida, realizou as «Gualterianas» em 1910.

Nesse ano Guimarães não era sômente a linda terra minhota a ostentar as galas da sua festa predilecta; era também um mostruário riquíssimo onde se exibiam os frutos desta terra abençoada e os artefactos desta terra laboriosa. A exposição levada a efeito por João Gualdino constituiu um dos mais belos números do programa das Festas Gualterianas que se há realizado.

Passado pouco tempo, João Gualdino morria.

Depois de eu haver escrito, em 1910 aquelas palavras: «alma afectiva e boa, onde há o culto da família, que ama extremamente» — foi-me dado assistir a um triste espectáculo, em que a minha afirmação teve uma confirmação eloquente e comovedora. É uma cousa íntima, mas que eu quero revelar em homenagem à sua memória. Foi naquela tarde em que, pela primeira vez foi assaltado pela doença que o vitimou. À volta do seu leito estavam os médicos a procurar aliviá-lo do seu mal e numerosos amigos a lamentar o

estado em que se encontrava o amigo. João Gualdino sofria, mas, num dado momento, parecendo esquecer-se dos seus sofrimentos físicos, teve este grito que era como que à procura dum remédio ao seu sofrimento moral de deixar os filhos ainda crianças: «Ó Loureiro, olha pelo meu rapaz»!

O Loureiro era o Snr. João Rodrigues Loureiro, cujo retrato se inaugura hoje ao lado do de João Gualdino. O rapaz era o seu filho primogénito. O Loureiro cumpriu e o rapaz — o Gualdino, bem como seus irmãos honram a memória de seu pai.

Feliz lembrança teve a Direcção da digna presidência de V. Ex.^a de colocar aqui os retratos destas duas individualidades que são uma honra para a classe comercial de Guimarães. Eu felicito V. Ex.^a e a Direcção pelo acto de justiça que praticam. Mas não fico apenas em felicitações pelo que fazem.

Eu quisera ter autoridade para exortar todos os negociantes de Guimarães a inscreverem-se como sócios desta Associação.

Eu quisera ter autoridade para fazer um apêlo a todos os sócios a fim de que olhem com carinho e interesse por esta bela instituição que pòde e deve prestar revelantíssimos serviços à classe e à nossa terra.

Mas não tenho para tanto a autoridade precisa. Sou aqui um sócio por favor, por uma gentileza que nunca esquecerei. O que posso, e isso o afirmo aqui solenemente, é fazer os mais ardentes e sinceros votos pelo progresso e pelo engrandecimento da Associação Comercial de Guimarães, que há-de, eu o creio, progredir e engrandecer-se porque tem a obrigá-la a nobreza do seu passado e a fortalecê-la e a ampará-la a inteligência e a alta competência de V. Ex.^a e o zêlo e a dedicação dos que constituem a Direcção desta colectividade tão distinta, tão benemérita e tão patriótica.

POESIA

JORNALISMO

TEATRO

Rimas Ligeiras

Com os manuscritos dos **SERMÕES** e **DISCURSOS**, que serviram para organizar e coordenar a primeira parte deste livro, vinha um caderno

1900

RIMAS LIGEIRAS

GASPAR RORIZ

também manuscrito. São dele extraídos os versos seguintes.

332 =

A meu irmão

MANUEL DA COSTA RORIZ

falecido aos 25 anos de idade a 4 de
Dezembro de 1899.

*Morreste, Manuel, e a tua alma,
Bondosa, leal, pura, estremecida,
Foi no céu receber aquela palma,
Que Deus concede aos anjos desta vida.*

Hino do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor
Arcebispo Primaz

D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA

cantado pelas alunas das escolas da V.O.T.
de S. Francisco, na ocasião da visita que
S. Ex.^a Rev.^{ma} fez à mesma Ordem no dia
6 de Novembro de 1900.

*Guimarães veste galas festivas
P'ra saudar seu excelso Pastor ;
Tradições nele vê redivivas
De ciência, de zelo e d'amor.*

CORO

*Salvè ! Salvè ! sublime Prelado !
Nossos hinos ouvi, escutai :
Eles dizem que Vós sois amado
Sois Pastor, sois Prelado, sois Pai.*

*Ao Pastor todo o nosso carinho,
Pois da vida no negro 'scarcéu
Nos aponta bondoso o caminho,
Que conduz nossas almas ao céu.*

CORO

Salvè ! Salvè ! etc.

*Ao Prelado respeito profundo,
Pois de Deus lhe vem todo o poder ;
Ele é grande, é bem grande, no mundo
Por seu zelo, virtude e saber.*

CORO

Salvè ! Salvè ! etc.

*Ao bom Pai os mais ternos affectos,
Sentimentos mais vivos d'amor ;
Eis-nos, pois, como filhos dilectos
A saudar o bom Pai, bom Pastor.*

CORO

Salvè ! Salvè ! etc.

Outubro, 1900.

A meus Pais.

DORES E LÁGRIMAS

«A morte é um eterno sono
Sem sonhos, nem ilusões...
Prostra, mirra os corações
Quais folhas secas do outono.»

Assim o triste pensava
Toda a noite, todo o dia...
Se a mãe entrava, sorria;
Se a mãe saía, chorava.

Eram dores enganando,
Eram corações fingindo...
A mãe, que entrava sorrindo,
Saía sempre chorando...

Um dia o filho, porém,
Viu grossas gotas de pranto
A brilhar, sentido e santo,
Nos olhos de sua mãe:

«Ai! mãe, tu tens-me enganado!
Vens sempre aqui a sorrir...
Olha, mãe, quero partir
Nesse teu pranto banhado.

«Ai! pobre mãe, terno amor!...
Eu não choro a mocidade...
Choro, sim, porque a saudade
Vai ser sempre a tua dor...

«Choremos ambos baixinho:
Mãe, ó mãe, olha p'ra o céu...
Não parece um grande véu
Com rendilhados d'arminho?...

«Vou p'ra lá, p'ra a mansão bela,
P'ra a pátria do puro amor;
E hei-de pedir ao Senhor
'Que me transforme em estrela.

«E depois da minha morte
Hei-de ver-te, ó mãe amada,
Em noite linda, estrelada,
Fitando a estrela do norte.

«Ao ver-te, amor puro e santo,
Chorarei as tuas dores . . .
Vai aos cálices das flores
E lá verds o meu pranto.

«Sim, o orvalho cristalino,
Que vês ao romper d'aurora,
E' pranto d'alma que mora,
Lá no palácio divino.

«Se vires tremeluzir
A tal estrela em seu brilho,
Olha, mãe, é que o teu filho
Tem outra mãe a sorrir.

«Adeus, mãe! esse teu pranto
Levo-o aqui, no coração . . .
Vou ungido co'a unção
Do amor mais puro e mais santo.»

O moribundo gemeu . . .
E quando a mãe dolorida
Quis 'inda chamá-lo à vida,
Olhou, sorriu e morreu.

A mãe triste, em noites belas,
Quando há estrelas no ar,
As noites passa a chorar,
Fitando sempre as estrelas . . .

A minha irmã

MARIA DA OLIVEIRA

NIGRA SUM, SED FORMOSA...

*Não és alta como o cedro,
Não és branca como a rosa,
Mas és linda como a Virgem,
Que era morena e formosa.*

*Queres ser sempre formosa?
Viver socegada e calma?
Deixa as belezas do mundo:
Procura a beleza d'alma.*

*Que é a beleza dum rosto?
Sonho que voa, que corre...
O tempo tudo devasta...
Mas a virtude não morre...*

A minha prima

ELISA GUIMARÃES

no dia do seu aniversário natalício, a 17
de Setembro de 1900.

Pedido.

NÃO FAÇAS ANOS, ELISA.

*Fazer anos !... ir p'ra velha !...
Que tenha, Jesus, que tenha !...
Olha o que fazes, petiza...
Ora diz: és minha amiga ?
Faz-me este favor, querida :
Não faças anos, Elisa...*

*Vês os prados, as campinas ?
Vês as rosas, as boninas ?
Vês o arroio que desliza ?
E' a mocidade, a beleza,
Da formosa Natureza...
Não faças anos, Elisa.*

*Vês o inverno ? Não há ninhos !
Folhas secas nos caminhos,
Furacão em vez de brisa.
Motivos ? — Tristes, insanos :
A Natureza fez anos...
Não faças anos, Elisa.*

*Cabelos brancos !... ao vê-los
Na trança nos teus cabelos,
Assetinada, tão lisa,
Não sentirás a tristeza
D'incitar a Natureza ?
Não faças anos, Elisa...*

*A mocidade é tão bela!...
 Ai! quem pudera prendê-la!
 Ela é do amor a baliza:
 Dá sorrisos, felicidade...
 E' tão bela a mocidade!...
 Não faças anos, Elisa.*

*Para que servem os velhos?
 Servem só p'ra dar conselhos...
 Eis um velho que te avisa:
 Choro ainda os tempos idos;
 Choro os meus sonhos queridos...
 Não faças anos, Elisa.*

*Não há rosas, nem boninas...
 Só destroços e ruínas
 E' o que minh'alma divisa...
 Hoje vivo da saudade
 Dos tempos da mocidade...
 Não faças anos, Elisa...*

*Mas, se isto não puder ser,
 Se tiver's d'obedecer
 Ao Deus, que tudo harmoniza...
 Bondoso, Eterno, Infinito,
 Dou o dito por não dito:
 Faz muitos anos, Elisa!...*

Guimarães, 17 de Setembro de 1900.

Carta que escrevi a minha irmã

MARIA DA OLIVEIRA

quando foi com meu Pai ao Porto assistir
à inauguração da estátua do Infante
D. Henrique, em Outubro de 1900.

*Oliveira, estou aflito !...
Que pesadelo maldito
Tive esta noite a dormir !...
Pobre Pai ! oh ! isto fere-o...
E' um caso muito sério,
Não é um caso p'ra rir.*

*Ouve lá o que eu sonhei :
Eu vi o braço d'El-Rei
Puxar com força uma guita,
E aparecer um gigante :
Era a estátua do Infante,
O nobre filho da Invicta.*

*Depois troaram canhões,
Palmas, vivas, ovações,
E o Hino Nacional...
Neste ponto ao D. Henrique
Parece dar um chelique...
Par'ceu-me que se achou mal.*

*Eu ouvi duas descargas,
Vi pôr as mãos nasilhargas
O Infante... e dei um ai!*

.....

À Ex.^{ma} Snr.^a

D. LEONOR CARDOSO

no dia do seu aniversário natalício, mandei-lhe uma prenda com o seguinte

SONETO

*Não venho fazer festa neste dia,
Não venho tocar banza ao arraial
Não há festeiros sem um festival,
Não há romeiros sem a romaria.*

*Não posso dizer que isto seja um mal :
Não permitir convívios d'alegria...
Não lembrarão jãmais risos dum dia,
Não lembrarão prazeres do natal.*

*Não haverá romagem, reinação ;
Não se ouve o fogo, nem rufar tambor,
Mas com certeza sai a procissão...*

*Eu peço me deixe ir atraz do andor,
Esta oferta levando... é devóção,
Que eu sempre tive a Santa Leonor.*

NOTA : — Sua Ex.^a havia resolvido não fazer festa, que costumava constar dum jantar.

Março, 23 — 1900.

PARA CANTAR À VIOLA

*Como poderei eu dar-te
Parcelas do meu amor,
Se o teu coração se parte
D'encontro à rocha da dor?!...*

*«E a mim que se m'importa
Não viver amado?
Serei conquistado
Pelos olhos teus...
E as nossas almas
Para o céu voando
P'ra poder amar
P'ra poder amar
Sem pedir a Deus.»*

Este estribilho
não é meu.
Repete-se sempre
no fim de cada
quadra.

*O sol dá seu brilho à lua,
As estrelas brilho ao céu ;
Só eu não posso ser tua,
Nem tu poderás ser meu.*

*Como é triste a tua vida !...
Como é triste o teu sonhar !...
Ó ave errante, perdida,
Não penses mais em voar...*

*«Não t'importa» diz teu canto,
Em acordes mui sentidos ;
Mas eu bem vejo o teu pranto,
Eu bem ouço os teus gemidos...*

*Sonhando, ouvi desta sorte
A voz dum monstro terrível :
«Sofrerás até à morte !»
Era a voz do Impossível.*

*Minh'alma por ti suspira,
Mas não posso dar-te amor!
Poeta, parte essa lira,
Não cantes mais, trovador!*

†

*Vês além o mar imenso?...
Gigantes ondas no ar?
Esse teu sofrer intenso
Tem um espelho no mar.*

*O mar em seus escarcéus
Luta por fugir dali,
Mas não pode... A Voz de Deus
Diz-lhe: «Não passas daqui».*

*O Dever diz-te também
Como a voz da Eternidade:
«Não podes passar além
Das praias da saudade».*

*Serás sempre um enjeitado!...
Pranteia a sorte, pranteia!
E's como o mar agitado
Quando vem morrer na areia.*

*Minh'alma por ti suspira,
Mas não posso dar-te amor;
Poeta, parte essa lira!
Não cantes mais, trovador!*

No fim do jantar, nas Taipas, comemorativo do aniversário natalício da Ex.^{ma} Sr.^a

D. DELFINA CARDOSO

e décimo do seu consórcio com o meu querido amigo Albano Belino.

SONETO

*Dez anos de casada ! Que tortura !
Dez anos, aturando-lhe as maçadas ;
Dez anos a ouvir sempre as piadas
Da ciência da pedra fria e dura !*

*Dez anos em continuas estopadas !
Dez anos neste mal que não tem cura ;
Dez anos a viver com quem procura
Só pedras, inscrições, as mais safadas !*

*Que suplicio, senhora, que tormento
Eu beijo-vos as mãos... e até os pés !
Admiro a vossa força, o vosso alento !*

*Mas que digo?... Hoje o vinho tem marés
O contrário tive eu no pensamento
Senhora, perdoai ! 'stou como um dez.*

Abril, 29 — 1901.

A SANTA MARIA DO CASTELO

cuja formosa imagem se venera no monte do Castelo, Arcos de Val-de-Vez. A pedido do meu amigo José Gonçalves de Oliveira, escrivão de Direito, residente ali e natural de Guinardães.

*Nessa colina formosa,
No Castelo que Deus fez,
Imperai, Mãe carinhosa,
Rainha do Val-do-Vez.*

*O Vosso trono real
Tem poesia, tem encanto;
Há nele amor puro e santo,
Brilhantes incrustações:
Lindas pérolas — as lágrimas;
Adornos lindos — as flores;
E' trono feito d'amores:
Um trono de corações.*

*Ainda tendes, Senhora,
Outro trono — o da Natura,
Que s'estende, Virgem pura,
Belo, imenso, a Vossos pés:
E' o Castelo de granito,
Essa formosa colina,
Que sobranceira domina
O formoso Val-do-Vez.*

*Um jardim de mil canteiros,
Que aromas puros rescende,
E' o tapete que se estende
Até aos montes d'além.
Aquela fita de prata
Em mil curvas caprichosas
Tem nas águas rumorosas
Um louvor a Vós, ó Mãe.*

*Canta o murmúrio do rio,
Dirigem-Vos seus louvores
Com seus aromas as flores,
Com seus cantos a avesinha.
Em mil acordes suavíssimos,
Curvados a Vossos pés,
Das terras do Val-do-Vez
Vos proclamam a Rainha.*

*Aos hinos da Natureza
Junta-se a voz da razão.
Afectos do coração
Um hino entoam mais belo :
«Imperai, Rainha e Mãe,
Desta existência em seus trilhos
Dirigi os Vossos filhos,
Virgem Santa do Castelo».*

*«Será sempre o Vosso Monte
A nossa mansão querida,
Quer nos sorrisos da vida,
Quer nas tristezas da morte.
Os nossos olhos, sorrindo,
Ou mergulhados em pranto,
Pedirão ao Monte Santo
Protecção, amparo e norte.»*

*«Abrazai-nos em Amor,
Que do crime nos desvie ;
Dai-nos a Fé, que nos guie
Desta vida no escarcéu ;
Dai-nos a força da Esperança
E depois, ó Virgem Pura,
Dai-nos a eterna ventura ;
Levai noss'alma p'ra o Céu.»*

*E assim é que o Vosso trono
Tem poesia, tem encanto,
Há nele amor puro e santo,
Brilhantes incrustações :
Lindas pérolas — as lágrimas ;
Adornos lindos — as flores ;
E' trono feito d'amores :
E' trono de corações.*

*Nessa colina formosa,
No Castelo que Deus fez,
Imperai, Mãe carinhosa,
Rainha do Val-do-Vez.*

Guimarães, 1 de Maio de 1901.

HINO DA CIDADE

feito expressamente para a Marcha Milaneza — 1907.

SOLO

*Oh! Guimarães, teu progresso, tua vida,
E' toda a nossa aspiração;
Terra bendita, oh! Pátria querida,
Tens um altar dos filhos teus no coração.
Oh! Guimarães, teu progresso, tua vida
Sim, é toda a nossa aspiração!*

CORO GERAL

*A ti ó Pátria!
A ti ó Pátria!
O nosso amor, nossa vida e mocidade
Consagramos
Com fervor!
Salvè! Salvè! Oh! Festas da Cidade.*

SOLO

*Caminha àvante, conquistando a glória
Que os filhos teus prende e seduz.
Exibe altiva, oh! Pátria a tua história
Que à mocidade dá amor, vida e luz.
Caminha àvante, conquistando a glória
Sim, que os filhos teus prende e seduz.*

CORO GERAL

A ti ó Pátria, etc.

8 de Outubro de 1909.

GAZETILHA

*Na rua José Sampaio
Caminhavam dois teimosos,
Que o reportório nos deu.
Dizia um em voz alta :
— «Compadre, se é meu amigo,
Não venha a teimar comigo...
Quem tem razão não sou eu?...»*

*— «Não tem, não ! — dizia o outro —
Não me faça arreliar !...
Quando lhe dá p'ra teimar
E' pior do que um jumento.
Repare bem p'ra o passeio,
Levante lá o tacão,
Bata com ele no chão :
Que me diz ? Não é cimento ?...»*

*O compadre dá dois passos,
Bate no chão com furor :
— «O' compadre, faz favor ?»
— «Compadre, porque me chama ?»
— Para que veja a verdade :
Olhe bem, ponha-se atento :
Porventura isto é cimento ?
— «Tem razão : isto é lama !...»*

*Dá dois passos para a frente
O compadre que concorda,
Mas, como o homem que acorda
Dum sonho mau e violento,
Chama depressa — «Compadre !»
— «Compadre, porque me chama ?»
— «Veja lá se isto é lama...»
— «Não, senhor, isto é cimento !»*

*Riram depois em dueto,
Riram bem, a rego cheio,
Ao ver que aquele passeio :
Talento enorme proclama :
Por economia a Câmara
Teve um belo pensamento :
Onde há casas pôs cimento,
O resto ficou em... lama !...*

Psicológicamente um intelectual, para quem no espírito se concentrava a vida, a simpática e respeitável personalidade do Padre Gaspar Roriz era sentimentalmente afectiva e generosa. Havia nele, com profundo amor à sua terra, uma entusiástica energia de ser prestável e útil. Em contraste com a severidade sacerdotal, a alegria estimuladora. Por isso o procuravam para fazer uns versinhos em festas e comemorações várias. Na massa volumosa do seu espólio de manuscritos, em amálgama confusa, encontramos diversos. Aqui vão alguns.

QUEM MAIS AMO

*Olhei p'ra a terra e p'ra o céu
E admirei a beleza
Que encerras, ó Natureza,
Obra do meu Criador !
Olhei com os olhos da Fé
Para Jesus. E então
Perguntei ao coração
A quem tens tu mais amor ?*

*Amo o matiz da flor,
Amo muito o seu perfume,
Amo aquele aureo nume
— O sol que nos dá luz !
Mas muito mais que ao sol,
Que ao perfume da flor,
Eu amo com intenso amor
O meu Divino Jesus !*

*Em manhãs de Primavera,
Amo das aves o canto,
D'aurora o lúcido manto,
Todo poesia e luz !
Mais, porém, que a bela aurora
E das aves o gorgéio,
Eu amo com santo enleio
O meu Divino Jesus !*

*Amo da lua do Outono
Os fulgores resplendentes ;
Amo as estrelas cadentes
Que passam 'spargindo luz !
Esquecem porém estrelas
E da lua o esplendor,
Ao lembrar-me o meu Senhor :
O meu Divino Jesus.*

*E hoje que Ele incarnado
Nasce tão pobre entre nós
Não cantará minha voz
Outra beleza nesta luz!
Hossana, Verbo Divino!
Salvê Deus Omnipotente!
Perante Vós, reverente
Eu vos adoro, Jesus.*

*Se corro a estrada dos séculos além,
Que vejo, Senhor?
Nascer numa pobre choupana em Belém
O Deus Redentor!*

*Lá dentro só Vós e José e Maria,
Sem pão e sem luz!
E assim nos ensinas com santa alegria
A sofrer, ó Jesus?!*

*Hossana entoam voando n'altura
Os anjos dos céus.
Na terra os pastores já cantam ventura
Por ver o seu Deus.*

*Mas... Virgem Santíssima, que tendes? Chorais?
Sorri para Jesus!...
— Enquanto (diz ela) vós, filhos, cantais
Eu olho p'ra a Cruz.*

*Olho p'ra a Cruz que me rouba
O meu filho, o meu amado
Opresso, dilacerado
Sinto já o coração!
Ei-Lo no berço sorrindo,
P'ra vós, humildes pastores,
São minhas lágrimas dores
São seus sorrisos perdão.*

*Será a Cruz infamante
O seu leito mortuário:
Será teatro no Calvário
Dessa ingente iniquidade!
Mas muito mais do que a morte
E muito mais do que a Cruz
Atormentarão Jesus
As culpas da Humanidade! —*

*Calou-se a Virgem... Agora
Meditar é um dever!
Se vemos Jesus nascer,
Vemos sua morte também!
Seremos também deicidas?
Ofendermos com o pecado
O Cordeiro imaculado?
E a Santa Virgem Mãe?*

*Oh! não, que
Prevenção da Juventude,
Nos aponta sempre a virtude
Toda poesia e luz!
Cantemos, pois, jubilosas
Neste dia festival
O jubiloso Natal
Do Nosso Amante Jesus.*

DE GUIMARÃES A FORJÃES

(Poema herói-cómico)

I

*Setembro de manhã... Manhã chuvosa
Com nuvens pardacentas lá no céu ;
Viera a aurora triste e lacrimosa
Trazendo o rosto oculto em duro véu...
A terra lamentava-se saudosa
Por Febo não lhe dar o brilho seu :
Neste dia deixamos Guimarães
P'ra irmos de visita até Forjães.*

II

*Eram cinco os alegres viajantes...
Em bela carruagem de primeira,
Passavam entre prados verdejantes
Matizados com frutos de videira.
Choviscos miudinhos e constantes
Caíam sem cessar, de tal maneira
Que trazia consigo a chuva ingrata
Ameaças de estragar a viajata.*

III

*Era chefe do bando o François ;
Seu guia, seu piloto, era o Simões
Dona Anita era o riso que nos dá
Alegrias, reais consolações.
A Dona Mariquinhas dava chá,
Se falhavam quaisquer combinações ;
Do bando, tão alegre e tão feliz,
Obscuro capelão era o Roriz.*

IV

*Ao som duma sineta, que retine,
Da Trofa na estação enlameada,
Simões tudo prevê, tudo previne...
Depois da gente toda acomodada,
Pergunta Dona Anita — «Fica em Nine?»
«Qual fica?! — diz Simões — Não fica nada.»
E feliz, venturosa, ia a caravana,
Não cuidando em trasbordo até Viana.*

V

*Mas, ó mofina sorte! Ó sorte ávara!
Ó destinos cruéis da raça impura!
Ó singular desgraça dura e rara!
Ó singular desdita rara e dura!
Quando a locomotiva em Nine para,
— Oh! desgraça! oh! desdita! oh! desventura!
Ouviu-se que dizia a voz d'algum:
«Quem p'ra Viana vai muda de trem.»*

VI

*Par'ceu-me ver fortuna a dar pinotes,
Par'ceu-me ver a sorte ao trambolhão...
Como um homem que levasse piparotes
Aplicados por férrea e dura mão;
Corridos, a mudar os seus tricotes,
Buscam prestes os cinco outro vagão.
E em duo com a máquina que apita
Gargalhava a valer a Dona Anita.*

VII

*Depois tudo em silêncio e às janelas,
Gozava-se a paisagem que se via:
«Chegamos, diz Simões, a Barroselas.
Talvez por aqui 'steja o bom Faria»
Mas só púcaros, cântaros, panelas
E lavradores modestos lá havia.
A máquina de novo ia a apitar
E a Dona Anita a rir, a gargalhar.*

VIII

*Chegamos a Viana, finalmente !
 À terra que em beleza tanto prima !
 Parara a chuva triste e impertinente ;
 O astro-rei despede lá de cima
 Beijos feitos de luz que, docemente,
 Nas faces vem depor do brando Lima.
 E depois de tomarmos leite só
 Marchamos p'ra Forjães num bom landó.*

IX

*Por mais que o coração d'amor palpita
 Pelos doces encantos da Natura,
 Não há nada no mundo que o agite
 Em comoções de gozo e de ventura
 Como é ver bem servido o apetite
 No palácio encantado da fatura.
 E o Simões, que é de todos o mais moço,
 Antegoza o prazer dum bom almoço.*

X

*«Não fumam dos casais ao longe os tectos»
 Não há música, fogo, ou alarido ;
 Os cinco visitantes são discretos ;
 Vão subindo as escadas sem arruído...
 Mas ficam mudos, tristes e quietos,
 Por não sentirem cheiros de estrugido.
 Vêem-se horizontes lindos da sacada :
 Mas 'stômago vazio não vê nada.*

XI

*Rodrigues de Faria — o anfitrião
 Simpático, correcto, delicado,
 Que é capaz d'afrontar um furacão
 Que seja em terra firme ou mar irado,
 Rodrigues de Faria — o homem bom,
 Que chega dum festim de baptizado,
 Pela primeira vez na sua vida
 Parece ser levado de vencida.*

XII

•Eu posso, quando alguém me fira ou pique,
 Vencer dificuldades, cruas guerras!
 Nunca tive um desmaio ou um chelique!
 'Spectro do desalento não me aterras!
 Às ondas sou capaz de pôr um dique
 Faço correr comboios entre as serras.
 Mas hoje sou vencido, pois não posso
 Aos meus amigos dar um bom almoço.»

XIII

Assim se lamentava o pobrezinho...
 François compunha tudo, e a Dona Ana
 C'um riso compassivo, algo escarninho,
 Além de ser a ré, era a tirana.
 O Roriz e o Simões vão ver o vinho,
 Depois deitam-se às uvas com tal gana
 Que se o velho Faria os não espreita
 Num momento a vindima estava feita.

XIV

Os frangos, as galinhas, os capões,
 Rogaram pragas mil aos visitantes,
 Rogaram pragas mil aos seus patrões;
 Pois os galos mais belos, mais galantes,
 Ao caírem da morte em convulsões,
 Ao sentirem os golpes torturantes
 Sofriam grande dor, pois da cozinha —
 Ouviam os lamentos da galinha.

XV

Rodrigues de Faria como seja
 Hospitaleiro e bom, o bom Faria
 —Propõe-nos um passeio, pois deseja
 Mostrar-nos a formosa freguesia,
 Seus campos, seus caminhos, sua igreja.
 Fomos, gozando a sua companhia...
 E, depois dum passeio de bom gosto,
 Regressamos a casa era sol posto.

XVI

*E enquanto o astro-rei lá no poente
 Se remira no mar, imenso espelho,
 Semelhando de fogo enorme lente,
 Prato descomunal de cobre velho,
 Enquanto o astro-rei, suavemente,
 Pinta o cume dos montes de vermelho,
 Ouvimos do Faria esta proposta :
 «Senhor's, vamos comer ; 'stá a mesa posta.»*

XVII

*De Rossini e Gounod as harmonias,
 De Verdi e de Mozart composições,
 De Chopin as famosas elegias,
 De Bethoven as belas produções,
 Não trariam tão gratas alegrias
 Aos nossos ansiados corações,
 Como nos trouxe em sua singeleza
 Esta frase vulgar : — «Vamos p'ra a mesa.»*

XVIII

*Suculento repasto deste Minho,
 De sopa, arroz e frangas com fartura,
 Com grandes cangirões de rubro vinho,
 Com um belo cavaco de mistura,
 Foi paga exuberante do caminho
 Que andamos nesse dia de ventura.
 Depois de rir, falar, comer com gana,
 Regressamos no trem até Viana.*

XIX

*Transpusemos o Letes... E a memória
 Nunca se esquecerá daquele dia
 Em que teve o prazer esta vitória :
 Vencer o tédio aos golpes da alegria.
 Em verso coxo eu canto a linda história,
 A história do visita ao bom Faria.
 Se soubesse Camões que verso escolho
 Cegava com certeza do outro olho.*

XX

*Perdoa esta ousadia, ó Vate Augusto !
 Dos poetas mestre e rei incontestado !
 Parodiar-te é um crime... e eu tenho susto
 De tantos versos maus ter perpetrado...
 Não os oiças, Camões, nem mesmo em busto,
 Perdoa ao poetastro, pois, coitado !
 Agradável quer ser à gente amiga :
 E, se a amizade é lei, o amor obriga.*

XXI

*Tivesse eu, como tu, astro brilhante,
 Tivesse o génio teu, rei dos poetas,
 Para cantar em verso alti-sonante
 As almas puras, consciências rectas...
 O Brasil eu cantava, a terra amante
 Que d'amor e saber põe as facetas
 Nas pequeninas joias — nas crianças —
 Que daqui vão como andorinhas mansas ;*

XXII

*E que voltam depois num amor terno
 À pátria, à terra pátria estremecida,
 Buscar descanso ao ninho seu paterno,
 Por momentos deixar lutas da vida,
 Recordar, quando a vida é já inverno,
 Os tempos infantis — quadra querida —
 Que buscam, finalmente, a f'licidade
 No prazer agri-doce da saudade.*

XXIII

*Não posso ! Mas exprimo este desejo
 De cantar, terra irmã, tua beleza ;
 Fica sabendo ao menos quanto almejo
 Teu progresso real, tua grandeza.
 Brasil e Portugal ! que um doce beijo
 Nos dê do vosso amor esta certeza.*

*É poema o que aí fica ? Não é, não !
 Mas poemas há também no coração !*

BOM JESUS!

CÔRO

*Bom Jesus, sol d'amor, fonte d'esp'ranças
 Bom Jesus, de Barcelos protector,
 Bom Jesus, terno amigo das crianças,
 Sois para nós o mais santo e puro amor.*

VOZ

*Vossa Cruz foi o lábaro bendito
 Dos heróis que lutaram contra o mal ;
 O pendão que tornou livre e invicto
 Nosso amado e querido Portugal.*

CÔRO

*Foi farol que guiou os portugueses
 Pelo mar nunca dantes navegado
 Talismã que evitou muitas reveses,
 Que salvou nossas naus do mar irado.*

*Outr'ora em suas naus, em altos mastros
 Essa Cruz ostentava Portugal.
 Hoje mais alto a leva
 Quiz levá-la mais alto — até aos astros,
 Por dois heróis — Coutinho e Cabral.*

*Os mundos ficaram assombrados
 Ao verem o que nunca tinham visto :
 Dois heróis portugueses arrojados,
 Levando pelo espaço a Cruz de Cristo !*

*E nós ao ver brilhar esse pendão,
 A' luz do sol essa bendita Cruz
 De joelhos por terra, em oração,
 Louvores mil te damos, Bom Jesus.*

*As orações que sobem 'té aos céus
 São ovações de glória triunfal
 E preces são também a Vós, ó Deus
 Por nossa Pátria querida — Portugal.*

VINTE ANOS...

*A Primavera ! que linda !
Oh ! que suavidade infinda
No canto do rouxinol !
Como são belas as flores,
Como tudo canta amores
A' luz bendita do Sol !*

*Não há quadra mais formosa !...
Tem os encantos da rosa,
Os arroubos da poesia.
Parece que a Natureza
Baniu p'ra sempre a tristeza
P'ra reinar só a Alegria.*

*Também das quadras da vida
A que nos é mais querida,
Pois nos dá sonhos, enganos,
Ilusões da mocidade,
E' aquela linda idade :
A idade dos Vinte Anos.*

*Quem tiver a felicidade
De ainda estar nessa idade
Pode dizer num requinte
De ventura e d'alegria :
— «Sou feliz, pois neste dia
Graças a Deus, dei no vinte !»*

*Ouve, Maria do Céu,
Atende o conselho meu :
Deixa-te estar neste dia ;
Para ficares nos vinte anos
Faz esforços sobre humanos
Não faças anos, Maria.*

*Podes fazer vinte e meio
Pois assim não há receio
Que envelheçam as mulheres.
Se os anos forem àvante,
Com uma faca, num instante,
Partes por onde quiseres...*

*Ai de mim ! 'stou a brincar,
Com vontade de chorar
Torturado o coração,
Ao lembrar com saudade
Os sonhos da mocidade,
Os tempos que já lá vão.*

*Olha, Maria, caminha !
Oxalá sejas velhinha,
E' este o desejo meu !
A velhice só aterra
Quem for Maria da terra . . .
Tu és Maria do Céu.*

*Qu'rias versos ? ai os tens.
Exprimem os parabéns,
Os votos meus neste dia.
O que minh' alma deseja
E' que o bom Deus te proteja :
Faz muitos anos, Maria !*

UMA CARTA

*Meu Papá :
 'Stou consumida !
 Veja isto, faça ideia :
 Fui dada à luz desta vida
 No quarto duma... cadeia !*

*E p'ra sair cá p'ra fora,
 Que sofrimento, que dor !
 Oh ! que horrivel quarto d' hora
 Nos deu o bom do Doutor !*

*O' Papá, foi uma bucha,
 Que até nem quero lembrar :
 O Doutor puxa que puxa
 E eu lá de dentro a chorar.*

*A Mamã causava pena
 Só diria, coitadinha !
 Não magoem a pequena,
 Salvem a minha filhinha.*

*Que grandes gritos, que berros,
 Eu dava e mais a Mãezinha
 Ao sentir aqueles ferros
 A apertar-me a cabecinha !*

*Depois sai, Deus louvado !
 Bem ou mal, eu aqui estou,
 E lá fui ao baptizado
 Que hoje se realizou.*

*Digo-lhe que o tal padreca
 Que me fez a alma cristã
 E' levadinho da breca
 Quer ouvir ? pois oiça lá :*

*Poz-me cuspo nos ouvidos
 Na boquinha e no nariz
 E' dos maiores atrevidos
 O primo Padre Roriz.*

*E deu-me sal a provar,
Deitou-me água na moleira..
E' um modo de baptizar
Que parece brincadeira...*

*Ao perguntar em latim :
Abrenuntias Belsebut ?
Não pude ter mão em mim
E pespeguei-lhe com um pú.*

*Diz o primo : Que fizeste ?
Essa coisa não se faz.
Respondi-lhe : Foi só este,
E foi para Satanaz.*

*Mas chorei, ao vir embora,
Lágrimas de puro amor
Quando o padre disse : Agora
Vai na graça do Senhor.*

*Parecia que do Céu vinha,
Como celeste maná,
Muito amor para a Mãezinha
Muito affecto para o Papá.*

*Era maná que caía
Das alturas lá do Céu
E que há-de ser a alegria
Dos bons pais que Deus me deu.*

*Era a graça do Senhor
Que pelos anos além
Me há-de inspirar o amor
A meu pai e minha mãe !*

*Agora quero pedir
Um grandissimo favor,
E' que nos mande partir,
Quanto mais cedo melhor.*

*Por aqui não se setá mal
Há bom vinho e pão de ló,
Rabanadas no Natal
Feitas pela mão da Avó.*

*O meu querido Avozinho
Perscruta nossos desejos
E' todo amor e carinho
A mim enche-me de beijos.*

*As tias são muito amigas,
A todas muito lhes quero,
E acho graça às partidas
Dos tios Pedro e Severo ;*

*Mas faz aqui tanto frio !
Falta-nos o céu d'anil.
Venha depressa o navio
Que nos leve p'ra o Brasil.*

*A Penha é cousa bonita,
Tem, certamente, beleza,
Mas não é bem mais catita
A Tijuca ou Santa Tereza ?*

*Aquela bela eminência
O monte aqui tão amado
Tem acaso a imponência
Do morro do Corcovado ?*

*E o Toural afamado,
Que é aqui a praça maior
Poderá ser comparado
A' rua do Ouvidor ?*

*E o Serralho ! Que espiga !
Poderá-se comparar
A essa bela Avenida
Que se estende à beira-mar ?*

*Rio de Santa Luzia,
Que mais parece um lameiro,
Quem o compara à baía
Desse Rio de Janeiro ?*

*Eu bem sei que aqui há sol,
Há jardins e lindas flores !
Há cantos de rouxinol !
Afectos, puros amores.*

*Mas nesse lindo Brasil
Há o canto do Sabiá ;
'Stá aí o amor gentil
Do meu querido Papá.*

*Há gente aqui muito boa,
Mas há outra que é o demónio...
Veja lá como em Lisboa
Deram a morte ao Sidónio.*

*Aí é outro cantar,
Vive-se doutra maneira :
Passa-se a vida a gozar
A' sombra di a bananeira.*

*Por aqui, aí qui cacête,
Há torturas do bolviche,
Aí sua-se o topête
Nos requebros do maxixe.*

*Nem em Pundaminhangaba
Ou Jacaré Paguá
Há gente tão depravada
Como esta gente de cá.*

*Foi esta a terra do fado,
E da guitarrada harmónica
Hoje é a terra do atentado,
A Pátria da pneumónica.*

*O' Papá, ouço contar
Que andam aí as bexigas ?
Trate de se vacinar
P'ra não ter essas amigas...*

*Há pretas, brancas e loucas...
Papá, não se fie em tretas...
Cautelas todas são poucas...
Cautelinha com as... pretas !...*

*Papá : não se comprometa
Cautela com tais amigas...
Não queira nenhuma preta
('Stou falando das bexigas...)*

*Meu Papá, vou terminar
Esta carta tão comprida,
Pedindo a Deus p'ra lhe dar
Mil venturas nesta vida.*

*Estamos cá todos ufanos
Sabe porquê, meu Papá ?
Porque é hoje dia d'anos
Da minha santa Mamã.*

*Deus a faça venturosa !
Eu amo-a como a ninguém !
Minha amiga carinhosa !
Minha boa e santa Mãe !*

*Mil beijos repenicados,
Mil afectos, mil carinhos,
Mando aos tios dedicados,
Aos meus queridos padrinhos.*

*Perdoe, se esta maçada
Tem por aí algum deslize...
Sua filha delicada
Maria Isabel Guise.*

*A mocidade canta em ondas d'harmonia
voando pelo espaço em fortes vibrações,
a grandeza sem par desse famoso dia
que trouxe alma, prazer aos nossos corações.*

*Dormia Guimarães, lembrando o seu passado,
banhando-se na luz do sol na sua glória :
Mas um dia acordou e disse em tom magoado :
— « Parece-me escutar anátemas da História ;*

*Da História que me deu igrejas e castelos,
santos, sábios, heróis, varões assinalados ;
que via realizar meus sonhos, meus anelos
pelo brio e valor de filhos muito amados ;*

*E que agora me diz com sua voz potente :
— « Se a sorte não quer's ter daquele que define
na vã ociosidade e a tudo indiferente
escuta a minha voz : Levanta-te e caminha » !*

*E a velha Guimarães sentindo um sangue novo
a dar-lhe força e vida ao nobre coração,
levanta-se e caminha honrado o nobre povo
p'ra a Festa do Trabalho, a grande Exposição.*

*E Portugal inteiro entrou numa romagem
d'aplauso e de louvor e justos parabéns
de carinho e d'amor e de justa homenagem
à nossa terra amada, à nossa Guimarães.*

*Também nós por dever curvamos nossas almas
num gesto de louvor, de affecto e gratidão,
bradando saudações, com vivas e com palmas
a quem realizou a grande exposição !*

*Caminha, Guimarães, na estrada luminosa
da honra e do trabalho, os teus braços de glória ;
teus prados e jardins tornaram-te formosa
proclamam-te a nobreza as páginas da História.*

*Por isso os filhos teus que timbram em te amar
vêm trazer-te hoje aqui louvor's e parabéns ;
e amena mocidade a rir e a cantar
saúda-te com alma — óh ! Viva Guimarães.*

CRÓNICAS

*Quando eu fui bispo de Fafe,
Lamentava o meu fadário ;
«Senhor, por mais que eu me estafe,
Não encontro um secretário !*

*Levo agora muito a mal
Este caso extraordinário :
Vem um capelão real
E tem logo um secretário.»*

*E o Senhor disse : «Coitados
Dos Fafenses, porque vão
Morrer todos afogados
No Lima e mais no Jordão.»*

*Fiquei com pena ! Coitados !
Como é triste a sua sina !
Pois vão morrer afogados
Em dois rios de... albumina.*

*Cautela, Lima, cautela !
Ouve, atende os meus conselhos :
Não te metas na vitela,
Nem vás lá sujar espelhos...*

*Em Fafe, na Ateleuia,
Dareis beleza ao conjunto
Com careca luzidia,
Cachaço cor de presunto.*

*Jordão e Lima ! Que achado,
O' Guimarães, que ventura !
Tu vais ser representado,
Pela fome e p'la fartura.*

*Fui consultar um oráculo
E segredou que me safe,
Que te passe a mitra e o báculo
Do meu bispado de Fafe.*

*Dou-te, pois, jurisdições
Em diocese tamanha
Que principia em Arões
Até à ponte da Rainha.*

*E se essa tua ambição
Contente ainda não fica,
Eu dou-te jurisdição
Até ao alto da Pica.*

*Bispo de Fafe fiel
Dom Francisco, sê feliz !
Beija o teu sacro anel
Gaspar da Costa Roriz.*

*Oh ! que manhã d'amargura !
Como eu estava arreliado !
Água havia e com fartura ;
Mas sabão... nem um bocado.*

*As mãos sujas de baton ;
Unhas tintas de carmim ;
E eu não tinha sabão !...
Que havia de ser de mim ?*

*Uma ideia genial
Surgiu em mim : ora vêde :
«Não há sabão ? não faz mal»,
Limpei as mãos à parede...*

*Ai, fartei-me de esfregar
Mãos e dedos !... Mas, em suma,
Não me podia lavar :
A pedra não dava espuma...*

*Por pouco que não desmaio
Com tamanha aflição...
Lembrei-me então do Sampaio :
Esse, sim, tinha sabão...*

*Hoje, se de casa saio
O sabão comigo trago
Pois não me chamo Sampaio,
Nem me chamo... Sântiago.*

*Meninas, olhai p'ra mim,
Esta desventura vêde :
Se caídes numa assim,
Limpai as mãos à parede...*

*Pobre pomba ! Receiosa,
Pede-te, Guida, um favor...
Tu és a dama formosa ;
A pomba é o meu amor...*

*Naquela luz esquisita
Duma aurora singular,
Uma saudade palpita
Da liberdade de... amar.*

*Zangaste-te... Ela com o susto
Por pouco perdia a fala ;
Mas tu, embora com custo
Principias-te a afagá-la.*

*A pomba, ao ver-se afagada,
Manifestou-te um desejo,
Dizendo assim : «Minha amada,
Oh ! por favor dá-me um beijo».*

*E tu disseste : «Doidinha,
Como te atreves a tanto ?
Está p'ra aí quietinha,
Minha pomba, meu encanto !...»*

*E, sempre triste, esta cor
De bela suavidade,
Parece a lua do Amor,
Em noites de saudade.*

*O teu olhar tão bonito
O que procura, criança ?
«'Stou a ver no infinito
A estrela da esperança !»*

*Que extraordinária luz
Envolve aquele olhar terno ?
Que pesadelo !... Jesus !
Parece-me a luz do inferno.*

*A pomba parecia louca...
E tu, vendo a sua dor,
Chegaste o biquinho à boca,
Deste-lhe um beijo d'amor.*

*Ao sentir dos lábios teus
As carícias, o calor,
Pareceu-lhe subir aos céus :
Teve um delíquio de amor.*

*Pobre pomba, branca e pura,
Doidinha, p'ra onde vais?
Os teus sonhos de ventura
São sonhos e... nada mais!*

*Que estranha transformação!
Hoje é outra a claridade:
O vermelho — amor, paixão;
O lilaz é a saudade.*

*Naqueles olhos formosos
Há lampejos dum sorriso...
Parecem segredar gosos,
Venturas do paraizo.*

FESTAS NICOLINAS DE 1920

DANÇAS

APRESENTAÇÃO

Feita pelo j6vem acad6mico Jaime de Sampaio

Tenho a honra, Senhores, de vos apresentar
As t6o tradicionais *Danças dos Estudantes*,
E se esta brincadeira n6o vos agradar
Ficaremos, tal qual, amigos como dantes...

O autor, que eu n6o conheço e nem importa ao caso,
Numa hora qualquer das suas ilus6es,
P6s-se a fantasiar e lembrou-se, ao acaso,
Da t6o apregoada *Liga das Nações*.

Foi um sonho, afinal, que teve a Humanidade,
Mas um sonho que enchia a nossa alma nova ;
E como um sonho nunca atinge a realidade,
Parece-me que j6 lhe fizeram a cova...

Morta ou viva... ai 'st6 como a lira do poeta
A soube interpretar, talvez que por chalaça ;
E se ainda julgais que isto 6 tudo peta,
Podeis ver, que hoje a festa 6 bonita e... *de graça !...*

==== A Liga das Nações ====

CORO

1
*Viva Wilson, o grande Presidente !
Assim bradam, em coro, as multid6es.
Acabaram-se os 6dios finalmente,
Com a Liga das Nações.*

*Nunca mais, desde aqui para o futuro,
Haver6 uma 6nica guerra ;
Fique tudo bem seguro
De que reina a paz na terra.*

*Salvè ! salvè Wilson !
Grande Presidente !
Reina a Paz no mundo
Entre toda a gente.
Calem-se os canhões,
E as metralhadoras...
Vivam as Nações
Civilizadoras...*

'2

SOLO

*Tanto scolpir de fucil,
Siempre il tonar del cagnoni,
Vou-me passar ao civil,
P'ra casa vou manjar macarroni...*

CORO

*Muito juntinhas, assim,
Bailemos sempre ao redor,
Chega-te cá para mim
O' meu amor...*

SOLO

*Je suis une cocotte
J'aime l'orgie et le cancan,
Se te dou um piparote,
Oh mon amour, dás um trambolhão.*

CORO

Muito juntinhas, etc.

SOLO

*Portugal, ó minha terra,
Terra formosa e abençoada,
Já não és da Inglaterra
A mais antiga e nobre Aliada.*

CORO

Muito juntinhas, etc.

SOLO

Oh yes, very good !
All righth, all righth, very fine !
Fazer muito bem saúde
Beber garrafinhas Porto-Wine.

CORO

Muito juntinhas, etc.

SOLO

Quem quiser charuto Havana
Podi fumar que não lhe faz tosse,
E quem não comi banana,
Não provou nunca coisinha doce...

CORO

Muito juntinhas, etc.

SOLO

Viva la Andalucia
Terra querida de mis namoros,
Del salero e alegria
Quando me voy hasta los toros.

CORO

Muito juntinhas, etc.

3

DUETO

Nós somos os Novos ricos,
Ganhamos muito cacau,
A negociar nuns bicos
E no belo bacalhau.

CORO

Que lindo par aquele !
Parecem mesmo uns novinhos
Na lua de mel...

DUETO

*Andamos a viajar,
Que o dinheiro não se poupa,
Queremos ver e gosar
As cidades da Europa.*

CORO

Que lindo par aquele ! etc.

DUETO

*Agora mesmo chegamos
De Paris em oito e nove,
Oh que belos panoramos
Quando à torre Infel se sobe...*

CORO

Que lindo par aquele ! etc.

SOLO

*Que beleza de mulheres
Pregadas com alfinetes !
Aquilo é quantas quiseses
Das tais chamadas croquetes...*

CORO

Que lindo par aquele ! etc.

SOLO

*Oh Paris que coisa bela !
Pátria de Napoleão !
Que linda cidade aquela !
Très bien, merci, pardon...*

CORO

Que lindo par aquele ! etc.

4

CORO

*Oh mocidade,
Tempo risonho
Que a realidade
Parece um sonho!*

*Vida fagueira
E venturosa,
Voando ligeira
Qual mariposa!*

*Ai quem nos dera,
Já na velhice,
Que a Primavera
Ainda sorrisse!*

*Tempo risonho
Da mocidade,
E, como um sonho,
Deixa saudade...*

*Horas ligeiras andai mais devagarinho,
P'ra eu colher os amores pelo caminho,
Os amores pelo caminho...*

5

SOLO

*Guitarra, só os meus dedos
Te dizem a todo o instante
Os misteriosos segredos
Da vida dum estudante.*

CORO

*Toda a ciência do mundo
Já há muito a sei de cór,
Aprendi-a, num segundo,
Nos lábios do meu amor...*

SOLO

*A minha alma, coitada,
Não tendo onde se acoite,
Anda até de madrugada
A soluçar toda a noite.*

CORO

Toda a ciência, etc.

SOLO

*Cai a noite, vem o dia,
Nasce o sol, rompe o luar,
Só ao meu peito a alegria
Não é capaz de chegar !*

CORO

Toda a ciência, etc.

SOLO

*Qual será de vós, Senhoras,
A minha noiva querida,
Por quem tu, guitarra, choras
Na tua voz dolorida ?!*

CORO

Toda a ciência, etc.

CORO

*Lindas Nações
Vamos embora,
Chegou a hora
Da despedida ;
Já nada resta
Das ilusões
Da nossa festa
Tão divertida.*

*Muito juntinhas
De braços dados,
Quais namorados
A conversar ;
Alegre bando
De andorinhas
Que andam voando,
Sem descansar...*

*Vamos embora
Rindo e cantando,
Sempre folgando,
Lindas Nações !
Finde a alegria,
Sem mais demora,
Desta folia
Dos corações !*

BANDO ESCOLÁSTICO

(1924)

*Eu venho anunciar a Guimarães e ao mundo,
a rufos de tambor, em versos sublimados,
a aurora mais formosa, o dia mais jocundo
que surge em toda a terra! Eu sei, por meus pecados,
que a terra não merece o nosso festival.
Nós somos Mocidade e a Mocidade é Amor,
Franqueza e Expansão. A terra é o lodaçal
de lama e sangue. Oh! sim! em ódio, em rancor,
debatem-se as nações. Um negro espectro — a Guerra —,
que os povos mergulhou em dor, em luto eterno,
passou qual maldição a transformar a terra
e o mundo ficou sendo um báratro, um inferno.
E neste inferno imenso, em que nos debatemos,
num mal-estar geral, numa situação crítica,
demónios há aos mil!... Mas o pior dos dêmos
é, como vós sabeis, o dêmo da Política...
O' génio de Bordalo, Artista criador
de tipos nacionais! Talvez fosses à força,
mas tu dirias sempre: — «A Porca está maior,
a Porca está mais suja, a Porca está mais porca».*

*Senhoras, perdoai! A festa é de alegria
e tem a limpidez do vosso meigo olhar!
Eu não falarei mais naquela porcaria...
Senhoras, perdoai!... Eu quero-me lavar...
Mas onde existe a fonte, a límpida corrente,
que para me lavar a água em si contenha?
Criadas de servir, dizei, dizei à gente,
se porventura já secou a nossa Penha...
Eu vejo-vos em bicha ao pé dos fontenários;
se um incêndio voraz aqui nos aparecer,
não valerão de nada os nossos Voluntários;
ai míseros de nós — teremos de morrer!...
E Guimarães será destroços e ruínas:
destroços a granel, ruínas em montão!...
Sumiram-se na terra as águas cristalinas?
Rompeu-se, por acaso, a canalização?*

*Ou houve alguém que fez, na terra do bom vinho,
da água — oh ! que horror ! — da água monopólio ?
Há açambarcador ? E's tu, Banco do Minho ?
que nos levas a água e as minas de petróleo ?
O petróleo, oh ! sim !... e não bastava isto :
no cofre forte achaste — oh ! grande, imensa sorte —
do petróleo ao pé a água que, pelo visto,
não é água vulgar, mas antes... água forte...*

*Querem levar-nos tudo !... Avaros e fôrretas,
nem poupam o Liceu... Que negra e triste vida !
Tiraram-nos o sexto e o sétimo de letras :
ficamos com um liceu de via reduzida...
Só sábios temos, pois : 'studantes, professores,
sábios somos, oh ! sim ! altas cerebrações.
Mas poetas não há, não temos oradores !...
Ai, pátria de Vieira, ai, pátria de Camões !
Ai, velha Guimarães, famoso burgo antigo !
chamaram-te Araduca as gerações passadas,
mas hoje, Guimarães, quero chorar contigo :
as letras que tu tens são letras... protestadas...*

*Também vou protestar, com alma e com calor,
— Magriço a combater por vós, lindas meninas —
contra a proibição que fez um tal reitor,
que não vos deixa usar as capas e as batinas.
Senhor reitor, cautela ! Escute, não se esqueça
de que não há no mundo um traje mais galante
do que este gorro negro em cima da cabeça,
do que a batina preta e a capa do estudante !
Recorde o Mondego e as águas murmurantes,
os cisnes a cantar na linda Lusa Atenas.
Recorde as gerações de belos estudantes,
cantando o seu prazer, chorando as suas penas :
João Penha, epicurista, entoando odes, hinos,
ao peixe da Camêla ; Antero, o sempre triste ;
Junqueiro, o modelar autor de alexandrinos ;
João de Deus, cantando o que de belo existe
na Natureza imensa !...*

*O' principes das letras,
o que é que fez brilhar o genial talento
das vossas produções? As vossas capas pretas,
bandeiras juvenis a flutuar ao vento?...*

*Mestres sem coração que lá, na Lisbia amada,
fizestes irritar os nossos companheiros,
contra a donzela que é tão fraca e delicada
feroz vos amostrais, ó lobos carniceiros?!
Talvez queirais, talvez — oh! negra e triste sina! —
que elas a tiritar passem pelas ruas
sem este gorro, sem a capa, sem batina,
obedecendo à Moda — à Moda que as traz nuas?!*

*Alunas do Liceu, ó Mocidade em flor
que conosco viveis a estudar e a sorrir,
não obedeçais, não, da Lisbia ao tal reitor:
alunas do Liceu, oh! ide-vos vestir...
Deixai a saia curta e os braços desnudados,
deixai o pó d'arroz e o rubro do carmim,
oh! não queirais, oh! não, vestidos decotados...
Quereis um figurino? Olhai, olhai para mim:
batina a negrejar no meu peitilho branco,
a capa a flutuar ao vento da Ilusão,
nos lábios um sorriso, este sorriso franco,
que nasce puro e santo em nosso coração.*

*Assim, de grande gala, eu venho a saudar
as Damas tão gentis da nossa linda terra.
Senhoras que volveis o vosso meigo olhar
p'ra a nossa Mocidade! o nosso peito encerra
cofres de puro amor — os nossos corações!
Senhoras, não sou mais que um simples estudante,
mas se me fora dado o estro de Camões,
ou o estro genial que imortalizou Dante,
Natércias da Saudade, ó Beatriz, Amores,
ó Musas da poesia, ó formosura ideal,
hávamos de ser os vossos trovadores,
cantando o vosso amor, Mulher's de Portugal!*

*Aquele amor que deu às páginas da História
os nomes imortais, fulgor's de eternos brilhos,
da Rainha Isabel de tão grata memória,
Filipa de Vilhena a consagrar os filhos
da Pátria no altar !*

Mulheres Portuguesas !

*O' nossas santas Mães ! O' nosso puro amor !
rosários desfiai, que as vossas santas rezas
nos podem dar ainda um Portugal maior !*

*E vós, ó juventude, ó linda Mocidade,
donzelas que sorris sorrisos de ventura,
que tendes nesse olhar espelhos de bondade,
que tendes em vossa alma escrínios de ternura ;
formosas que fazeis da terra um paraizo,
estrelas que brilhais no céu do nosso amor,
não deixeis de nos dar, ó belas, um sorriso ;
em troca da maçã queremos uma flor :
a flor do vosso afecto, aquele afecto puro
que faz realçar tanto a vossa Mocidade !
Havemos de a guardar em cofre bem seguro,
havemos de a regar com pranto da Saudade !*

*Amigos, atendei : deveis correr a pau
o que sem santo e senha entrar no festival !
O Santo, já sabeis, o Santo é Nicolau,
a senha pode ser a... cédula pessoal...
Galharda Mocidade, ó forte geração,
dos bombos arrancai um som cavo e profundo,
que pareça o ribombo imenso dum trovão
a estremecer o céu, a terra, o mar e o mundo !
Que vá anunciar ao longe, ao mundo inteiro,
num eco atroador, imenso, altissonante,
que a árvore mais linda é a nossa — é o pinheiro —
que quem reina no mundo é sempre o ESTUDANTE !*

*Boas tardes, nobres damas
o velhote inda cá está ;
li das festas o programa,
resolvi vir até cá.*

*Vesti fato domingueiro,
colarinhos engomados
para vir ver o pinheiro
recordar tempos passados.*

*Ao sair esta manhã
a mulher, que é das mais finas,
disse assim : Tanta maçã !
Isso é tudo p'rás meninas ?*

*Para que são tantas flores
ai ! homem, que me amufinas ?
São talvez para os teus amores !
' Ai ! é tudo p'rás meninas !*

*A velhota tem peneira
e os novelos dos avós
adivinhou (feiticeira)
isto é tudo só para vós.*

OS REIS

*Fomos guiados
por uma formosa estrela,
que nos trouxe direitinhos
à casa de Compostela.* } Bis

VOZ

*O' cantadores
dizei-nos o que quereis ?*

CORO

*Nós vimos aqui cantar
a festa dos Santos Reis.*

VOZ

*Cantai, cantai,
em transportes d'alegria
esse mistério d'amor
a festa da Epifania.*

CORO

*Viva Jesus,
nosso Deus e nosso amor,
nosso mestre e nosso guia,
nosso Pai e Redentor.*

CORO

Fomos guiados, etc.

VOZ

*Cantai hossanas
ao altissimo na altura
na terra cantai, cantai
aos homens paz e ventura.*

CORO

*Sim, glória a Deus
ao divino Salvador,
que trouxe do Céu à terra
a ventura, a paz, o amor.*

CORO

Fomos guiados, etc.

VOZ

*O Monsenhor
vimos hoje saudar ;
na festa do Redentor
tem o primeiro lugar.*

CORO

*Ora viva, viva
Monsenhor Torres Carneiro,
que nas festas da familia
'stá alegre e presenteiro.*

CORO

Fomos guiados, etc.

VOZ

*Cantai bem alto,
gritai bem, gritai sem medo :
viva cheio de venturas
o nosso senhor Alfredo.*

CORO

*Senhor Alfredo
alto cantamos, oh ! sim
pedindo a Deus lhe dê
venturas, gosos sem fim.*

CORO

Fomos guiados, etc.

VOZ

*O Doutor Alves
e a Dona Carolina
saudemos neste dia
pois vão dar-nos papa fina.*

CORO

*O dôce fino
feito de tantas maneiras
faz julgar que Compostela
é um convento de freiras.*

CORO

Fomos guiados, etc.

VOZ

*A Leopoldina,
a Idalina e a Maria
não podemos esquecer
no festival d'este dia.*

CORO

*E o Virgilio
tambem tem sua parcela
nos vivas que vimos dar
à gente de Compostela.*

OS REISEIROS DE REQUIÃO

PERSONAGENS: — Virgílio, Armindo, Joaquim (lavradores).

TODOS (entrando e tirando o chapéu):

Ora o Senhor lhes dê boas noites!

ARMINDO:

Vossorias dão licença de cantar os Reis?

JOAQUIM:

Já se vê que dão. Quem cala consente.

VIRGÍLIO para ARMINDO:

Bota tu.

ARMINDO para JOAQUIM:

Bota tu.

JOAQUIM:

*Pelo bispo somos três botas. O Virgílio é quem deve botar.
(para Virgílio) Bergílio, bota.*

VIRGÍLIO

Vá lá:

*Esta primeira cantiga
pode chamar-se o exordio
consagrado ao Alexandre
que hoje cortou o nó górdio.*

*Tem cá vindo poucas vezes
à festa de Compostela
mas resolveu com a esposa
vir hoje cá e mais ela.*

*Por isso nós satisfeitos
gritemos com alegria:
sêde benvindos, tripeiros!
viva o Tio a mais a Tia!*

*Nós fomos hoje a Madrid
pedir ao Marquês d'Estella
p'ra elevar o sôr Alfredo
a Barão de Compostela.*

*O Doutor Francisco Alves
que tenha festas felizes
sem comichões mansipais
sem doença de varizes.*

*A's Senhoras desta casa
não há ninguém que não peça
que nunca saiam à rua
sem o chapéu na cabeça.*

*Ao querido Monsenhor
nós n'um arranco profundo
vimos pedir por favor
que vá dar a volta ao mundo !*

*A' irmã Dona Maria
vimos pedir com carinho
d'usar d'aqui por diante
o cabelo à Joãozinho.*

*E às senhoras Machados,
Mãe e filhas, já se vê,
se pintem hoje e sempre
com carmim e gesso cré.*

*Aos amigos da Ribeira,
ao Padre, doutor e aos mais
pedimos que não falem
cá nos nossos festivais.*

*E que não falte também
pois seria enorme perda
com sua boa laracha
o nosso amigo Lacerda.*

*Dias Costa não nos falte !
 nós queremos-lhe tão bem
 que p'ra vir à nossa festa
 vamos dar-lhe um Citroen.*

*Aos de Pidre se eu pudesse
 consagrava-lhes uma Eneida
 porque nunca faltam cá,
 pois têm alma até Almeida.*

*Tambem cá temos o Ciriaco
 que vem sorrindo e cambando,
 mas sempre a ver se vasculha
 nesta casa contrabando.*

*E faz ele muito bem
 é um chefe d'uma cana
 pois tem um olho n'alfândega
 e tem outro na aduana.*

*Ao Padre de São Martinho
 vou-lhe pôr a careca ao sol ;
 canta coisas tão bonitas
 que parece um rouxinol.*

*O nosso Padre Bernardo
 como ministro de Jesus
 é o maior caçador
 de S. Tiago da Cruz.*

*O Arnaldo Guimarães
 também hoje quis cá vir ;
 foi à caça dos coelhos
 que desataram a rir.*

*Acabaram-se as cantigas
 pobres, humildes, modestas ;
 esta agora é a melhor ;
 Boas festas ! Boas festas !*

1907

*Vimos dar as espedidas
mas eu tenho muito medo
de as dar aqui de noite
'stando cá o sêr Alfredo.*

*Vou pedir ao João Franco
uma cousa muito bela,
que faça do Alfredinho
o Barão de Compostela.*

*Vila Nova está zangada?
tens muito ódio e rancor?
tenho ódio à Carolina,
roubou-me o Conservador.*

*Alexandre se não fosse
um português - brasileiro
havia de ser por certo
afamado fogueteiro.*

*E os sobrinhos diriam:
este é o melhor dos tios,
faz lindo fogo de lágrimas,
de estalo e três assobios.*

*Senhora Dona Idalina
há-de ser muito feliz,
por nascer na linda terra
da banana e abacaxis.*

*A terra tão linda é
que o preto boçal e nú
dança o catareteté,
e foge à surucúcú.*

*A Zizi, linda menina
tem a máxima das telhas
gosta muito de poesias
e também de cousas velhas.*

*A Néné é tão pequena
e gosta já de galinhas
passa a vida a vasculhar
as panelas das cozinhas.*

*O Dr. Francisco Alves
nunca cá devia vir,
quando vai co'os cães à caça
os coelhos põe-se a rir.*

*Eu queria ter aqui
bandeira branca e azul
p'ra com ela saudar
D. América do Sul.*

*Senhora Dona Maria
seu proceder não é mau
mas a sua melhor acção
foi casar c'o Nicolau.*

*Senhora Dona Idalina
foi a juiza da festa
e sabeis porque o foi?
por ter o sinal na testa.*

*Alfredo Torres Carneiro
nesta festa de alegria
é dos nomes o primeiro
que inspira a nossa poesia.*

*Nós vimos prestar-lhe o preito
sincero, leal, correcto
do nosso muito respeito
do nosso sentido affecto.*

*A' sua irmã Carolina
nós saudamos também
por ser a expressão mais fina
de irmã, d'esposa e mãe.*

*A' sua irmã Idalina
nunca a doença lhe impeça
mas precisa trazer sempre
o seu chapéu na cabeça.*

*O Doutor Francisco Alves,
com seu ar patriarcal,
deve ser o officiante
n'este grande festival.*

*Ao querido Monsenhor
nós queremos neste instante
dar um título bem melhor,
— é o nosso judeu errante !*

*Este ano foi aos Açores :
nós gritamos cá do fundo :
viva o rei dos Mosenhores
que vai dando a volta ao mundo !*

*A' irmã Dona Maria
nós damos os nossos emboras
por usar tranças cumpridas
como usam as senhoras.*

*E às Senhoras Machados
boas, ternas, dedicadas
saudamos por não terem
as suas caras pintadas.*

*Desenganem-se as senhoras
(e ninguém leve isto a mal)
não há nada comparável
à pintura natural.*

*O nosso Padre Bernardo,
que foi grande caçador,
hoje trata de caçar
muitas almas p'ó Senhor.*

*Mas, não erre a pontaria...
pois é coisa que amofina
em vez de falar nas setas
dar os vivas à... Cristina.*

*Viva o velho Manuel Alves,
que nunca falta à função:
viva o Almeida do Pidre
e toda a sua geração.*

*Viva o nosso bom Abade
que depois de dizer missa
vai à caça dos coelhos
com que faz boa chouriça.*

*Mas cautela c'ó intendente,
que é homem de grande aprumo,
pois que pode declará-las
como impróprias p'ró consumo.*

*Vimos dar as espedidas
neste grande festival,
viva a gente d'esta casa!
Vivam todos em geral.*

SOLO

*Lá no céu brilham estrelas
que do céu são a poesia
cá na terra há horas belas
de prazer e d'alegria.*

*Semelhante à Estrela d'Alva
que nos surge no oriente
vem um velho já com calva
ofertar-vos um presente.*

CORO

*Of'rece, pois, teu presente
prenda rica, prenda bela,
que consola toda a gente
da casa de Compostela.*

CORO DOS REIS

*Vamos nós continuar
a festa a brincar e a rir
brincando vimos saudar,
saudando vimos sorrir.*

REI GASPAR

*Eu queria vos trazer das terras donde venho
contente e satisfeito, a cantar e a sorrir
produtos que um artista, ilustre pelo engenho,
bordasse em fina seda e com jóias d'Ofir!...
Mas... lembrei-me que aqui neste jardim d'Europa
teria protecção da minha boa sina;
procurando! se bêm a gente sempre topa...
uma jóia encontrei! Esta abóbora menina!*

(E descobre n'um cesto uma abóbora).

SOLO

*Linda estrela é que nos guia
com sua luz pura e bela
para enchermos d'alegria
a casa de Compostela.*

*Ela é tão resplandescente
Que obrigou com seu clarão
a trazer-vos um presente
o pretinho do Sertão.*

C O R O (Repete)

Of'rece, pois,.....

REI BALTAZAR

*Siôs ! Que importa a mi fulgô resplandicente
estrelas que dão luz por esse mundo além !
Esplêto estar aqui porque tamem sê gente,
esplêto ter dirêto a estar aqui tamem.
Mas eu queria trazê plesente que se visse...
passando vi um ninho, um ninho e uma rola...
o ninho tinha ovo ; e vai opois ê disse
os ovo vou levá ; um cabo de cebola !*

(Que sai d'outro cesto).

S O L O

*Como é bom brincar assim
havendo puros amores,
esta vida é um jardim
onde brotam lindas flores.*

*Vem ó velho d'Oriente
Só a tua prenda resta
dá também o teu presente
pra ser grande a nossa festa.*

C O R O (Repete)

Of'rece, pois,.....

REI MELCHIOR

*Eu estou envergonhado ! Os meus dois companheiros
fizeram n'este dia umas lembranças tôlas,
pois vêm oferecer, sendo eles os primeiros,
uma abóbora menina e um cabo de cebolas !
Vergonha eterna ! Oh ! Sim ? Não deixo de clamar
a vossa terra chora ao ver tais espantalhos...
Não chores, Pátria ! Oh ! Não, porque eu vou te vingar
o meu presente é rico, é esta restea d'alhos.*

*Brincou-se e ainda bem ! Brincar é um sorriso
que à vida dá encanto, ao coração prazer !
A terra pode ser p'ra nós um paraíso
se a soubermos gozar, se a soubermos viver !*

CORO

Vamos nós continuar.....

*Se estamos em Compostela
pertence o lugar primeiro
ao Alfredo a quem chamamos
Tiago Torres Carneiro.*

*Aqui há doces famosos,
paparoca muito fina
e quem foi que arranjou isto ?
Foi a Dona Carolina.*

*Há teatro d'espavento
uma coisa sedutora
porque a Dona Idalina
é a sua ensaiadora.*

*O Doutor Francisco Alves
vê tudo com vista terna
e brincava se não fosse
estar doente da perna.*

*E o nosso Monsenhor
por certo não roga pragas
é ministro do Senhor
mas brinca nas horas vagas.*

*A irmã, Dona Maria
p'ra passar uma hora bela
vem fujindo lá da Vila
p'rás festas de Compostela.*

*A outra, a Leopoldina
nunca a gente aqui a agarra!
Não está pr'a aturar isto,
nem p'ra ouvir esta algazarra.*

*Dona Albertina Machado
porta-se às mil maravilhas
nunca falta à nossa festa
vem cá sempre e mais as filhas.*

*E' um acto de que a gente
se envaidece e muito gosta!
Já não dizemos o mesmo
do amigo Dias Costa.*

*Dias Costa diz que vem
mas promete p'ra faltar!
Desculpa-se com afazeres
negócios sempre a tratar.*

*O Tio Manuel Alves
nunca falta nem descamba,
põe sempre a Tia Bambina
a dançar na corda bamba.*

*E a todos os seus filhos
diz sempre: Vós bem sabeis
que hemos d'ir a Compostela
no dia dos Santos Reis.*

*O nosso Almeida do Pidre
nunca falta a coisas destas.
Gostaram sempre os do Pidre
de brincadeiras e festas.*

*Também vem o Sr. Ciriaco
assistir à brincadeira :
aqui torna-se bem fácil
a questão aduaneira.*

*Como vê cá nesta casa
fazemos festas cantando ;
nunca pagamos direitos,
aqui não há contrabando.*

C O R O

*A todos os que cá vêm
toda a nossa gratidão
a todos nós desejamos
Boas festas ! Ano Bom !*

REIS, NA FONTE SANTA

*Quem diremos nós que viva
em cima da japoneira
viva, viva a Dona Amélia,
das Amélias a primeira.*

*A Tia Maria Amélia,
bondade que nos encanta,
vai chamar-se d'ora avante
Rainha da Fonte Santa.*

*O nosso Tio Fernando,
figura esbelta e formosa,
vai ser daqui por diante
o visconde da Amorosa.*

*E, pois que a Tia Maria
será princeza ou rainha,
terá por damas d'honor
a Cêuzinha e a Tisinha.*

*Fernandinho e a Amêlinha
são flores deste jardim.
Fernandinho é o crisântemo,
pois o Pai já foi assim.*

*Desejamos todo o bem
aos Tios. Muita atenção :
Vida de Matusalém,
descendência d'Abraão.*

*Por fim pedindo perdão
destas cantigas modestas,
gritamos do coração :
Boas festas ! Boas festas !*

REIS, EM 1930

*As pombinhas da Catrina
somos nós como sabeis,
e vimos hoje aos Pombais
para vos cantar os Reis.*

*Tocam pandeiros, fêrrinhos,
tocam tambor e viola
berimbau toca o Freiria
por ser pombo mariola.*

*Há dois Lobos neste grupo
que são meigos como pombos:
com seus braços vigorosos
vêm aqui rebentar bombos.*

*E, não podendo faltar
nesta nossa brincadeira,
vêm com a sua alegria
os pombos da Feijoeira.*

*Eis os pombos polainudos,
que compõe o Orfeão,
mas também há pombas lindas
que vêm conosco à função.*

*Fugiram hoje para nós,
fugiram dos seus pombais,
as cantadeiras famosas
as pombinhas Amarais.*

*E para que este concerto
seja grandioso e rico,
também cá vêm as Monizes
pombinhas de Celorico.*

*Também vêm com bota fina,
pois aqui não entram socos,
as pombinhas da Quintã
e a pombinha de Marrocos.*

*E feita assim a brincar
a nossa apresentação
principia a nossa festa
atenção, muita atenção.*

* * *

*Ao entrarem no Jardim
desta casa da Silveira,
vimos erguer-se para o Alto
uma formosa Figueira.*

*Os fidalgos desta casa
as nobres damas de honor,
a fidalguia de antanho
darão graças ao Senhor.*

*Di-lo o seu representante
que abençoou a Figueira
quando entrou para a família
Viamonte da Silveira.*

*Que deixou entrar um Lobo
neste rebanho querido,
de lobo se fez cordeiro
filho amado estremecido.*

*Que bem disse o Luís Trêpa
pela alegria tamanha
que veio dar à família
com um lindo morrinhanha.*

*Propomos que no braço
desta casa da Silveira
se acrescente verdejante
uma formosa figueira.*

*Junto a ela vigilante
um lobo todo bondade
a afugentar a desgraça
a chamar a felicidade.*

*A coroãr este brazão
escrita em fôlhas de cêpa
esta formosa inscrição :
Quem quer bolota trêpa.*

*Eis ai os bons desejos
dos trovadores ideais
paira sempre, ó felicidade,
sobre a casa dos Pombais.*

*Aos nobres representantes
das passadas gerações
dá a ventura de verem
honrados seus brazões.*

*E aos novos que vêm chegando
nas asas de um amor puro,
inspira-os a prepararem
as gerações do futuro.*

*Depois vamos passear,
mas não numa velha sege,
venha um automóvel rico,
Q'remos ir num Graan-Paige.*

*Agora um pouco de riso,
vêmo-los tão quêtinhos,
as adegas estão fechadas
não há doces, não há vinho.*

*Salte para aqui o verdasco
com queijo e outras coisinhas :
o velho vinho do Douro
os bons doces das Costinhas.*

*Só assim é que se pode,
depois de massadas destas,
gritar com todo o calor :
BOAS FESTAS, BOAS FESTAS.*

M Æ E I

(No dia dos seus 80 anos)

*O Deus, que do poder tem toda a plenitude,
parece que ao criar no mundo tantas flores,
a umas disse : sois o símbolo da vista ;
a outras disse : sois o símbolo do amor.*

*E assim da alma santa, onde reina a pureza,
na linda primavera, a quadra mais amena,
um símbolo criou Deus, autor da Natureza,
dessa bela virtude : a cândida açucena.*

*Nos prados a florir, nas ribas despresada,
ou branca como a neve, ou roxa, quase preta,
da humildade, que é a sua bem amada,
um símbolo fez surgir — a linda violeta.*

*Mas quando o bom Deus quis simbolizar o amor,
o santo amor de Mãe : tirou do próprio peito,
feita de sangue e de oiro, aquela linda flor
que nos jardins do amor se chama amor perfeito.*

*Oh ! bem felizes são os que passam a vida,
a vida onde o prazer tão raro se contém,
a contemplar, a vêr, sua visão querida,
essa mulher bendita, que é a nossa Mãe.*

*E se ela chega a ser velhinha, o nosso encanto,
a nossa aspiração, anelos e desejos,
é sorver com amor as chagas do seu pranto
e fazê-las secar ao sol dos nossos beijos.*

*Oitenta anos de vida. Oitenta anos que são ?
Dois carros no dizer dos nossos lavradores :
Os seus dois carros, Mãe, não são carros de pão,
são carros a arrastar affectos e amores !*

Tendo atingido quatrocentas páginas de composição e chegados mesmo às vésperas das comemorações do Milenário do Burgo de Vimaranes e do Centenário da Cidade de Guimarães, impôs-se o fecho imediato deste volume para sua apresentação ao público, tanto mais que, sobre a oportunidade, havia a considerar o generoso subsídio concedido pela nossa Câmara Municipal. Não se cumpriu assim o plano traçado, no qual se não previra, aliás, a extensão que a obra, a realizada, atingiria, para o que essencialmente contribuiu não ter o modesto coordenador em seu poder, desde o princípio, a volumosa herança dos manuscritos, vindas em duas grandes fornadas, mas em miscelânea e confusão, donde logo resultou, com prejuizo de todo o cuidado, pouco acerto na selecção, ficando, por exemplo, de fora Sermões, à última hora vistos e já depois de impressa a parte do livro a eles destinada, que mereciam preferência a outros agora publicados. Lamenta-se ainda o acanhado espaço que tem a Poesia, onde mereciam cabimento produções de grande relevo.

Mas há dois aspectos do admirável talento do saudoso vimaranense, abrangidos na traça, a que se não deu execução. O Padre Gaspar Roriz foi um jornalista de elevado merecimento e escritor teatral de sugestiva intuição, técnica segura, magnífico na comunicação de sentimentos, e por isso colhendo espontâneos, vibrantes e perduráveis aplausos. Como jornalista, recordaremos apenas as sugestivas «Crónicas» do Romeiro, no Independente, lidas com avidez, saborosamente apreciadas, e que exerceram viva actuação; o atraente desfile dos perfis no «Cinematógrafo» de Pathé; sua direcção nos dois semanários Ecos de Guimarães

e Regenerador, sendo ainda hoje preciosa a colecção do primeiro. Como dramaturgo, o autor de Os dois Marçanos, peça escrita em um acto (1908) e depois desenrolada em três (passando aquela a ser o terceiro), Sonho de um operário e várias peças e monólogos, a sua presença é viva na memória e gratidão da nossa Terra.

O que não é possível, nas páginas de um livro, é fazer ressurgir a figura do homem, aprumado e simpático, a voz pastosa e quente do orador, o olhar vivo, por vezes toldado de melancolia, nem os estos do seu entusiasmo e firme pelas coisas de Guimarães, que muito e muito lhe ficou a dever pelo precioso amor com que a amou, nem os prodígios da sua natural bondade, tão profunda, nem o carinho, por vezes, da sua alegria sã e confortadora, ou a cuidada assistência do seu estímulo, que nunca recusou, tão poderoso e tão forte. Mas, e ainda bem, tudo isso é vivo em nossa Saudade.